UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

Yara de Cássia Alves

A casa raiz e o vôo de suas folhas:
Família, Movimento e casa entre os *moradores de Pinheiro*-MG

- VERSÃO CORRIGIDA-

A handwritten signature in blue ink, reading "Yara de Cássia Alves" followed by a stylized flourish.

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

A casa raiz e o vôo de suas folhas:
Família, Movimento e casa entre os *moradores de Pinheiro*-MG

Yara de Cássia Alves

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Claudia Duarte Rocha Marques

-VERSÃO CORRIGIDA-

São Paulo
2016

ALVES, Yara de Cássia. *A casa raiz e o vôo de suas folhas: Família, Movimento e casa entre os moradores de Pinheiro-MG*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Anna Catarina Morawska Vianna (PPGAS/UFSCar)

Dra. Julia Frajtag Sauma (PPGAS/USP)

Profa. Dra. Ana Claudia Duarte Rocha Marques (Orientadora/PPGAS-USP)

A todos os *moradores de Pinheiro*, principalmente às mães, mulheres *fortes*, que aquecem
alegram suas casas e suas famílias.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à todas as forças que iluminaram os diversos encontros necessários para a concretização deste processo. Ao invisível e ao sensível, que guiaram as relações estabelecidas nesta caminhada.

A Pinheiro, qualquer palavra de gratidão será pequena, inválida. Certamente, devo muito do que sou hoje ao meu contato com este chão, com os frutos de sua terra, os ensinamentos de seus moradores, através das conversas em suas cozinhas. Agradeço à família do Sr. Geraldo, que me hospedou em todas as minhas estadias. À D. Maria (*in memoriam*) por me descortinar um mundo de muito carinho, por ser uma das mulheres mais incríveis que já conheci, e por deixar lembranças tão lindas. À Simone, ao Ronaldo, ao Jair, à Maria Regina, pela convivência prolongada, pelos aprendizados vários, como o de *saber andar em Pinheiro*, tão caro a mim. À pequena Nicolly por alegrar meus dias em campo, com seus sorrisos e imensa vontade de descobrir o *mundo* em seus primeiros passinhos e *andanças*. À Sueli e à Eva, aos seus filhos e esposos, agradeço profundamente a possibilidade de dividir momentos de *reunião* com seus familiares, como as festas do fim de ano de 2014. Ao Sr. Geraldo agradeço mais do que a acolhida. Agradeço a possibilidade de tê-lo como professor, me mostrando o quanto a política e o cotidiano estão juntos, e o quanto é preciso trabalhar para a coletividade, mesmo que isto implique em inúmeras renúncias e sacrifícios, não tinha encontrado mente mais sábia, inteligente, humilde e solidária do que a sua.

A todos os *moradores de Pinheiro*, por me permitirem andar e circular entre suas casas, o que também ocorreu em Barrinha. À Vana, pela alegria de viver, a força de ser uma das pessoas mais especiais que conheço. Obrigada por ensinar-me que *a gente sofre neste mundo*, mas continua sorrindo. À ela e aos seus filhos Camila e Eduardo, por encherem minha estadia em Barrinha de alegria e diversão, por serem tão doces e acolhedores.

À Ana Claudia, que mais do que uma orientadora se tornou uma amiga, uma conselheira de vida e jornada antropológica. Obrigada por acolher-me, na USP e em São Paulo, por transferir um carinho que se aproxima do de mãe, apesar da pouca idade. Nosso encontro foi um dos presentes de minha existência, motivo de gratidão eterna. Os méritos dessa dissertação são todos dela, os deméritos meus. Os agradecimentos também se estendem a Jorge Vilella, por participar de todo esse cuidado e amizade.

Agradeço a todos que contribuíram com apontamentos, críticas, sugestões, nos diversos espaços que apresentei minha pesquisa. À Nashielli Loera e Verena Sevá Nogueira, no Grupo de Trabalho que coordenaram 29ª RBA e à Emilia Pietrafesa Godoi pelo cuidadoso

debate sobre minha pesquisa. À Catarina Morawska Vianna, Jorge Vilella e Karina Biondi pelos enriquecedores apontamentos levantados no III Seminário de Antropologia da UFSCar. À Delma Neves e Mariza Barbosa pelo debate na V REA.

A John Cunha Comerford e à Julia Frajtag Sauma, pelos comentários valiosos na qualificação, que tanto contribuíram para essa dissertação. Esse foi um momento privilegiado do curso de mestrado. Gostaria de agradecer à Julia, assim como à Catarina por aceitarem participar da banca de defesa e pelas críticas e apontamentos enriquecedores, alguns incorporados ao texto final e outros às futuras publicações e trabalhos.

À Natacha, Fabiana, Daniela, Fernanda, Nicolau, Jacqueline, Carlos, Bruno, Rafael, colegas do Hybris, que em tantas discussões, debates e leituras, ampliaram meu escopo de conhecimento, aprofundaram minhas análises, permitiram trocas e lançaram-me desafios.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de mestrado e ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da USP, pelo auxílio financeiro para os trabalhos de campo e participação em eventos. Ao Arquivo Público de Ribeirão Preto, que permitiu meu acesso aos documentos e materiais históricos de Barrinha, agradeço principalmente ao Mauro, pela acolhida.

Aqueles que antes do mestrado já faziam parte de minha caminhada profissional. Agradeço a Sarah Cavanelas Xavier e Ricardo Ferreira Ribeiro por designarem-me para a equipe de Minas Novas, em minha participação no projeto Lições da Terra, em 2009. Devo muito ao Lições, mas principalmente à sua equipe, em especial ao Ricardo, que me transmitiu um amor imenso ao Vale e à Minas Novas. À Debora Casapê, pelos primeiros trabalhos de campo que dividimos e pela leveza e carinho que a marcam.

À Regina Medeiros, pela orientação que extrapolou a Iniciação Científica e me acompanhará por toda carreira antropológica. Pelo gosto à boa etnografia e ao rigor acadêmico, agradeço. À Beth Marques, pelo carinho que permitiu enorme aprendizado, que fez compreender como é possível associar cuidado e doçura ao olhar crítico das ciências sociais. Aos demais professores do Curso de Ciências Sociais da PUC-MG, principalmente Manoel Neto e Myriam Álvares. Aos amigos que fiz na graduação e seguem na minha vida, principalmente Lúnia, Bruna, Malu, Isa, Sarah, Sávio, Roney.

Agradeço aos professores do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, pelas aulas, palestras, discussões nos diversos espaços que compartilhamos. Aos meus colegas de sala, da turma de mestrado de 2013, agradeço os momentos de construção e alegria que compartilhamos. Aos colegas da Comissão de Implementação e Acompanhamento de Cotas Raciais, pelo trabalho árduo e motivado. Nossa comissão foi fundamental para eu acreditar na possibilidade de um espaço acadêmico mais justo e menos elitizado.

À minha família consanguínea e nuclear, por me apoiarem desde sempre. A minha mãe, Vilma, por todo amor, cuidado, carinho. Por doar grande parte de sua vida exclusivamente ao meu crescimento, por sempre me dar *força* e por se preocupar tanto em eu me sentir amada. Ao meu pai, sertanejo de *sangue quente* e vigor político, por ser um dos poucos pais que conheço que se orgulha de ter uma filha antropóloga. Certamente, seu amor ao social e ao político me fez chegar até aqui. A minha irmã, Camila, pela parceria e amor, por toda esperança que deposita em mim, por ser responsável por grandes heranças que me concedeu, como o gosto pela leitura e pela escrita. Ao Marcus, pela ajuda despropositada e pelo acompanhamento. À minha estimada tia Arlete e família, pela atenção e carinho, por sua presença e apoio constante em minha trajetória. Gostaria de agradecer também aos meus antepassados, que de certa forma, me despertaram a sensibilidade pelos quilombolas sertanejos. Principalmente, ao meu avô materno, José Martins, que mesmo não tendo conhecido, é muito presente em minhas lembranças e inspirações.

A todos meus amigos. Aos que fizeram São Paulo ser menos cinza, principalmente em minha chegada, quando Fabiana e Fernanda me mostraram uma cidade mais colorida e mais feliz. À Helena, amiga desde o primeiro café na Tia Bia, pelo maravilhoso processo de crescimento que vivemos juntas, pela caipirice compartilhada e fraternidade. À Jacque, por descortinar um mundo burocrático e frio, permeando a USP e minha vida com seu carinho e acompanhamento constante, por toda doçura e por tudo que partilhamos em nossas trajetórias de vida e ao também ao Patrick, que se tornou um grande amigo. À Sara, forte guerreira, sagitariana imbatível, exemplo máximo de comprometimento político e humor refinado. À Danielle, minha porção de Minas em São Paulo, companheira para afinar o sotaque, amiga na sinceridade e nas risadas cruspianas. À Rafa pela doçura e alegria que traz em sua presença. A Olavo pelas discussões sempre frutíferas e pelos gostos e críticas compartilhados. À Isa pela prontidão e sarcasmo que me encantam. À Tita por sua enormidade implícita. Aos amigos que o PPGAS me trouxe, principalmente Camila, Jorge, Alice, Renata, Yumei, Talita, Luiza, Ana, Mari, Arthur. Agradeço ainda às trocas com colegas de outros programas, principalmente Pedro, Lúnia e Luan.

À Margarete e Alexandra pelos momentos domésticos, tão importantes para a essa dissertação. À Alexandra, pelos debates no período da escrita, pela parceria e cuidado, por todas as discussões sobre a vida e suas belezas, norteadoras de pensamentos e posturas. À vizinhança Cruspiana, em especial a Tânia, Noemi, Fabíola, Sara, Danielle, Jéssica, Renata, que em momentos distintos tornaram a vida mais alegre e movimentada.

Resumo:

Esta dissertação analisa os processos de mobilidade das famílias de Pinheiro, localidade rural, autodenominada quilombola, situada no Alto do Jequitinhonha-MG. Trata-se de uma etnografia que explora os diversos tipos de movimento que marcam o cotidiano ali vivenciado, principalmente a partir de suas casas. Através dos processos de *criação*, explora como as mães/donas de casa agenciam *jeitos e modos* familiares a partir dos *ensinamentos* que transmitem aos filhos. Os espaços domésticos são analisados como centrais na construção das pessoas e famílias, com ênfase para a cozinha e as substâncias ali presentes, como a comida e o fogo. De maneira transversal, analisa como a *casa raiz* e sua *dona* acompanha as *saídas* e retornos de seus moradores, que se envolvem em *andanças* pelo *mundo*. Assim, articula as formas de *andanças* à *sabedoria* que os moradores afirmam *ganhar* ao conhecerem outros lugares e também outras realidades sociais, o que ocorre não apenas nos cargos de trabalho que ocupam, mas por meio de outros movimentos, como o movimento quilombola.

Palavras-Chave: Família, Mobilidade, Casa, Criação, Etnografia, Vale do Jequitinhonha.

Abstract

This dissertation analyzes the mobility processes of families from Pinheiro, rural setting, self-styled quilombola, located in the Alto do Jequitinhonha, Minas Gerais. It is an ethnography that explores the different types of movement that mark the everyday lived there, mostly from their homes. Through the processes of creation, explores how mothers / housewives tout ways and familiar modes from the teachings that transmit to their children. The domestic spaces are analyzed as central in the construction of individuals and families, focusing on the kitchen and there substances such as food and fire. Cross way, analyzes how the root house and its owner accompany the exits and returns of its residents, who engage in travels around the world. Thus articulates forms of wandering to wisdom that residents complain gain by knowing other places and also other social realities, which occurs not only in the working positions they hold, but through other movements, such as the quilombola movement.

Keywords: Family, Motion, Home, Creation, Ethnography, Vale do Jequitinhonha.

Lista de Abreviaturas e Siglas

ADCT- Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

APROMPIG- Associação Quilombola dos Moradores e Produtores Rurais das Comunidades de Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá

CEDEFES- Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

CODEVALE- Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha

DOU- Diário Oficial da União

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITER/MG- Instituto de Terras de Minas Gerais

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PCPR- Programa de Combate a Pobreza Rural

PROBIC- Programa de Bolsas de Iniciação Científica

PSF- Programa Saúde da Família

PUC/MG- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P1MC - Programa Um Milhão de Cisternas

SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1: Pinheiro e o <i>Mundo</i>: Os movimentos	24
1.1 Os <i>movimentos</i> de povoamento: a <i>união</i> das famílias e as memórias que criam e recriam os <i>lugares</i> no interior de Pinheiro.....	24
1.2 Movimentos <i>para fora</i> : As <i>saídas</i> e suas histórias.....	32
1.2.1 <i>Saídas</i> para Barrinha: Impressões dos <i>moradores de Pinheiro</i> sobre um <i>derradeiro lugar</i>	40
1.3 Movimentos pelo <i>mundo</i> e nas famílias: Os desdobramentos de muitas <i>mexidas</i>	48
1.4 Movimento Quilombola: <i>Andando com a associação, ganhando sabedoria</i>	57
1.5 Em <i>movimento</i> : <i>Mexidas</i> no <i>mundo</i> , tempo, na política e na <i>vida</i>	65
Capítulo 2: A <i>casa raiz</i> e a mãe: Os processos de <i>criação</i>	68
2.1 <i>Dar sua cara à casa</i> : O processo de <i>enraizamento</i>	70
2.2 A <i>casa raiz</i> e as lembranças: <i>Mãe é aquela que nunca esquece do filho</i>	81
2.3 <i>Criar menino na cidade</i> : Os impasses em Barrinha.....	93
2.3.1 <i>Eu estou chegando</i> : A casa que precisa ser retomada.....	98
2.3.2 Quando Barrinha causa <i>descasação</i> : Ter uma casa <i>lá pra fora</i>	105
2.4 Mães que permanecem: Construindo referências na <i>criação</i>	107
Capítulo 3: A cozinha como lugar político: Aquecendo corpos e relações	110
3.1 A <i>luz da vida</i> e o <i>suspiro</i> do fogão: Fogões que dão vida.....	112
3.1.2 Quando dar à luz é um processo <i>frio</i> : Os hospitais.....	121
3.2 As cozinhas, as <i>casas quentes</i> e os corpos: O fogo que <i>equilibra</i>	126
3.2.1 O <i>modo</i> : Detalhes de <i>modos da roça</i> e <i>modos da cidade</i>	132
3.3 O <i>tempo das águas</i> e seus movimentos: Sobre <i>sortes</i>	139
3.3.1 Casar, comer junto e ser visto: A comida como expressão pública do <i>modo</i> da família.....	141
3.4 <i>Lugar de reunião</i> : As cozinhas e a política.....	147
3.4.1 A Aprompig e as cozinhas: Os <i>modos</i> de fazer política.....	149
3.5 A cozinha e suas substâncias: Limites construídos a partir da comida e do fogo.....	154
Considerações Finais	158
Referências Bibliográficas	165
Anexos	171

Introdução

A casa é uma raiz. Você vê que a árvore tem uma raiz, chega uns tempos aí, a folha vai embora, o vento leva. Mas, depois volta novas folhas para aquela raiz. E assim também é a vida do ser humano. A casa é uma raiz. (...) É raiz mesmo, é onde a gente nasceu. (Entrevista com Sr. Geraldo, Pinheiro, 17 de janeiro de 2015)

Sr. Geraldo explicou assim a relação entre as pessoas, suas casas e Pinheiro, uma pequena localidade situada no município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. A metáfora da casa como raiz subsidia a compreensão dos indissociáveis processos de fixação e de mobilidade que permeiam as relações familiares em particular, e a socialidade em geral, dos *moradores de Pinheiro*¹, marcadas por deslocamentos para realização de atividades de trabalho em outras regiões do Brasil. Essa metáfora é diretamente associada ao ritmo próprio do cerrado, no qual o vento leva as folhas das árvores *no tempo da seca* e a chuva traz novas folhas *no tempo das águas*. Nessa temporalidade, a raiz nunca se dispersa, todavia sofre mudanças e variações derivadas desse movimento. Algo semelhante ocorre com os seres humanos e suas casas, como lembra o Sr. Geraldo, cuja fala revela que a *casa raiz* possui uma permanência, mas não é estática. Apesar dessa aparente fixação da *casa raiz* em um solo, em um *terreno* familiar e no *lugar da gente* – como Pinheiro é chamado, demarcando a distinção com *lá pra fora* – essa casa sofre a ação do vento, que dispersa seus moradores e os *reúne* de volta. Assim, ela é uma raiz de fato, *é onde a gente nasceu* – o que alude às práticas de parto *em casa* – mas não se separa das idas e vindas, de tantas *saídas para trabalhar* ou *viagens para trabalhar*. A raiz continua ali, com o vento dispersando e *reunindo* folhas, se dinamizando ao longo do tempo.

Esta dissertação analisa os múltiplos movimentos das famílias de Pinheiro, no espaço e entre lugares, mas não apenas. O primeiro sentido de movimentação vem de nosso entendimento de que famílias são elásticas e dinâmicas por elas mesmas, o que ultrapassa, inclusive, o que poderia ser compreendido como natural ou dado, que são as ligações genealógicas e biológicas. Famílias são coletividades que nunca estão vinculadas (interna ou externamente) da mesma maneira, elas podem ser vividas e pensadas em tempos e lugares distintos, de maneiras diferenciadas, a depender das circunstâncias relacionais. Sendo assim, família é constantemente construída, nunca estabilizada.

Em um segundo plano, as famílias de Pinheiro se movimentam fisicamente, uma vez que parte considerável de seus moradores passam períodos prolongados *para fora*, onde

¹ O uso do itálico indica falas, palavras e expressões utilizadas pelos meus interlocutores, que priorizo ao longo de todo texto. As expressões derivadas de textos teóricos, da linguagem antropológica ou da mídia ganham aspas duplas. Palavras ou conceitos que requerem relevo serão sublinhados.

realizam atividades de trabalho. Eles tendem a se direcionar para determinados municípios, principalmente dos estados de Minas Gerais e São Paulo, onde permanecem cerca de dez meses ao ano. A grande maioria retorna anualmente em meados de dezembro, no período de recesso de suas atividades, que coincide com o *tempo das águas*, época em que o cerrado mineiro se transforma, devido ao adensamento das chuvas, e de intensificação das práticas de sociabilidade, dada a presença de mais moradores, com a ocorrência de festas, colheitas e celebrações variadas. São idas e vindas que são vividas principalmente nas casas, as quais se enchem e esvaziam a partir de encontros, reencontros, chegadas e partidas.

Em um terceiro sentido, esse movimento também se espraia para outros domínios sociais, se revela imbricado com a forma na qual estas famílias se engajam em processos políticos, como no *movimento quilombola*, do qual fazem parte desde 2005, por meio da associação local. Ao se auto reconhecerem como quilombolas, outros espaços sociais passam a fazer parte do cotidiano dos moradores que se envolvem na *luta*, gerando mais *movimento* para suas rotinas e vidas. A relação que estabelecem com as *andanças com a associação* expressa algo semelhante com as *saídas para trabalhar*, pois ambas permitem conhecer outros lugares e realidades sociais, o que para eles é uma forma de *ganhar sabedoria*. A *sabedoria* resulta da vivência, da prática, do *aprendizado* que é alcançado nas andanças com o *mundo*. Para eles, *a vida é vivendo e aprendendo*, ou seja, é preciso se envolver com aprendizados, algumas vezes *aprendendo* e outras *ensinando*. No caso do *movimento quilombola*, eles foram *engatinhando* e atualmente estão em uma posição *mais firme*, a partir da qual já podem *ensinar* outras associações o que *aprenderam* e como vivem esta *caminhada*.

Todos esses processos não são movimentos compartimentalizados, mas se integram nas concepções locais sobre a vida e o *mundo*, a partir de seus *giros*, da instabilidade que os constitui. Segundo os *moradores de Pinheiro*, *o mundo gira, gera e mexe, está tudo mexendo*. E *tudo* envolve as estruturas mais fixas possíveis, como as casas.

A primeira vez que me atentei para esta concepção sobre o *mundo*, foi quando Sr. Simão², um morador de uma localidade vizinha a Pinheiro, visitava a casa do sogro de seu sobrinho e admirava-se com o tempo, com as diferentes circunstâncias que o faziam voltar ali. A chegada do Sr. Simão foi marcada por convenções importantes na etiqueta do parentesco: os pedidos de *benção* do seu sobrinho e da esposa dele, aos quais Sr. Simão respondeu apertando-lhes as mãos e dizendo que Deus os abençoaria. De imediato, a esposa do sobrinho

² Nome fictício. Todos os nomes dos interlocutores são fictícios, exceto os nomes de lideranças, figuras políticas locais e históricas. Esse recurso é uma tentativa de preservação das identidades dos moradores.

trouxe a bebê, também estendeu sua pequena mão para que o tio a abençoasse e ela já fosse tomando *sabedoria* do parentesco. Era a primeira vez que o Sr. Simão visitava o sobrinho, que se casou com a filha mais nova da família que, por conta da viuvez do pai idoso, não se mudou para as terras do marido, na localidade de Morro Branco. Sr. Simão não se admirava com o fato do sobrinho ter se casado com a moça, mas admirava os *giros* que a vida deu, expressos para ele naquela casa. Ele passou longos minutos falando como era aquela casa quando foi ali pela última vez, havia cerca de 30 anos. Falava do *movimento* da casa, da presença de todos os filhos ali, de como era uma *casa cheia*. Sr. Simão havia namorado a filha mais velha da família e dizia que, pela *malandragem* dele, romperam o namoro. Isso o afastara dali por todo esse tempo, em que fez muitas *andanças*, trabalhou em muitas cidades e mesmo retornando sempre, não visitara mais aquela casa. Naquele dia, ele se delongou em sua análise sobre a vida, sobre seus *giros*, sobre o que ela *gerava* e sobre como tudo *mexia*, como aquela casa, embora ela estivesse exatamente no mesmo local de antes. Ele não falava de reformas arquitetônicas, pois, estas foram superficiais, alterando em pouco a disposição da casa. Mas, *a casa mexeu, mexeu* porque o tempo passava, aproximava e distanciava pessoas, criava relações de parentesco, *misturava* famílias, *gerava* pessoas, como a bebê. Agora, a casa estava *mais vazia*, dos seis filhos, a esposa do sobrinho era a única que tinha ficado. As lembranças da *dona da casa* falecida recentemente eram ativadas para mostrar o quanto a casa tinha *mexido*. E o seu retorno ali era resultado de muitos *giros*, no tempo, nas relações, nas vidas das pessoas daquela casa.

Não apenas para o Sr. Simão as casas *mexem*. Nesse universo de circulações, de tantos trânsitos, as casas se apresentam como locais de significativos conteúdos, em que apesar de suas estruturas de fixidez também se movimentam, passam por diferentes momentos, acompanhando seus habitantes. Se existe algo que mobiliza e motiva os *moradores de Pinheiro* são as habitações. Elas são os principais alvos de investimento, motivando pessoas a *sairem*, para melhorar as suas estruturas, reformá-las, mantê-las, ou, caso consigam uma poupança, investirem na compra de outra casa, geralmente na zona urbana de Minas Novas. As *saídas* dinamizam as casas e vice versa, a partir de dinâmicas relacionais que incidem de forma direta nas 45 casas existentes na localidade. Casas *fechadas*, *abandonadas*, *destampadas*, *retomadas*, *que estão envelhecendo*, *antigas*, *novas* marcam ou se definem por diferenças de aproximação com familiares, de tal forma que a casa não pode ser pensada isoladamente das relações entre os membros de um *terreno* familiar e de outras casas, ou, como definiu Marcelin (1996), de uma “configuração de casas”. A dimensão elástica das

famílias é ilustrada por essas relações com casas e parentes, em distintas fases de aproximação, distanciamento, maior ou menor estabilidade.

Assim compreendidas pelos *moradores de Pinheiro*, as casas constituem um objeto do olhar etnográfico e permitem vislumbrar como esses movimentos se imbricam e como dimensões sociais se cruzam e interconectam. Essa dissertação procura encarar o movimento como motor existencial dessas pessoas, que serão vistas e analisadas a partir de suas relações domésticas e das relações entre domesticidades. Assim auto-denominados, os *moradores de Pinheiro* são as pessoas que *moram* nessa localidade, apesar de vários deles *sair* para *trabalhar fora*. Por mais que o tempo de permanência para fora seja mais prolongado – geralmente permanecem 10 meses a cada ano para fora e dois meses em Pinheiro – eles não *moram* nesses outros lugares onde trabalham. Os locais onde residem em outras cidades raramente são chamados de casa, e são nomeados pelas quantidades de cômodos que os constitui e sempre articulados a verbos transitórios – quarto, dois cômodos, três cômodos, quatro cômodos, onde se fica, onde se está. Assim, *moradores de Pinheiro* será a forma de serem reconhecidos nesse texto, privilegiada ao invés de outras generalizações como quilombolas, sertanejos, pinheirenses etc. É uma maneira de demarcar que eles se sentem em casa, apesar de irem para o mundo, de circularem em outros espaços, de conhecerem outras realidades. Ser morador de Pinheiro serve como um fundo referencial, a partir do qual eles reconhecem o *lugar da gente* e suas distinções perante localidades vizinhas, a cidade e outras regiões do país.

Esse reconhecimento é construído ao longo de toda a vida, mas para aqueles que *saem*, o *tempo das águas* é fundamental para atualizar as relações com a localidade, reafirmar aquilo que é reivindicado como próprio do *lugar* e das famílias. Esse período é o *tempo de casa cheia*, é quando o *lugar fica mais movimentado, quando o povo reúne*. São aproximadamente quatro meses (novembro, dezembro, janeiro e fevereiro) que tudo fica *mais animado, mais alegre*. São meses nos quais faz sentido observar o calendário e seus dias, pois, eles marcam as várias chegadas e *saídas* de filhos, irmãos, cunhados, primos, comadres, compadres, afilhados, amigos e vizinhos. As casas ficam *mais alegres*, porque elas ficam *mais quentes*, com o calor da *reunião* dos parentes e conhecidos *em roda do fogão*, com a *fartura* de comida, de prosas, de notícias, de causos e informações sobre os lugares onde estavam, sobre outros parentes que não foram, mas que foram vistos nestas outras cidades, sobre hábitos e rotinas que existem *para fora dali*. São dias em que cozinhas nunca se esvaziam, elas ficam *cheias* desde a manhã até a noite, com vozes e causos, lembranças sobre *antigamente*, muitas

recordações sobre histórias que marcaram infâncias, adolescências, sobre pessoas que já morreram, sobre seus *jeitos*, suas casas, seus legados no tempo.

Não é apenas no *tempo das águas* que o lugar fica *movimentado*, que a circulação ganha destaque nas conversas e na observação dos moradores. A atenção declarada às várias formas de mobilidade e de circulação – seja nas estradas, nas *trilhas*, nos *carreiros* e caminhos – faz parte do cotidiano de Pinheiro, da maneira como a percepção é treinada e aguçada desde a infância. Em Pinheiro, encontramos algo próximo ao que Comerford (2014) analisou em outras localidades do Vale do Jequitinhonha e da Zona da Mata mineira, um estado de vigilância dos movimentos cotidianos que contribui para mapear relações familiares, embasar julgamentos morais, demarcar distanciamentos ou proximidades. Portanto, não apenas as folhas que voam e retornam são objetos de observação e comentários, mas todo o ambiente, as relações ordinárias e as formas de agir e interagir naquele território. O que torna o *tempo das águas* o momento mais esperado do ano é a possibilidade de ver esses movimentos se replicarem, de inesperadamente surgirem visitas, parentes que estavam há anos sem retornar, de conhecerem histórias sobre outros lugares, de conviver com outros carros, motos, outras pessoas. Todos esses elementos conjuntamente estimulam o desafio da imaginação, da previsibilidade, da vigilância sobre quem chega, quem visita, quem *passa*, por onde *passa*, por quanto tempo permanece, como se comporta, quando vai até a cidade, com qual veículo, em qual companhia etc.

Para compreender as questões suscitadas pelos movimentos dessas famílias, foram realizados três períodos de trabalho de campo durante o mestrado. Dois deles foram vividos em Pinheiro, no *tempo das águas*. Do início de janeiro a meados de fevereiro de 2014 e do início de dezembro de 2014 a fim de janeiro de 2015, residi na casa da liderança local, o Sr. Geraldo, o que me possibilitou acompanhar cotidianamente um infinito de chegadas e *saídas*, aniversários, batizados, churrascos, casamentos, atividades coletivas de preparo de alimentos, abate de animais, reuniões da associação, cultos da igreja local, dentre outros. O outro período de campo foi desenvolvido em Barrinha, cidade do interior de São Paulo, para onde parte dos moradores se desloca. A estadia em Barrinha se relaciona com meu envolvimento anterior com Pinheiro, desde 2009, quando iniciei atividades de extensão e pesquisa na localidade³.

³ Meu primeiro contato com Pinheiro se deu através do Projeto de Extensão Lições da Terra, da PUC – MG, que tem como objetivo propiciar a vivência de universitários em comunidades tradicionais das diferentes regiões do estado de Minas Gerais. Como forma de diálogo com a academia, algumas atividades são desenvolvidas, de acordo com as demandas levantadas pelos moradores. Em Pinheiro participei do projeto nos anos de 2009, 2010 e 2011, quando foram realizadas oficinas de cidadania, elaboração de projetos sociais – com foco na captação de recursos para a associação local, mapeamento de parceiros institucionais, direitos da juventude. Deste contato, realizei uma pesquisa de iniciação científica que se intitula “A construção da realidade social na comunidade

Deste contato anterior, surgiu em mim o interesse de estender o trabalho de campo a Barrinha ao constatar que parte das mulheres de Pinheiro iniciou, há cerca de cinco anos, *saídas* para essa região. Elas se empregam em atividades de cuidado doméstico na cidade pólo, Ribeirão Preto, localizada a 35 km de Barrinha, onde dizem encontrar aluguéis e um custo de vida mais baixo, compensando os deslocamentos diários entre as duas cidades. Entre abril e maio de 2014 me instalei nos *dois cômodos* de Vana, que gentilmente me acolheu nesta cidade, que eles chamam de *derradeiro lugar*. Essa estadia permitiu que acompanhasse a rotina dela e de suas crianças, como das outras moradoras de Pinheiro que estavam *trabalhando fora*. Em Barrinha, também acompanhei festas, realização de atividades coletivas de preparo de alimentos, visitas em casas de parentes, e muitas tardes de domingo dedicadas a atividades de embelezamento, em que elas se *reuniam* para hidratar, alisar e escovar os cabelos, pintar as unhas, delinear as sobrancelhas, testar produtos cosméticos e conversar, o que sempre gerava alguma ligação para um familiar que estava *em Minas*, o que poderia se estender por horas.

Barrinha foi o primeiro lugar no histórico das *saídas* que passou a receber mulheres casadas e parte das crianças. Anteriormente, as *saídas* eram majoritariamente masculinas ou realizadas apenas por mulheres solteiras. As mulheres, que até então eram chamadas e se reconheciam como *viúvas de maridos vivos*, passaram a ter atividades remuneradas, com padrões de uma classe social dissonante (residentes de condomínios de luxo em Ribeirão Preto), a se deslocar diariamente em um espaço urbano, onde precisam articular outras formas de *criar* seus filhos (estejam eles em Barrinha ou em Pinheiro) e de cuidar de suas casas (em Pinheiro) e seus locais de residência (em Barrinha).

Administrar estas domesticidades implica em um complexo jogo de relações, sejam presenciais ou não, contudo, um jogo tecido basicamente por mulheres. Digo isto porque quando cheguei a Barrinha fiquei ainda mais instigada ao descobrir que estas mulheres continuavam a residir sozinhas ou com suas crianças, enquanto seus maridos, em sua maioria, trabalhavam em regime temporário, em usinas de isolamento térmico⁴. Assim, Barrinha se

quilombola Pinheiro: Um estudo sobre as “viúvas de maridos vivos”, financiada pelo PROBIC/PUC-MG. Nesta pesquisa, analisei o processo de construção social das “viúvas de maridos vivos”, expressão pela qual as mulheres de Pinheiro se identificam e são reconhecidas. Para tanto, realizei trabalho de campo entre junho e julho de 2011 e janeiro de 2012 e analisei alguns fatores fundamentais desse processo, tais como: o período de namoro, a chegada em Pinheiro, a compreensão do lugar social de “mulher casada”, o sentimento de pertença à família do marido, a significação da ausência do marido, a importância conferida à maternidade, a criação das crianças, as atividades coletivas de trabalho. Um dos principais apontamentos da pesquisa foi a centralidade das redes de mulheres de uma mesma família, que permitem a *saída* masculina, por meio da organização e gestão dos *terrenos* familiares. A família pode ser pensada como o eixo de referência central no interior da comunidade, mas também para fora dela, uma vez que é pela família que a *saída* se torna legítima e palpável.

⁴ Usinas de isolamento térmico são empresas responsáveis por isolar materiais químicos em indústrias de diferentes setores, protegendo-os de vapor e calor, principalmente. Os homens que se empregam neste ramo têm

constitui como *ponto de parada* para estes homens, onde permanecem cerca de uma semana entre as empreitadas que passam *no trecho*, as quais tendem a durar aproximadamente três meses. Se, de imediato, têm-se a impressão de que elas *saem* com seus maridos, eles permanecem pouco tempo juntos. Assim, as mulheres continuavam sendo *mães e pais*, como elas frisam. Há conjugalidade sem co-residência, tal como quando elas ficavam em Pinheiro enquanto seus maridos *saíam*.

O fato de estas domesticidades serem o foco de atenção de minhas interlocutoras e elas imprimirem comando e presença feminina nestes espaços me despertou para a centralidade das casas na constituição destas famílias e de seus movimentos. Se, mesmo *trabalhando fora* eles continuam *morando em Pinheiro*, que é *o lugar da gente*, isso acontece em grande medida porque há uma casa para onde se volta, onde se reconhece como *meu lugarzinho*. Os mecanismos para que esta casa continue sendo *um lugarzinho* são acionados por quem *sai* e quem *fica*. São cuidados femininos que envolvem mulheres de uma mesma família, umas interligadas às outras pelos movimentos e pelas casas.

Essas redes de mulheres permitem conexões constantes entre Pinheiro e o local de trabalho. Os meios de comunicação, especialmente os telefones celulares, têm um papel central na ligação entre Pinheiro e Barrinha, que distam 1100 km. Os que permanecem em Pinheiro recebem comandos por telefone sobre quando preparar a terra, sobre o que devem plantar, qual remédio contra insetos utilizar, como alimentar os animais que ainda restaram, dentre outros. *Sair* não implica em suspender os cuidados com a casa, a não ser que a *saída* implique em uma ruptura (geralmente temporária) com os familiares que ali continuam; o que é raro entre aqueles que já possuem uma casa em Pinheiro⁵. Isso porque uma casa pode ter diferentes momentos e a forma como se cuida dela indica, mais do que permanências ou saídas, a forma como as relações com os familiares estão sendo moldadas, as quais podem extrapolar o âmbito familiar e implicar em relações com *o lugar*, Pinheiro.

Esse vínculo, que fica mais explícito nas *saídas*, é construído por meio do processo de *criação*, que *reúne* as crianças *em volta do fogão*, aquecendo e fabricando seus corpos, delimitando diferenciações e moralidades de família. Ou seja, não é na vida adulta que estes

funções que variam com a quantidade de tempo que se está no setor e com habilidades técnicas adquiridas. Geralmente, trabalham em grandes alturas e com alto nível de insalubridade. Barrinha é o município onde há a sede dessas usinas, chamada de *escritório*, local onde se contratam os trabalhadores e que se configura como ponto de saída e ponto de chegada para *o trecho*.

⁵ Este será um elemento a ser analisado ao longo do texto. Existem moradores que saem de Pinheiro e não retornam ou passam períodos prolongados sem se fazerem presentes até reatarem os laços com os familiares e reaparecerem, depois de anos ou até décadas. Porém, todos os casos que presenciei foram de homens e que não possuem casa construída em Pinheiro.

moradores são estimulados a reconhecerem o *lugar da gente* e o *lugarzinho* em que cresceram. As narrativas de parto e os cuidados posteriores ao nascimento de uma criança indicam que o fogo do fogão a lenha, considerado como *esteio da casa*, ilumina a vinda do bebê ao mundo, assim como fornece matérias-primas para a cicatrização do umbigo, considerado o centro corporal da vida e do *equilíbrio*. O processo de *criação* fabrica pessoas com características calorosas, pessoas de *sangue quente*, que *crescem ao redor do fogão*.

As casas se revelaram como ‘locus’ privilegiado para a produção das famílias, propiciando a percepção de que o doméstico se imbrica com o político de uma maneira central, como um lugar de produção de pessoas, corpos, ideias, como afirmam Carsten e Hugh-Jones (1995). Portanto, ao colocar as relações tecidas nas e entre as casas em primeiro plano, pretendo dar visibilidade aos mecanismos cotidianos de condução de processos de familiaridade, muitas vezes subestimados ou reduzidos a menor significância nos estudos antropológicos que, a partir da separação entre o doméstico e o político-jural, sublinham a importância social (e sociológica) deste último em detrimento do primeiro.

Um olhar atento para as casas de Pinheiro me foi possível, primeiramente, pelo contato mais íntimo com as mulheres de lá, as minhas principais amigas e interlocutoras. Devo prevenir o leitor de que esta etnografia é fruto de minha massiva presença em cozinhas e *terreiros*, acompanhando e auxiliando as mulheres em atividades domésticas, o que acaba por ter um tom marcadamente feminino. Não sou a única responsável por este viés, mas ele me foi colocado pelo próprio campo e não conseguiria estabelecer um contato prolongado na localidade se não seguisse essas etiquetas, generificadas. Como mulher, fui direcionada a uma maior convivência com outras mulheres, me estabelecendo nos espaços que elas se encontravam e debatendo questões derivadas do universo feminino. E por meio disso, circulei entre espaços domésticos, acompanhando a movimentação que lhes é própria e a interconexão entre estas casas, que não podem ser tomadas como separadas, mas que se encontram em uma conexão constante.

Do ponto de vista metodológico, realizar trabalho de campo em dois lugares me despertou para discussões e debates sobre o que é um lugar, para além de suas delimitações geográficas e quais as implicações disto para uma etnografia. Se este empreendimento poderia ser entendido como uma “etnografia multisituada”, penso que questões mais pungentes foram surgindo e fui me afastando deste rótulo. Ao longo da pesquisa, os lugares me pareciam ser multisituados por eles mesmos e a etnografia, mesmo realizada em apenas um local, deveria estar atenta à multiplicidade de lugares que se faz presente nos cotidianos das pessoas. No caso dos *moradores de Pinheiro*, ir para Barrinha me abriu um leque de informações sobre

pessoas, histórias, relações que existem em Pinheiro e para além de lá. Percebi que apesar de ser uma unidade territorial, muitos outros lugares compunham Pinheiro, e este, por sua vez, se fazia presente em Barrinha, assim como em outras cidades para onde as pessoas se deslocavam.

Barrinha me parecia mais um lugar que propiciava um olhar sobre Pinheiro e refletir sobre isso me fez repensar as relações entre lugares e escalas, principalmente a partir da crítica levantada por Ingold (2011) sobre o uso abstrato da categoria “espaço”, que não propicia uma visão aberta das tramas tecidas pelos seres humanos. Segundo o autor, a noção de lugar é mais concreta e pode elucidar uma análise menos circunscrita que a noção de espaço, uma vez que a partir de um lugar sempre se pode olhar para fora, para outros lugares e outras extensões. Assim, um lugar pode ir além dos limites espaciais que o envolvem e as vidas são vividas e experimentadas não dentro dos lugares, mas na relação entre lugares, em torno e por meio deles. A teoria de Ingold ilumina o caso dos *moradores de Pinheiro*, por trazer o movimento como o motor da existência humana, que não deve ser tomada por uma perspectiva estritamente espacial, mas sim levar em conta as trilhas dos caminhos percorridos por eles. Assim, a noção de “habitante” proposta pelo autor me parece próxima e válida para os *moradores de Pinheiro*, que estabelecem uma relação mais alargada com o lugar, não apenas o “ocupando”, mas tecendo tramas de relações que extrapolam as delimitações da *comunidade*.

Em Barrinha, passei a entender Pinheiro como um lugar físico, mas também composto de elementos que transitam. Há um conjunto de forças que recaem sobre Pinheiro, de certo modo correspondente a uma força centrípeta, ponto de imantação que atrai informações e circulações, as quais não se contrapõem ao retorno e a importância conferida à *comunidade*. Por mais que Pinheiro também possa ser pensado como um ponto de força centrífuga, que desenha vetores de *saída* que se espalham por outras cidades do país, como Barrinha, Nova Serrana (MG), São Manoel (SP), Piuí (MG), entre outros destinos mais frequentes das *saídas*, ele é reconhecido como *o lugar da gente*.

Levar a sério as movimentações destas famílias é considerar a forma como lidam com a vida e a existência: acreditam que *a vida nunca está do mesmo jeito, tudo está mexendo, girando, gerando*. Rapidamente, percebi que Pinheiro se tornava sempre uma possibilidade de retorno para quem estava em Barrinha e Barrinha era uma forte possibilidade de *saída* para quem estava em Pinheiro, assim como outros lugares podem vir a sê-lo a qualquer momento, bastando haver familiares, amigos ou vizinhos que se direcionem para lá. Os interlocutores trabalham em um alto nível de provisoriedade, em que idas e vindas podem ser pensadas e

tramadas a qualquer momento, sendo dificilmente tratadas como permanentes. A dinâmica observada nos dois contextos de campo me indica que as famílias que acompanho estão envolvidas em configurações que variam ao longo do tempo, relações que se fazem e desfazem e voltam a se refazer em um dado momento, mas também se remodelam em espaços diferenciados, em momentos distintos vividos em Pinheiro, nas localidades de origem das mulheres, nas localidades vizinhas, nos destinos das *saídas*.

Os motivos econômicos para as *saídas* estão longe de ser a única razão de tantos movimentos dos *moradores de Pinheiro*. Autores como Garcia Jr. (1990), Menezes (1985), Eunice Durham (1973), Woortmann (1990), Godoi, Menezes e Marin (2009) mostraram, em diferentes contextos etnográficos, que os deslocamentos envolvem questões familiares, se relacionam com pressões fundiárias e direitos de herança, podem ser fundamentais para marcar ritualmente status de gênero e de idade, forjam-se como uma estratégia para a perpetuação do campesinato, e não apenas compreendem a busca por emprego remunerado. Também esta etnografia foge aos moldes do que costuma ser chamado de “estudo de migração”, que busca em tabelas demográficas e modelos generalizantes um “migrante” que parece ser pouco ativo diante de um quadro sócio econômico de exclusão, um “migrante” genérico, empobrecido e pouco estudado, tal como aponta a crítica de Palmeira e Almeida (1977).

No caso específico de Pinheiro, tentei me afastar deste perfil sociologizante que tomou conta das pesquisas realizadas no Vale do Jequitinhonha, politicamente forjado como “Vale da Miséria” ou “Vale da Pobreza”. Na mídia nacional, a região passou a ser apresentada como a mais “atrasada” do estado de Minas Gerais, responsável por diminuir os indicadores estaduais de desenvolvimento. Sendo construída imagetivamente como a região da carência e da falta, que envolve a falta de água, projetou-se na seca e nas características biofísicas que a fazem ser um “sertão”, um quadro crônico de pobreza, insuperável por qualquer tipo de intervenção estatal. Visto assim, o Vale do Jequitinhonha se constrói como pólo expulsor de mão de obra, entendida como “desqualificada”, e a “migração” ali instaurada era a única solução possível para a sobrevivência daquelas famílias.⁶

Desta maneira, por um grande período, as pesquisas realizadas no Vale do Jequitinhonha auxiliaram a reforçar este estereótipo, desconsiderando analiticamente toda profundidade de cotidianos móveis, vistos apenas pela falta. Esta dissertação tem como

⁶ Autores como Moura (1988), Amaral (1988) e Silva (1999) apresentam críticas muito pertinentes sobre a apropriação política que embasa a construção dos estereótipos sobre o Vale do Jequitinhonha. Voltaremos a esta discussão no Cap.1

compromisso político-antropológico retratar Pinheiro e o Vale do Jequitinhonha como realidade repleta, em nada faltosa. Este texto é uma tentativa de “teoria etnográfica”, tal como colocado por Goldman (2006), ou seja, uma tentativa de olhar para práticas e funcionamentos, vividos no trabalho de campo “a fim de articulá-los em proposições um pouco mais abstratas, capaz de conferir inteligibilidade aos acontecimentos e ao mundo” (GOLDMAN, 2006, p. 28-29). Assim, mais do que buscar na economia – ou em outros domínios da vida social – explicações lançadas de antemão, a tentativa foi compreender os construtos narrativos dos *moradores de Pinheiro*, e aí distinguir a complexa conexão de processos sociais distintos. Esse modo próprio deles enxergarem *o mundo* e, se enxergarem, guia esta dissertação, imbricando questões aparentemente isoladas, mas que se encaixam.

Assim, atento o leitor para o uso de uma escrita baseada nas formulações de meus interlocutores. O uso do itálico associado a uma forma de escrita indireta traz formulações de meus interlocutores, não julgamentos de valor ou traduções pessoais. É uma maneira que encontrei de trazer para o texto as afirmações deles sobre os processos sociais que estão envolvidos. Quando escrevo, por exemplo, *mãe é aquela que dá força e não abandona*, não sou eu quem que faço essa afirmação, são eles que interpretam a maternidade dessa maneira. Minhas análises são construídas a partir dessas formulações, que constituem a principal teoria empregada nesta dissertação, uma teoria etnográfica, colocada em paralelo com teorias e formulações antropológicas.

O texto se organiza em três capítulos, cada um com o propósito de mostrar como se dá as multiplicidades de movimentos nas casas dos *moradores de Pinheiro*. O primeiro capítulo explora como estas casas *mexem*, assim como o lugar *mexe* e como os moradores se organizam para lidar com dinâmicas do tempo, da história e das *saídas para trabalhar*. Explicita processos políticos estatais que manejam a população, assim como interferem nas formas locais de territorialização, demonstrando as maneiras como os moradores reagem e interagem com o Estado. O segundo capítulo é dedicado às protagonistas principais dos cenários domésticos: as mães. Dedicar-se a mostrar como as casas são lugares de *criação* e como é *ser mãe e pai ao mesmo tempo*, já que os homens não participam da rotina doméstica em grande maioria do tempo. Este capítulo se detém em demonstrar como as mulheres se misturam com suas casas, em um processo de enraizamento, fundamental para a construção das *casas raízes*. O terceiro capítulo tenta explorar a cozinha e o fogão a lenha como centros dessas casas, as quais são produtoras de pessoas calorosas, de *sangue quente* e de corpos fabricados pelo fogo do fogão a lenha. O princípio que o norteia é a descrição e análise de uma série de práticas e rituais que fazem a cozinha um lugar ambíguo, ao mesmo tempo

pertencente ao âmbito privado, mas com um tom marcadamente público e político, onde as famílias produzem moralidades e distinções próprias, criam seus *modos* e seus *jeitos*.

Capítulo 1

Pinheiro e o *Mundo*: Os Movimentos

Esse capítulo se dedica a apresentar e contextualizar Pinheiro a partir dos movimentos que o constituem e o extrapolam. É uma tentativa de iluminar os reflexos de decisões mais amplas sobre a vida dos moradores, como as decisões derivadas de ações político-estatais e as maneiras que eles correspondem a elas. São ações que impactam na história da localidade, nas decisões familiares sobre *saídas para trabalhar*, nas escolhas coletivas em participar de movimentos sociais, dentre outras.

Assim, trata-se de uma contextualização de movimentos de ordens distintas e interconectadas - no tempo, no espaço, nas situações domésticas e públicas, nos movimentos produzidos pelas pessoas, pelas famílias, por ações político-estatais/econômicas - que costuram e articulam o micro ao macro, o externo e o interno, *os de casa e os de fora*, *o lugar da gente e o mundo*.

A partir disso, será explorada uma visão mais geral sobre o quê os *moradores de Pinheiro* compreendem como *mundo* e seus contrapontos estabilizadores. As diferentes formas das famílias se fazerem e refazerem nesses movimentos, nessas *mexidas* e as *sabedorias* que *andanças* trazem.

1.1 Os *movimentos* de povoamento: a *união* das famílias e as memórias que criam e recriam os *lugares* no interior de Pinheiro

Como muitas outras localidades rurais brasileiras, em Pinheiro é comum ouvirmos a frase “*Aqui todo mundo é parente*”. Essa afirmação parece criar uma homogeneização que precisa ser relativizada para se estabelecer os limites (sempre fluidos) que são impostos para além dela. Assim, em Pinheiro, apesar de *todo mundo ser parente*, todos são enfáticos ao afirmar que *não são um povo só*. Foram formados pelos *mais antigos* ou *mais velhos*, que chegaram e se instalaram no território há algumas gerações, cada um ao seu tempo e, aos poucos, foram formando *o lugar*. Portanto, não descendem de um ancestral comum, como acontece em algumas localidades vizinhas.

Parece-me ser consenso também que Pinheiro possuía nove famílias *mais antigas/mais velhas*, das quais se originaram a maioria dos descendentes que compõe o território atual. Essas nove famílias são designadas pelo prenome do ancestral conjugado com o sobrenome, ou simplesmente por um prenome, feminino no caso de algumas, masculino de outras. Até hoje a identificação das famílias pelo prenome de seus ancestrais é muito mais comum do que pelo sobrenome. O sobrenome é geralmente acompanhado do nome do ancestral, quase nunca utilizado sozinho. Assim são lembradas *as famílias mais antigas/ mais velhas*: a família de Maria do Carmo, a de Manoel de Matos, a de D.Esmelinda, a de Manoel Baiano, a de João Moreira, a de Sebastiana Cirino, a de José Batista, a de D. Antônia e a de Saturnino.

Há ainda um morador, Sr. José Pereira, que não é considerado como *antigo* e nem como recente, pois residiu em Pinheiro há 80 anos e vendeu sua terra para um dos moradores atuais (terras de D.Mariete de Adão). Neste caso, disseram-me que ele não criou vínculos sólidos no território, pois não gerou herdeiros que ali ficassem, e teve uma permanência mais transitória, mudando-se há cerca de 60 anos. Não há um consenso se ele é ou não um morador a ser lembrado como os *mais antigos*. Percebi que o fato de *passar* por Pinheiro, sem criar muitas *raízes*, sem deixar histórias a serem partilhadas ou parentes, sem deixar *nem um resto de casa*, faz dele menos pertencente à construção do *lugar*, apesar de ele não ser esquecido.

O fato de não deixar *nem um resto de casa* não me parece menos significativo do que não deixar *nem um parente*. Digo isto porque, nas narrativas que ouço, sempre há associação direta entre família e casa, entre os ancestrais citados e os *restos de casa* que deixaram. Ao perguntar pelos *mais antigos*, uma série de elementos materiais me foram expostos, que demonstravam a ocupação dos *terrenos*. Vale ressaltar que mais do que o caráter de fixidez, esses elementos materiais são explicados de forma dinâmica, por meio de histórias sobre a vida dos antepassados e de seus descendentes, de usos e apropriações distintos de um mesmo local, ao longo do tempo. Neste sentido, a análise sobre esses *restos* não é aqui uma tentativa que se prenda a delimitações territoriais ou empreendimentos próximos ao que um laudo antropológico se propõe⁷. É antes de tudo, uma tentativa de compreender estas famílias ao longo do tempo; de observar o que estas casas significam para os interlocutores, mesmo quando elas deixam de existir por completo; de levantar os sentidos de se mapear os lugares que se formam, no interior de Pinheiro, por estas maneiras de relembra-los antepassados, mesmo que eles não sejam conhecidos em vida. A relação entre movimento, história e lugar,

⁷ Apontamentos interessantes sobre as formas de mapeamento dos moradores de um quilombo e as técnicas utilizadas para a produção de um laudo antropológico foram exploradas por Santos (2014). Segundo a autora, o cotidiano de caminhadas e percursos dos quilombolas de Pedro Cubas-SP revela um universo de práticas e conhecimentos fundamentais para as formas particulares de mapeamento de suas terras.

estabelecida por Ingold (2011) se faz pungente, uma vez que é por meio da prática e das transformações contínuas no ambiente que os *moradores de Pinheiro* elaboram e reelaboram os sentidos que conferem ao *lugar da gente*.

Assim, do Sr. Manoel de Matos, ainda há os *restos da fornalha de engenho*; de D. Esmelinda, *duas mangueiras*; de Manoel Baiano, *restos de parede*; do Sr. João Moreira, o *chão de casa*⁸; de D. Antônia, uma *bananeira*, de Sebastiana Cirino há o *chão de casa* e restos do *forno de telha*, que é uma das estruturas que compunham os engenhos.

Há também recriações de espaços, reutilizações de estruturas, não apenas entre os moradores *mais antigos*, mas de maneira mais ampla. Por exemplo, o Sr. Joaquim de Roseno, o *chão* de sua casa é o mesmo de sua avó, D. Esmelinda, cuja casa foi derrubada após sua morte. O mesmo aconteceu com D. Ivanilda, que utilizou o *chão da casa* de seu avô, sr. João Moreira. O *chão de casa* da D. Sebastiana Cirino, falecida há cerca de 40 anos, deu base para uma plantação no *terreno* de seu neto, Joaquim Nunes e o de D. Candinha, falecida há mais de 60 anos, transformou-se no curral do Tião de Valério, seu neto. Assim, os *terrenos* vão se transformando, usando espaços, estruturas e materiais das casas dos antepassados, como o cerne de sucupira que o Sr. Zé de Dinha calcula ter mais de 150 anos e forma a base de seu telhado. Este cerne, junto com outro de aroeira (que é mais novo, mas não tem menos de 70 anos), formam estruturas de sustentação importantes da casa do Sr. Zé, que os retirou da antiga casa do avô de sua esposa, o Sr. João Moreira.

Mais instigante ainda foi perceber o que era apontado como *resto de casa*, o que incluía a bananeira de D. Antônia, as mangueiras de D. Esmelinda, o coqueiro do Sr. Manoel de Matos. A casa não é estendida apenas como a construção física, circundada entre as paredes, mas se estende para o quintal e para tudo que pode ser uma referência no espaço, como os restos da fornalha de engenho do Sr. Manoel de Matos, que são citados por quase todos os moradores, apesar de estarem totalmente cobertos pela vegetação. O lugar forma lugares em seu interior, os quais se criam e recriam por *movimentos* da memória (o que se lembra, *até onde se tem sabedoria*), lugares esquadrihados por pontos no tempo e não apenas no espaço. Assim, me deparei com crianças de menos de cinco anos falando que me encontraram perto da *mangueira de Joana*, moradora que se mudou há décadas. Joana possui

⁸ *Chão de casa* é o local do terreno em que a casa é levantada. O *chão da casa* é preparado de modo a torná-lo plano e ele deve ser bem escolhido, sem nenhum risco de proximidade de encostas, pois não pode ser abalado por erosões. Nele são riscados os cômodos que se deseja construir e a partir destes riscos os cômodos vão sendo levantados.

restos de casa (como quase todos os moradores que faleceram ou se mudaram), que se situam próximos à *sua mangueira*, assim como outros elementos que criam referências⁹ até hoje.

Portanto, são três os mais *antigos/mais velhos* que não possuem mais *nem um resto de casa*: D. Maria do Carmo, Sr. Saturnino e João Batista (cujo caso já foi citado acima). Apesar disso, os moradores (de idades diferenciadas, incluindo crianças) sabem o local onde suas casas existiram¹⁰ e também reutilizaram espaços, como o *chão*¹¹ *de casa*. No caso da D. Maria do Carmo, seus laços genealógicos são contados por um bisneto, o Sr. Geraldo, que hoje tem 70 anos. São três gerações anteriores a este bisneto, que atualmente também já é bisavô. Portanto, da geração da D. Maria do Carmo à geração dos bisnetos de seus bisnetos, contamos sete gerações. O Sr. Geraldo me alerta ainda que Sr. Saturnino também *não está fora dessa parentalha* de D. Maria do Carmo. A esposa do Sr. Geraldo, D. Maria, era neta do Sr. Saturnino. Logo, o bisneto deste casal corresponde à sexta geração desta outra família. O bisneto do Sr. Geraldo e da D. Maria já não reside mais em Pinheiro, nasceu em Nova Serrana, município da porção oeste de Minas Gerais, onde parte da família se instalou para realização de atividades de trabalho. Porém, quando a criança retorna à Pinheiro no *tempo das águas*, escuta histórias do *lugar*, *caminha* com os parentes. Isto não é algo desprezível, o *ter sabedoria do lugar* é construído pelo *caminhar pelo lugar*, o que não se refere apenas a Pinheiro, mas a outros lugares por onde os moradores transitam e ganham *sabedoria*¹². É muito comum ouvir a frase *Andei aquilo ali tudo*, quando contam de deslocamentos que criaram vínculos com outros lugares, que podem ser lugares da região (Diamantina,

⁹ Estas referências se estendem a espaços *da cidade*, que são fundamentais para a localização. Por exemplo, quando alguém quer se referir à cadeia pública de Minas Novas, principalmente de maneira jocosa, usa a árvore que há em seus fundos, uma sapucaia, em sua fala. Assim, adolescentes do sexo masculino brincam uns com os outros que *se continuarem assim, vão parar na Sapucaia*. Outra referência fundamental *na cidade* é a *castanheira*, uma árvore situada na antiga saída *da cidade* para a estrada que a liga a Pinheiro. Certa vez, Renato brincava que as sobrinhas se perdiam *em Minas Novas* (*em Minas Novas*, significa na zona urbana do município), que elas não sabiam nem onde era a *castanheira*. A *castanheira* é o principal ponto de encontro dos *moradores de Pinheiro* na cidade, sendo cercada por mesas e cadeiras de um trailler que se instalou no local.

¹⁰ Queria ressaltar, que só o fato de saberem onde a casa existiu já é um indicativo de uma memória muito viva caracterizar melhor o que quer dizer, pois estamos falando aqui de pessoas que faleceram há um tempo considerável (algumas há aproximadamente 70 anos, como D. Maria do Carmo e Sr. Saturnino) e com idade avançada, principalmente as mulheres. A D. Antônia se destaca, tendo vivido aproximadamente 105 anos. A sabedoria que possuem, por memória genealógica, os leva a falar em uma ocupação de até 200 anos.

¹¹ Elementos instigantes são apresentados por Anjos (2001) a partir da relação entre o *chão* e a construção da pessoa entre os batuqueiros. Segundo o autor, é no *chão* do terreiro que os filhos de santo *assentam* seus orixás, ou seja, passam por um nascimento simbólico, uma gestação religiosa, que só se realiza por meio do contato direto com o *chão* do terreiro, em um período de no mínimo uma semana. O contato com o *chão da casa* dos antepassados entre os *moradores de Pinheiro* não deixa de ter uma relação de vinculação aos antepassados, se aproximando ao renascimento de um lugar habitado pela família, delimitado dentro da comunidade como um solo pertencente a um *povo*.

¹² O *ter sabedoria* se assemelha ao *ter “conhecimento”*, analisado por Carneiro (2010) e por Marques (2013). Em Pinheiro, *ter sabedoria* pode ser aplicado às relações com o espaço, o tempo e as famílias, por conhecimentos genealógicos, mas não só através deles, como nas *andanças com a associação*.

Capelinha, Turmalina) ou de qualquer outra parte do país (Barrinha, Nova Serrana, São Paulo, São Manoel etc). Assim, o conceito de “conhecimento”, da forma como aplicado por Ingold (2011) parece se aproximar do contexto de Pinheiro, em que o conhecimento pode ser acessado na paisagem, habitada por eles a partir de vivências e relações, um conhecimento baseado na prática, *nas andanças*.¹³

Este entrecruzamento entre memória coletiva, espaço e família se abre de maneiras interessantes, mostrando como um lugar se constrói e se divide nestas narrativas, motivadas por relações ao longo do tempo. Um dos desdobramentos deste entrecruzamento pode ser explorado pelo caso da família do Sr. João Batista. Sobre o *terreno* ocupado por ele, eu não consegui muitas informações, pois ele não tem mais *nem um parente* em Pinheiro, além de não ter deixado *nem um resto de casa*. Ele vendeu suas terras para a família de D. Noêmia, há mais de trinta anos. Apesar de vender suas terras e não deixar *nem um parente*, seu João Batista é reconhecidamente um morador *mais velho*, distintamente de João Pereira. Para mim ficava claro que existia uma diferença entre os dois e que o conjunto de critérios que determinava quem era reconhecido como família *mais velha* envolvia outros elementos. Ao longo das conversas, percebi que ele não se apagava da memória dos moradores principalmente por causa de sua esposa, D. Maria, que era parteira de Pinheiro. Muitos foram os que nasceram com a *assistência* de D. Maria e se lembravam disso, além das mulheres que contaram com esta *assistência* e falavam do importante papel que ela exerceu em suas vidas. Assim, entrar na composição da história do *lugar* é entrar na composição dos vínculos estabelecidos com as pessoas do *lugar*. Por mais que ele não tenha permanecido em Pinheiro, sua esposa é sempre lembrada e faz parte das histórias de vida dos moradores. Tal como analisado por Marques (2013) no sertão do Pernambuco, a relação entre memória, espaço, tempo e família possibilita dinâmicas familiares que não permanecem apenas no passado, mas se encontram no presente e se direcionam para o futuro. As narrativas envolvem um jogo de inclusões e exclusões que, aliado aos quadros genealógicos, auxiliam na compreensão de movimentos variados das famílias, mudanças territoriais, alianças, brigas e conflitos. O que se conta hoje, em Pinheiro, é resultado destas distensões do e no tempo, através de seleções da memória, da elasticidade que envolve as relações, que produzem e recriam conteúdos. Esses marcos territoriais não se relacionam apenas com uma lógica de posse, mas explicitam uma

¹³ Guedes (2011) explora a relação entre o *trecho* e seus ensinamentos. Porém, o que observo em Pinheiro não é uma *sabedoria* que se funda apenas nos deslocamentos para atividades de trabalho, mas também em todas as demais formas de *andanças*, como no movimento quilombola ou *andanças* nos lugares no interior de Pinheiro. Assim, as *saídas* são apenas mais uma forma de se adquirir *sabedoria*, que é uma categoria ampla e empregada de maneiras variadas.

relação territorializada entre pessoas e famílias, que habitam na localidade e também constroem e compartilham referências relacionais e afetivas.

Em Pinheiro, apesar de não serem muito acostumados a produzirem genealogias, no sentido gráfico do termo, são muito conhecedores das relações de parentesco que ligam uma pessoa à outra ou uma família à outra família, aos que estão vivos e aos que já morreram. Além disso, gostam de falar de seus familiares, explicar quando uma família se *une* com a outra, como vão se *misturando* ou como vão apenas *renovando a parentalha*, replicando alianças entre duas famílias. Tal como observado por Comerford (2003) na Zona da Mata de Minas Gerais, e Cerqueira (2010) no cerrado mineiro, os habitantes de Pinheiro vêm com muita admiração e gosto quando dois irmãos de uma família se casam com duas irmãs de outra família, o que ocorre com certa frequência, gerando filhos que são chamados de *primos irmãos*, que segundo eles são *primos duas vezes*, promovendo *ainda mais união*.

Apesar disso, não são todos que se declaram *bons para lembrar* e na maioria das vezes, as genealogias se centram nas relações de filiação da geração em que se encontram e das seguintes, não se estendendo muito para o passado. Guardam reavivados os traços do parentesco em linha vertical, mais do que o parentesco colateral, que em ocasiões de montagem de genealogia ficam menos evidentes. Consideram que *o mesmo sangue só corre nas veias dos parentes até o terceiro grau*, que são os parentes com os quais convivem efetivamente, de maneira geral. Apesar disso, não dizem que não são parentes, mantendo o laço de parentesco na virtualidade ou declarando-o quando em determinado momento acham conveniente se apresentarem pelo vínculo de parentesco. Todas essas relações são passíveis de ser moldadas para arranjos variados, mas há uma tendência de valorização do parentesco de primeiro grau – no caso da colateralidade. Um exemplo é a figura do *primo legítimo*, que é o primo de primeiro grau.

Há uma tendência a desprezarem os recasamentos, ocultando as relações e os filhos derivados das uniões conjugais posteriores ao primeiro matrimônio, além de desconsiderarem (no momento de confecção das genealogias) os filhos resultantes de *puladas de cerca*. A confecção da genealogia me pareceu um momento cercado por ares de oficialidade, que apesar de eu tentar torná-lo mais confortável, não obtive êxito. Colocar no papel algo que é vivido com graus de aproximação e distanciamento, com lembranças bem vivas e outras um tanto quanto apagadas senão evitadas, não foi algo fácil ou agradável para os meus interlocutores. Aliado a isto, eu tentava forjar outras estratégias para compreender os quadros genealógicos que compunham os diferentes *terrenos* de Pinheiro, entendendo que o alcance de meu olhar é limitado. Tal qual Rita Astuti (2000) afirma, não podemos restringir um

momento específico do tempo para designar quem é parente de quem, é preciso ter em mente que existe uma série de mecanismos que podem atuar neste processo, seja a memória/tempo, seja a idade ou o lugar ocupado no ciclo de vida, sejam as circunstâncias de estabelecimento de alianças, etc. Portanto, é preciso encarar a família como algo construído e sobretudo em permanente construção, que extrapola os laços biológicos e se flexibiliza em uma dinâmica constante, muito mais complexa do que os quadros genealógicos. Assim, quando estava em campo no *tempo das águas* de 2014, vi muitas genealogias sendo recompostas a partir da chegada de moradores que não retornavam há um tempo considerável. Ao chegarem, essas pessoas eram localizadas a partir do parentesco que possuíam ou não com outros moradores, entre os *terrenos* familiares e com pessoas de localidades vizinhas. Muitos deles tinham se aparentado a partir do casamento de membros da família, por exemplo, e passam a estabelecer algum vínculo que antes não existia.

O que ficou claro para mim é que, assim como observou Carneiro (2010), *mistura* não é um problema. Apesar de não se tratar de uma “apuração do sangue”, como nos Buracos, aqui a *mistura* é importante, pois produz *união*. A expressão *foi unindo... foi unindo*, não me parece ser algo apenas da ordem dos matrimônios, mas principalmente da ordem das relações. Os *moradores de Pinheiro* se orgulham de serem todos aparentados, pois segundo eles, o *lugar se tornou unido*. *Unido* por laços de parentesco, por meio das *misturas*, mas principalmente pela *união* enquanto um valor. A primeira vez que me atentei para isto foi em 2011, quando em entrevista com Célia, perguntei o que ela achava que era mais marcante em Pinheiro e ouvi o seguinte:

Ô Yara, em vista, em vista de muitos tipos de comunidade, aqui é bem unido, aqui é bem unido. Também é quase, igual eu falei com você, é mais parente: é tio com sobrinho, é filho com mãe e pai... Mesmo que talvez... igual eu, eu casei com Joanildo, mas nós é segundo primo, meu pai mais o dele é primo, então no caso, renovou outro, mais gente na família. (Célia, julho de 2011)

Apesar destas aproximações nas *parentalhas*, que fazem com que ser parente em Pinheiro seja quase sempre possível, necessitando apenas de um pequeno esforço para ver onde se *une* com alguém ou com determinada família, eu não desprezo que as localidades vizinhas também partilham deste alto nível de parentamento. Mas, o que as falas de Célia e de vários outros interlocutores indicam é que isto se torna uma qualidade admirável, ressaltada como distintivo, por mais que também nos outros lugares *todo mundo* seja *parente*. Creio que em algum momento da história, a *união* se torna um valor, que liga as diferentes famílias e as faz um grupo. Num lugar que nasce de famílias diferentes, a valoração da *união* não parece ser desprezível. Em Pinheiro, falar de *comunidade* sempre é falar de família,

diferente das localidades mais próximas, como Macuco, por exemplo, que falar de *comunidade* pode ser falar de congado, ou de Gravatá, onde falar de *comunidade* pode ser falar de artesanato. Todas as vezes que ouvi os *moradores de Pinheiro* falando sobre a *comunidade*, seja entre amigos, seja em eventos políticos, ou seja em Barrinha, falavam que Pinheiro começou com poucas famílias, *foi unindo e hoje é bem unido, pois todo mundo é parente*.

Ser parente e ser *unido* não é bem a mesma coisa, pois as maneiras como se manipula o que é ser parente pode excluir laços, remoldá-los, deixa-los na virtualidade, além de não anular desentendimentos, promovendo-os em alguns casos. Por outro lado, quando não se é parente, para que se seja “considerado” é preciso *união*. Digo isto porque as pessoas que não possuem laços de sangue e que são *como da família*, necessariamente são *muito unidas com a gente*. E a *união* pode ser desmembrada como o tipo de comportamento esperado de quem é parente ou *como se fosse*. Há uma etiqueta a ser cumprida entre familiares, um código de conduta reconhecido, cuja negligência pode gerar desconforto, diminuir a importância conferida ao laço de sangue, enfraquecer a *união* e gerar *falatório*. Este código é composto por práticas tais como: *Soldar direito*, ou seja, pedir a benção aos mais velhos, aos padrinhos, madrinhas (seus e de seu esposo ou esposa), *dar ligança*, que corresponde a uma série de práticas como visitar, procurar notícias, perguntar sobre os parentes com outros parentes, ligar frequentemente quando *sai para trabalhar*, ofertar frutos ou comida, oferecer *ajuda*, principalmente em caso de doenças; e *apresentar na casa*, prática fundamental para ser *da família*, ser *de casa*.

A *reunião* dos moradores em suas casas, principalmente no *tempo das águas*, se associa com a *união*, que além de ser tomada como uma característica é encarada como resultado do processo de povoamento de Pinheiro. A *reunião* se associa com a *união*, produzindo e atualizando relações, marcando divisões, aproximações, escolhas individuais e familiares, dentre outros. Isso implica em algo mais complexo do que a associação direta entre *união* e ausência de conflitos ou discordâncias. Implica na reafirmação constante *aqui todo mundo é parente, mas não somos um povo só*, o que demarca cotidianamente as distinções e fronteiras entre pessoas, casas e lugares.

Necessário ressaltar que o conteúdo das relações travadas é de suma importância para a “familiarização” (Comerford, 2003), que supera laços de sangue. O compadrio, por exemplo, é algo levado a sério em Pinheiro, envolve laços e obrigações dos padrinhos para com o afilhado e vice versa, laços que são também transmitidos ao cônjuge, após o casamento. Assim, as mulheres que se casam com os homens de Pinheiro, pedem *benção* aos

padrinhos do marido, visitam-nos em suas casas, auxiliam em casos de doença, fazem favores na cidade, trocam mudas de planta, doces, quitandas e quando necessitam de auxílio sabem que podem *contar* com seus padrinhos, uma vez que estão envolvidos num processo ininterrupto de prestações e contra -prestações¹⁴. Os homens também absorvem os padrinhos da esposa e mesmo que o conteúdo da relação seja diferenciado, menos intenso e mais virtual, isso os permite abranger laços de parentesco em outras localidades, uma vez que não se mudam do território de origem. Isto se assemelha com outros contextos etnográficos, como entre os Iñupiat, pesquisados por Bodenhorn (2000), os Piro, analisados por Gow (1997) e uma série de outros exemplos levantados por Sahlins (2013) sobre a performance do parentesco, o qual é produzido na relação, via cuidado, transmissão de saberes, sentimentos.

No contexto de Pinheiro, isso se combina com *saídas* e retornos, que mobilizam formas variadas de cuidar, mesmo a distância, para além da presença física. Assim, apesar de ter seu território delimitado, Pinheiro se abre para outros lugares e espaços. As relações que os moradores forjam fora dali com os que ficam e também com os que seguem conjuntamente, não estão desalinhadas com o que vivem ou viveram em Pinheiro, e acabam por interferir nos vínculos ali tecidos. Relações de cuidado, de “familiarização”, de “consideração”, dentre outras, se fazem também a partir dos movimentos e *mexidas do mundo*, ficando realçadas nas *sáidas*. Portanto, os movimentos do *mundo* e dos parentes se relacionam com *o lugar* e suas casas, movimentos que não são recentes, mas que marcam as histórias e lembranças dos moradores.

1.2 Movimentos *para fora*: As *saídas* e suas histórias

Andar pelo mundo marca a rotina dos *moradores de Pinheiro*, bem como as histórias das famílias e do lugar. Nas narrativas que ouvi, essas andanças sempre fizeram parte do cotidiano, mas não com os mesmos destinos e as mesmas características. Conforme os relatos, o povoamento de Pinheiro se relaciona com o histórico minerador de Minas Novas¹⁵. Apesar

¹⁴ Esta perspectiva encontra eco nas observações de Sarti (1994), que vê a família como elemento de destaque por ser entendida como um universo moral, pautado nas obrigações que a encerra: “A família como ordem moral, fundada num dar, receber e retribuir contínuos torna – se uma referência simbólica fundamental, através da qual traduz um mundo social, orientando e atribuindo significado a suas relações dentro e fora de casa.” (SARTI, 1994, P.116).

¹⁵ Autores como Amaral (1988), Silva (1999), Porto (2007), Ribeiro (1993;2005) indicam que a ocupação colonial foi intensificada na região do Alto Vale do Jequitinhonha no século XVIII, baseada, principalmente, na atividade de mineração e na pecuária. Seabra (2010) afirma que a primeira vila do Vale do Jequitinhonha foi Minas Novas do Fanado (atual Minas Novas), onde estaria situado o primeiro núcleo de administração e justiça da região. Criado por ordem de Portugal em 21 de maio de 1729 e instalado em 02 de outubro de 1730, este

de não identificarem ao certo quando e por quem aquelas terras foram inicialmente ocupadas, relatam relações de ancestralidade com os escravos trabalhadores do garimpo. Com o declínio desse ramo - após um sucesso passageiro dessas atividades no município - encontraram em Pinheiro um local de morada. Os interlocutores mais antigos, se orgulham de lembrar dos ancestrais que trabalharam no *tempo do garimpo*, ancestrais que sabiam reconhecer o *rastro do ouro na bateia* e que viveram no período em que esse mineral era farto, mas não os pertencia. Desse *tempo*, sublinham os aspectos positivos e silenciam as violências que não viveram diretamente, mas tiveram notícias.

Esses interlocutores contam ainda do destaque de Minas Novas a partir do mercado algodoeiro, uma vez que com o declínio minerador outras atividades foram ganhando espaço a partir do final do século XVIII, principalmente a produção de algodão e tecidos. Esse destaque é marcado como algo que se ouviu contar e que é motivo de orgulho, mas também é ressaltado na literatura sobre a região, como em Moura (1988) e em Porto (2007), que sublinham o consumo interno e externo dessa produção algodoeira de alta qualidade, que, em nível nacional, perderia apenas para o algodão produzido em Pernambuco. A posição econômica do Termo de Minas Novas, que *mandava algodão até para a Europa*, aliada a sua posição política de centro administrativo da região - que segundo Souza (2010) correspondia a uma área de 139. 947 Km², ou seja, um quarto do território mineiro - são lembrados pelos interlocutores como marcos importantes de uma trajetória que *tinha tudo para dar certo*. Souza (2010) afirma que, nesse território, atualmente estão situados 141 municípios, o que conferiu a Minas Novas o título de “mãe do nordeste mineiro”. Para os *moradores de Pinheiro*, Minas Novas é *mãe de tudo que a vista alcança e mais ainda*, realçando uma série de outros municípios que hoje se destacam estadualmente - como Teófilo Otoni, Araçuaí, Turmalina - que são citados como “filhos de Minas Novas”, para demonstrar sua extensão e relevância¹⁶ na história da região.

município se terá tornado ponto irradiador de povoamento da região, como demonstra o autor. Ao longo do tempo, a referida vila recebeu outras denominações, como “Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí” e “Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas do Fanado”, tendo se constituído “Termo de Minas Novas” a partir de 1840. O perfil de povoamento da região se basearia em um deslocamento rápido e não planejado, movido pela descoberta de ouro, a partir da criação de núcleos urbanos e com forte presença de escravidão africana.

¹⁶ O município também possui casarões históricos e projetos arquitetônicos marcantes, como a Igreja de São José, única construção octagonal do país e o Sobradão, primeiro edifício de Minas Gerais, construído em 1821, feito de pau a pique, contendo quatro andares (FREIRE, 2002). Esses elementos históricos, dentre outros, fazem a população atual se orgulhar do passado do município, visto como um pólo regional, que poderia ter se instaurado como centro econômico de desenvolvimento. Segundo minasnovenses de regiões rurais distintas, esse “desenvolvimento” não ocorreu por questões políticas, relativas ao interesse de grupos políticos locais em manter a cidade com o estereótipo de “decadente”, “estagnada”. Assim, Minas Novas estaria apta a ser foco de

Desse período de sucesso algodoeiro, os *moradores de Pinheiro* ainda guardam uma habilidade notável com a plantação e beneficiamento tradicional dos fios, havendo mulheres que sabem tecer colchas e demais utilitários domésticos. Apesar de não comercializarem mais esses produtos, elas reconhecem formas de tecelagem e guardam as peças que possuem com estima, sendo muitas delas herdadas por antepassados que fiavam. Essa produção em pequena escala se desenvolveu no município mesmo depois do declínio das exportações e do sucesso algodoeiro de Minas Novas, que também não obteria êxito prolongado com a atividade, perdendo espaço diante da produção norte americana no mercado internacional, já estando decadente em 1820, como afirma Porto (2007).

Ainda segundo Porto (2007), com essa decadência, a região entra em um período de estagnação econômica, quando se terá consolidado um formato de campesinato, baseado na agricultura de subsistência, em pequenas propriedades familiares. Esta seria a base produtiva da formação de grande parte dos povoados da região, que se configuraria em combinação com a migração temporária de parte da população para outras cidades próximas, principalmente no Vale do Mucuri e adjacências.

A maioria dos relatos dos moradores de Pinheiro sobre esse período dizem, principalmente, sobre uma economia baseada na agricultura de subsistência, complementada pelo trabalho em *terrenos* vizinhos, dos chamados *fazendeiros*. Sejam histórias vividas por eles ou contadas pelos antepassados, esse era o padrão observado na localidade e na região em grande parte dos séculos XIX e XX. Os homens se deslocavam diariamente para os *terrenos* dos *fazendeiros* e as mulheres permaneciam em seus domicílios, executando tarefas domésticas e também da lavoura, que era manejada pelos homens nos períodos de recesso das atividades remuneradas.

Segundo os moradores mais antigos, os *fazendeiros* tinham maior acesso a bens materiais e ao uso de papel moeda – de circulação restrita nessa época na região – e conseguiam empregar trabalhadores, remunerando-os, ou através de um sistema de troca de trabalho por moradia e alimentação, conhecido como *cativeiro*¹⁷, que era mais incomum, mas

verbas federais, internacionais e de fundos de auxílio, que quando recebidas eram vinculadas a determinados políticos, fornecendo a impressão de que derivavam de seus esforços pessoais e ou privados.

¹⁷ Entre os *moradores de Pinheiro*, o termo *cativeiro* não se relaciona diretamente com o período escravocrata. Ele se refere a um período posterior, em que o trabalho é formalmente entendido como “livre”, mas suas rotinas de trabalho são marcadamente dominadas, aprisionando-os de outras formas, como também foi observado em pesquisas sobre o campesinato no Brasil. Em Martins (1979) e Sigaud (1979), por exemplo, o uso do termo se refere as situações em que os trabalhadores se defrontam com a perda de autonomia diante de empreendimentos capitalistas. Pesquisas recentes também apontam para outros usos do termo, atualizado em contextos sociais contemporâneos. Guedes (2011) observou que a noção de *cativeiro* entre os moradores de Minaçu, norte de Goiás, é vinculada a um tipo de trabalho no qual não há nenhum cuidado ou *ajuda* dos empregadores para com

persistiu até aproximadamente a década de 1970. De acordo com os *moradores de Pinheiro*, os *fazendeiros* não utilizavam máquinas modernas nem sua produção era voltada para um mercado externo, mas eram pessoas que por motivos variados conseguiram se assentar financeiramente. Dizem que eles tiveram mais *sorte*, porque dominavam terras maiores e mais férteis, e fazem questão de delimitar que eles eram *gente dali mesmo*, ou seja, não eram pessoas de outras regiões que chegavam em busca de lucro ou de mão de obra barata.

O grande ponto de inflexão ocorreu em meados da década de 1960, quando os homens começam a *sair*, para outras regiões do país, por períodos mais prolongados. Os principais destinos eram o sul de Minas e o interior da Bahia, os mais ousados para o interior de São Paulo, onde se empregavam em colheitas e plantios de culturas variadas, como amendoim e algodão. No início dessas *saídas*, o principal capital financeiro que permitia a realização das viagens vinha de empréstimos que os moradores contraíam com os *fazendeiros*, únicos da região que dispunham de papel moeda. Eles *pegavam dinheiro a meia*, um sistema em que se comprometiam a pagar o dobro do valor da dívida, em um determinado período, ou seja, sempre se recebia a metade do que seria pago. Esse sistema prolongou por algum tempo o vínculo de dependência que mantinham com aqueles *fazendeiros*, principalmente porque nas primeiras viagens que realizavam, eles não contavam com qualquer acordo antecipado com empregadores e, se rendessem pouco lucro, eles não seriam capazes de quitar a dívida contraída.

Essas *saídas* eram consideradas “aventuras”, dada a incerteza, os obstáculos que poderiam ser enfrentados e as longas viagens até os destinos. Os interlocutores mais antigos contam de longas caminhadas pelo cerrado mineiro, geralmente até o município de Montes Claros (situado a aproximadamente 200 km de Minas Novas), onde conseguiriam transporte para acessar a linha férrea e continuar a viagem a partir de Diamantina. Para chegarem até o interior de São Paulo, na região de Jaú ou na Bahia, chegavam a viajar por aproximadamente 30 dias. Nesse período, dormiam ao relento, enfrentavam a fome, ficavam expostos a bichos e espinhos do cerrado. Como os recursos financeiros iam se esvaindo durante o percurso, alguns deles chegaram a pedir esmolas e auxílios a desconhecidos. Essas narrativas de dor e sofrimento são evocadas em paralelo com casos engraçados e histórias pessoais dos familiares

os empregados, que se sentem desassistidos. Além disso, a estagnação econômica do município após uma *febre* de postos de trabalho é interpretada como um *cativeiro*, pela falta de mobilidade de parte deles, que se aproximam da velhice. Vieira (2015) também analisou os usos do termo entre os quilombolas de Caetité-BA. Para seus interlocutores, há sempre possibilidades de serem capturados pelos sistemas hierárquicos dos locais de trabalho em outras partes do país, principalmente no estado de São Paulo. Para não serem *cativos* dessas lógicas, os *sampauleiros* estão sempre em movimento, retornando a terra natal e demarcando a alteridade que encontram nesses outros lugares.

e amigos que seguiam juntos, os “aventureiros” que formavam uma *turma*. Esse companheirismo é apontado como a principal justificativa para se engajarem nessas viagens, por repetidas vezes. Como disse Sr. João de Roseno, em janeiro de 2010: “*era mesmo porque a gente era tudo conhecido e unido. Se não, ninguém ia.*”

Nos relatos sobre esse período há sempre a lembrança do primeiro morador que *saiu*, em 1964, retornando em 1965. Ele estimulou o início das *saídas*, pois seu retorno suscitou a impressão de que em outras regiões eles poderiam ficar *livres* do sistema que os vinculava aos *fazendeiros*, pouco rentável. Essa possibilidade se enuncia no que foi mais significativo para os moradores na chegada deste *são pauleiro*: a posse de um par de sapatos¹⁸ e de um rádio. Todos os relatos que recolhi sobre o início das *saídas* foram unânimes nas lembranças do impacto que estes dois bens causaram em Pinheiro, onde ninguém se calçava com sapatos fechados¹⁹ e nunca tinham visto um rádio. As pegadas que este *sãopauleiro* deixava na poeira eram motivo de muitos comentários, de um verdadeiro fascínio e encantamento por parte dos moradores. O rádio, por sua vez, parecia ser *uma coisa de outro mundo*, já que nunca tinham imaginado que um aparelho elétrico poderia emitir voz, como um ser humano. Desde esta época, as *saídas* se tornaram a principal forma de adquirirem dinheiro e foram se intensificando ao longo dos anos, acompanhando dinâmicas do mercado e direcionando-se para empregos e regiões distintas²⁰.

Essa mudança nas relações de trabalho, com o início das saídas durante a década de 1960 se relaciona com as transformações que se terá instaurado na região a partir de 1950. Faz-se interessante perceber que o Vale do Jequitinhonha nem sempre se constituiu como uma entidade regional, unificada geograficamente e identificada como um todo, cultural e socialmente. Tal como explica Porto (2007), essa região foi sendo construída enquanto tal, principalmente pelo Estado e por atores políticos locais, que tinham presença em um cenário

¹⁸ Vieira (2015) encontra narrativas semelhantes na comunidade quilombola Malhada, no sertão baiano. Segundo a autora, o uso do termo *sampauleiro* marca distinções entre os que vão e os que ficam, principalmente pelo acesso a sapatos, roupas e rádio, que também foram reconhecidos como estímulos para o início dos deslocamentos, em décadas anteriores. Atualmente, a autora afirma que as motos criam um efeito semelhante, o que também observei em Pinheiro.

¹⁹ Havia na região dois *coreiros*, que faziam chinelas de couro artesanal. Porém, mesmo estas chinelas não eram acessíveis a todos os moradores.

²⁰ Ao longo dos anos, melhorias progressivas foram sendo alcançadas nas condições de trabalho nos diferentes postos em que se empregam, as quais foram resultado de mobilizações sindicalistas, principalmente. Um exemplo clássico são as garantias de condições mínimas de trabalho e sobrevivência no corte da cana, que progressivamente foi sendo visto como atividade atraente pelos *moradores de Pinheiro* e permaneceu sendo o principal ramo em que se empregaram durante as *saídas* por cerca de quatro décadas (década de 1970 até década de 2000). A garantia de disponibilização de ônibus de transporte de Minas Novas até as cidades do interior paulista, a realização de acompanhamentos médicos, a existência de alojamentos e alimentação fornecidos pelas empresas e a adequação destes às normas de segurança e higiene são resultado de muitas mobilizações sociais e permitiram mudanças significativas.

alargado da política estadual e nacional. Ribeiro (1993) analisou essa construção política do Vale do Jequitinhonha como um processo em que intervieram fatores externos à região e muito recente, a partir da década de 1950. Nesse processo terá sido decisivo o fato de o presidente Juscelino Kubitschek, natural de Diamantina (município pertencente à região do Vale do Jequitinhonha) ter chegado à presidência e tentado vincular a região à Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Apesar de fracassar na iniciativa, Juscelino teve em Murilo Badaró²¹, deputado natural de Minas Novas, o aliado para a criação de outra instituição, com finalidades próximas às da Sudene e exclusiva para o Jequitinhonha: a Codevale (Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha). A criação da Codevale é o passo inicial para a criação de um sentido instrumentalizado de região, delimitada geograficamente a partir da bacia do Rio Jequitinhonha.

Ribeiro (1993) afirmou que a partir da década de 1950 teve início a desarticulação de um imaginário derivado do início do século XX, em que o morador da região se via pela ótica do “orgulho sertanejo”, positivado por uma vida saudável, de trabalho e honestidade. Esse morador passou desde então a ser visto como pertencente a uma região regida pela falta, carência e miséria, prossegue o autor, porque atores políticos locais, atuando em nível nacional, forjaram, juntamente com a mídia, o estereótipo do “Vale da Miséria” ou “Vale da Pobreza”. Se o objetivo era atrair a atenção nacional para uma região, este processo terá resultado em uma crescente visibilização das ausências do Vale do Jequitinhonha. A mídia, até recentemente²² caracterizou a região pela “pobreza endêmica” e o governo do estado de Minas Gerais a identificou como a “chaga da miséria”, responsabilizando – a por diminuir os

²¹ A família Badaró possui um histórico de domínio dos cargos públicos em Minas Novas e em instâncias variadas da política nacional. Segundo Freire (2002) Francisco Coelho Duarte Badaró iniciou sua trajetória ainda nos tempos do Império, sendo deputado geral da província de Minas Gerais, deputado federal constituinte para a primeira legislatura da República (1891-1893) e representante do Brasil em Roma, onde exerceu o cargo de ministro plenipotenciário no Vaticano. Quando retornou a Minas Novas, foi juiz de direito e deputado federal por dois mandatos. Seu filho, Francisco Badaró Júnior foi deputado estadual de 1927 a 1930, ao mesmo tempo em que era Presidente da Câmara de Minas Novas. Ainda segundo Freire (2002), ele teria sido deputado federal e Ministro da Justiça do primeiro governo do presidente Getúlio Vargas. Murilo Badaró, seu filho, o sucedeu na vida política, sendo da terceira geração da família a comandar o cenário político local a partir de cargos estaduais e federais. Ele foi deputado estadual e federal entre os anos de 1958 a 1974, senador da república e Chefe de Gabinete do governador estadual Israel Pinheiro. Murilo Badaró faleceu em 2010, mas a família ainda se destaca no cenário político do Vale do Jequitinhonha, com alianças entre governantes e partidos. É considerável o número de instituições públicas, ruas, praças do município que carregam o sobrenome, assim como o domínio de alguns ramos econômicos pelos descendentes, tais como hotelaria e comunicação.

²² É exemplar a matéria de 30-12-2001, da Folha de São Paulo, na qual os estereótipos construídos ao longo das últimas cinco décadas são reapresentados. Com o título “Miséria se repete no Vale do Jequitinhonha, com novos personagens”, três histórias são expostas, recontadas a partir do contato com pessoas que participaram de um especial organizado pelo mesmo jornal em 1993, intitulado “Fome”. As histórias se baseiam em casos de desemprego, migração e desnutrição, endossando os dados do IBGE, nos quais 14% da população declaram não possuir renda, no censo de 2000. Todas as trocas realizadas entre vizinhos, além da produção agrícola familiar não constam como alternativas para a sobrevivência, o que leva os dados a serem analisados como referentes a “indigência”. Matéria disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u28027.shtml>

índices de desenvolvimento estadual. Porto (2007) sinaliza que pesquisas realizadas na região nas décadas subseqüentes aos anos 1950, geralmente patrocinadas por agências e programas estatais, teriam contribuído para a construção de dados que reforçavam os estereótipos produzidos.

A partir de manobras políticas, a forma como este processo se desenvolveu levou a um quadro de progressiva mudança, não apenas do olhar sobre o Vale, mas na maneira como os moradores lidavam com suas terras, recursos e com seus cotidianos. Foi a partir da década de 1960, principalmente após a instalação do governo militar, que o governo federal estimulou a modernização capitalista da região, baseando em políticas de incentivo a grandes empresas do ramo pecuário e de extração vegetal. Assim, como demonstram vários autores (Moura 1988; Amaral 1988; Silva 1999), toda a região do Norte e Nordeste mineiro teve parte de suas terras, geralmente as *chapadas*, consideradas como “devolutas”, sendo destinadas à plantação de eucalipto ou à criação de gado. Este processo incutiu novas feições ao uso da terra e impactou ainda mais na estagnação econômica vivenciada pelos camponeses. Esse quadro se relaciona ainda com o tema das frentes de expansão analisado por Otávio Velho (1972). Segundo o autor, a colonização difusa do país, pautada em ciclos econômicos coloniais, levou a expansão de áreas diversificadas de exploração em todo o Brasil, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. Estas áreas não eram desocupadas ou desconhecidas, mas abrigavam a existência de um “camponês marginal”, que com as transformações da estrutura agrária do período passou a integrar uma “reserva de mão de obra”. Velho descreve esse processo de expansão das áreas agrícolas – via mecanismos capitalistas aplicados ao uso do solo – mas que também cria e estimula o êxodo rural, formando um quadro de profunda e crescente modificação dos modos e manejos dos territórios.

No caso de Pinheiro, apesar de os moradores alegarem não ter sofrido diretamente um processo de brusca modificação do uso do solo, com inserção de empresas em suas áreas limítrofes, eles não ficaram imunes às mudanças ocorridas nas localidades vizinhas²³. Esse processo faz parte de um quadro político-econômico, desenhado a partir de um plano estatal de manejo populacional e de gerenciamento de território, no qual os *moradores de Pinheiro* foram estimulados a se enquadrar. Por mais que atualmente eles enfrentem essa situação a

²³ As geógrafas Rodrigues, Miné e Tubaldini, em pesquisa realizada em Pinheiro e na localidade de Coqueiro Campo associaram o processo de mudança do uso do solo na região à formação de *peladores* (áreas devastadas que perderam função agrícola) e a diminuição do volume de águas: “Com a perda destas terras, o gado teve que ser solto nas vertentes e nos grotões, competindo com a agricultura por espaço e contribuindo para aumentar ainda mais a degradação dos solos. Neste sentido, o pisoteamento do gado nas vertentes associado a técnicas de trabalho como desmatamento para plantios, aração do solo e queimadas, deram origem a erosões, voçorocas e *peladores*” (2012, p.8)

partir de outros referenciais, que ficarão mais claros ao longo do texto, o momento inicial das *saídas* não pode ser analisado como uma decisão de indivíduos desvinculados de um quadro de pressão política e econômica. A criação do “Vale da Pobreza” redonda na expulsão de mão de obra para outras regiões do país, ilustrando a maneira como os órgãos e agentes estatais tendem a agir, identificando prioridades, esquadrinhando territórios e gerindo economia e população. Deleuze & Guatarri (2012) enunciam o modo de operacionalização do Estado que concretamente assistimos no Vale:

Com efeito, sempre que possível o Estado empreende um processo de captura sobre fluxos de toda parte, de populações, de mercadorias ou de comércio, de dinheiro ou de capitais etc. Mas são necessários trajetos fixos, com direções bem determinadas, que limitem a velocidade, que regulem as circulações, que relativizem o movimento, que mensurem nos seus detalhes, os movimentos relativos dos sujeitos e dos objetos. (DELEUZE & GUATARRI, p.63)

Por mais distante que possa parecer, a forma de ação e de pensamento do Estado se apresenta nas veias do cotidiano. Em contato com outros modos de vida e outros sistemas ideológicos a ação estatal se choca com a realidade diária, cria dissonâncias, se agrupa em práticas alternativas, e caminham nas atitudes e concepções mais próximas dos atores.²⁴ A ação estatal transborda para âmbitos distintos da vida social em Pinheiro e região, esquadrinha pontos de saída de mão de obra, demarca regiões de atração, maneja a população local para diferentes cidades e regiões, desde que as *saídas* se intensificaram. Contudo, o processo inclui um alto nível de reflexividade dos moradores e arranjos indeterminados por demandas econômicas e macro-políticas. Assim, por exemplo, tendem a *sair* apenas para locais onde outros parentes, amigos e vizinhos também *saem*, desvalorizando lugares onde possam não ter *conhecidos*. Um outro exemplo dessa reflexividade é a relação que possuem com os produtos industrializados e externos, que conforme Porto (2007), foram introduzidos na região a partir da década de 1950, quando o aumento da urbanização e das estradas do Vale do Jequitinhonha possibilitaram um maior acesso. Esses produtos começaram a ser consumidos com o dinheiro proveniente das *saídas*, que enfraqueceram a produção agrícola familiar de alguns alimentos, como o açúcar. As críticas dos *moradores de Pinheiro* ao consumo de

²⁴ Dessa maneira, a forma analítica de apreensão do Estado por suas margens, tal como Das e Poole (2009) abordam, parece muito frutífera a esse propósito. O Estado pode se apresenta das maneiras mais banais, sinalizando limites e estabelecendo regras, circunscrevendo práticas e de maneira mais ampla, demarcando territórios e mobilidades. Para as autoras, “the state was assumed to be an inevitable or ghostly presence that shaped the meaning and form that power took in any given society” (DAS, POOLE, 2009, p.5). Neste sentido, estar à margem é mais do que estar nos locais periféricos (o que também é abordado por elas), mas é estar nos aspectos menos formais e mais afastados do que se entende como campo típico de atuação do Estado.

produtos industrializados²⁵ são contundentes e até hoje, apesar de os consumirem, se mostram críticos aos efeitos que produzem nos corpos. A resistência ao consumo exagerado de produtos que não são feitos em casa ou derivados da terra da família é uma maneira de colocar a produção industrial em xeque, debatendo os riscos envolvidos na saúde e nos corpos. O *açúcar de mercado* é apontado como o marco da introdução desses alimentos, que fizeram a produção artesanal decair ao longo dos anos. Apesar da decadência, ainda existem famílias que mantêm a produção artesanal para consumo próprio e venda em pequena escala.

Os múltiplos micro processos de resistência ao mercado e ao Estado se espalham no cotidiano desses moradores, e tentarei apontar aqueles que me saltaram aos olhos ao longo do texto, apesar de não ter sido esse meu enfoque de pesquisa. Aqui, ressalto a tendência atual de deslocamento para moradia em Barrinha e trabalho em Ribeirão Preto, polo de atração de mão de obra, uma das regiões mais prósperas no ramo do “agrobusiness” brasileiro. Em parte, estimulados pela oferta de empregos, os deslocamentos para a região correspondem a uma pressão econômica mercantil para que essas áreas sejam ocupadas por trabalhadores de ramos e qualificações variadas. Contudo, apenas esse atrativo não é razão suficiente para os deslocamentos que acontecem. Existe ali uma rede de familiares e de pessoas da região que se instalam na cidade há alguns anos, tornando-a atrativa do ponto de vista relacional, principal estímulo para quem decide *sair para fora*. Adiante, me deterei em uma breve contextualização dessa cidade e das relações que fizeram os *moradores de Pinheiro* se instalarem ali.

1.2.1 Saídas para Barrinha: Impressões dos *moradores de Pinheiro* sobre um *derradeiro lugar*

As inúmeras placas anunciando o título de “Capital Brasileira do Agronegócio”, espalhadas pelas ruas de Ribeirão Preto, não impressionam os *moradores de Pinheiro*. Estar na região é uma forma de conhecer outra realidade, o que os estimula, mas não os faz admirar aquele território. Para a grande maioria das mulheres que acompanhei, Ribeirão é uma *cidade feia*, cuja *grandeza* assusta. Apesar de residirem em Barrinha, elas se deslocam de segunda a sexta para Ribeirão Preto, que está diretamente integrado às suas rotinas. Os 35 km entre os

²⁵ As críticas sobre a *comida de mercado* e seus efeitos serão mais detalhadas no cap.3. Vale ressaltar que para Porto (2007) a migração temporária terá criado um ciclo vicioso, na medida em que quanto mais se estimulava o consumo de industrializados, mais as unidades camponesas perdiam mercado e mais interessante e necessária a migração parecia tornar-se.

dois municípios são percorridos por via terrestre, por meio de transporte público, geralmente através dos ônibus da empresa São Bento. Os pontos finais desses ônibus são na rodoviária de Ribeirão Preto, onde a maioria das minhas interlocutoras tomavam mais um ônibus e, logo após, uma van, para chegarem e retornarem dos condomínios em que trabalham²⁶. Diariamente, gastam em média, de duas a duas horas e meia, na ida, e isto ou mais na volta, dado o horário de pico do retorno. São em média, 5 horas de deslocamento diário.

Quando cheguei em Barrinha e perguntei sobre o que achavam da cidade, o desprezo pelo lugar foi unânime. Se Pinheiro aparece nas falas de seus habitantes como o *lugar da gente*, Barrinha é problematizado como *derradeiro lugar*, expressão evocada sempre com ares de reflexão e com expressões faciais bem marcadas, indicando que não é um lugar de que gostam ou admiram. Quase todas as interlocutoras afirmavam que só estavam e só tinham ido para Barrinha porque tinham parentes lá, porque caso contrário, não fazia sentido estar num lugar de que não se gosta, mesmo estando empregada. O fato de passarem grande parte do dia se deslocando entre Barrinha e Ribeirão Preto não era algo problemático, pois, *muito pior* seria se estivessem *parados*, neste *derradeiro lugar*.

E não apenas Barrinha era um *derradeiro lugar*, como tampouco exprimiam nenhuma simpatia por Ribeirão Preto. Em Ribeirão, as mulheres trabalham em condomínios de luxo, de famílias tradicionais da cidade, situação na qual, segundo elas, *ficaram sabendo que eram pobres*. Seus padrões são juízes, médicos renomados, donos de empresas ligadas ao setor agrícola, esportistas famosos e suas casas se situam em condomínios fechados, *mansões*. O contato com esta realidade gerou um choque de perspectivas nestas mulheres, pois *no lugar da gente, todo mundo é igual*.²⁷ Essas abruptas marcações de diferenças eram agenciadas por aspectos distintos do cotidiano e muito comentadas entre elas. Assim, desde os comentários mais triviais (como o fato de na casa das patroas terem que fazer *café amargoso*, o que era comentado como uma aberração) até as diferenças no modo de ser mãe (como o fato das patroas não trabalharem e ainda terem duas babás para uma única criança) eram sempre problematizadas. A descoberta destes outros modos de vida as faziam ainda mais afeiçoadas ao *lugar de onde vieram, a vida de Minas, ao lugar da gente*.

²⁶ Eu as acompanhava apenas em uma parte do trajeto (Barrinha-Ribeirão Preto e vice versa). Da rodoviária me encaminhava para o Acervo Público Municipal, onde levantava dados históricos. Minha presença no Acervo se relacionava também com a limitação de acesso a essas mulheres, cujas rotinas de trabalho me faziam ficar refém do período reduzido de tempo livre que possuíam. A etnografia em Barrinha foi realizada principalmente nos finais de semana e feriados, mas o fato de permanecer nos *dois cômodos* de Vana possibilitou que eu circulasse entre as demais residências durante a noite, quando chegava de Ribeirão Preto e que as acompanhasse nos deslocamentos neste ônibus e nas filas que antecediam o acesso a ele.

²⁷ Elas se referem as pequenas diferenças financeiras entre uma família e outra, muitas vezes medida pela quantidade de animais de criação, que em grande parte se constituem como uma poupança.

Essas eram as impressões de quem *está para fora*. Quando estava em Pinheiro, ouvia outros tipos de comentários, de quem permanecia por lá e ficava *pensando* nos parentes que tinham *saido*. Em Pinheiro, Barrinha parece ser mais um dos lugares de destino dessas *saídas*, mas que concentra mais comentários, dada a permanência de mulheres e crianças por lá. Assim, falam da forma como as crianças se adaptavam (ou não) ao *morar na cidade*, das encomendas que mandam para os parentes (como requeijões, biscoitos, frangos), da rotina deles por lá, dos pertences que enviam para a montagem das residências, das *descasções*, das ligações telefônicas (sempre frequentes) entre outros.

Quando estava em Pinheiro, ouvia que Barrinha *só tem mineiro*, que *até um prefeito mineiro* eles já tiveram. Esse traço, considerado como positivo, era um amortecedor de outras alteridades que os parentes, vizinhos e amigos contavam sobre as pessoas de lá, vistas com receio e desconfiança por eles. Era um lugar *mais barato* para se viver que as demais cidades da região, e que a maioria das pessoas mantinha seus locais de residência em Barrinha *só para dormir e passar final de semana*. Muitas pessoas me falaram que era *um lugar violento*, que tem *muita malandragem* e que *tem até PCC*, que surgia nas falas como a mais expressiva face de uma violência imaginável. Por essas razões, haviam muitos temores sobre a permanência de homens, mulheres e crianças nessa cidade, afastados do *lugar da gente*.

Ao me deslocar na região de Barrinha, rapidamente percebi que a relação econômica com Ribeirão Preto e as usinas de cana da região – localizadas em cidades como Sertãozinho, Pontal, Jaboticabal e Guariba – faz com que grande parte de seus moradores não trabalhem no município. De acordo como o censo de 2010, Barrinha tem 28.500 habitantes (IBGE, 2013) e sua organização é predominantemente urbana. Pelo movimento intenso a partir das cinco horas da manhã, quando vários ônibus circulam entre as ruas do município, transportando elevado contingente de trabalhadores, é possível observar que a grande maioria dos que residem ali se emprega nas outras cidades do entorno.

De acordo com o material histórico consultado, Barrinha é um município que se construiu historicamente a partir do desenvolvimento de Ribeirão Preto, cidade pólo da região, que acaba por subordinar outras cidades do entorno. Segundo Martins (1987), a região na qual Barrinha se situa atualmente faria parte dos antigos “sertões” paulistanos, entre o Rio Mogi e o Rio da Onça, cujas primeiras picadas em busca de construção de caminhos teriam se dado em 1760, por habitantes da Vila Mogi-Mirim²⁸. A ocupação da região se dá

²⁸ Em 1807, o Coronel José Joaquim Costa Gavião começaria a explorar a região e a receberia como sesmária, agregando mais duas sesmarias entre 1813 e 1819. Entre negociações de compra e venda, em 1936 o território passa a ser propriedade de Luís Antônio de Souza Diniz, formando a Fazenda do Lageado, com cerca de 68.000

principalmente por trabalhadores de outras regiões do país, atraídos pela intensa oferta de emprego. Destes trabalhadores, parte considerável era de mineiros, como observado por Martinho Prado Júnior – apud Furlan Jr.(1956) – em seus relatos publicados no jornal “A província de São Paulo” sobre a expedição que empreendeu na região, em 1877. O empresário reitera em seus textos a constante chegada de mineiros, que parecem formar uma “corrente de emigração” para o noroeste do estado de São Paulo.

A Família Silva Prado foi uma das responsáveis pelo estímulo da produção do café e de seu desenvolvimento em grande escala, o que marcou a região de Ribeirão Preto como grande produtora do grão, reconhecida internacionalmente como pólo de comercialização cafeeiro. Como extensão das propriedades da Família Silva Prado, através da compra de terras de Rodrigo Pereira Barreto, forma – se a Fazenda São Martinho, região que viria a se tornar os municípios de Sertãozinho e mais tarde Barrinha. Portanto, o território hoje entendido como município de Barrinha era propriedade da Cia Agrícola São Martinho, que inicia o processo de loteamento de suas terras em 1924, após o declínio econômico da produção de café (iniciado com uma grande geada de 1918 e aprofundado com a crise de 1929). Barrinha surge como posto de povoamento em volta de uma das estações ferroviárias da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, construída ali para auxiliar o escoamento da produção de café. O nome da estação, “Barrinha”, deu origem ao nome do atual município, que foi distrito de Sertãozinho até 1953, quando se emancipou.

Todos esses nomes de pessoas, fazendas e famílias podem parecer excessivos e desnecessários para a constituição de um histórico local, mas não é o caso aqui empreendido. A escolha por manter estes nomes se dá pelo fato de eles ainda fazerem parte do cotidiano de quem reside em Barrinha, principalmente pela manutenção das fazendas, que antes eram de café e atualmente são usinas de cana. Como exemplo, podemos citar a Cia Agrícola São Martinho, que loteou seu território e deu origem a Barrinha (na década de 1920) e ainda existe, gerando considerável quantidade de empregos. Alguns dos patrões das mulheres de Pinheiro são descendentes dos grandes nomes da cena política e econômica de Ribeirão Preto, que se forma como Capital Brasileira do Agronegócio (título estampado nas ruas, praças e monumentos do município), não por mero acaso. Muito do que eu pude compreender sobre esta região do estado de São Paulo me leva a crer que mais do que uma conjuntura econômica favorável, este “título” se constrói pela manutenção de uma elite, favorecida pelo Estado em diversos momentos históricos do país – como quando da compra de estoques de café em

alqueires. De acordo com Godoy (1999), a Fazenda Lageado foi dividida em parcelas de terras, compradas por Martinho da Silva Prado Júnior em 1879, formando a Fazenda Guataparã.

momentos de superprodução, nas décadas de 1920 e 1930. Estas famílias (que também se tornam empresas) aliam – se ao mercado externo e à agroindústria, que se modernizou a partir da década de 1950, sendo impulsionados pelo Pró-Álcool, na década de 1970, como consta no Plano Regional de Ribeirão Preto (1978). Portanto, além de capital econômico, as famílias da região mantiveram um considerável poder político, a nível nacional, o que propiciou que se beneficiassem do projeto desenvolvimentista que norteou os rumos da economia brasileira e que ainda encontra ressonância nos modelos de investimento governamental e internacional.

A “Capital Brasileira do Agronegócio” gera empregos em ramos distintos da economia, não apenas no ramo de “agrobusiness”. O crescimento acelerado da construção civil estimulou a demanda de pedreiros, auxiliares de pedreiros, pintores, e outras profissões nas quais as pessoas que *saem* do Vale do Jequitinhonha já possuem experiência. Para além desse histórico de desenvolvimento, nos interessa aqui apontar as formas como os *moradores de Pinheiro* se relacionam com a cidade e com a vida que constroem ali. Adiante, gostaria de explorar essas posições, principalmente por meio das mulheres que chegaram a Barrinha recentemente.

Uma das características que mais impressionava essas mulheres era o fato de que *aqui quase ninguém é de Barrinha*, fato que constavam pelos diferentes sotaques que invadiam os ônibus nos quais se transportavam e nos lugares onde percorriam pela cidade. Curiosa com esse perfil da população que ali se instalava, apliquei um questionário entre aquelas que, como as mulheres de Pinheiro, se deslocavam diariamente para Ribeirão Preto. De acordo com os dados levantados²⁹, 33% das entrevistadas nasceram em Barrinha e 67% não, sendo oriundas de cidades dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Paraná, Maranhão, Goiás e Alagoas (em ordem crescente de ocorrências). Percebi que há recorrências não apenas entre estados, mas entre cidades, o que parece indicar tendências de deslocamento. Das 28 pessoas do estado de Minas Gerais, todas são naturais de 11 cidades da região do Vale do Jequitinhonha (Vide Tabela com a cidades de Origem, Anexo 1, pg. 171 dessa dissertação). Ainda mais notório é o fato de 21 destas 28 pessoas serem oriundas de 5 cidades da mesma sub-região, o Alto Vale do Jequitinhonha. Assim, Araçuaí, Turmalina,

²⁹ A ideia do questionário surgiu após a constatação que a grande maioria dos que se deslocavam nesse trajeto não eram nascidos em Barrinha e em grande parte eram mulheres, empregadas em atividades de cuidado doméstico, como as minhas interlocutoras. Para explorar esse perfil, foram aplicados 100 questionários entre os dias 22 a 25 de abril, no período de maior movimentação na fila de espera do ônibus que liga Ribeirão Preto à Barrinha, das 16:50h às 18h. Optei por entrevistar apenas mulheres, dado o tipo de perguntas que elaborei, pensando que o grande público desta fila é feminino, assim como as minhas interlocutoras em Barrinha. Ao traçar um perfil dessas outras mulheres, pressupunha que poderia achar aproximações e distanciamentos com o perfil encontrado entre as habitantes de Pinheiro.

Virgem da Lapa, Minas Novas e Chapada do Norte concentram parte considerável dos “mineiros” que responderam ao questionário. Do estado da Bahia, um terço das entrevistadas é natural do município de Ipirá, o que também parece ser uma tendência. Os demais estados não apresentam recorrências muito significantes entre as cidades.

Do total de entrevistadas, 81% têm filhos, sendo que em 91% delas residem com os filhos em Barrinha. Das 100 entrevistadas, 50% têm companheiro (30% são casadas e 20% são amasiadas), 37% são solteiras, 9% divorciadas e 4% viúvas. Do total, 37% vivem com os companheiros em Barrinha, todos os dias, o que demonstra que o perfil das mulheres habitantes de Pinheiro (que não residem diariamente com os maridos) não constitui um padrão entre as demais entrevistadas.

Quanto às atividades de trabalho, 51 % das entrevistadas declararam ser empregadas domésticas. Das demais ocupações citadas, as recorrências mais significantes são de diaristas, faxineiras e auxiliares de serviços gerais, que somam 19%; cozinheiras e auxiliares de cozinha, 9%, babás e cuidadoras de idosos que somam 7% (vide tabela completa das atividades de trabalho, no anexo 2, pg. 172 dessa dissertação). Portanto, a grande maioria das entrevistadas se empregam em atividades de cuidado doméstico, tal qual as habitantes de Pinheiro.

Do total de mulheres não nascidas em Barrinha, 67% já tinham conhecidos, amigos ou vizinhos em Barrinha e 80% já possuíam parentes em Barrinha, sendo que 79% vieram para Barrinha acompanhadas de alguém da família. Além desse deslocamento orientado por uma rede de parentes, amigos e vizinhos, as entrevistadas afirmaram, em 65% dos casos, que depois da chegada delas outros parentes vieram, formando arranjos variados de irmãos, cunhados, primos, tios, pais etc. Destaca-se que a vinda de irmãos é presente em 86% dos casos, seja apenas irmãos ou irmãos acompanhados de outros parentes.

Dadas as limitações de uma pesquisa realizada com a amostragem pequena e sem maiores cruzamentos ou uso de softwares, esses dados auxiliam a formar um perfil de uma população que eu ainda não conhecia, que embora não possibilite uma análise muito profunda, indica tendências e recorrências. As mais significativas delas falam sobre um tipo de deslocamento, orientado por vínculos com familiares, amigos e vizinhos, o que parece ser uma tendência não apenas entre as habitantes de Pinheiro. Chegar em Barrinha com parentes ou pessoas próximas e trazer outras não é um movimento particular, mas bastante generalizado. Faz-se interessante observar que Barrinha é constituída por estes arranjos, em que pessoas de origens distintas se mudam, trazendo outras, gerando um efeito propagador destas idas e vindas. Esta dinâmica influencia diretamente na estrutura da cidade, pensada a

partir das necessidades impostas para receber pessoas, seja por uma temporada ou por maior quantidade de tempo.

Assim, os imóveis seguem um determinado padrão, no qual cada lote é aproveitado ao máximo, criando uma série de residências. No geral, estes imóveis são horizontais, uma vez que Barrinha conta com apenas dois edifícios, de quatro andares cada, os quais foram inaugurados no ano de 2013. A maioria dos imóveis de Barrinha são construídos para abrigar três residências, uma maior e mais valorizada na frente do lote e mais duas *aos fundos*, para as quais há um portão lateral de entrada. Há ainda, pequenas vilas que abrigam uma sequência de *quartos*, uns paralelos aos outros e arranjos arquitetônicos mais criativos, como casas literalmente partidas ao meio. (Vide Foto 1 e Foto 2, pg. 174 dessa dissertação)

Segundo os interlocutores que já estão em Barrinha há cerca de 4 anos, a cidade tem passado por um processo de venda de loteamentos, surgindo novos bairros. Estes novos bairros são marcados por uma movimentação de obras e se apresentam como uma possibilidade para *sair do aluguel*, o que é almejado também pelos interlocutores de Pinheiro. Quando tem possibilidade de poupar, eles investem prioritariamente em imóveis. Há uma escala de investimentos, que se inicia com a construção e reforma da casa em Pinheiro, seguido da compra de um lote e/ou construção de uma casa na área urbana de Minas Novas e, atualmente, a compra de lote em Barrinha. São conhecedores de preços e de locais que são ou não interessantes para se morar. Avaliam com seriedade e prudência, cada local e cada tipo arquitetônico dos lotes e residências que vêm, gostam muito de falar sobre eles, seja em Pinheiro, *Minas Novas* ou em Barrinha.

Opto aqui por não chamar estes imóveis (nos quais residem em Barrinha) de casas, pois, dificilmente os interlocutores os classificam assim. Eles denominam suas residências pela quantidade de cômodos que possuem, e muito raramente as chamam de casa. Assim, falam de *quarto*, *dois cômodos*, *três cômodos*, *quatro cômodos*, *kitnet*. A maioria reside em *dois cômodos*, que na verdade, são três, pois, em nenhuma das classificações o banheiro conta como cômodo. Reitero que esta posição de não tratar os imóveis que residem como *casa* é uma posição tomada pelas interlocutoras e não por mim, que me surpreendi positivamente quando cheguei em Barrinha, uma vez que no discurso que ouvia em Pinheiro, estes imóveis pareciam possuir uma estrutura muito inferior à ali encontrada.

Mas, para além dos imóveis que ocupam em Barrinha, os interlocutores falam muito de suas casas em Pinheiro. Falam dos cômodos *preferidos*, dos hábitos ligados a cada *lugarzinho* da casa, da *falta* que sentem. Ativadas pela memória, estas casas em Pinheiro são habitadas pelas lembranças, revitalizadas em histórias e atualizadas por meio das notícias que

chegam pelas ligações telefônicas. Assim, tal como afirmado por Bahloul (1996), as casas são lugares da memória, ativadas em lugares e contextos diferenciados. No caso estudado pela autora, a casa Dar-Refayil consegue articular aspectos políticos e reinventar-se articulando tempos, que envolvem memórias de casas que já não mais são ocupadas.

E neste sentido, a distinção entre “ocupar” e “habitar”, realizada por Ingold (2011), faz sentido. Mesmo estando em Barrinha (onde me arrisco a dizer que ocupam estes imóveis, criam vínculos menos intensos e os pensam com uma “área”, nos termos de Ingold) os interlocutores habitam suas casas em Pinheiro, com as quais mantêm linhas de conexão, motivadas ainda por cuidados delegados a familiares que lá permanecem. Para Ingold (2011), a diferença entre “habitar” e “ocupar” permite que os movimentos sejam observados pelos tipos de relação que as pessoas estabelecem, em lugares distintos. Em uma “área ocupada” as pessoas não possuem vínculos e relações interconectados com uma alta densidade, não se interconectam com o lugar, como acontece em Barrinha.

Há um estímulo para que a mão de obra do Vale do Jequitinhonha seja deslocada para a região de Ribeirão Preto e esses deslocamentos ocorrem, mas não incidem no tipo de relação que eles estabelecem com o lugar de origem, o qual continuam “habitando”, apesar da distância. O Estado (por meio de agentes variados) tenta desterritorializar essa população, visando à criação de áreas econômicas fornecedoras de trabalhadores e outras receptoras, porém não consegue controlar e identificar as formas de interação entre esses dois lados. A permanência em Barrinha estimula a relação com Pinheiro, demarca as diferenças entre um *derradeiro lugar* e um *lugar da gente*. Esse movimento, que leva as pessoas para o *mundo* e as traz novamente, faz com que a cada retorno a alteridade seja observada e analisada, nunca subsumida ou obliterada.

O processo de “captura” empreendido pelo Estado não prevê as linhas de fuga e nem aquilo que interliga porções de territórios distintos, como Pinheiro e Barrinha. Essas pessoas reafirmam que continuam *morando em Pinheiro*, mesmo passando parte significativa do ano *para fora*, elas compreendem que existem processos sociais que não permitem a fixação em suas terras, mas não se envolvem com os territórios para onde vão da mesma maneira como seu lugar de origem. Eles compreendem o jogo de forças que as condições econômicas os colocam e agem de maneira a prover as condições materiais necessárias para manterem suas casas e seus *terrenos*, não tendo que se afastarem completamente da *vida da roça*.

Assim, as relações familiares e com o lugar de origem se fazem e refazem não em contraponto as saídas, mas compondo-as. Se, inicialmente me perguntava como elas se associavam, ao longo da pesquisa, pude observar que de forma alguma se excluem. Dada a

distância de *um derradeiro lugar* (onde se *está*) do *lugar da gente* (onde *moram*) as relações familiares se controem com múltiplos mecanismos de relação, como as frequentes relações telefônicas. Contudo, adiante, gostaria de apontar como centralidade dos retornos marca e demarca a materialidade necessária para a construção de novas histórias e lembranças.

1.3 Movimentos pelo *mundo* e nas famílias: Os desdobramentos de muitas *mexidas*

O mundo é um mundão... Essa é uma frase que me acostumei a ouvir quando chegava à casa de D. Maria de Joaquim, depois de temporadas longe de Pinheiro. Ela me recebia com a empolgação e com o relato de todas as conversas que tinha tido sobre mim com o Sr. Geraldo e a D. Maria, meus anfitriões, e com quem eu mantinha contato telefônico enquanto estava *no fim do mundo*. Ao longo dos anos, me acostumei a ser alguém do *fim do mundo*, pois, a primeira vez que ela me chamou assim, fiz uma expressão de curiosidade, me esforçando para compreender porque eu era do *fim do mundo*. Muito perspicaz, D. Maria de Joaquim percebeu minha expressão e me chamou até o fundo de seu quintal: *eu vou te mostrar onde está sua casa, sua mãe*, disse ela. Mesmo eu explicando que não residia com minha mãe, que morava em outra cidade, em outra casa, ela insistia que a minha casa era onde estava minha mãe e que ela sabia me mostrar onde se localizava. Ela me levou até seu *terreiro* e apontou para o ponto mais distante que a vista alcançou, entre uma gama de chapadas, afirmou que era lá, *no fim do mundo*, lá que era o *meu lugar*. Apesar de eu ter o meu *lugar*, *o mundo te trouxe até a gente*, afirmava ela. Este comportamento de D. Maria de Joaquim não é uma forma de desprezar minha cidade, chamando-a de *fim do mundo*, mas simplesmente uma maneira de falar que é um lugar que ela nunca foi, que é desconhecido e distante.

O mundo me foi apresentado assim. Ou, pelo menos, foi a primeira vez que me atentei para este sentido da palavra, utilizada com a maestria de D. Maria de Joaquim. Se há alguma delimitação geográfica sobre o que faz um *lugar*, isto se relaciona com uma casa e uma mãe, situados em algum ponto depois das chapadas. Porém, este lugar não se encerra em si mesmo, ele se abre para o *mundo*. *O mundo* me levou até Pinheiro, revelando que ele age e conecta lugares e pessoas. Porém, não foi naquele dia que compreendi detidamente como ele agia.

O que se entende por *mundo* também não parece ser algo óbvio, mas a palavra surge em uma enormidade de expressões, sempre indicando vastidão, amplitude, transbordamento de limites. Assim, a categoria *mundão* aparece em relatos sobre plantações muito grandes, a perder de vista, como o eucalipto plantado no entorno do município de Minas Novas, que é *um mundão de eucalipto*, ou em qualquer outro relato sobre algo incontável e imenso. Outra

associação corrente é a relação entre o inchaço de partes do corpo, principalmente da barriga que, quando inchada *vira um mundão*. Este inchaço é *mundão* porque na maioria das vezes, não se conhece seu motivo ou causa; é algo que não tem uma dimensão e nem uma origem ou fim determinável.

É esta indeterminação que faz com que as distâncias sejam colocadas neste universo imensurável, que é uma compreensão de que *o mundo é grande demais* e por mais que circulem bastante, ainda existem muitos outros lugares nos quais nunca circularam e não vão chegar a circular. Portanto, mais do que distância em quilômetros, *o mundo* corresponde a algum lugar indeterminado, do qual não se tem *sabedoria*.

Para alguns moradores, evangélicos da Igreja Assembleia de Deus, o *mundo* é também expressão de uma divisão entre categoria de pessoas: as da igreja e as do *mundo*. Aqueles que não *desceram nas águas*, por meio do batismo, são pessoas que se encontram sem o domínio de Jesus Cristo, são e estão *no mundo*. Para eles, são seres que estão *perdidos*, como *ovelhas desgarradas do rebanho*. Assim, não são *irmãos em Cristo*, como os demais membros da igreja, que se reconhecem como descendentes de Deus e de Abrão, que buscam a salvação e a terra prometida, após o juízo final. Essa divisão estabelece uma série de limites, como por exemplo, a restrição a namoros e casamentos com pessoas que são *do mundo*. Caso essas relações existam, o membro deverá ser *afastado*, sob perigo de contaminar a Igreja com a presença de elementos mundanos, poluidores do corpo e do espírito. O *mundo* para os moradores evangélicos é também indeterminado, mas entendido como negativo, perturbador. Nesse sentido, o *mundo* não possui uma relação territorial, ele pode estar em qualquer canto da casa ou da mente de uma pessoa, sendo propagado, por exemplo, por aparelhos televisores³⁰ e outros meios de comunicação.

Apesar de seus diversos sentidos, o *mundo gira, o mundo gera, mexe, está tudo mexendo* e mesmo que se esteja em Pinheiro, *a vida nunca está do mesmo jeito*. Essa indeterminação traz o movimento como constituinte da existência, como fator incorporado ao cotidiano e a rotina ordinária. Assim, é comum que ao serem perguntados se vão a algum lugar ou evento, os *moradores de Pinheiro* respondam que se estiverem vivos irão, ou *se Deus permitir* eles se *apresentam*. Por mais que estejam com a saúde intacta e que já tenham planejado com quem, como e quando irão se deslocar, eles jamais afirmam imediatamente que

³⁰ Os *moradores de Pinheiro*, evangélicos ou não, tendem a não assistir a Rede Globo, que no início dos anos 2000 exibiu uma reportagem na qual eles se sentiram ofendidos. Segundo eles, a matéria teria estabelecido uma série de críticas aos quilombolas e as suas *lutas*, desvalorizando-os indiretamente, já que entendem que todos os quilombola estão na *mesma caminhada*.

irão, pois pensam em imponderáveis que podem impedi-los e em movimentos da vida e do *mundo* que influenciam diretamente suas decisões.

Nesse universo de *giros*, a casa se opõe ao mundo (por não ser uma vastidão ou ser algo determinável e delimitado), mas ela também não é completamente fechada, estática e de apenas um tipo. Em Pinheiro, as diversas *saídas* propiciam um vocabulário variado de identificação das casas, como *casa fechada*, *casa abandonada*, *casa derrubada*, que são associadas a movimentos não só de deslocamento, mas também do ritmo das relações estabelecidas com os familiares. Há uma gama de possibilidades forjadas e produzidas não apenas nos deslocamentos físicos, mas principalmente nos movimentos relacionais. A dimensão elástica das famílias é ilustrada por essas relações com casas e parentes, em distintas fases de aproximação, distanciamento, estabilidade.

Cotidianamente, estas casas são marcadas por fluxos, por encontros para realização de determinadas atividades, por mulheres e crianças que se dividem entre suas casas e as dos outros parentes. Dada a formação do território de Pinheiro, por meio de *terrenos* familiares e a tendência à virilocalide, as mulheres que se casam com homens de Pinheiro são familiarizadas por meio da convivência, principalmente com as casas das familiares situadas no mesmo *terreno*, especialmente a da sogra. Uma série de atividades coletivas de trabalho, denominadas de *divertimento*, auxilia nesta formação de vínculos, como a fabricação de farinha, de rapadura, de açúcar, abatimento de animais, produção de pães e biscoitos, carregamento de lenha, plantações, dentre outras. Na atmosfera do *divertimento*, as hierarquias etárias (principalmente entre noras e sogras) parecem ser menos marcadas e dilemas podem ser colocados e discutidos, posições e visões compartilhadas, alargando a margem de permissividade sobre o que se fala, o que se propõe, como se julga. São momentos de aproximação, em que se produz familiaridade, em que através da *ajuda* se reconhece *com quem se pode contar*.

Esse trânsito entre casas, principalmente para realização de atividades de trabalho, por meio da *ajuda*, é fundamental para a produção da família, para a aproximação de seus membros. Não apenas as atividades coletivas estimulam esse movimento, mas também as diárias e de responsabilidade da *dona de casa*, que pode sempre ganhar uma *ajuda* de uma cunhada, sobrinha, sogra ou vizinha de outro *terreno*, que *passa* em sua casa, ou que está menos atarefada e se predispõe a *ajudar*. Muito dessa circulação se dá por métodos de controle e observação distintos sobre a vida dos outros moradores, os quais envolvem o olhar atento, o discernimento de sons, a circulação de notícias através das crianças e dos que

caminham e param por algum motivo específico em determinada casa, que são sempre indagados: “*Ê fulana, tava fazendo o quê na casa dela?*”

Cada casa possua no mínimo três caminhos de chegada, atalhos construídos para facilitar o acesso dos parentes do *terreno* à casa, que não apenas facilitam, mas indicam o grau de intimidade de quem chega, dependendo de onde ele *passa*. *Passar pela rodagem* (que é a estrada que corta a *comunidade*) é um indicativo de caminho menos familiar, geralmente acessado pelos que não são *de casa*. Esse movimento se intensifica nos finais de ano, quando o *tempo das águas* traz maior movimento às casas e à localidade. A grande maioria dos que *sairam* retorna a cada *tempo das águas*, *enchendo de gente e alegria* tanto as casas quanto o *lugar*.

Contudo, uma parcela diminuta dos que ali nasceram continua *para fora*, repetidos anos, sem voltar a Pinheiro. Como disse o Sr. Geraldo, a *casa raiz* dispersa e *reúne*, mas não são todos que *reúnem* anualmente em Pinheiro, na temporalidade do cerrado. Esses parentes ficaram mais evidentes a mim quando comecei a construir genealogias das famílias que visitava e notei que alguns membros surgiam apenas naquele momento de exposição de laços biológicos – eram nomes que não me remetiam a nenhum rosto ou casa, mas também não conseguia muitos detalhes, percebendo que estavam envoltos em algum tipo de tabu, que não me era acessado. Assim, sempre ouvia sobre certos membros de algumas famílias que *sumiram pelo mundo*, mas nunca tinha me deparado com nenhum *sumido* e as informações sobre eles eram esparsas e limitadas.

Podiam ser ascendentes (geralmente tios e, em um dos casos, o pai) ou descendentes que eram lembrados com a voz sussurrada, o olhar cabisbaixo e algumas vezes seguidos de explicações curtas. *Esse foi e nunca mais voltou, está sumido*. Poderiam me falar da última notícia que tiveram, geralmente através de algum vizinho ou parente que encontrou o *sumido* nos lugares que esteve a trabalho ou sobre quantos anos ele estava *para fora*, todavia, evitavam narrar detalhes sobre a pessoa ou suas relações com a família.

Aos poucos, fui compreendendo que ter um parente *sumido* não é ser isento de informações sobre ele. O termo refere mais diretamente ao fato dele não retornar, de não se *reunir* fisicamente em Pinheiro, no *lugar da gente*. O uso da palavra *sumido* é uma armadilha, pela qual o antropólogo que fala a mesma língua de seus interlocutores está sujeito a ser capturado. Apesar do esforço de apreender a linguagem ali praticada, com palavras, expressões e dizeres próprios da região – que eu não partilhava – com o tempo me atentei para as palavras que eram as mesmas usadas por mim, porém, com sentidos outros. Um parente *sumido* pode ter se encontrado com outros parentes que estavam *para fora*, pode ter realizado

alguma ligação em uma data comemorativa ou ter enviado um presente para os que ficaram em Pinheiro. O quê o diferencia é o fato de ter *saído* e não ter feito uma viagem de retorno, de não manter relações frequentes pelos meios de comunicação existentes, de não partilhar de problemas cotidianos, não se *reunir em roda do fogão*³¹ de sua casa.

Esses sentidos atribuídos ao termo ficaram mais claros quando estive em Barrinha. Enquanto caminhava com minhas interlocutoras pelas ruas da cidade, eu descobria uma série de *sumidos*, aqueles que eu já tinha ouvido o nome nas genealogias, mas não tinha muitas informações sobre eles. *Aquela entrada dá para os dois cômodos do filho sumido de Lina*, ou *aquela ali é neta de Dolores, filha do filho sumido dela*. Para mim era estranho que os *sumidos* fossem localizáveis, pois, isso me indicava que eles eram mapeáveis, e que o sentido da palavra não era o que vinha de imediato à minha mente.

Quase todas as famílias de Pinheiro possuem no mínimo um filho ou parente *sumido*. Os *sumidos* são preferencialmente homens, que *saem pelo mundo* e se *desgarram* da família. A ausência de ligações, cartas ou envio de notícias pode se estender por décadas, mas isso não implica em uma quebra de vínculos decisiva; eles podem retornar a qualquer momento e estabelecer relações com os parentes e o local. Os *sumidos* passam muito tempo sem retornar a Pinheiro, o que gera um distanciamento que dificilmente será esquecido. Os parentes tem muita *alegria* de reencontrar os *sumidos*, mas dizem não manter o mesmo tipo de relação que mantêm com aqueles que estão sempre por perto, *com quem se pode contar*.

A primeira vez que me atentei para isto foi quando cheguei a casa de Ester, em Barrinha, e ela ao me apresentar os seus *dois cômodos*, tranquilamente me foi contando a história dos seus móveis, de como ela estava montando sua residência. Assim, tinha comprado a televisão e o fogão, o seu guarda-roupas tinha sido doado por sua cunhada, sua cama por seu irmão, e sua geladeira por Valter. Eu, sem saber de qual Valter se tratava, tentei estabelecer uma relação com um tio seu, que conhecia. Logo ela me disse que eu estava confundindo, era Valter seu irmão que *tinha ficado sumido*. Ela tinha se reencontrado com ele quando chegou a Barrinha, depois de onze anos sem vê-lo e dez sem manter contatos telefônicos. *Valter é um malandro, sumiu pelo mundo afora e deixou a gente sem notícia nenhuma*. Valter foi reencontrado pelos irmãos de Ester, quando chegaram em Barrinha e foram buscar informações sobre ele, com os contrerrâneos. Descobriram que ele estava em Guariba, cidade vizinha a Barrinha e desde que se reencontraram mantêm relações estreitas, com visitas esporádicas, ligações e auxílios.

³¹ No capítulo 3, os sentidos em torno da *reunião em roda do fogão* da casa serão melhor explorados. Adianto aqui que esta é uma prática central na construção da pessoa e das relações familiares.

O reaparecimento de Valter o levou até a Pinheiro em dezembro de 2013, juntamente com os irmãos. Esse fato foi decisivo para que Ester não o chamasse de *sumido* no presente, mas se reportasse a nomeação no passado. Ele *tinha ficado sumido, agora apresentou de novo*. O retorno de Valter cria um reordenamento das relações familiares, ele modifica o que existia, desestabilizando um quadro de convivialidade que *não contava* com sua presença. Muitas histórias deixaram de ser partilhadas com ele, mortes aconteceram, nascimentos, casamentos, divórcios, doenças, dentre outros. Por mais que ele tivesse algum tipo de acesso a notícias dos familiares por vizinhos da região que se encontravam com ele, ele não tinha *ligança com seu povo*, o que impactava nas relações travadas em seu retorno e em outras relações, que ele ativava.

Um exemplo é a ligação entre sua namorada e seus parentes. Conjuntamente com a descrição sobre as doações de móveis que recebeu em Barrinha, Ester ia me revelando suas relações cotidianas, dizendo quem era mais *unido* com ela, com quem se encontrava mais, com que frequência. Valter ela não via muito porque ele permanecia todo o tempo de serviço em Guariba e vinha em Barrinha nos feriados, ou em alguma data especial. Mas, a namorada dele, Diana, era *muito unida com ela, como uma irmã*. Foi Diana que ela chamou em sua casa quando eu cheguei, pois, precisava me apresentar a ela *ligeiro*, para eu ir *tomando sabedoria do jeito dela*. Diana tinha conseguido o emprego para Ester, lhe ensinado a *andar em Ribeirão Preto*, lhe instruindo das leis trabalhistas que lhe eram úteis na sua função de empregada doméstica. Diana era a referência para Ester em Barrinha, mesmo ela tendo irmãs e cunhadas por perto. A amizade das duas fez Diana ir até Pinheiro no *tempo das águas* de 2014, levando dois de seus filhos e passando o Natal e o Ano Novo *reunida* com a família de Ester, caminhando entre as casas dos parentes com ela, *ganhando sabedoria sobre o lugar*.

Digo que Diana foi a Pinheiro juntamente com Ester porque era assim que ela definia sua viagem. Neste período, sua relação com Valter não era colocada como principal vínculo estabelecido com algum habitante de Pinheiro. Ela falava que tinha ido *conhecer a casa da Ester*, e não fazia menções diretas ao namoro com Valter; a todos se apresentava como *amiga de Ester*, apesar de o namoro ser de conhecimento generalizado entre os *moradores de Pinheiro*. A intensidade da relação entre as duas, que se *consideravam como irmãs* e acabavam por ser mais próximas entre elas do que entre as irmãs de sangue, é uma das consequências de Valter ter se *apresentado*, para mim a mais visível.

Valter não era o único irmão *sumido* de Ester. Leonardo é outro que continua *sumido*, pois se encontrou com os irmãos em Barrinha, mas ainda não se *apresentou* em Pinheiro. Ester não conseguiu me dizer ao certo quanto tempo ele não retorna, mas disse que já não se

lembrava do rosto dele, pois quando ele *saiu* ela era criança. Quase trinta anos os separavam e o reencontro foi na *casa* dele, em Barrinha. Leonardo não vive em *cômodos*, mas tem uma *casa*, onde reside com a esposa e suas duas filhas. Ester não as conhecia, apesar da esposa de Leonardo ser de uma localidade próxima a Pinheiro e ter se casado com ele quando já estava *trabalhando fora*. As filhas dele têm 19 e 21 anos, e fazem parte da diminuta parcela da população que nasceu em Barrinha. Elas não possuem vínculos relacionais com o território de Pinheiro, não conhecem a avó e os demais tios, não *andaram* por lá. Leonardo possui *casa* em Barrinha, não em Pinheiro.

Os vínculos entre Ester e Leonardo são menos intensos do que os com Valter. Eles não se falam pelo telefone, se encontraram uma única vez e Ester diz nem saber onde a casa dele fica, pois, ela *não sabe andar em Barrinha*, não consegue identificar as direções da cidade, os pontos de referência, os caminhos por onde deve passar. Mas, além disso, não houve uma empatia que a fizesse *guardar o caminho*, como fez com outras casas que visita. Ela diz não compreender porque uma pessoa *esquece da família, fica sem procurar, sem voltar para a casa*. Apesar do sangue que os *une*, ele não dá *ligança* para a mãe e os irmãos, não se *reúne* com eles, que não tem *sabedoria da vida e do jeito* dele.

O exemplo dos dois irmãos de Ester é ilustrativo das relações que podem ser desenvolvidas a partir do retorno ou não ao *lugar da gente*. Em ambas, nada ainda está definido, pois, relação nenhuma e vida alguma permanece *do mesmo jeito*, como já discutimos. Leonardo ainda não se *apresentou* em Pinheiro, mas nada o impede que o faça. Os encontros com os irmãos em Barrinha auxiliam no estabelecimento de vínculos, mas não preencheu um espaço de ausências por quase três décadas, que enfraqueceu os laços existentes entre eles. Quando Ester o reencontrou disse que ele era *quase que um estranho para ela*, pois sua imagem perdida nas lembranças de infância não falava muito sobre o que os *unia*. Se, no fim o que os *unia* era o sangue, neste momento ele se enfraquecia, pois outras relações, não consanguíneas, tomavam uma dimensão mais central em seu cotidiano. Um bom exemplo é Diana, que Ester não titubearia em afirmar que é bem mais *unida* a ela.

Foi preciso Ester ir até Barrinha para reencontrar os irmãos. O município recebe grande número de pessoas da região do Vale do Jequitinhonha, que se encontram e travam amizades, reestabelecem contatos com conhecidos e parentes, casam entre si. Roberto, que está *sumido pra Barrinha* há 14 anos é um dos *moradores de Pinheiro* que lá se encontrou com os vizinhos, amigos, parentes e também teve um relacionamento amoroso com Luiza, natural de Curralinho, localidade que faz divisa com Pinheiro. Eles tiveram um filho, Luizinho, que está com dois anos. Luiza retorna anualmente a Curralinho e leva a criança até

Pinheiro, na casa da avó, mãe de Roberto. A visita de Luiza com Luizinho acaba por fazer com que Roberto reapareça nas conversas, nos comentários e na rotina da casa de sua mãe, que *anda* com Luizinho pelo seu *terreno*, cozinha para ele, o deixa brincar com suas criações. Luiza diz que o leva até lá para ele ir *tomando sabedoria* da avó e da casa dela, uma tentativa de aproximação dela e da criança para com a sogra e avó.

O próprio verbo *apresentar*, utilizado para demarcar a aparição ou presença de alguma pessoa, animal ou coisa nas casas de Pinheiro já demonstra uma imprevisibilidade natural que cerca o cotidiano das casas. É comum que quando começam a contar sobre a visita de alguém, falem que estavam em casa, deem informações sobre qual horário do dia era, o que estavam fazendo e só depois falem que o visitante se *apresentou*. Assim, ouvi minha chegada sendo narrado por Célia a sua sogra: *Ô minha sogra, eu estava lá em casa antontem, era boca da tarde, estava descascando andu. Vi alguém chamando, era Yara, que apresentou lá*. A forma de narrar minha *apresentação*, que era algo ordinário, pois visitava Célia regularmente às tardes, demonstra como mesmo os movimentos mais esperados, são tomados como incertos, em um *mundo* de muitas *mexidas*.

Os giros na vida são tantos que algumas *apresentações* extraordinárias, como as dos *sumidos*, podem alterar até mesmo a paisagem de Pinheiro. O caso do Sr. Túlio, que tinha permanecido oito anos em Barrinha, sem retornar a Pinheiro, sem manter vínculos com os parentes por ligações telefônicas, cartas ou envio de presentes e encomendas, é ilustrativo. As relações ficaram adormecidas e quando soube do falecimento da cunhada (por vizinhos de Pinheiro que estavam em Barrinha), voltou para visitar o irmão e rever os familiares. Nos quinze dias que ficou em Pinheiro, visitou sua casa, *destampou* a vegetação que encobria os caminhos até o imóvel que estava *abandonado*. Quando percebi que ali existia outra casa – porque até então eu nunca a tinha avistado, nos cinco anos que *caminhava* por Pinheiro – recebi a resposta que era a casa de Túlio, que agora estava *destampada*. Também as relações com Túlio estavam destampadas, por assim dizer, fazendo uma comparação com a nomeação de sua casa. Após seu retorno, os familiares voltaram a se falar por telefone, periodicamente, e o irmão o enviou um requeijão amarelo, típico do local, para Barrinha, em agradecimento pela visita e demarcando uma aproximação com o irmão.

No caso dos *sumidos*, *apresentar* em Pinheiro é sempre uma possibilidade, pois, o vento pode os trazer de volta, *reuní-los em casa*. Uma vez *reunidos*, o que pode se desenhar também é totalmente imprevisto. No *tempo das águas* de 2014, acompanhei a *apresentação* de Genésio, que estava quinze anos sem retornar a Pinheiro. Sua chegada causou *muito falatório* entre os moradores, que selecionavam causos que viveram com ele, comentavam

sobre seu *jeito* de falar, suas características, dentre outros elementos que vinham às mentes de cada um daqueles que conviveram com ele. Genésio andava por Pinheiro incessantemente, demonstrando que ainda se lembrava dos *caminhos, carreiros, trilhas* que ligavam um terreno ao outro, e os *terrenos* à estrada. Essa demonstração de *sabedoria sobre o lugar* encantou os moradores, que o acolheram com entusiasmo. Ao fim de sua visita, que durou uma semana, ele anunciou que desejava se mudar para o município de Minas Novas, e que iria retornar em julho para comprar uma casa na *cidade*, a zona urbana do município. Se Genésio realmente fará a compra, nenhum morador pode afirmar, dadas as *mexidas do mundo, a gente nunca sabe o que será do dia de amanhã*. Porém, apenas pela possibilidade, seus familiares ficaram satisfeitos, pela *lembrança e consideração* que Genésio demonstrou *com o lugar*. Mesmo anunciando que não deseja residir no *terreno* da família em Pinheiro, afirmando que seus problemas de saúde não o permitem *morar na roça*, seus familiares se animam com o fato dele *ainda saber andar por ali tudo* e por ter *apresentado no lugar da gente*.

Assim, a relação entre o *mundo* e as famílias é estreita e não pode ser entendida apenas pela subtração. O *mundo* leva as pessoas, mas também as traz, interfere nas relações estabelecidas nas casas, na localidade, nas histórias das famílias e até nas genealogias. Esse agente, marcado pela imprevisibilidade, apesar de ser indeterminado não é apenas negativo. É no *mundo* que as relações são travadas, é indo para o *mundo* que as pessoas vão demonstrar quanta *ligança* expressam pelos parentes, se saberão voltar e *reunir* novamente. Se o *mundo* testa as pessoas, ele também permite que elas aprendam, que *ganhem sabedoria* e que até mesmo valorizem ainda mais o *lugar da gente*, a casa em que se *mora*, aumentando o cuidado e atenção com os familiares, em alguns casos.

O *mundo ensina*, e ensina de maneiras múltiplas, bastando apenas se lançar em um universo desconhecido para poder aprender algo que não era conhecido. Essa relação entre *andanças e sabedoria* me foi inicialmente apresentada por meio das *saídas para trabalhar*. Fiquei curiosa com essa relação e fui em busca dos elementos não econômicos que motivavam essas *saídas*, pois percebia não era apenas o dinheiro que explicava esses deslocamentos, por mais que ele fosse um vetor que também os justificassem. Contudo, foi nas falas sobre a associação quilombola que compreendi o quanto essa conexão entre *andar e ganhar sabedoria* extrapola os deslocamentos para atividades de trabalho. *Andar para ganhar sabedoria* é mais amplo do que *sair para trabalhar* e a associação quilombola local é uma das portas que se abrem para o *mundo*. Como todas as casas, a sede da associação também está exposta a esse agente, permeada pela possibilidade latente do desconhecido, do indeterminado, da vastidão. Porém, essa abertura é ainda mais expressiva, uma vez que

diferente das casas, a sede da associação nasce para permitir a conexão com o *mundo*, para extrapolar os limites da localidade, para explicitamente agir com o público, com a política, com o *povo dos projetos*. E é sobre isso que gostaria de me deter adiante.

1.4 Movimento quilombola: *Andando com a associação, ganhando sabedoria*

Em Pinheiro, o processo de reconhecimento como quilombolas se iniciou com as discussões do Cedefes junto à *comunidade* vizinha, Macuco. As palestras e o envolvimento de alguns *moradores de Pinheiro* com o conteúdo do movimento quilombola os fizeram dar sentido aos diversos relatos de que em tempos passados seus ancestrais haviam sido escravos, empregados em fazendas da região ou no garimpo – que era a principal atividade vigente no período imperial, quando o Rio Fanado se destacou na exploração aurífera. Com a decadência provocada pela escassez do ouro, muitos deles se instalaram nas terras da região e aos poucos foram formando os *lugares*, dentre eles, Pinheiro. A origem da ocupação não é datada ao certo pelos moradores. Eles calculam em torno de 200 anos de permanência no território, mas dizem não *saber* a história do momento exato em que o lugar se formou e o porquê do nome. Dizem que o nome deve ter se originado da abundância de espécimes da árvore Pinheiro Bravo, que existiam ali antigamente. Mas não afirmam que este seja o porquê, já que disso eles *não têm sabedoria*. Assim, não há um mito de origem ou uma história de ocupação partilhada, mas um reconhecimento com as formas de ocupação que se relacionam com esta presença de mão de obra escrava no Alto do Vale do Jequitinhonha.

Macuco, Pinheiro, Mata Dois e Gravatá são quatro localidades que formam uma associação local, a Associação dos Moradores e Produtores Rurais das Comunidades de Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá (APROMPIG), desde 1996. A APROMPIG surgiu da iniciativa dos moradores de se institucionalizarem politicamente, estimulados pelas CEBs, que marcaram presença na região desde 1979. Segundo as lideranças da Aprompig, eles fundaram a associação porque observaram que era necessário *fazer reunião*, que só assim poderiam *melhorar a vida na roça*, em um momento político em que os programas sociais do governo federal eram bem menos efetivos³². As primeiras reuniões da APROMPIG eram

³² A aposentadoria rural e o Programa Bolsa Família são sempre citados como marcos de mudança, assegurando mais acesso a bens de consumo e a uma vida *menos apertada*. Aqui, encontro ressonâncias com a pesquisa de Teixeira (2014), que observou o impacto do Bolsa Família e dos cartões de auxílio do governo federal na vida dos moradores do Vale dos Inhamuns, sertão cearense. Em Pinheiro, as políticas de assistência social possibilitaram a melhoria das condições de acesso a bens e serviços básicos, gerando ainda *mais movimento*, por

realizadas no espaço escolar da *comunidade* de Macuco ou debaixo de uma mangueira, quando não conseguiam a chave do local ou se desentendiam com os responsáveis pelo espaço. Neste início, cada membro auxiliava com uma contribuição mensal de cinquenta centavos, destinados para despesas burocráticas, documentações ou serviços a serem contratados. Essa contribuição, apesar do valor simbólico, gerava ainda muita inadimplência, dada a pouca valorização das *reuniões* por parte de muitos moradores, segundo se relata agora. O período inicial da APROMPIG é sempre evocado por suas lideranças, que com esses detalhes tentam reforçar as dificuldades encontradas para o engajamento em atividades políticas e o *sofrimento* que muitos deles passaram nesta *caminhada com a associação*, que já esteve à beira da dissolução em muitos momentos. Inicialmente, ela reuniu 70 membros, mas com a falta de recursos para projetos efetivos chegou a estar reduzida a 20 membros, em períodos críticos na adesão.

Quando tomaram conhecimento do movimento quilombola³³, essas lideranças da APROMPIG promoveram uma série de discussões sobre o tema e levaram aproximadamente dois anos (de 2003 a 2005) para resolver acrescentar ao nome da associação o termo “quilombola”, embora sem alterar a sigla anterior. Essa mudança ocorreu em uma assembléia extraordinária e foi registrada em cartório, possibilitando assim a requisição do reconhecimento da Fundação Cultural Palmares. Segundo aquelas lideranças, a inserção no movimento quilombola era vista como uma possibilidade de acesso a políticas públicas específicas, principalmente as ligadas à geração de renda e educação.

Em 20 de janeiro de 2006, o Diário Oficial da União publicou a certificação concluída pela Fundação Cultural Palmares. Apesar de o processo ter sido elaborado em parceria, incluindo as quatro *comunidades* representadas pela APROMPIG, o documento foi emitido com um erro, certificando como quilombola apenas a *comunidade* Macuco, apesar da documentação apresentada também incluir os processos das outras três *comunidades*

meio das idas e vindas até a *cidade*, para recebimento mensal dos benefícios, consultas médicas das crianças, cadastros e atualizações dos dados dos programas.

³³ No Vale do Jequitinhonha, esse processo de politização ganha maior fôlego a partir da primeira década dos anos 2000, relacionado em grande medida à execução do “Projeto Quilombos Gerais”, organizado pelo Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES), em cujo âmbito iniciou – se, em 2003, uma pesquisa de registro histórico e de levantamento das condições sociais dessas comunidades na atualidade. Além disso, o CEDEFES realizou um trabalho de motivação para a oficialização do auto – reconhecimento das localidades que declaravam ter este histórico quilombola, promovendo encontros e palestras para falar sobre o significado (político) do termo, quais os direitos que poderiam ser reivindicados pelas comunidades quilombolas, quais os trâmites legais necessários ao reconhecimento oficial dessa condição, entre outros então abordados. Deste trabalho de assessoria e documentação, surgiu um levantamento realizado (CEDEFES, 2008), segundo o qual o Vale do Jequitinhonha é a segunda região de Minas Gerais com maior número de *comunidades quilombolas* reconhecidas ou em processo de reconhecimento, destacando-se os municípios de Berilo, Chapada do Norte e Minas Novas. Minas Novas abrange atualmente cerca de 120 localidades rurais, habitadas por 75% do total de 33.000 mil moradores do município, segundo IBGE (2014).

(Pinheiro, Gravatá, Mata Dois). Este erro foi descoberto apenas em 2012 – quando uma proposta de projeto com a Caixa Econômica Federal não pode ser executada nas três comunidades em questão – o que motivou um novo contato com a Fundação Cultural Palmares. No dia 25 de junho de 2014, os técnicos da Fundação, responsáveis pela certificação, visitaram as três comunidades e lavraram outra ata, encaminhando um novo processo de certificação, que está para ser publicado no Diário Oficial da União³⁴.

Apesar do reconhecimento, os *moradores de Pinheiro* e também das outras três *comunidades* não requisitaram e não manifestam interesse em requisitar a titulação de seus territórios junto ao INCRA. Desde os primeiros períodos de meu trabalho de campo em Pinheiro, em 2009, os moradores, de forma geral, incluindo as lideranças da APROMPIG, foram enfáticos em afirmar que a terra não é uma questão de luta ou de reivindicação para eles. Apesar de terem pleno conhecimento sobre as legislações em vigor sobre o tema – como o Art. 68 do ADCT e o Decreto 4887/2003³⁵ – e de compreenderem que a titulação dos territórios é a pauta principal do movimento quilombola nacional, os *moradores de Pinheiro* seguem a lógica territorial vigente em grande parte do Alto Vale do Jequitinhonha, que é o sistema da *terra no bolo*³⁶. Por mais que estejam cientes do direito assegurado pela Constituição Federal, eles não pretendem se desvincular do padrão informal regido por uma lógica da herança, em que a terra permanece sob o controle de uma só família, autônoma quanto à sua posse e quanto à distribuição entre seus membros dos *terrenos* destinados à

³⁴ O prazo estimado pelos funcionários da Fundação Cultural Palmares para publicação no DOU foi de 15 dias, mas até o momento não foneceram mais informações sobre o processo aos moradores. Além disso, anunciaram que realizariam uma festa para comemoração ao recebimento do novo documento, evento estimado para o segundo semestre de 2014, e que ainda não foi remarcado.

³⁵ A partir do processo Constituinte, a noção de quilombo começa a alargar-se nas discussões acadêmicas e políticas, afastando-se gradativamente da imagem que os liga imediata e primordialmente a agrupamentos de negros fugidos. Por meio da pressão política de grupos militantes, os quilombolas são inseridos na Constituição Federal de 1988 por meio artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que determina: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir – lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Apesar da conquista, a historicidade embutida na conceituação dos quilombolas é evidente, como podemos observar pelo uso do termo “remanescentes”. Os artigos 215 e 216 também contemplam estas “comunidades” e, da mesma forma, explicitam essa visão historicista do conceito de quilombo. O processo de ressignificação do termo foi sendo ampliado e construindo novos agenciamentos simbólicos após estas legislações. Aos poucos, as “comunidades” quilombolas começam a ser entendidas como coletividades mobilizadas politicamente em torno de uma identidade étnica, com um conteúdo menos histórico e mais identitário e o conceito foi sendo “ressemantizado”, como afirma Arruti (2008), um conceito em disputa, aberto, em processo. Faz-se interessante observar o conteúdo da conceitualização utilizada no decreto 4887/2003, que tem como objetivo regulamentar o Art. 68 do ADCT, já citado. Assim, critérios mais antropológicos são mobilizados, como a auto-atribuição: Art2º – “Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico- raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com resistência ‘a opressão histórica sofrida’”. (BRASIL, 2003).

³⁶ A *terra no bolo*, tal como explorado por Galizoni (2007, p. 16) se torna um bem patrimonial, deixado e repassado pelos ascendentes ao descendentes, o que faz do “dono da terra, antes de tudo, um herdeiro e a terra é principalmente, um patrimônio formado pela família”.

moradia e ao cultivo. Cada família é responsável por seus *documentos de terra*, que são declarações de medida e confrontações de seus *terrenos*, declarados para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Minas Novas. Essas medições também já foram fruto de projetos do Sindicato, mas se deram principalmente por meio da ação do Instituto de Terras de Minas Gerais (ITER-MG), que promoveu medições em todos os *terrenos* da localidade e da região no ano de 2009. Apenas um morador possui escritura de suas terras, atitude que não é encarada como necessária.

A decisão dos *moradores de Pinheiro* de não requerer a titulação de suas terras junto ao INCRA me parece uma ação política no sentido de impedir um esquadramento estatal de seus *terrenos*, sempre geridos por uma gestão familiar e tomados como algo muito mais ativo e vivo que uma porção delimitada do espaço de que se dispõe da propriedade. Eles temem que o controle e gestão interna da localidade sejam subsumidos em detrimento de uma lógica estatal, que trata a terra apenas do ponto de vista demarcado, delimitando-a geograficamente e classificando-a. Vejo aqui uma aproximação com a forma como Deleuze e Guatarri (2012) classificam o principal mecanismo de ação do Estado, o de transformação dos movimentos existentes, controlando-os, delimitando-os, atitudes que são ainda mais evidentes no caso dos territórios, constantemente esquadridados. Para os *moradores de Pinheiro*, a condição colocada para inserção no *movimento* quilombola foi a manutenção do sistema de *terra no bolo*, o que permitiria um pertencimento local e de grupo, baseado no *lugar*, que rege práticas e relações ordinárias do cotidiano. No dia a dia há pertinência não apenas em pertencer à *comunidade* de Pinheiro, que passa a ser chamada de quilombola, mas também (e talvez sobretudo) à família da qual se faz parte, ao *terreno* que se ocupa, todas essas subdivisões sócio territoriais internas a Pinheiro. E além disso, na direção contrária, Pinheiro torna-se parte de – ao mesmo tempo foco e ponto de vista sobre – uma rede mais alargada de pertencimentos que inclui localidades vizinhas, uma região e pontos mais dispersos no espaço, como Barrinha, no interior de São Paulo.

Contudo, esse posicionamento deve ser contextualizado, uma vez que a situação ali existente se distingue de muitos outros contextos brasileiros em que a titulação das terras é fundamental para a manutenção dos modos de vida locais. A região não enfrenta uma pressão fundiária que desestabilize o cotidiano e somente por isso eles podem escolher, nesse momento, por não requerer a titulação de suas terras. A crítica colocada por eles aponta para um único modo de operacionalização do Estado, que não percebe as diferenças de gestão local de um território para o outro e nem as distintas demandas dos grupos sociais. Porém, nada os impede de repensarem essa decisão caso estejam expostos por qualquer ameaça às suas

condições de vida, o que é sempre possível de acontecer com populações tradicionais, altamente pressionadas por empreendimentos que instrumentalizam a condição desses grupos que não lidam com a lógica mercantil da propriedade privada. Assim, a etnografia aqui apresentada se distingue de outros contextos em que a luta quilombola é o foco dos interlocutores, uma vez que as vidas dos *moradores de Pinheiro*, bem como seus costumes e a relação deles com o território não estão diretamente ameaçados. Porém, de maneira alguma, isso sinaliza uma desvalorização dessa *luta* e um questionamento de sua legitimidade. Os diversos trabalhos que apresentam esse enfoque permitem um claro panorama das múltiplas formas de abuso que essas populações sofrem cotidianamente, expressas de maneiras inimagináveis.

Os *moradores de Pinheiro* também reconhecem esse contexto nacional de pressão fundiária sobre os quilombos e se solidarizam com as violências explícitas que ameaçam não apenas os territórios, mas as vidas dos quilombolas. Na pesquisa de Iniciação Científica, observei que informalmente a condição quilombola pode ser apontada como característica de outros territórios, sejam as localidades vizinhas; comunidades de seus *companheiros na luta*, aqueles que foram conhecidos em eventos que participaram; ou os casos que ficam conhecidos através da mídia. Nos cultos realizados na igreja local, uma filial da Igreja Assembleia de Deus, a condição quilombola é equiparada à condição de Israel na “*busca pela terra prometida*”. Mas ela não se aplica à própria *comunidade* de Pinheiro: eles oram pela situação de Brejo dos Crioulos, *comunidade quilombola* no norte de Minas que ficou marcada pelos conflitos territoriais. Vale ressaltar que o fato de a condição quilombola ser contextualmente atribuída a outros grupos não faz com que os moradores não se identifiquem como quilombolas. Ao contrário, suas práticas discursivas explicitam sua compreensão do contexto específico de sua própria condição quilombola, que os liga ao movimento de forma própria, principalmente no que tange à falta de acesso aos direitos de cidadania básicos. A principal pauta colocada pelos membros da APROMPIG é o acesso a um escopo mais largo de projetos e políticas públicas, as quais eles entendem ser uma forma de reparação específica à falta ou limitação de direitos básicos de cidadania. A relação dos moradores com a categoria “quilombola” – nos sentidos adquiridos após da Constituição de 1988 – é ativada, principalmente, diante de projetos de políticas públicas ligadas à educação, geração de renda e assistência social. Estes projetos geralmente vêm do Governo Federal, como o P1MC (Programa Um Milhão de Cisternas), a Arca das Letras e o Cesta Básica Quilombola, e do governo estadual, como a construção de um espaço de fabricação de farinha com a verba do Programa de Combate a Pobreza Rural (PCPR – MG).

Em Pinheiro, o uso do termo quilombola está sendo experimentado, sobretudo a partir de seu caráter institucional, que informa especialmente as práticas e relações no âmbito da APROMPIG. Não por acaso, as categorias *quilombo* e *quilombola* aparecem destacadamente associadas à maneira como a *comunidade* se percebe classificada pelo *governo* (termo genérico com o qual se referem a instâncias municipais, estaduais, federais, apesar de reconhecerem a distinção entre estas três esferas) e nos eventos do *movimento* quilombola. Essa relação tem a ver com o uso recente de uma categoria de classificação que é externa, a partir da qual estão experimentando usos e sentidos. Em Pinheiro, observo algo próximo ao que Vieira (2015) analisou na comunidade quilombola da Malhada, no sertão baiano. Segundo a autora, há um processo de experimentação em torno das palavras “quilombo” e “quilombola”, cujos sentidos vão sendo testados e apropriados, como artefatos linguísticos. Apesar de serem quilombolas e se reconhecerem como tais, eles não se chamavam assim, passam a fazê-lo após descobrirem que esta palavra os nomeia diante dos movimentos sociais e do Estado. Reitero aqui que isso não significa que façam um uso instrumentalizado da palavra ou que forcem um contexto para se inserir em um movimento de reivindicação de direitos, o que ocorre é que simplesmente não se preocupavam em nomeá-lo, mesmo sabendo que possuíam vínculos com um passado ligado a relações escravocratas.

A inserção no movimento quilombola coloca os habitantes de Pinheiro diante de outras possibilidades de projetos sociais e de acesso a possíveis melhorias de vida, mas destaca -se a *sabedoria* que as *andanças* pela associação conferem àqueles que se engajam no movimento. A valorização das *andanças* faz com que ter *sabedoria* de outros lugares confira prestígio à pessoa. Assim, o Sr. Geraldo foi se tornando a pessoa com *maior sabedoria* de Pinheiro, pois *este é um homem que anda*. As *andanças* do Sr. Geraldo se intensificaram com a liderança de dois mandatos da APROMPIG e atual vice-liderança, que conferiram muitas viagens, muito comentadas pelos moradores. *Até de avião Geraldo de Beata já andou, foi até pro estrangeiro, andou de navio*. As diversas viagens para eventos, como encontros quilombolas, lançamentos de projetos, palestras, cursos, geram muitos comentários e aumentam o escopo de lugares visitados e conhecidos. Tal como analisado por Mello (2008), que percebeu o quanto seus interlocutores de Cambará valorizavam a possibilidade de conhecer muitos agentes externos, através do movimento quilombola, em Pinheiro eles admiram a possibilidade de conhecer outros lugares, não apenas fisicamente, mas outras realidades, que são sempre trazidas nos eventos de comunidades tradicionais, em que o histórico e os problemas desses outros lugares são expostos e problematizados. *Saber* sobre a vida dos *companheiros* (que envolve não apenas quilombolas, mas também índios, assentados

do MST, caiçaras, raizeiros, geraizeiros, dentre outros) alarga o escopo de comparação e visitar outras cidades e até outros países valoriza ainda mais a necessidade de *andar* para conhecer, para ter *sabedoria*.³⁷

Aos poucos eles vão sendo reconhecidos por este movimento e a associação se consolida, uma vez que o movimento quilombola passa a ser visto como um caminho para maior visibilidade da APROMPIG³⁸, que no processo de engajamento nas discussões sobre a temática tornou -se a referência local sobre o tema e vem ampliando sua estrutura política. Digo isto porque somente depois de inserida no movimento quilombola, a APROMPIG conseguiu uma sede, teve aprovados projetos significativos e atraiu mais membros. A conquista da sede, em 2008, por meio de um projeto com a Fundação Centro de Referência Negra, foi o principal incentivo para a consolidação da APROMPIG, que nos seus 12 anos de existência esteve *engatinhando*, sem nenhum resultado político de destaque. A sede foi a materialização do movimento e deu projeção para as quatro comunidades a nível não apenas local, mas dentro da cena política regional. A presença do então *ministro Écio Santos* e de representantes da Eletrobrás na inauguração do espaço e da *ministra Matilde*, em um momento anterior, quando da entrega do documento de reconhecimento da Fundação Palmares, marcaram um novo estágio da APROMPIG e de suas lideranças, que alcançaram prestígio sem precedente. A associação, com uma sede, passa *a ter mais espaço*, em um duplo sentido. Se a situação constrangedora de depender da chave da escola da comunidade Macuco já não se fazia mais necessária, porque agora seus membros podiam *ficar mais a vontade* na sede que lhes pertencia, também no cenário político eles passam a conquistar um lugar legítimo de agentes políticos, eles passam a contar no jogo. A sede da APROMPIG, também chamada de *galpão*, me parece próxima a um sentimento de casa: *onde se fica à vontade, onde se tem espaço*, um lugar para onde se volta depois de eventos e *reuniões* em outros

³⁷Os desdobramentos entre *andanças e sabedoria* serão retomados em conexão com outras questões sociais. Parte da reflexão aqui apresentada foi discutida no GT 1: Teoria Antropológica e Escrita Etnográfica”, no âmbito das atividades do III Seminário de Antropologia da Ufscar. Agradeço aos debatedores Catarina Morawska Vianna, Jorge Villela e Karina Biondi pelos os comentários, dicas, sugestões e pela interlocução proposta entre meu trabalho e o de Pedro Henrique Mourthé, cuja pesquisa de mestrado é realizada com os quilombolas norte-mineiros de Brejo dos Crioulos. Agradeço ao Pedro pelos debates, trocas e leituras sobre o material referente ao tema.

³⁸ Essa visibilidade pode ser notada, por exemplo, através dos materiais de divulgação da história local e da APROMPIG, produzidos pelos projetos que participam e lançados na internet ou em publicações impressas. Um exemplo é o Projeto Ancestralidade Africana, o qual produziu um vídeo, disponível em: http://ancestralidadeafricana.org.br/?page_id=134 Outro exemplo é a inserção da APROMPIG na rota turística de Minas Novas, como consta no site do “Descubra Minas”, um projeto do SENAC de mapeamento dos atrativos turísticos de Minas Gerais. A página pode ser visitada pelo endereço abaixo: http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoDetalhe.aspx?cod_destino=172&cod_atrativo=4331

lugares, onde se conta notícias das *andanças*, que neste caso, não são apenas pessoais, mas também políticas.

Assim, como consequência do movimento quilombola, a associação local começou a ser mais valorizada, não apenas por pessoas da cidade ou de outras regiões, mas pelos próprios moradores, que até então não depositavam credibilidade em *reuniões*. Vale ressaltar que atualmente a APROMPIG conta com aproximadamente 200 membros, sendo uma das maiores associações³⁹ do município de Minas Novas. Em períodos anteriores, ela chegou próxima à dissolução, pois, apenas os mais engajados acreditavam em questões sociais, *na união das comunidades em busca de projetos*, principal objetivo de uma associação, segundo o Sr. Geraldo, liderança de destaque no cenário regional. Algo parecido foi encontrado por Costa (2014) entre os quilombolas de Brejo dos Crioulos, que além de admirarem os movimentos que a *luta quilombola* os coloca, se posicionam politicamente a partir das *andanças*, associando suas *andanças* como necessárias para que os *papéis andem*, ou seja, para que circulem por todas as instâncias burocráticas. Eles dizem que se antes *engatinhavam*, agora *ganham mais firmeza* e conseguem *correr atrás*. Não me parece desprezível o uso dessas expressões ligadas ao movimento e ao próprio corpo humano servirem de mote para um processo político. A APROMPIG se faz nas *andanças* de suas lideranças e de seus membros que se comprometem a *acompanhar* a associação, que literalmente se faz a partir de corpos que se deslocam. *Correr atrás*, *buscar recursos*, *buscar projetos* são as expressões mais utilizadas para qualificar o *movimento* quilombola e todas as dinâmicas que ele traz para a vida dessas pessoas. São inúmeros *parceiros*, que por motivos variados é preciso *ir* até eles, *ligar*, *passar* na instituição onde trabalham. Quanto mais se *movimenta*, mais projeção se ganha e maior as possibilidades de ser *lembrado* e *participar* de algum projeto, curso ou intervenção. Além disso, quando mais se *anda*, mais *sabedoria* se tem, seja de outras realidades e lugares, como citado, ou seja sobre burocracias e sobre *política*. Conforme o Sr. Geraldo afirma, *Quem vai sempre leva alguma coisa, mas muitas vezes traz muito mais do que aquilo que levou. Porque a gente é vivendo e aprendendo*.

³⁹Observa-se um efeito multiplicador do trabalho do Cedefes pelas *comunidades* que já se reconheceram e passaram pelo processo burocrático de registro da associação. Suas lideranças são convocadas para realizarem *reuniões*, fornecerem informações, dicas e contarem a experiência do *movimento e da luta* quilombola em suas *comunidades* e os membros da APROMPIG se destacam nesse papel. No site da Fundação Cultural Palmares há quatro registros de comunidades reconhecidas em Minas Novas (Quilombo, Moça Santa, Curralinho e Macuco) e duas em vias de reconhecimento (Bem Posta e Beira do Fanado Abaixo). Porém, como cada uma dessas associações, em grande maioria, agrega mais de uma comunidade, os dados não estão desagregados e a soma das comunidades não se torna viável. De acordo com o Sr. Itamar, ativista social local, até 2013 eram 15 comunidades quilombolas organizadas em associações reconhecidas como quilombolas.

1.5 Em movimento: Mexidas no mundo, tempo, na política e na vida

A partir de movimentos variados, tentei demonstrar o quanto a atmosfera de Pinheiro é fluida, móvel, marcada por pessoas que *andam, saem para trabalhar*, visitam as casas do seu *terreno* e as dos *terrenos* vizinhos, *saem* de Pinheiro para a cidade e para outras *localidades*, *correm atrás de recursos* para o *movimento quilombola*, caminham no interior de Pinheiro reconhecendo *restos de casas, trilhas, carreiros* e histórias, *ficam em Barrinha*, se *apresentam* nas casas. Neste *mundo* em que *tudo gira*, a memória se torna um instrumento, que permite localizações, ultrapassando gerações e sendo recriada a todo o momento. Quando observei que os moradores conseguiam decifrar, no prato, de qual árvore cada fruto do pequi derivava, percebendo que cada uma delas possuía um nome, entendi que existiam ali mecanismos de mapeamento que não faziam parte de minha percepção. Eu não tinha acesso a um processo de *sabedoria* sobre *o lugar*, que se inicia desde os primeiros anos de vida de quem nasce em Pinheiro. Assim, em cada *campo*⁴⁰, as árvores de pequi ganham denominações, que servem para aguçar as diferenças entre um pé e outro e os localizar no espaço. Há o *Pequi Cachoeira*, *Pequi de Maria de João de Tomé*, *Pequi Grande*, *Pequi Rapé*, por exemplo, que guardam histórias relativas a *antigamente*, que mesmo não tendo sido vividas por grande parte dos moradores, continuam operando no cotidiano. O *Pequi cachoeira*, por exemplo, é o mais alaranjado de todos e ganhou esta denominação por se localizar próximo a um córrego que era chamado de Cachoeira. O Sr. Geraldo, que tem 70 anos e me explicou estas denominações, disse que ele não chegou a ver esse córrego, que secou no decorrer dos anos, mas que seus antepassados o ensinaram a chamar aquele pé assim e lhe contaram a história referente. O mesmo acontece com a Maria de João de Tomé, que quando ele nasceu já era falecida e só soube de sua existência por conta daquela árvore e da explicação dos *mais velhos* de que ela já tinha residido próximo do local do pequizeiro. Naquele dia ele começa a ensinar sua neta, de dois anos, essa diferença, apesar dela não compreender muito o quê se passava, ele disse que era preciso *ensinar*, afinal, *na vida é vivendo e aprendendo*, tal como ele disse ao se pronunciar sobre a *sabedoria* que a participação política no *movimento quilombola* trouxe a sua vida.

⁴⁰ *Campos* são partes de vegetação nativa existentes nos terrenos de Pinheiro. Eles se diferenciam das outras porções do território por características mais próprias à caatinga, com solo diferenciado, arbustos mais retorcidos. Os campos, apesar de serem delimitados dentro dos terrenos, possuem uso comum e os frutos das árvores ali existentes são de livre acesso aos que se dispuserem ir até lá para colhê-los.

A forma como a memória age no cotidiano de Pinheiro demonstra que ela não faz parte apenas do passado, pelo contrário, ela constrói um presente e projeta um futuro, como o fato de a pequena criança de dois anos começar a ser ensinada das diferenças entre os frutos dos pés de pequi que já estão em Pinheiro há mais de setenta anos. Isso se aproxima do que Godoi (1998) observou no sertão de Piauí, a preexistência geral de um passado que se desdobra até o presente, sendo parte do hoje e construindo um futuro. No *tempo das águas*, observei que os moradores que retornavam a Pinheiro precisavam demonstrar que não tinham *perdido sabedoria sobre o lugar* e se envolviam em caminhadas, passando por *caminhos, trilhas e carreiros* de difícil acesso, que só quem realmente tinha *sabedoria sobre o lugar* era capaz de percorrer. Andando com Ester e sua mãe, eu *ganhei sabedoria* sobre caminhos nunca imaginados por mim, mesmo tendo andado em Pinheiro nos últimos seis anos. Um *outro lugar* foi sendo revelado, repleto de outros caminhos, para além dos mais óbvios, como os da estrada ou os que davam acesso de uma casa a outra.

Num contexto em que uma casa não pode ser pensada isoladamente de outras, pois dadas relações de seus moradores com as demais casas do *terreno*, da *comunidade* e de outros lugares, como Barrinha, faz-se interessante observar como estas casas estão sempre em movimento, mesmo que paradas no mesmo lugar. Isso se aproxima do que Carsten (2004) analisa como ponto de conexão entre casas e memória, uma vez que a casa, como ponto de estabilidade, também envolve trânsitos, não apenas físicos, mas temporais. Assim, “casas podem ser loci simbólicos de estabilidade, mas parte do seu poder de evocar a permanência deve ser entendido em justaposição com os deslocamentos da história” (CARSTEN, 2004 p. 34 – 35 – tradução minha). Para a autora, as casas são locais de produção de parentesco, mas não podem ser entendidas por elas mesmas – o significado criado e construído nas casas é transportado para além delas, para as relações sociais daqueles que ali habitam. As casas e os *terrenos* de Pinheiro indicam trânsitos, que por mecanismos variados, mostram não apenas em que momento do ciclo de vida doméstico a família se encontra, mas também *os giros* que a vida dá, seja das pessoas, das aproximações ou distanciamentos com a família, ou dos diversos tipos de *andanças*, compondo materializações das relações familiares, expressas na paisagem do lugar.

Da mesma maneira, Mello (2008) encontra na comunidade quilombola de Cambará (RS) esse passado que cria uma “paisagem”, a qual só pode ser lida através de um “processo de aprendizado”. Para o autor, “o passado nunca permanece idêntico a si mesmo, mas ele é criado com base numa experiência vivida. As pessoas não se recordam a partir do nada, elas criam a partir de um repertório.” (Mello, 2008, p.205). Para ele, o desafio colocado pelo

“trabalho da memória” é apreendê-lo a partir do vivido e não a partir de uma lógica pautada pela dimensão política da identidade e da legitimação de um território quilombola.

Se a memória opera em Pinheiro reconstruindo um histórico quilombola, acredito que ela não opera sem um estoque de experiências que passe por aquilo que eles vivem cotidianamente, neste aproximados 200 anos que habitam aquelas terras. Assim, mais do que buscar no território e na identidade quilombola o padrão para lidar com o movimento quilombola, penso que a compreensão de práticas cotidianas que se imbricam com questões políticas pode trazer uma dimensão menos jurídica e mais etnográfica. O mesmo pode ser pensado para *as saídas para trabalhar*, que poderia ser explicada apenas pela dimensão econômica que a circunscreve, mas que pode ganhar outros contornos com um alargamento da compreensão de atitudes e visões de mundo, como *as andanças e a sabedoria*. É sobre os processos de *criação*, que são vistos a partir do ensinamento e do aprendizado que pretendo continuar a lidar com esses temas no próximo capítulo.

Capítulo 2

A casa raiz e a mãe: Os processos de criação

O mundo é um mundão e a família em Pinheiro está imbricada com os *giros que a vida dá*, com as idas e vindas que envolvem homens, mulheres e crianças. As casas estão *mexendo*, assim como as pessoas, que existencialmente encaram a vida a partir das incertezas, da possibilidade sempre latente de mudanças, sejam elas no espaço, no tempo ou nas relações. Decisões sobre deslocamentos são tomadas *da noite para o dia*, como *ir de muda* para Barrinha (ou outra cidade na qual se tenha parentes ou amigos) ou retornar para Pinheiro, para o *lugar da gente*. Essa mobilidade e provisoriedade resultam da concepção de que *a vida nunca está do mesmo jeito*, que *o amanhã só Deus conhece*, que *o mundo gira, gera e mexe*. Contudo, apesar da instabilidade é preciso *ter rumo*. *Ter rumo na vida é saber ir e voltar*, é *ter um canto seu*, é *não abandonar a família*. Aqueles que ficam em Pinheiro, esperam que os que *saem* retornem, visitem seus familiares e cuidem de suas casas, demonstrando que apesar de ir para *o mundo* eles têm *rumo*, *sabem qual é o seu lugar*. Por mais que a possibilidade de *ficar pelo mundo afora, sumido*, esteja colocada a cada *saída*, a ligação com o *lugar da gente* é construída, desde a infância, por uma série de ensinamentos e práticas. Como exposto no capítulo anterior, a *casa raiz* é uma referência dentre todos os lugares que essas pessoas circulam – ter uma casa de onde se lembra e para onde se volta é o passo principal para *ter rumo na vida* – mas, para além disso, é também o lugar onde se é *criado*.

Se *na vida é vivendo e aprendendo*, a *casa raiz* tem uma dimensão pedagógica que a distingue. Ela é o *locus* de formação das pessoas, onde são fabricadas para *a vida* e para o *mundo*. Assim, a *sabedoria* que marca as *andanças* também é uma *sabedoria* de se inicia com os ensinamentos familiares, sobre questões triviais, mas que não deixam de ser relevantes. *Saber andar, saber chegar, saber conversar, saber sodar, saber dar ligança, saber comer, saber comportar, saber firmar o corpo* são passos fundamentais para se alcançar o *equilíbrio*, estado mental e corporal necessário para *saber viver e conviver*, capacidade almejada para um adulto, que *já está criado*. Parte considerável desses ensinamentos é transmitida pela mãe, na *casa raiz*, principalmente. Em Pinheiro, as crianças circulam entre as casas das avós, tias e vizinhas e junto a elas aprendem a *ser gente*, mas *a culpa de um filho ficar mal criado é da mãe*, ou seja, ela é responsabilizada por seu sucesso ou fracasso, avaliado a partir de julgamentos alheios. *Para ser uma boa mãe tem que saber ensinar*, dizem as mulheres de Pinheiro. A *criação* dos filhos é a oportunidade de repassar uma *sabedoria* que foi adquirida

com sua própria mãe, que só pode ser compreendida de fato, quando a maternidade é vivenciada.

A *casa raiz*, que é o lugar onde se nasce e é *criado* é muitas vezes sinônima à *casa de mãe*, principal denominação que recebe, mesmo quando as mães já são falecidas. Se a raiz permanece apesar do vôo das folhas, a mãe também tende a permanecer na casa quando os filhos *vão para o mundo*. Análoga a uma raiz, a mãe é aquela que *dá os frutos*, que os vê sendo levados pela ação do vento, mas *não os abandona*, ela os *dá força*, estejam os filhos em Pinheiro ou em qualquer outra parte *do mundo*. Juntas, a mãe e a *casa raiz* formam uma unidade, um ponto onde as relações são mais estreitas e densas, onde os afetos são construídos em diversas fases da vida. Imbricadas, a mãe e a *casa raiz* são lembradas e revividas pela memória, nas tardes de domingo em Barrinha, nas quais *a saudade aperta* e as ligações telefônicas auxiliam a diminuir as distâncias. Essa unidade é a principal motivação para o retorno no *tempo das águas* ou em qualquer momento que se sinta *deslocado, desequilibrado, aprisionado*.

Neste capítulo, pretendo demonstrar como essas *casas- raízes* são cuidadas por essas mães, produzindo um espaço de domínio feminino no qual casa e mãe se interconectam, envolvidas ainda em redes femininas de cuidado, as quais extrapolam os limites geográficos de Pinheiro. Essa análise levará em conta a mobilidade que permeia as famílias da região, onde a conjugalidade não implica em co-residência, ou seja, os homens e mulheres são casados, mas não residem juntos cotidianamente. Assim, a maternidade e a *criação* são vivenciadas a partir da ausência física dos homens, o que faz essas mulheres afirmarem que são *mãe e pai*. Adianto aqui que meu objetivo é descrever as configurações ali vigentes, que também são compartilhadas por grande parte das famílias do Alto Jequitinhonha, onde os homens trabalham em outras regiões do país, cujos processos históricos que levaram a isso foram expostos no capítulo anterior. Não considero as dinâmicas das famílias de Pinheiro como um “modelo alternativo” de família ou arranjo familiar, pois, para considerá-las como alternativas deveria partir de algum modelo de referência, o que poderia implicar na sobreposição de um modo de organização familiar sobre outro. Autores como Fonseca (2000) e Correa (1994) demonstraram como este tipo de classificação traz em si um olhar cujo ponto de partida é a ausência, a falta, o que negligenciaria a visão local sobre suas próprias formas de compreensão de suas famílias. No caso das minhas interlocutoras, elas não afirmam serem mães sem pais, porém, *mães e pais*. Meu olhar se focou nessa adição entre dois termos de parentesco em uma única pessoa e não na ausência do pai como um problema dado de antemão, uma falha limitadora. O que ser *mãe e pai* gera no cotidiano de *criação* dos filhos?

De que maneira a convivialidade constrói família? O que distingue um pai de uma mãe? O que essas distinções geram no conteúdo das relações? Esses são alguns dos questionamentos que orientam este capítulo.

2.1 *Dar sua cara à casa: O processo de enraizamento*

Meu filho é meu companheiro, me disse Conceição, em 2011, quando tinha apenas um filho, de três anos. Ela tinha se casado há quatro e desde que Rodrigo nasceu ela se sentia *mais alegre*. Conceição, assim como quase todas as mulheres casadas de Pinheiro, é natural de outra localidade. Ela se mudou para lá após seu casamento, prática comum entre as pessoas da região. Essa tendência regional à virilocalidade produz efeitos variados, porém, os mais imediatos se referem à chegada dessa mulher em Pinheiro, que precisa *aprender a acostumar com o jeito do povo do marido*, com a casa e com os vizinhos.

No caso de Conceição, ela não conhecia sua sogra e seus cunhados. A primeira vez que se falaram foi no dia do casamento, realizado no cartório de Minas Novas. Ela conhecia sua sogra *de vista*, sabia quem era porque as pessoas lhe mostravam, comentavam sobre o *jeito* dela e sobre a família como um todo. Os pais de Conceição conheciam sua sogra de longa data, tinham conhecido seu falecido esposo e sabiam dos *modos* da família. Graças a isso, ela se casou com Marcílio sem maiores problemas, sem impedimentos ou rancores que poderiam atrapalhar⁴¹ o enlace.

O casamento se deu apenas no cartório, prática comum entre os *moradores de Pinheiro* que não dispõem de reservas financeiras para realizar o casamento religioso. De modo geral, o mais importante é ter uma casa, pois, *quem casa quer casa*⁴². Mesmo que as pessoas não se casem oficialmente, sejam *juntados*, o que é considerado relevante é o fato de viverem em uma casa separada, que não seja a de seus pais/sogros. Apenas em alguns casos isso ocorre – como quando a mulher engravida e a casa não está pronta; quando o homem não

⁴¹ Em alguns casos, quando as famílias colocam muitos impedimentos a um casamento, quando possuem divergências ou quando não concordam com os *modos* da família do pretendente, essa animosidade pode levar a fuga da moça, prática comum em tempos passados e ainda praticada, com menor recorrência. A fuga de uma moça paira como uma possibilidade e há até mesmo um marcador premonitório para esta atitude, que é o canto do galo durante o dia. *Quando galo canta de dia, moça foge de noite*, dizem os *moradores de Pinheiro*. A fuga força a mudança definitiva da mulher para as terras do marido e a possível aceitação da união pelos familiares. Vieira (2015) também analisou a fuga da moça entre os quilombolas da Malhada (BA), para os quais a atitude é uma expressão da “vontade”, uma escolha que escapa dos cálculos e disposições familiares sobre o matrimônio.

⁴² Essa expressão é dito popular comum no Brasil. É encontrada em outros contextos etnográficos, como nas famílias operárias pesquisadas por Woortman (1982), no estudo de Sarti (1994) na periferia de São Paulo. A relação entre a posse e desejo de um espaço doméstico como centrais para o casamento é explorada ainda por Almeida (1986) e Neves (1982).

tem recursos imediatos para custear uma construção; quando um deles é o filho caçula e os pais são idosos e viúvos⁴³ – sempre em situações nas quais a permanência em uma casa que não foi construída para o casal é encarada como provisória e temporária.

Conceição se lembra do dia do casamento não apenas por ter conhecido sua sogra e os parentes de seu esposo, mas principalmente por ser o dia em que conheceu sua casa. Até aquele dia, ela só ouvia os relatos de Marcílio sobre a construção, os materiais utilizados, as cores escolhidas, os móveis comprados. Ela disse que ficava imaginando, que perguntava, propunha, mas não podia ter clareza sobre como tinha ficado a obra em seu conjunto. Ela entrou na casa e não se identificou, *achava tudo estranho*, me disse. *Demorou para eu aprender que aqui era minha casa*, explicou, descrevendo como se deslocava pelo ambiente sem ter *nenhum costume* com aqueles cômodos, com os móveis, com os *cantos*. Afirmou que *se fosse eu que tivesse feito a casa, fazia tudo diferente*, se referindo não apenas à disposição dos cômodos, mas principalmente às cores escolhidas para o piso e para as paredes. Relembrando essa indisposição inicial, ela dizia que *mal conhecia* a sua casa, *não dava para ficar à vontade*.

Após 20 dias de seu casamento, seu marido *saiu* para o corte de cana, deixando-a naquela casa, que ela *mal conhecia*, assim como os familiares dele, que residiam naquele *terreno*. Numa escala mais ampla, ela também *mal conhecia* Pinheiro, não sabia onde seus *caminhos, trilhas e carreiros* iriam levá-la, não tinha proximidade com os demais moradores. Conceição, assim como as demais mulheres que chegam a Pinheiro, diz que esta foi a *pior fase de sua vida*, a mais *triste* e mais *parada*. Para essas mulheres, esse período inicial do casamento é *doído*, pois, a saudade da mãe e da *casa da mãe* é grande, assim como da comida que é feita por ela, dos *cantos* que já estava acostumada a ocupar, das árvores que cercam o quintal e de tudo aquilo que é produzido na sua antiga casa, como as *quitandas* (biscoitos, bolos, pães), a farinha, os doces.

Conceição passou quase um ano e meio indo dormir todos os dias na casa de sua sogra, localizada a aproximadamente 200 metros da sua. Ela foi se *acostumando* com a sogra, tal como foi se *acostumando* com sua casa, que *mal conhecia*. A convivência diária com a sogra a faz reconhecer que ela é uma *companheira*, uma *segunda mãe*. *Sem minha sogra eu tinha voltado pra casa de mãe*, uma constatação que ouvi não apenas de Conceição, mas também de outras mulheres de Pinheiro. A sogra, que é a *segunda mãe*, na maioria dos casos já *criou* os filhos e vive sozinha ou com apenas um filho caçula, dependendo de sua faixa

⁴³ Essa condição é entendida como uma *obrigação* dos filhos mais novos, principalmente das filhas, que tendem a residir com o pai idoso e viúvo, bem mais comum do que a residência com a mãe viúva e doente.

etária. Como os homens possuem uma expectativa de vida mais baixa⁴⁴ que as mulheres da região, quase sempre essas ficam viúvas com aproximadamente cinquenta anos, algo que venho observando em quase todos os *terrenos* familiares que visito. Poucos homens chegam a completar sessenta anos, falecendo de doenças cardíacas ou de Doença de Chagas, que acometeu a região por décadas e que também pôde ser adquirida nos locais para onde se deslocavam. Dado as insalubres condições de instalação e de trabalho, o impacto dessas atividades sobre o corpo dos trabalhadores diminui consideravelmente o tempo e a qualidade de suas vidas.

Quanto à sogra, Conceição dizia que *uma fazia companhia para a outra*, uma vez que ambas viviam sozinhas. *Viver sozinho* é considerado um desafio para os *moradores de Pinheiro*, um desafio à sanidade mental, pois é uma causa para doenças do corpo e do *juízo*. No *terreno* de sua sogra ainda havia um agravante em comparação aos outros *terrenos* de Pinheiro e a casa da mãe de Conceição, que era a ausência de energia elétrica. O Programa Luz para Todos que começou a atender Pinheiro em 2003, só atendeu o *terreno* da sogra de Conceição em 2009, um ano após seu casamento. *Quando a gente está sozinha, mas tem uma televisão para assistir à noite, a solidão diminui, ne?* Argumentava Conceição, que apesar de todas as atividades que exercia no início de seu casamento – como a limpeza da casa, a criação de galinhas, as plantações e os serviços mais pesados do *terreno* – se sentia *desorientada*. Ela reitera que o casamento só se tornou *mais alegre* após o nascimento do filho e diz que teve *sorte* de engravidar rápido, pois precisava de uma *companhia* em sua casa. Antes do nascimento da criança, ela acabava por passar alguns dias na casa de sua mãe, já que não via sentido em permanecer toda a semana naquela casa, onde ela ainda não estava *à vontade*.

A sogra, era uma *companheira*, era uma *segunda mãe*, mas não deixava de ocupar o segundo lugar, pois, *jamaís seria como sua mãe*. Ela tinha se tornado *da família* e poderia *cuidar* de Conceição, poderia *ensinar coisas* a ela, poderia *fazer companhia* – elementos que

⁴⁴ Não ignoro que esse quadro pode se tornar mais ameno nas gerações atuais, com mudanças que são fruto de lutas sindicais e trabalhistas, como residência, transporte e alimentação fornecidos pela empresa, que recebe vitorias e deve seguir padrões impostos por leis estaduais e federais. Contudo, o que observo a partir dessas viúvas é seus maridos passaram por um quadro perverso de sujeição, o que diminui consideravelmente suas expectativas de vida. Atualmente, as pesquisas realizadas em indústrias canavieiras apontam que novos modelos de produção aumentam a competitividade dos funcionários, provocando doenças relativas à exaustão e impacto cardíaco, como afirma Guanais (2010). Isso se relaciona com o fato da empresa envolver seus trabalhadores em programas motivacionais para aumento de produtividade, como apontado por Prado (2008), os quais criam novos mecanismos de exploração, encobertos por medidas de valorização do pertencimento a empresa e da sua produção. Portanto, o que essas e outras pesquisas demonstram é que apesar das mudanças positivas, o setor tem criado outros mecanismos de exploração, que afetam diretamente a saúde do cortador, provocando danos em longo prazo.

compõe a maternidade – mas *nunca sentiria* por ela o que *sua mãe sente*. Conceição e as demais mulheres que chegam a Pinheiro iniciam uma relação de proximidade com a sogra que tende a se estender pela existência das duas em um *terreno* familiar, todavia, não se esquecem de demarcar uma distância fundamental entre elas: *A mãe sempre toma partido pelo filho*, ou seja, uma sogra não defende uma nora, ela defende seu filho. Essa atitude não pode ser contestada, pelo contrário, ela é ideal e esperada. *A mãe toma partido pelo filho* na maioria dos casos em que alguma cisão entre o casal a coloca diante de um impasse, com a necessidade de um posicionamento social. Os casos de *descasão* são os principais momentos em que essa necessidade se coloca, mas outras decisões e situações podem requerer o *partido* da mãe do homem – como decisões sobre investimentos, debates sobre a *criação* dos filhos e comentários e posicionamentos diante das discussões e brigas conjugais, as quais podem extrapolar os limites da casa do casal e até de Pinheiro, caso a polícia seja contactada.⁴⁵

No caso de Conceição, sua sogra ainda não tinha *tomado partido do filho* em nenhuma questão pública que envolvesse o casal, dado que ela fazia questão de *aprender a lidar* com ela, *respeitando* sua idade e sua condição de mãe e avó. A hierarquia da sogra sobre a nora é respeitada dentre as mulheres de Pinheiro, justificada por elementos variados – sua condição de detentora principal do *terreno* familiar⁴⁶, após a morte de seu marido; a diferença etária, que é um marcador de respeito entre as pessoas da região; a condição de *mãe e avó*, que a faz uma mulher *forte e sabida*, dado que por ter *criado* os filhos e ter vivido muitas experiências no acumulado de anos de vida foi *ganhando força e sabedoria*. Não quero dizer que as noras concordem cegamente com o que as sogras dizem, recomendam ou fazem, mas a posição hierárquica e assimétrica das sogras não é questionada como um problema, ou como algo indevido. O conteúdo da relação entre elas não despreza essa hierarquia, apesar de que, ao longo do tempo, as noras se posicionarem em suas próprias casas como as legítimas *donas* daquele espaço doméstico. Elas agem estrategicamente para limitar a interferência das sogras, pois prezam por um *jeito* próprio de cuidarem da casa e dos filhos, o que também é entendido como legítimo. Por mais que haja hierarquia, em muitos momentos, a sogra se enxerga na nora e vice versa. O fato de uma fazer *companhia* à outra e de vivenciarem processos

⁴⁵ Nos últimos anos, após a Lei Maria da Penha, a possibilidade de acionar a polícia para *dar queixa* das violências domésticas sofridas pelas mulheres tem interferido positivamente na diminuição dos casos de violências físicas provocadas pelos homens, como veremos adiante.

⁴⁶ A sogra não é a herdeira principal do *terreno*, ela só se torna herdeira de fato, após o falecimento do esposo. Em casos de *descasão*, as mulheres não reivindicam e não recebem nenhum direito sobre o patrimônio construído durante o matrimônio.

semelhantes (a ausência do filho/marido, a condição de *dona de casa* e mãe, a conciliação entre o trabalho de casa e do *terreno*) as aproxima, faz com que partilhem experiências e se entendam como de uma *mesma família*.

Para Conceição, desde que Rodrigo nasceu, ela *sabia* que *não era por bem* passar parte da semana na casa da mãe tendo sua própria casa, o que poderia *dar falatório*. Assim, reconheceu que precisava *dar sua cara* à sua casa, *aprender a ficar à vontade* naquele espaço. Para isso, ela voltava da casa de sua mãe com mudas de plantas e sementes de legumes que plantava no seu quintal, o que também é uma prática generalizada entre as mulheres que chegam a Pinheiro. Conhecedoras de plantas medicinais⁴⁷, de agricultura e jardinagem, essas mulheres são ensinadas desde criança a cuidarem de pequenas hortas de folhas de chá e de vasos de flores e plantas, a partir dos quais criam uma sociabilidade baseada em troca de mudas, em dicas sobre quantidade de sol e água que cada espécie necessita, assim como horas do dia que são melhores para essas plantas serem regadas, *fofadas*, podadas. Para as recém-casadas, plantas e plantações são os primeiros mecanismos para a permanência delas na nova casa, são os principais motivos para não permanecerem muito tempo nas casas de suas mães, em suas localidades natais.

Contudo, o que realmente associa a mulher à sua casa é a existência de filhos. Conceição, que teve *sorte* de engravidar rápido, diz que só se entendeu como *dona de casa* depois de se tornar mãe. *Com um filho você tem que ficar em casa, não dá pra ficar indo pra casa de mãe, como antes*. As visitas que antes eram *pra dormir* passaram a ser durante o dia, sempre com alguma carona de moto para levá-la em casa. Sua mobilidade diminuiu, pois, *perna de criança não alcança caminhada grande*. E assim, *criando* Rodrigo ela foi se *acostumando* com sua casa, modificando a posição dos móveis, decorando os ambientes, pintando as paredes, plantando mais vasos, árvores, legumes e folhas de chá. Ela foi imprimindo *sua cara* à sua casa, impressão que passou a ser reconhecida pelos vizinhos, principalmente no que tange à rotatividade de cores nas paredes, que ela mesma pintava e constantemente trocava, pois, dizia se enjoar dos tons. Os vizinhos achavam *bonito o jeito* de Conceição pintar a casa, mas logo identificavam que ela fazia isso tantas vezes porque só tinha *um menino pra criar*, e ao pintar *ocupava a cabeça*.

Nas conversas e entrevistas que tive com Conceição em 2011 e 2012, ela dizia que se sentia *mais alegre* com seu casamento depois da chegada de Rodrigo, um *menino homem*,

⁴⁷ Tubaldini e Diniz (2011) em pesquisa realizada com as mulheres de Pinheiro e outras nove localidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha apontam que essas são “guardiãs” de saberes tradicionais quilombolas, pois repassam os conhecimentos sobre plantas e folhas medicinais de geração a geração.

mas almejava ter uma *menina moça*. Queria uma *menina moça* que fosse *sua boneca*, que ela *enfeitasse*, que a *arrumasse do seu jeito*, que pudesse *ensinar as coisas de mulher* e que ficasse *mais* ela, *ajudando em casa*. Para Conceição, e também para a grande maioria das mães de Pinheiro, meninas são *mais obedecidas*, *mais caseiras*, *mais fáceis de criar*. Independente da faixa etária, filhas dão *menos preocupação* e, por isso, Conceição dizia que era *um sonho, um dia uma menina viria para ela*.

Em 2013, recebi a notícia que Conceição estava grávida de uma menina e logo me lembrei dessas nossas conversas. Quando cheguei a Pinheiro no início de 2014, fui até sua casa, para visitá-la e para conhecer Juliana, a qual os vizinhos diziam ser *igualzinha* à mãe. De longe avistei as portas e janelas abertas, com brinquedos no chão do *terreiro* e um varal lateral, repleto de roupas de bebê em tons de rosa. Seu quintal tinha se avolumado, o que antes eram pequenas mudas em potes de plástico, trazidas da casa de sua mãe, agora eram vistosas plantas que estavam plantadas ao chão, criando um ambiente bem mais *enraizado* do que o do início de seu casamento. Conceição veio me receber com sua *menina moça* nas mãos, orgulhosa de ter alcançado o que almejava: *É diá, a menina veio mesmo pra mim, Yara!* Caminhei até elas, as *soldei* e Conceição já foi me redirecionando para outra porta, alertando que eu tinha chegado do lado errado, pois, agora ela tinha construído outra cozinha. Eu, que aos poucos fui sendo intimada a chegar pela cozinha, pois, fui ficando *de casa*, me admirei com a notícia e atravessei a antiga cozinha e atual *sala*, para ter acesso ao novo cômodo.

A *sala* estava agora toda decorada com dois armários brancos e uma mesa, todos com detalhes em verde, *fazendo conjunto*. Na parte externa dos armários, Conceição expôs um jogo de jantar e de café, com muitas peças, todas com os mesmos desenhos decorativos. A toalha de mesa era da mesma renda da cortina da janela e das pequenas toalhas que recobriam as superfícies dos armários. A organização milimétrica das peças, a composição das cores e o bom gosto me admiraram, provocando um comentário instantâneo sobre a beleza do ambiente. Conceição, disse que agora ela estava colocando *sua cara nas coisas*, estava *gostando* de sua casa. Mas, como a *sala* ⁴⁸ não é um lugar para se permanecer logo me direcionou para sua nova cozinha.

⁴⁸ A *sala* que Conceição decorou pode ser entendida como uma copa, um lugar onde todo mobiliário é destinado a alimentação. Este cômodo quase nunca é utilizado, possui um caráter decorativo e às vezes é utilizada para a leitura ou realização de atividades escolares das crianças. Além dessa sala, há outra *sala*, que é a *sala de visitas*, como pode ser observado no Anexo 3 (pg. 174 dessa dissertação). A *sala de visitas* é localizada na parte de frente da casa e é utilizada principalmente para assistir televisão. Algo semelhante ao que foi analisado, por exemplo em Carsten (2004) e por Pine (1996), que em contextos distintos observaram que dificilmente a sala possui uma utilidade rotineira, sendo um espaço reservado, quase não utilizado pelos moradores. Em Pinheiro, apenas aquelas visitas bem distantes da família, geralmente pessoas *de fora*, pessoas de órgãos governamentais, universidades, Ongs são recebidas na *sala de visitas*. Até mesmo o prefeito, em uma visita a casa do Sr. Geraldo,

A sua cozinha compartilhava da mesma estrutura das cozinhas de Pinheiro. Foi construída do lado externo da casa, logo após o *rebuço*. Seu fogão à lenha está ali, assim como uma pia, uma pequena mesa lateral e os bancos de madeira, que recostados na parede constituem o assento das visitas e dos moradores. Nas paredes, algumas painéis e tampas também são dependuradas, por meio de pregos instalados com barbantes, que sustentam os vasilhames mais utilizados. Não há mantimentos expostos, pois, esses ficam guardados na *dispensa*⁴⁹. Geralmente, uma garrafa de café e alguns copos ficam sempre sobre a mesa, e com a chegada de visitas um prato de biscoitos e/ou pães e bolos é imediatamente trazido. As refeições são realizadas ali, todos sentados nos bancos, com os pratos apoiados sobre as mãos. Comer à mesa (que fica na *sala*) é reservado àqueles que chegam pela *sala de visitas* e que permanecem para alguma refeição, ou seja, um hábito de quem não é *de casa* e não é da região, alguém *de fora*. As crianças se sentam no chão, *em roda do fogão*, com os pratos colocados entre as pernas, que ficam abertas enquanto a refeição é realizada. As colheres são os brinquedos mais iniciais, oferecidas como passatempo aos bebês, antes mesmo de eles conseguirem se sentar. A brincadeira é um estímulo para *aprender comer sozinho*, um ensinamento primário entre os *moradores de Pinheiro*, que logo que conseguem se sentar são estimulados a comerem sem auxílio das mães.

Juliana era uma criança *forte*, como caracterizavam seus parentes e vizinhos. Desde os dois meses ela já se alimentava de comida preparada pela mãe, pois, *menino criado só com leite fica fraco* e segundo Conceição, é bom que a alimentação seja variada desde cedo, *por mod' acostumar com a comida*. Além disso, não se alimentando apenas de leite materno a criança pode permanecer na casa de sua sogra, enquanto Conceição vai *pra cidade* ou em algum lugar onde levá-la seja mais difícil ou complicado. Juliana já respondia aos comandos da mãe para se sentar *em roda do fogão* e comer sua comida, colocada em um pequeno prato. Apesar de sujar mais do que uma criança que recebe a comida de um adulto, Conceição dizia que *não há mal*, é melhor se sujar do que *ficar garrado na barra da saia da mãe*, esperando o *de- comer*.

foi recebido em sua cozinha, pois, *não era por bem* levá-lo para a sala de visitas e nem para a outra sala, mesmo sendo opositores no cenário político municipal. Nesse sentido, percebo que não há apenas uma regra gramatical da arquitetura, há também uma retórica, ou seja, se a casa possui uma linguagem é preciso analisá-la para além de sua estrutura (“*langue*”) é preciso observar sua fala (“*parole*”).

⁴⁹ A *dispensa* é um lugar mais reservado, onde se guarda a *despesa*, que é comprada *no mercado*, assim como os ovos recolhidos, as *quitandas* e a farinha produzida na própria casa. O acesso a *dispensa* é limitado por uma questão de privacidade. Não é qualquer pessoa que pode saber quanto de comida, material de limpeza e demais produtos domésticos está disponível em casa. Quando *a casa fica sozinha*, a *dispensa* fica trancada, pois, guarda um bem muito valorizado pelas famílias, que é a comida.

Juliana estava com oito meses e além de *comer sozinha* já caminhava pela casa afora, demonstrando uma desenvoltura que me impressionava, pois, não conhecia crianças que já andavam sozinhas nessa idade. Comentei isso com Conceição e ela disse que é porque eu era *criada na cidade* e sempre via crianças *criadas dentro do comércio*. Para ela, *menino de cidade sempre tem o passo atrasado e cresce assim, nunca sabe caminhar ligeiro*. Ela disse que estimulava Juliana, que gerava o desejo de andar na criança com pequenos desafios – ficava mais distante e a chamava até ela, espalhava seus brinquedos na frente da casa e a chamava até a cozinha, para onde ela se deslocava; mostrava-lhe coisas mais altas, para ela querer ficar em pé e para *firmar o corpo*.

Entre os *moradores de Pinheiro*, *firmar o corpo* é um princípio observado como central na *criação* de uma pessoa. Inicialmente ligado à disposição para se sentar e andar, ao longo da vida, *firmar o corpo* pode tomar outras dimensões – como uma disposição pessoal em não aceitar uma doença e não se entregar a qualquer dor ou indisposição que o abata; ou *firmar o corpo* diante de uma posição que difere de alguém, argumentando seu ponto de vista; ou até mesmo não se entregar a situações de sofrimento, como a perda de parente próximo, às frustrações ou momentos em que continuar a viver parece um desafio.

Juliana aprendia a *firmar o corpo* numa casa que se ampliou para recebê-la, que foi ganhando a *cara* da mãe para que ela e o irmão pudessem crescer com o *jeito* da família. A casa que em 2011 ainda estava sendo *conhecida* por Conceição agora já tinha a impressão de suas marcas, já permitia que ela ficasse *à vontade*, que não quisesse ir para a casa de sua mãe a qualquer instante. Perguntei a ela como foi a decisão de construir sua cozinha e ela me disse que convenceu Marcílio de que a obra era necessária, que não dava para *ganhar* Juliana sem um espaço maior, sem um *fogão bem rebuçado*. Eu relembrei que antes seu fogão ficava ao relento, que não foi construído em sua antiga cozinha e atual *sala*. Em Pinheiro, não há uma prescrição para as construções dos fogões, há escolhas familiares diversas, famílias que criticam os vizinhos por terem fogões fora da cozinha, sem nenhum *rebuço* e famílias que acham que o fogão no interior da cozinha pode abafar o ambiente em excesso. De toda forma, a construção de uma cozinha maior, que acontece em quase todas as casas ao decorrer do nascimento de suas crianças, gera uma *sala* no local onde era a antiga cozinha, menor e acoplada aos outros cômodos da casa. As cozinhas maiores são construídas do lado externo da casa, interligadas aos outros cômodos por uma espécie de varanda, chamada de *rebuço*. Em todos os casos que acompanhei de *salas* que antes possuíam um fogão á lenha quando eram cozinhas, esses fogões continuavam ali, não são derrubados. São preservados por desfrutarem

de um estatuto patrimonial, cujo valor simbólico extrapola o valor de uso, pois, fornece elementos que constituem corpos, moldam *jeitos* e climatizam o ambiente e as pessoas.⁵⁰

Além da cozinha nova, Conceição tinha construído um *forno de assar*. Ela estava satisfeita com a possibilidade de fazer suas *quitandas* em sua própria casa, sem precisar ir *assar* na casa da sogra. *Agora a família aumentou, já dá pra fazer uma fornada*. Não que antes de Juliana não desse para fazer *uma fornada*, pois, todas as quitandas são feitas para serem consumidas durante alguns dias, aproximadamente uma semana. Ela poderia fazê-la e guardá-la, mas se direcionava até a casa da sogra para usar do seu *forno de assar*, um forno *grande, bem construído e forte*, que é cuidado pela sogra para continuar invicto e com capacidade de produção. A chegada de Juliana, contudo, abriu a possibilidade dela convencer o marido de era necessário um forno *em seu terreiro*, uma vez que com *menino pequeno* ficaria difícil ir até a casa da sogra todas as vezes que fosse *assar*.

O forno de Conceição era *do jeito* dela, diferente do da sogra e de quase todos os fornos de Pinheiro. Era um forno cujo interior não era feito apenas de cerâmica, como os que eu já tinha visto nas demais casas⁵¹. Era revestido com um *tambor de lata*, que segundo ela, aumentava o calor interno e assava com maior agilidade. *Na casa de mãe o forno é desse jeitinho*, me disse ela. Como ela já era *acostumada* com esse forno convenceu Marcílio de que era o melhor a ser instalado e chamou seu irmão para fazer a obra. O forno de Conceição foi visitado por outras mulheres de Pinheiro, que sabendo da obra ficaram curiosas com *o modo do forno*, uma novidade em Pinheiro, mas comum entre *o povo de Conceição*, fazia parte do *jeito deles*.

O jeito e os modos de um povo não são dados, mas construídos, reelaborados, pensados e transportados por essas mulheres, em decisões que passam pela casa e pela *criação*, principalmente. Para as mulheres de Pinheiro, não é confortável se casar, se mudar e *criar* os filhos, *no terreno do povo do marido*. A fase inicial do casamento é como uma prova, um momento de adaptação a um novo status social, de *mulher casada*, que por mais que seja outro status não é um status pleno. Essa condição só se completa de fato com outra posição, a de *mãe*. Nesse sentido, o casamento (ato da mulher se mudar para as terras do marido, esteja ela legal e religiosamente casada ou não) ao invés de ser a fase final de um processo ritual,

⁵⁰ No cap.3 o fogão à lenha será apresentado a partir de suas propriedades simbólicas. Adianto aqui que ele fornece subsídios para a criação das pessoas, mas também para seus traços familiares/ morais.

⁵¹ Os *fornos de assar* são construídos em formato arredondado, com uma estrutura de tijolos sobre o chão e pedaços de cana para dar sustentação ao barro. Telhas quebradas podem ser utilizadas para recobrir a parte superior interna. Contudo, não há um único *jeito* de construí-los. Há modelos familiares, que variam de casa para casa.

pode ser entendida como a fase liminar⁵², na qual a mulher ainda não está reintegrada socialmente como um ser pleno, mas que padece da ausência da maternidade, que a concederá o status de mulher casada, mãe, *dona de casa*. Apenas após o alcance dessa tríade que essa mulher será dotada de respeitabilidade, que poderá dar seu *jeito* aos filhos e sua casa.

Todo esse processo está vinculado a um mundo em que se vai *vivendo e aprendendo*. Ao mesmo tempo em que a mulher vai *aprendendo a lidar* com a sogra, *aprendendo a acostumar com o povo do marido*, conhecendo e *dando sua cara* a sua casa, ela consegue se estabelecer no *terreno*, o que só se concretiza com o nascimento de um filho. Quando um filho nasce é preciso *aprender a ser mãe*. A mulher foi *dando sua cara* à casa, que será o locus de criação de seu filho, que precisa aprender *seu jeito* (o *jeito* da mãe, que se mistura ao *jeito* da casa). Seu *jeito* está para a casa assim como a casa está para a *criação* de seu filho. E nesse processo, a mãe vai *aprendendo* com o filho e vive- versa. A mulher precisa *aprender a acostumar/conhecer/ganhar sabedoria* do *povo do marido*, de sua casa, e também do seu filho. Por mais que a maternidade seja um projeto ideal dessas mulheres, elas não acham que o cotidiano de cuidados e aprendizados transmitidos aos filhos seja algo natural. A mãe vai se *acostumando* com o filho, vai *aprendendo a lidar* com ele, vai *ganhando sabedoria do jeito* da criança. Para elas, *cada filho tem um jeito*, pois, *cada ser vivente tem seu próprio jeito*, e este tom pessoal, esse *jeito* individual *dá para ver desde pequenininho*. Assim, a cada filho novos desafios virão, uma vez que, apesar do *jeito de cada um*, é preciso dar *seu jeito* à eles, por meio da *criação*. Não apenas os filhos tem que aprender com as mães, mas as mães, principalmente, tem que aprender com as crianças, uma vez que a maternidade só pode ser compreendida quando vivida.

Era recorrente que ao início de minhas conversas com as mulheres de Pinheiro sobre maternidade eu ouvisse que *ser mãe é bom, toda gente tem que passar por isso*, ou como disse Conceição: *Eu tive uma mãe e eu sou mãe, minha filha vai ser mãe*. Essa prescrição da maternidade me incomodava, pois, à primeira vista, ela parecia ser tomada como algo dado, uma certeza da vida quando se nasce com o sexo feminino. Contudo, a dimensão do aprendizado me indica que a maternidade não é apenas um acontecimento natural no curso da vida de uma mulher, apesar de ser esta justificativa mais imediata a ser mobilizada por minhas interlocutoras. *É vivendo e aprendendo*, e ser mãe é aprender sobre múltiplos processos: sobre

⁵² Para Victor Turner (2013), a liminaridade pode ser encontrada em contextos sociais nos quais os indivíduos são considerados “tábulas rasas” no que diz respeito à posição social a ser alcançada posteriormente. O silêncio, a submissão e o isolamento marcam essa fase marginal em relação à estrutura social. Assim, as mulheres casadas sem filhos estariam em uma posição inferior em relação às mães, e a maternidade seria a fase final de um processo ritual em que estas podem se sentir integradas.

como cuidar das doenças que atingem as crianças mais diretamente, sobre como arrumar a casa para permitir o desenvolvimento de habilidades esperadas, como preparar a comida e fazer a criança *tomar gosto* por ela, como *colocar um filho no mundo* e ensiná-lo a retornar para sua *casa raiz*, dentre outros. A *vida nunca está do mesmo jeito* e as mães também *nunca param de cuidar*, suas expectativas e atividades apenas se alteram.

Conjuntamente a esse processo de aprendizado das mães, as casas se enraizam, vão se tornando um ponto de conexão entre aqueles que *saem* e os que ficam, um lugar que é reivindicado como *casa de mãe*, onde se encontra *força*. Assim, essa visão processual é importante para que a tendência à virilocalidade não seja vista a partir da fase inicial do casamento, mas que acompanhe as mudanças que ocorrem ao longo do tempo na vida de uma família. Se no início do casamento a casa que a mulher ocupa não é entendida como sua, assim como o *terreno* para onde se muda, uma análise focada apenas nessa fase poderia cristalizar uma configuração que é transitória. Ao longo dos anos, a mulher imprime *sua cara* ao seu espaço, sendo aquela que decide sobre a domesticidade e sobre a criação dos filhos. Em atitudes cotidianas, ela *dá seu jeito* aos filhos, *ensina os modos da família*, faz as crianças se *acostumarem* com a casa. Com o falecimento do esposo, ela passa a ser a detentora de um patrimônio territorial e afetivo, que ultrapassa o domínio da posse/sucessão. Ela também se enraíza naquele solo, se faz enquanto elo das relações entre filhos, netos, noras e demais parentes próximos. O marido, mesmo *saindo para trabalhar* continua com o status de *pai de família* e tem atributos que o distinguem, como o fato de ser aquele que é reconhecido por prover os recursos materiais e por acordar decisões com vizinhos e pessoas de outras localidades (como contratação de mão de obra para construções, venda de animais e outras negociações). Contudo, o que observo é que apesar dele ser reconhecido por essas qualidades, muitas vezes suas esposas são decisivas nessas demonstrações públicas dos atributos de *pai de família*, pois parte dessas decisões são acordadas no espaço doméstico. Por exemplo, a obra do *forno de assar* de Conceição, que foi construída por seu irmão, do *jeito* da sua família de origem. Assim, para compreendermos o que há entre o ideal e o que ocorre cotidianamente, o trabalho antropológico exige um olhar que compreenda como o público se imbrica com o privado, enlaçando domínios e posições sociais. Neste caso, as *donas de casa/mães* tomam decisões que ultrapassam o âmbito doméstico, influenciam diretamente nas relações e decisões econômicas e políticas da família, *criam* os filhos e seus *jeitos*, estabelecendo características e moralidades que não são restritas à casa, mas se constroem em paralelo aos *outros* e ao *mundo*.

2.2 A casa raiz e as lembranças: *Mãe é aquela que nunca esquece do filho*

A maternidade é esperada na vida das mulheres de Pinheiro, mas *ser mãe é uma coisa que só sendo para entender*. Como outras dimensões da vida, a maternidade precisa ser experimentada para ser compreendida, ou melhor, para *ter sabedoria* sobre ela. A dimensão da experiência é fundamental para a forma como os *moradores de Pinheiro* enxergam o *mundo*, a vida e tudo que os cerca. Contudo, o que me instiga diante da centralidade da maternidade na vida dessas mulheres é o seu potencial em alterar o estatuto de pessoa, *sendo* mãe. Nesse sentido, ela não é apenas uma experiência, é um fator constituinte do ser, é algo que altera a própria condição da existência.

A maternidade não pode ser entendida a partir de uma única fase, a cada momento da vida dos filhos, a mãe deve se posicionar de uma maneira e ela precisa *aprender* isso. Análoga a forma como a vida é encarada, a maternidade *nunca está do mesmo jeito*, alterando a posição e forma que a mãe se coloca diante dos filhos. Assim, as fases que uma mãe vive trazem mudanças para a sua posição na família, diante da casa e do *mundo*. Se no início da vida da criança ela é o centro de suas interações, imbricada com a casa, ao longo da vida seu filho precisa aprender a lidar com o *mundo*. Através da *criação*, ela precisa *ensinar os filhos a andar com as próprias pernas*, pois, tal como a raiz, ela sabe que *os filhos são do mundo* e em algum momento o vento vai levar as folhas dos galhos.

A gente tem criar os filhos para o mundo é uma das frases que mais ouvi em Pinheiro. Ela é repetida com a força de uma sentença que precisa ser internalizada, muitas vezes pronunciada com um tom de autorreflexão. As mães precisam dizer para elas mesmas que seus filhos não são seus, apesar de afirmarem que eles são *a única coisa que eu tenho na vida*. Essa ambiguidade das falas me soava como inconciliável, sentia que se elas *criam os filhos para o mundo*, eles não poderiam ser *a única coisa que têm na vida*, pois se estavam no *mundo*, este os tinha e não elas.

Contudo, aos poucos fui percebendo que o *mundo* não é tão poderoso assim. Ele tem uma força sedutora, mas é preciso *saber lidar* com ele. O fato das mães de Pinheiro repetirem que *criam os filhos para o mundo* se relaciona com a necessidade de criarem estratégias para que os filhos vão *pelo mundo afora*, mas voltem para a casa. É preciso *ter rumo, firmar o corpo, não perder o equilíbrio*, processos estabilizadores que são ensinados por essas mães, nas *casas raízes*, diante *de um mundo em que tudo gira, gera e mexe*. Assim, essas mulheres duelam com uma força dissipadora, um agente que pode afastar por muito tempo seus filhos de seus lares (como acontece com os *sumidos*) e é preciso *aprender a lidar* com isso.

Se para Conceição, os desafios atuais eram *dar sua cara* à sua casa, aumentar os cômodos para Juliana *crescer mais à vontade*, e *aprender a ser mãe e dona de casa*, por meio de um processo de construção de uma *casa raiz*, o mesmo já não ocorre com sua sogra, por exemplo. Nas tardes em que visitava D. Natália (sogra de Conceição) a encontrava se *divertindo* com a televisão. Com sessenta e três anos, ela é mãe de seis filhos – dois homens e quatro mulheres – sendo que apenas o mais novo *mora mais* ela. Como *morar* não significa permanecer a maior parte do tempo ali, seu caçula *mora* em sua casa, mas *passa* cerca de nove meses ao ano *pra fora*, trabalhando para usinas de corte de cana. Seu outro filho é Marcílio, que se casou com Conceição e construiu uma casa em seu *terreno*, onde sua esposa e dois filhos permanecem enquanto ele *sai para trabalhar*. São os filhos dele que *movimentam* a rotina de D. Natália, pois, se *apresentam* na casa da avó a qualquer instante do dia, seja para fazer algum mandado da mãe ou simplesmente para visitarem-na.

Filho homem vai cedo para o mundo, pelo menos deixa os netinhos perto da gente, reflete ela. Essa reflexão se relaciona com a tendência regional à virilocalidade, já descrita. No caso de D. Natália, suas quatro filhas se casaram com homens de localidades vizinhas, indo residir nos *terrenos* familiares destes. Quando elas visitam a mãe, levam os filhos e a casa fica *cheia e alegre*. Contudo, no *tempo da seca*, dadas as distâncias a serem percorridas a pé, estas visitas são raras, realizadas geralmente em finais de semana ou quando conseguem alguma carona nas motos de vizinhos ou parentes que *guiam moto*. D. Natália também as visita, pois, *sabe da lida* das filhas. Ela circula entre as casas das quatro, às vezes auxilia nas atividades que demandam maior esforço, como o preparo de pães e biscoitos; o abatimento de animais, principalmente porcos; a fabricação de farinha; a pintura das casas; dentre outras. Essas atividades *reúnem* mulheres e são conhecidas por causarem *divertimento*, ou seja, apesar do esforço despendido, elas *movimentam* as casas, aumentam os trânsitos entre os *terrenos* familiares e entre as localidades. São *dias preferidos*, que muitas vezes são planejados, para que os motoqueiros disponíveis⁵³ possam fazer *viagens* entre uma localidade e outra.

⁵³ Quando me refiro a *motoqueiros*, falo daqueles que *sabem guiar uma moto*, o que não implica em ter o documento de permissão para isso. No *tempo da seca*, apesar de quase todas as casas possuírem uma motocicleta, há escassez de pessoas que saibam guiá-las, pois, preferencialmente são os homens que as guiam. Poucas são as mulheres que o fazem, algumas alegam medo das estradas, outras dizem que não encontram alguém para lhes ensinar. Esses motoqueiros dificilmente cobram por esses deslocamentos, uma vez que os veículos são bens pessoais com valor de uso coletivo. Muitas vezes, são afilhados que transportam madrinhas, sobrinhos ou netos que levam tias e avós. É comum que uma quantidade de gasolina seja fornecida como contrapartida, mas, não obrigatoriamente. Quem transporta essas mulheres sempre recebe daquilo que está sendo produzido: biscoitos, pães, farinha, rapadura etc.

Contudo, no dia a dia, a casa de D. Natália é uma *casa quieta*, o que se altera apenas no *tempo das águas*. Quando os netos não estão por lá – pois os horários de escola também limitam a circulação das crianças – o principal *divertimento* de D. Natália é a televisão, por meio da qual acompanha programas, novelas, noticiários. A atração mais esperada é um programa de auditório que discute problemas familiares. Ela diz que se *diverte* em ver as brigas e discussões das famílias *dos outros*, como traições, ciúmes doentios, problemas de relacionamento entre sogras e noras, discordâncias entre marido e esposa no que tange ao cuidado dos filhos.

Por vontade do destino, ela tem poucos filhos *reunidos* em seu *terreno*, ela não teve a *sorte* de continuar com a *casa cheia*, como outras mães de Pinheiro. Hoje sua casa é uma *casa quieta*, mas não *parada*. Apesar de problemas de saúde, D. Natália se nega a *ficar parada* e a deixar sua casa *parada*. Ela continua a *trabalhar na roça*, plantando e colhendo, *criando* galinhas e porcos, cozinhando e cuidando da casa. Seu *forno de assar* está sempre em funcionamento, ela *assa* para ela, sua nora e suas filhas, as quais visita para entregar os biscoitos e pães que produziu. Com mais de quatro décadas de construção, a casa de D. Natália a deixa orgulhosa, pois, ela ainda é capaz de manter as paredes erguidas e *fortes*, *sem rachaduras*. Esse estado de continuidade da casa depende dos cuidados de D. Natália e do fato dela não *ficar parada*, o que impacta diretamente nas condições de conservação e zelo de sua casa. A sua vida se mistura com a existência da casa e o estado de uma impacta sobre o estado de outra, sendo a casa o reflexo e a materialização das condições corporais e mentais de sua responsável. Assim, a *dona de casa* e a casa se misturam e suas histórias se imbricam, algo semelhante com as afirmações de Carsten & Hugh-Jones (1995), sobre a interconexão entre corpos, casas, arquitetura e ideias. Por tudo isso, sua casa se caracteriza como uma *casa raiz*, onde sua permanência dá vitalidade ao ambiente e àqueles que ali retornam, como seus filhos e netos.

Além de sua casa em Pinheiro, ela tem uma *casa na cidade*, comprada quando o esposo era vivo e queria investir em *um lugar deles na cidade*. Esse é um tipo de investimento comum entre os moradores da região, que estão sempre passando alguns dias *na cidade*. As idas para exames médicos, consultas, cadastros no INSS, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no Centro de Referência a Assistência Social, ao Emater, ao Banco do Nordeste, as sessões de *terapia* (fisioterapia) na policlínica nem sempre condizem com os horários do

*carro da escola*⁵⁴, o principal meio de transporte até Pinheiro. *Na casa da gente, a gente fica mais a vontade*, me dizia ela sobre o incômodo de ter de ficar na casa de outras pessoas, prática comum quando não se tem uma casa *na cidade*. O fato de não estar em suas próprias casas incomoda muito os *moradores de Pinheiro*, que dizem que *o melhor lugar do mundo é a casa da gente*, e se entristecem quando precisam passar temporadas em outros imóveis que não suas casas.

Quando D. Natália chega em sua *casa da cidade*, ela a arruma, cuida das plantas e do quintal, no qual gosta de manter plantações de abóbora, milho e mandioca. Orgulhosa de sua produção na cidade, ela diz que tem tido mais *sorte*⁵⁵ nas colheitas de lá do que nas de Pinheiro, apesar do pouco espaço de seu quintal *da cidade*. Esse cuidado de D. Natália faz sua casa ser uma *casa fechada*, que apesar de não ter moradores fixos é uma casa visitada, *tratadinha*, um local que recebe zelo e atenção constantes. Isso a faz se diferenciar de uma *casa abandonada*, por exemplo, que não recebe esse tratamento constante, que não é visitada, além de não ser habitada. Segundo D. Natália, *a gente não abandona o que a gente gosta* e suas idas na cidade são importantes para marcar sua presença naquela casa, bem como sua relação de afeto com o seu *lugarzinho na cidade*.

Por mais que tenha essa relação afetuosa com sua *casa da cidade*, D. Natália diz que ela *nem se compara* com sua casa de Pinheiro. Foi ali que seus filhos *nasceram e criaram*, onde ela se *firmou* como mãe e *dona de casa* e, como outras mulheres de Pinheiro, afirma que *aquelas paredes tem muita história*. Com um olhar contemplativo para a janela, disse que *a vida faz a gente aprender*, pois, *ela nunca está do mesmo jeito*. Por muitos anos, ela viveu naquela mesma casa, porém, era uma *casa cheia*. Os filhos *movimentavam* tudo, a cozinha estava sempre *cheia*, *as panelas eram grandes*. Com o tempo, a casa foi *esvaziando*, ela gosta dos dias em que seus filhos e netos chegam e pode utilizar as panelas grandes, quando o forno fica acesso o dia inteiro e as vozes e risos chegam até a estrada, são *dias preferidos*.

D. Natália diz que teve que *aprender a se divertir* sozinha, o que ela geralmente faz com a televisão. Ela já se *divertiu* de maneiras variadas ao longo do tempo. *Criar* os filhos foi *divertido*, assim como ter a *casa cheia*, por muitos anos. Uma *casa cheia*, sempre tem *divertimento*. Quando mais pessoas circulam por uma casa, mais *alegre, animada e divertida*

⁵⁴ O *carro da escola* é um ônibus escolar que transporta os alunos de Pinheiro, Macuco, Maria Pinto e Mata Dois, nos turnos matutino e vespertino. Assim, chega a estrada principal que interliga essas *comunidades*, para qual os estudantes e os *caroneiros* se deslocam pelo início da manhã e início da tarde. Sua chegada e retorno estão vinculados aos horários escolares.

⁵⁵ As plantações têm sido tratadas como questões de *sorte* por conta do regime irregular de chuvas. Isso será analisado no cap.3.

ela é. As casas que possuem crianças são consideradas as mais *divertidas*, pois, as crianças são reconhecidamente produtoras de *movimento*, *alegria* e *animação*. São casas que os gritos ressoam na estrada, que *as coisas não ficam paradas* em seu devido lugar, pois as crianças *estão sempre mexendo*. E *mexer* não é algo negativo, é um sintoma que a *saúde* vai bem. Quando as crianças são muito *quietas*, correm o risco de serem *sonsas*, de não possuírem capacidade mental para expressar e movimentar. *Menino saudável é menino que não para quieto*.

Não parar quieto é um comportamento etário esperado e estimulado. São as crianças que levam e trazem recados, que buscam ferramentas, temperos, folhas de chá, *remédios do mato*, vasilhas, comidas que são doadas como presente, dentre outros. Todo este movimento não é prejudicial, pelo contrário, faz parte do processo de aprendizagem. É nesta circulação entre casas que as crianças aprendem a *chegar*, a *sodar*, a *pedir benção*, a ter calma para não dar a impressão de que foi apenas levar ou pedir algo. Elas aprendem a *andar* em Pinheiro, *conversar e dar ligança* aos parentes e vizinhos.

O *divertimento* se desdobra em múltiplas ações cotidianas, mas para mim foi uma palavra cujas dimensões soavam como ambíguas, uma vez que várias atividades *divertidas* também são classificadas como *doidas*, *sofridas*, *pesadas*. A *criação* dos filhos é o exemplo mais claro desse paradoxo. A maternidade é entendida como um processo que *nunca acaba* e apesar dos filhos *já estarem criados*, os componentes da maternidade são sempre mobilizados pelas mães, como um trabalho de cuidado, atenção, tratamento. Elas continuam a cuidar de seus filhos assim como continuam a cuidar de suas casas, *dando força*. Ao longo da vida as incumbências de uma *dona de casa* e mãe se alteram e é preciso *aprender* isso. Se hoje D. Natália se orgulha das paredes de sua casa que não terem rachaduras, por conta de seu cuidado, ela também se orgulha de seus filhos estarem *criados*, de serem *fortes e gente de bem*. Contudo, o orgulho que sente não a exime de reiterar que tudo esse cuidado também é um *sofrimento*, pois, *ser mãe é sofrer nesse mundo*. Uma mãe sofre porque cuida despropositadamente, defende quando não há defesa, ajuda quando não há merecimento, faz o bem e *dá força* sem esperar nada em troca. Na concepção das mulheres de Pinheiro, uma mãe *age com o coração*, e por isso ela sofre, pois, *não abandona*, mesmo que o filho esteja errado (seja perante o julgamento dos vizinhos e parentes, ou da lei e da conduta jurídica).⁵⁶

⁵⁶ Essa concepção se aproxima do que Maya Mayblin (2010) encontrou no interior de Pernambuco, ao analisar o “amor de mãe”. Segundo a autora, o ideal de uma “boa mãe” entre seus interlocutores se baseia no amor despropositado e espontâneo, capaz de *criar* pessoas adequadas, um amor que serve de como referência inicial para outros vínculos de parentesco. Esse amor não se fundamenta em uma racionalidade mundana, mas é

O cuidado materno muitas vezes é entendido como *sofrimento*, dadas as dificuldades que uma mãe geralmente tem que enfrentar para defender, ajudar ou cuidar de seus filhos, que extrapolam qualquer limite. Uma mãe cujo filho comete um assassinato, por exemplo, *sabe que ele está errado, mas não o abandona*. Ela não é recriminada por isso, pelo contrário, seria considerado estranho que ela não se comportasse dessa maneira. De forma análoga, quando um filho/filha se separa do cônjuge, a mãe o/a acolhe em sua casa, ela *toma partido* do/da filho/filha e se encarregada de gerar um *falatório* sobre a situação, pois precisa *dar força* e geralmente se torna sua defensora, expondo como o casamento estava fazendo mal, ou *desequilibrando* o/a filho/filha.

Grande parte das mulheres que já criaram seus filhos me dizem que *ensinar, cuidar e equilibrar* as crianças é um sofrimento porque *mexe com muitas coisas*. Primeiramente, em muitas situações familiares conseguir o básico para a alimentação não foi uma tarefa fácil. *Dar o de-comer* foi um desafio para a maioria das mulheres que hoje possuem filhos *já criados*. *Tudo melhorou depois do Lula*, dizem elas se referindo às políticas governamentais como o Bolsa Família e à aposentadoria rural⁵⁷ que alteraram a situação financeira dessas mulheres e *a vida foi ficando mais fácil*. Contudo, ouvi inúmeros relatos de *antigamente*, sobre a criatividade que precisavam ter para alimentar as crianças com *aquilo que a natureza dá*, em muitos momentos de dificuldade extrema. *Colocar a água no fogo sem saber para quê* é uma expressão muito utilizada, dado que era uma maneira de muitas vezes enganar as crianças para elas acharem que a refeição estava sendo feita, até se cansarem e adormecerem. D. Natália, por exemplo, conta que seu marido passou cerca de vinte anos *saindo para a cana*, até que faleceu repentinamente, vítima de um ataque cardíaco. Ela, que irregularmente tinha acesso a alguma quantia de dinheiro que ele enviava, se viu sem nenhuma renda para *sustentar* seis filhos pequenos e diz que não sabe como *aguentou tanto sofrimento*.

A viuvez acentuou sua condição de *ser mãe e pai*. Dado a ausência do esposo por meses seguidos, era assim que ela se sentia, *mãe e pai*. Contudo, esclarecia que quando ele estava em casa, ele era pai e ela podia ser *só mãe*. Ser *só mãe* era se dedicar mais a casa e aos filhos e poder deixar os serviços externos e mais pesados para o esposo. Quando ele não estava, ela tinha que consertar cercas, fazer reparos nos galinheiros e chiqueiros, *plantar roça*, cuidar do gado, tocar o engenho, negociar a venda de porcos, dentre outras *coisas de homem*.

incondicional e só não é avaliado como uma loucura por ser praticado por uma mãe, cujo sentimento se aproxima das dimensões divinas.

⁵⁷ Apesar da aposentadoria rural não ter sido uma conquista dos mandatos do Presidente Lula, são atrelas a ele.

Ela o *ajudava*⁵⁸, considera que era um auxílio, pois ele continuava sendo *pai de família*. Contudo, quando ele faleceu, ela também tinha que *fazer dinheiro*. Começou a trabalhar de *camarada*, fazendo atividades braçais para os vizinhos e recebendo pelo dia de trabalho. Ela se lembra do tempo em que sua casa era *cheia* como um tempo de *divertimento*, mas também como um tempo de *sofrimento*. Os dois sentimentos se misturam e ela diz que às vezes olha para as paredes e *fica lembrando*, pensando no quanto ela foi *forte para aguentar*.

Envolvida com o relato de D. Natália, eu a perguntei o que ela achava se tivesse acontecido o contrário, se seu marido tivesse que ser pai e mãe, na ausência dela. Destoando do tom de sofrimento que a conversa tomava, das lembranças doloridas de *antigamente*, ela me respondeu com uma gargalhada, disse que eu era mesmo *engraçada*, logo ela via que eu *não tinha parido*. Entendi que era para eu rir da minha própria pergunta, que soou como piada e esperar uma resposta que fosse mais esclarecedora. *Yara, um homem jamais pode ser mãe. Ele pode ser criador, às vezes fica viúvo e por um tempo cria o filho, mas não se compara com uma mãe.*

Eu já tinha ouvido a expressão *criador*, mas não tinha prestado atenção nas minúcias que a recobriam. Ser mãe e ser *criadora* é algo natural, mas ser apenas *criador* não pode ser *comparado* a ser mãe. Se em outros contextos brasileiros, ouve-se dizer que *mãe é quem cria*⁵⁹, em Pinheiro, uma vez mãe, apesar de não ser *criadora*, esta será sempre lembrada pelo fato biológico que a liga a seu filho, ou melhor, por ter *parido* a criança. Esse laço é lembrado mesmo que a relação com a mãe seja distante, que ela não faça parte da vida do filho, que não se relacionem com frequência ou que não se conheçam. O trabalho cotidiano de *criação* é valorizado, entendido como aquele que fornece o *jeito da família* à criança, que o dá subsídios corporais, morais e éticos para o *equilíbrio* de uma pessoa. Quando a mãe é também *criadora* – o que é mais comum em Pinheiro – ela conjuga o parto ao processo de *criação* e é

⁵⁸ *Ajuda* é uma categoria encontrada em outros contextos campestres brasileiros em que as assimetrias de gênero se associam ao que é ou não considerado *trabalho*. As pesquisas de Heredia (1979) e Garcia Jr. (1983) são as mais clássicas na temática. Para os autores a diferença entre “roçado” (domínio masculino) e casa marcam os limites entre trabalho produtivo e atividades domésticas, não consideradas como “trabalho”. Em Pinheiro, por mais que as mulheres transitem entre os dois domínios, elas o fazem na ausência dos maridos e as atividades do *terreno* continuam sendo entendidas como masculinas e pertencentes aos maridos.

⁵⁹ Teixeira (2014) analisou a *criação* entre os moradores de Catarina- CE e afirmou que para seus interlocutores “mãe é quem cria”. De acordo com o autor, *criar* é construir proximidade e identificação, fazendo o outro “tornar gente”. Esse componente da criação é considerado o mais central na maternidade e por isso, a relação biológica se secundariza. O mesmo foi encontrado por Mayblin (2010) no interior de Pernambuco, onde a *criação* é o fator determinante para alguém ser entendida como “mãe”. Em Pinheiro, os sentidos da *criação* são centrais para a *lembrança* de quem foi *criado*, que reconhece quanto o trabalho cotidiano de *ensinar*, *dar força* e *equilibrar* interfere na sua constituição enquanto pessoa. Porém, a diferenciação entre mãe e *criadora* aponta para a importância conferida ao parto, que ali tem um sentido ritual e transcendente que não pode ser ignorado ou colocado em segundo plano. Por mais que a pessoa considere quem a criou *como uma mãe*, a pessoa que a *pariu* não pode ser negligenciada, pois teve o papel fundamental de a *colocar no mundo*.

identificada por ser aquela que é *forte*, capaz de *aguentar* (somente depois do parto a mulher se torna *mulher forte*) e *dá força* aos filhos, cotidianamente e por toda sua existência. O estatuto da dor do parto é o que faz uma mulher ser reconhecida como mãe, por mais que ela não seja *criadora*.

Nos casos de *criação* em que as crianças não foram *paridas* por suas *criadoras*, o fato delas não terem nascido dessas mulheres é esclarecido desde a infância, para que a pessoa possa reconhecer quem a *trouxe ao mundo*. Na maioria desses casos, quem *cria* é a avó, geralmente paterna ou alguma outra mulher da família biológica da criança. São muito raros os casos atuais de pessoas que *criam* afilhados, conhecidos ou filhos de amigos, o que já foi mais comum em outros tempos, segundo meus interlocutores. Esse corte geracional se relaciona com a diminuição no número de filhos por família, por meio de programas de controle populacional – como a indicação dos médicos para mulheres com dois ou mais filhos *ligarem as trompas* – o que aumenta as possibilidades da família cuidar de seus filhos.

O sofrimento de uma mãe inicia antes da criança nascer, sendo o parto o ponto de início de uma série de outros sofrimentos, que ela deverá *aprender a lidar*. Ao perguntar Célia sobre como ela entendia a maternidade ela me respondeu da seguinte forma:

Muito bom, a gente ser mãe, eu acho que o sonho de qualquer um é ser mãe. Ser mãe... Pode ser o que for, você pode prestar atenção, às vezes a pessoa tem um filho só, mas tem. Tem o sonho dela, que é ser mãe. Que às vezes uma pessoa que não é mãe, eu tenho gente na minha família, que pensa ter um filho e não tem filho. Aí fica assim: “Nossa, eu queria ser mãe. Eu não sei o que é sentir uma dor de mãe”. Então, você fica até com dó da pessoa, né?

Uma dor de mãe pode ser a dor do parto, mas também a forma como uma mãe lida com outras dores, que é uma forma de *pensar e sentir* diferente. Segundo minhas interlocutoras, *ser mãe é ter ideia preocupada*, um estado alcançado no qual a pessoa nunca mais pode ser totalmente tranquila, ela está sempre *pensando* nos seus filhos. Como diz D. Natália, até quando ela está se *divertindo* com a televisão ela pensa que as pessoas que estão vivendo as situações ali mostradas poderiam ser seus filhos. Ela reza para eles quando vê o noticiário falando dos assaltos em São Paulo, quando ouve dos acidentes de carro, quando novas doenças são anunciadas. Para elas, essa é a principal diferença entre as mães e os pais: *um pai continua despreocupado, não muda a ideia, um pai abandona*.

O processo de *abandono* não é similar a uma *saída para trabalhar*, mas, o desligamento do homem com seu filho, a falta de cuidado, de proximidade. Tal como a *casa abandonada*, o *abandono* de um pai é um estado de afastamento dos laços familiares, quando as relações são marcadas pela ausência de contato, de notícias, de *falta de lembrança*. Não

lembrar do filho é uma atitude masculina, pois uma mãe, por mais que não seja *criadora*, se *lembra* do filho por ter vivido em seu corpo a gravidez e o parto. *Ninguém esquece de um parto*, me falaram as mulheres de Pinheiro. Mais do que a gravidez, o parto é um momento de *força*, que *você lembra para a vida inteira*.

Essa assimetria entre mães e pais não despreza a paternidade, mas a coloca em um plano secundário diante de uma figura que *sempre toma partido do filho*, que *não abandona*, que *dá força*, que permanece na casa enquanto os filhos *vão para o mundo*. Nesse sentido, quando as mulheres falam que podem ser *mãe* e *pai*, mas que o contrário não é verdadeiro, elas se baseiam em uma série de exemplos de homens que ficam viúvos e logo recasam, pois sozinhos não conseguem cuidar dos filhos, se separam e não procuram as crianças, vão pelo *mundo afora* e deixa a mulher com *uma mão na frente e outra atrás*.

Uma mulher, quando mãe, *nunca mais pensa apenas nela*. Aquelas que ficam viúvas na velhice tendem a não recasar e as jovens quando recasam levam os filhos – a convivência entre eles e o pretendente é um aspecto fundamental para um novo matrimônio, avaliada criteriosamente. A lembrança dos filhos é explicitada em atitudes cotidianas, não apenas em decisões públicas como recasamentos, mas nas idas *na cidade*, quando elas *lembram* dos filhos e trazem uma bala, doce ou algo *preferido* por eles, ou quando *andam no mato* e recolhem sementes, galhos ou folhas para eles brincarem, dentre outras *lembranças*.

Mesmo as mães que *dão seus filhos para criar*, se asseguram que eles serão *bem tratados*, que não passarão por carências e negligências que os afete. Sendo assim, ela *não abandona*. Tal como as mulheres que *saem para trabalhar* e se asseguram que suas casas ficarão *fechadas*, com algum parente ou vizinho responsável pelos cuidados necessários para que suas casas não fiquem *abandonadas*, as mães que *dão seus filhos* pensam em um *criador*. Assim, geralmente, procuram notícias das crianças, ligam, perguntam sobre a saúde delas, as visitam, pois, o fato dela ser a mãe, *quem pariu*, não deve ser esquecido. E ela jamais esquecerá da criança, por mais que não a procure *em qualquer lugar que estiver vai lembrar no corpo do seu parto*. A criança, por sua vez, também deve se *lembrar da mãe*, e é fundamental que cumpra com algumas etiquetas, como o fato de *pedir benção*, *chamar de senhora*, *ser educado com a mãe*. Cobra-se uma gratidão do reconhecimento que ela o *trouxe ao mundo*, por mais que os afetos conferidos à *criadora* sejam mais intensos, fruto do convívio diário, da *participação* na vida criança, dos *ensinamentos*.

As mães *lembram* dos filhos assim como os filhos *lembram* das mães. Além do fato de se *lembrarem de quem os colocou no mundo*, se *lembram* dos cuidados, do amor e da *preocupação* de quem os *criou*. O processo cotidiano de *criação* e dessa presença contínua da

mãe ou *criadora* na casa faz com que os filhos reconheçam que estas mulheres são *com quem a gente pode contar*. As mães e as *criadoras* são o principal motivo de retorno daqueles que *saem*, que *reunidos* com estas, na *casa raiz* se sentem mais *fortes*, para *enfrentar o mundo*. Geralmente, elas recebem ligações de todos os filhos, presentes e visitas, que são formas de *lembrança*. Aos domingos, aquelas que possuem antenas de telefone em casa já se posicionam perto do aparelho e passam horas falando com um filho e outro, com netos, compartilhando notícias da família. As que não possuem, sobem até um ponto em que a conexão telefônica⁶⁰ é alcançada e por horas permanece ali, muitas vezes organizando uma estrutura para se sentar confortavelmente.

Portanto, a *lembrança* não é apenas daquela que o *coloca no mundo*, mas também e principalmente, *daquela que cria*. Quando ambas não correspondem à mesma pessoa, o que gera a *lembrança* é o parto, condição mínima para que uma *mãe não abandone* e para que o filho, minimamente, seja grato e se lembre que ela o *colocou no mundo*. A dor do parto agencia uma ligação entre os dois que não pode ser *esquecida*, esteja a mulher em *qualquer lugar do mundo*. Contudo, a relação entre *lembrança* e aquilo que é vivido no corpo é algo recorrente entre os *moradores de Pinheiro*. Para eles, no próprio processo de *criação*, acionar o mecanismo da palmada é uma maneira eficiente de fazer as crianças *lembrarem* de seus erros. Desde que não seja excessiva, a palmada é vista como educativa. Assim como eles lembram das palmadas que receberam na infância, esperam que os filhos lembrem das que recebem. Assim, o anúncio da Lei da Palmada⁶¹ foi recebido com resistência. *O governo agora quer mandar na casa da gente, na criação dos meus meninos?* Essa indagação foi tecida por quase todas as casas que visitei, cujas mães entendem a ação do governo como uma *afronta*. Em algumas casas ouvi que *o governo tem que entender qual é a parte dele, porque a minha eu sei qual é*. A interferência do Estado na *criação* é entendida como um problema, um

⁶⁰ Em todo o município de Minas Novas apenas uma empresa de telefonia celular presta seus serviços. Esta é uma característica dos municípios da região do Vale do Jequitinhonha, em que cada município é agenciado por uma empresa. Essa divisão entre municípios e empresas telefônicas não significa um atendimento suficiente. Pelo contrário, os serviços são de má qualidade e força os moradores a recorrer ao uso de uma antena, que capta o sinal à distância. Essa antena faz dos celulares um aparelho fixo, utilizado dentro das casas. Contudo, quem não possui recursos para adquirir a antena ou cuja posição da casa não favorece a captação de sinal, mesmo com o equipamento, precisa se deslocar para os morros e locais mais íngremes. Apesar de todos esses empecilhos, as ligações são mantidas com frequência, principalmente aos domingos.

⁶¹ O conteúdo da Lei 13.010 de 26 de junho de 2014, popularmente conhecida como “Lei da Palmada” trata do abuso físico sobre os corpos das crianças e adolescentes e garante que: “A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los.” (BRASIL, 2014) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm. Acesso em 25/07/2015.

desvio de suas funções, que devem se referir a outros contextos, como obras, projetos de geração de renda, fiscalização de estradas, dentre outros. Quando o *governo* quer deslegitimar a ação de uma mãe, ele está sendo *intrometido*, pois *se um filho cresce bandido a culpa nunca é do governo, é da mãe*. E esse é o argumento contrário à intromissão do *governo*, que *sabe fazer lei, mas não sabe o que é criar menino*.

O *governo* que quase se personifica ao *saber fazer lei* é entendido como um agente, que *não sabe criar menino*, ou seja, não tem legitimidade para controlar a rotina de uma mãe cujo propósito é *criar filhos equilibrados, que sabem viver e conviver, que andam com suas próprias pernas*. A lei, que fala sobre abusos físicos sobre as crianças e adolescentes não determina a proibição de todos os tipos de castigo ou punição, o que não recai diretamente sobre o tipo de palmada que as mães de Pinheiro praticam. Devo reiterar que nunca presenciei mais do que uma palmada como medida de repreensão e que o cuidado em não machucar as crianças é generalizado. Contudo, a lei soou como deboche e muitas mulheres sorriam da *audácia do governo de querer mandar na casa e na criação dos filhos dos outros*.

Contudo, não é toda *lei do governo* que interfere em relações vividas nas casas que é mal avaliada pelas mulheres de Pinheiro. A Lei Maria da Penha é uma *lei boa*, uma lei latente nas relações conjugais, por mais que ela não seja usada de fato. As variadas formas de violência doméstica não são vistas como inimagináveis por essas mulheres e muitas delas não se envergonham de mostrar marcas pelo corpo, marcas provocadas pelos maridos com foices, enxadas, facas e até mesmo tiros de espingarda. As relações familiares muitas vezes se desestabilizam com a presença do marido em casa e o movimento típico do *tempo das águas* tende a intensificar as discussões, que em grande parte se associam com a presença e conduta do casal em festas. Para além disso, as brigas podem surgir por questões triviais, como a fuga de um animal para as terras do vizinho, um descuido com o horário do jantar ou a presença de um fio de cabelo na comida.

Segundo os relatos das minhas interlocutoras, todas essas situações eram mais comuns antes da Lei Maria da Penha, que se tornou uma ameaça eficiente na diminuição dos casos de violência doméstica. A ameaça de *chamar a polícia* funciona como um inibidor, uma vez que grande parte dos homens teme ser *fichado*, o que pode influenciar na contratação para cargos em empresas que solicitam “Atestado de Nada Consta”. Nos casos em que a ameaça não

funciona e a polícia é chamada, geralmente as mulheres não denunciam seus maridos, pois desejam apenas a pressão policial sobre ele e não a abertura de um processo jurídico⁶².

Por mais que não abram um processo contra o esposo, para as mulheres de Pinheiro, *quem bate esquece, mas quem apanha não*. Como o corpo guarda as marcas desses episódios, elas *lembram*, não se esquecem de que *não podem contar com os maridos*. Em grande parte, essa *lembrança* reforça o vínculo entre mães e filhos e dá sentido a constatação de que *meus filhos são a única coisa que eu tenho*. A relação mãe e filho é revestida pelo *sentimento mais forte do mundo, um amor verdadeiro, um amor que não acaba*. Segundo as mães de Pinheiro, por mais que um filho as decepcione, elas jamais vão deixar de amá-los, o que *nem se compara com um marido*.

A relação entre a *lembrança* e *esquecimento* faz dos pais seres dotados de menor estoque de memória que as mães, não pelas capacidades cognitivas, mas pelos processos vividos no corpo. Um homem *bate e não se lembra*, assim como tem um filho, mas *não vive a dor do parto*. O fato de uma mãe *não abandonar* o filho e de seus descendentes serem *tudo que ela tem na vida* se relaciona com as dores e marcas que carrega no corpo, que estão com ela *em qualquer lugar por onde for*. Essa relação entre dor e *lembrança*, entre o não esquecimento daquilo que é vivido no corpo é uma das formas mais antigas de agenciamento da memória. Segundo Nietzsche (2009), a história primitiva da humanidade é marcada por uma mnemotécnica, por meio da qual o corpo era gravado, objeto de sofrimento provocado de forma a produzir memória através da dor. Não me interessa aqui desvendar os processos morais que se desvelam por trás dessas técnicas e nem fazer uma análise crítica sobre eles. Apenas ressalto a ressonância entre essa tese e as reflexões que recolhi em Pinheiro, onde esses corpos, que são marcados e *lembram*, constroem narrativas e práticas em torno da maternidade, reivindicam a dor como mecanismo legítimo de reconhecimento, pela memória. Essa ligação estabelecida entre os *moradores de Pinheiro* encontra correspondência ainda nas análises de Clastres dos rituais de iniciação, nos quais “a marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impresso em si os sulcos da lembrança – *o corpo é uma memória*. (Clastres, 2003, p.201). Guardadas as proporções entre os dois contextos, essas mães mobilizam e constroem memórias, não apenas em seus corpos, mas através da relação entre a *casa raiz* e os filhos, entre eles e o *terreno* da família, entre as casas de Pinheiro, assim

⁶² Situação semelhante é encontrada por Andrade (2012) nos casos de violência doméstica que acompanhou em uma Delegacia de Defesa da Mulher em Campinas -SP. Segundo a autora, parte considerável das mulheres que chegavam até a instituição desejava apenas uma medida de ameaça ou pressão policial sobre os maridos. Além disso, essas mulheres também expunham suas marcas sobre o corpo, em uma espécie de busca de “provas” do sofrimento e da dor que vivenciavam.

como em seus *caminhos, trilhas e carreiros*, as mães engajam os filhos em *lembranças* e essas os fazem voltar, fazem *saber do lugar da gente*. Aquela que *não esquece e não abandona* é o centro das relações afetivas da família, aquela que faz os filhos voltarem e se lembrarem dela e de sua casa.

Essas práticas são desafiadoras, pois, como disse, essas mães *aprendem a lidar com o mundo*. Uma das principais formas de *lidar* com ele é produzindo *lembranças*, mas não apenas. Como *a vida nunca está do mesmo jeito*, as recentes *saídas* das mulheres e mães de Pinheiro para Barrinha tem colocado novas questões a serem *aprendidas* por elas, que impactam diretamente na *criação* dos filhos e nas configurações familiares. *Mães que levam as crianças, mães que as deixam com as avós, mães que criam na cidade e mães que criam de longe*. Mulheres que passavam o dia em seus domicílios, cuidando e dando *sua cara* à casa e agora vivem *na cidade, pra fora do lugar da gente*. Cuidam das casas e das crianças de outras pessoas, vivenciam alteridades múltiplas e *vão aprendendo a lidar com o povo de Barrinha*. Outras questões vêm a tona e algumas permanecem como fundo comum, pois ser mãe é *lembrar disso para qualquer lugar onde for*.

2.3 Criar menino na cidade: Os impasses em Barrinha

Se no *tempo das águas* as casas ficam mais *cheias e alegres*, no *tempo da seca*, apesar de toda animação cotidiana entre essas casas, há aquelas em que são mais *quietas* e outras que são mais *movimentadas*, o que gera observação e comentários constantes. Como nos contextos analisados por Comerford (2014), em Pinheiro as narrativas sobre idas e vindas e a vigilância informal sobre o movimento da casa e dos *terrenos* alheios é uma prática reconhecida como normal e corriqueira, que faz parte da forma de percepção que criam sobre *o lugar*, as pessoas e suas reputações.

Essa diferença entre o *movimento* de uma casa pode ser causada pelo *jeito* das famílias, algumas mais receptivas que outras – entre dois extremos existem *povos fechados*, que são mais reservados, mais contidos, e *povos arreganhados*, que são mais espontâneos, mais brincalhões, mais receptivos; dentre esses extremos há graus intermediários de *povos*. Em um mesmo *lugar* (lê-se localidade) um desses extremos pode se sobrepor ao outro, criando tipos de *gente* diferentes, como *a gente de Pinheiro, a gente de Macuco, a gente de Gravatá, a gente de Curralinho* e assim por diante. Em Pinheiro, que é *o lugar da gente*, as casas não tendem a se *fechar umas para outras*, pois, a *união* é entendida como um valor. No *lugar da gente*, encontra-se *uma gente boa de receber uns aos outros, gente receptiva*. O

mesmo não se pode dizer de outras localidades vizinhas, que às vezes eles visitam, *mas não se sentem à vontade*.

A alteridade não é sentida apenas na região. Quando estão em Barrinha é possível pensar a *gente de Minas Novas*, que conjuntamente com outras pessoas de Minas Gerais, constituem a *raça de mineiros*. Fazer parte de *uma raça de gente* não anula as diferenças que localmente existem: essas são as mais importantes⁶³ de serem avaliadas, as que impactam diretamente sobre o cotidiano do *lugar da gente*. Todavia, há outras *raças de gente* espalhadas pelo Brasil, como a *raça de baianos*, a *raça de pernambucanos*, a *raça de maranhenses*, a *raça de paulistas* e a *raça de gaúchos*, dentre outras que eles vão *ganhando sabedoria* sobre elas a partir *das andanças* que realizam *pelo mundo afora*. Essas *raças* são vistas com certo distanciamento, são *gozados*. Cada qual com sua particularidade, eles são vistos como *gente com costume diferente*, com *um jeito gozado*. Por conta disso, dificilmente eles se casam com pessoas de *outras raças de gente*. Acham que casamento que *dá certo* é com *gente conhecida*, *gente de perto*, de lugares próximos à Pinheiro. Mesmo que a localidade não seja limítrofe ou que seja mapeável de maneira mais direta, geralmente se casam entre *gente de Minas Novas*. Dificilmente se casam com pessoas de outras cidades de Minas Gerais, mas quando isso acontece *é por bem* que seja entre *mineiro de pé rachado*, ou seja, entre aqueles que *são da roça*.

Casar com mulher da cidade é de antemão um problema. *Mulher da cidade é fresca*, *mulher da cidade não é gente do nosso jeito*, *mulher da cidade não come como a gente*. Inúmeras vezes, os *moradores de Pinheiro* desacreditaram que eu era *da cidade*. Eles me ofereceram uma gama de alimentos, os quais eu não recusei. Comia *tudo que me davam*, não interessava na casa de quem. Nunca quis *sentar na mesa, como faz a gente de fora*. Em alguns casos, percebi que passava por provas, pequenos desafios para testarem se eu não reclamaria. Serviram-me chouriço⁶⁴, fígado de porco e miúdos, pratos que geralmente são rejeitados por *gente da cidade* e não viram isso acontecer comigo, que tenho *estômago forte*. Diferentemente de *gente criada na cidade*, eu não tenho o *passo atrasado*, não me incomodo de andar e *aprendi a andar* em Pinheiro e na região. Desconsiderando às vezes iniciais que erreí *caminhos*, passei por cercas erradas e não reconheci os *sinais* que me indicavam,

⁶³ Aqui a intensidade das relações diretas e cotidianas faz mais sentido, como o que Evans-Pritchard (1978) analisou entre os Nuer. Segundo o autor, o sistema se segmentar permite que os Nuer se pensem em escalas crescentes de pertencimento, cujo nível máximo é tribo. Contudo, a “aldeola” nível das relações mais diretas é o nível mais palpável e o que mais impacta nas relações diárias.

⁶⁴ Embutido feito com sangue de porco temperado e embalado com as tripas do animal que, segundo os *moradores de Pinheiro*, não é apreciado entre *gente da cidade*.

generosamente eles falam que eu tive *capacidade de aprender*. Para todos aqueles que questionavam o fato de eu ser *criada na cidade e não reclamar de nada*, a justificativa encontrada era o fato de eu ser *mineira*, não de *pé rachado*, mas da *raça de mineiros*. Eu vim do *fim do mundo*, como diria D. Maria de Joaquim, mas não era tão *mundo* assim. Por isso eu *dei assunto* ao escutar *coisas da cabeça da gente*, coisas *bestas*, coisas *que toda gente sabe*. A mineiridade é um fundo de reconhecimento, mesmo que seja uma proximidade bem afastada, esgarçada pelas distâncias e diferenças regionais.

Para eles, as pessoas não tem o mesmo *jeito e não são da mesma raça*, assim como não são mães da mesma maneira. Para as mulheres de Pinheiro que *sáiram*, a forma como suas patroas de Ribeirão Preto *lidam* com os filhos é uma *esquisitice*. Como são empregadas domésticas, babás e cuidadoras de idosos em condomínios de luxo da cidade, elas tiveram acesso a realidades até então inimagináveis. Assim, elas não compreendem o porquê das patroas – que geralmente não trabalham *fora de casa* – precisarem de três babás, uma para cada turno do dia. Intrigadas, elas perguntam umas às outras: *Se ela não trabalha fora, porque não cuida do filho?* A tarefa de *cuidar*, que até então era entendida como básica a toda mãe, é delegada a outras. Muitas vezes, discutem sobre as viagens das patroas, que preferem não levar as crianças, alegando que precisam *descansar*. Incomodadas com essas situações, comentam entre elas: *Descansar não sei do quê, se nem cuidar dos filhos ela cuida*.

As *saídas* das mulheres e mães de Pinheiro para ocuparem cargos de cuidado doméstico na região de Ribeirão Preto mudou significativamente a visão que possuíam não apenas sobre a maternidade e o *mundo*, mas também sobre *diferenças* (de classe, raça, poder e prestígio). Todas elas são enfáticas ao afirmar que *no lugar da gente todo mundo é igual, aqui a gente vê muita diferença*. As principais *diferenças* que elas vêem se relacionam com o poder aquisitivo dos patrões, que não são de uma classe média, mas da elite de Ribeirão Preto. Os condomínios onde trabalham, afastados da cidade, são redutos de empresários do agronegócio, juízes, médicos renomados, administradores e acionistas, dentre outros. Ouvi de todas elas que *foi em Ribeirão que eu entendi que era pobre*, uma vez que em Pinheiro todos são *iguais*, com uma *diferencinha pouca*, geralmente medida na quantidade de porcos que a casa possui ou na aquisição de um automóvel.

Para as mulheres de Pinheiro, *o rico sabe que é rico desde pequeninho e acha que pode mandar*. A dificuldade que encontram para ter autoridade perante as crianças das quais são babás se referem principalmente a isso, pois elas *sabem que o pai é rico*. Os relatos sobre os abusos que sofrem nas casas em que trabalham não são poucos e nem fáceis de digerir. Grande parte desses abusos vem das crianças, que distintamente das crianças do *lugar da*

gente, não temem a autoridade das babás e *sabem que são ricas*. Uma das mulheres que foi babá me contou que certa vez teve vontade de *largar o serviço* pela humilhação de uma criança de sete anos que se negou a usar o mesmo banheiro que ela, pois disse *ter nojo de negro e de pobre*. Ela me explicou assim como as crianças agem, *sabendo que são ricas e sabendo que elas são negras e pobres*.

Em Ribeirão, elas *aprenderam a lidar com gente endinheirada*, pois é *uma gente difícil de lidar*. Elas assumem que não são todos do mesmo *jeito* e é preciso ter *sorte* para trabalhar em uma família que seja *boa*. Não receber refeições, trabalhar doze horas diárias, ter que *aguentar humilhação de criança*, ver o cachorro ser *mais bem tratado* do que elas, são algumas das atitudes que as *envelhece*. Muitas vezes quando elas falavam que se sentiam *velhas*, a expressão era de tristeza. Talvez o que elas chamam de *velhice* se aproxime da tristeza, de um estado de impotência perante um sistema de trabalho que as suga. Aproximadamente cinco horas de deslocamento diário entre os condomínios dos patrões e Barrinha, uma série de atividades domésticas em suas residências, o cuidado dos filhos (estejam eles em Barrinha ou em Pinheiro), poucas horas de sono, tudo isso *envelhece*, também *deixa fraco, desequilibra*.

Quando encontrei as mulheres que estavam em Barrinha, por mais que elas reclamassem da situação que viviam na casa dos patrões, o que mais as preocupava era a dificuldade de *ser mãe e pai*, não mais em Pinheiro, mas ali, no noroeste do estado de São Paulo. Não foi das primeiras vezes que ouvi falar da vida em Barrinha que compreendi que as mulheres não residiam diariamente com seus maridos. Por um tempo, acreditei que elas os acompanhavam, dado que a expressão *foi junto com* me sugeria a uma vivência diária da família, distintamente do que ocorria em Pinheiro, onde as mulheres permaneciam com os filhos, enquanto os maridos *saíam para trabalhar*. Contudo, quando cheguei em Barrinha, compreendi que eles também *saíam para trabalhar*, permaneciam cerca de dois a três meses *no trecho*⁶⁵, em diferentes locais do país, exercendo cargos dentro de usinas de isolamento térmico. Esse ramo de trabalho, de caráter itinerante, permitia que eles permanecessem temporadas de aproximadamente uma semana em Barrinha, município no qual está instalada a sede da empresa que os contrata. Nessas *paradas*, os homens encontravam suas esposas e filhos, além de outros parentes e vizinhos que residem na região.

⁶⁵ Rumstain (2012) observa que o *trecho* é um tipo de atividade marcadamente masculina. O *trecho* possui um movimento circular, de idas e voltas que parecem não ter um fim pré-determinado. Esses movimentos não correspondem aos tipos de deslocamentos femininos, com maior previsibilidade de quanto tempo permanecerão em um determinado local, com vistas a atingirem determinados planos, muitas vezes familiares. Para Guedes (2011) o *trecho* também se relaciona com a masculinidade, atrelada ainda à juventude. Um *peão de trecho* necessita de saúde e disposição física para um alto nível de mobilidade,

Em grande parte do tempo são as mulheres que governam a *criação* dos filhos, estejam eles em Barrinha ou em Pinheiro. A decisão de levar ou não as crianças envolve discussões longas, com debates em torno do que é melhor para elas: serem *criadas na cidade* ou *crescerem longe da mãe*. As mães se dividem entre aquelas que não conseguem ficar longe dos filhos e aquelas que temem os perigos da cidade, sendo que tendem a entender umas o lado das outras, pois ambas as decisões envolvem riscos na *criação*. *Na cidade a gente não controla os meninos, ninguém conhece a gente*. Se o controle é algo praticado e praticável em Pinheiro, onde cada *trilha*, *carreiro* ou caminho é conhecido, o mesmo não acontece em Barrinha: *lá pra fora ninguém olha menino da gente, a gente não sabe por onde eles andam*. Essa perda do domínio de onde, quando e como as pessoas circulam é uma das principais causas para as reflexões negativas sobre a ida das crianças. O temor de que a perda do controle possa levar as crianças e adolescentes ao *mundo das drogas*, tráfico ou relações de criminalidade é o maior motivo para tantas reflexões, apesar de não ser o único. Em Barrinha ouvi falar que *menino que cresce na cidade fica preguiçoso*, diziam as mães que refletiam sobre o quanto a vida urbana é mais simples diante das tarefas diárias, da proximidade do setor de serviços, da diminuição das distâncias a serem percorridas, principalmente à pé.

Em Barrinha, elas dizem que *menino não anda quase nada e desaprende de ajudar a mãe*. As crianças ficam tão *paradas* que podem até ficar *sonsas*, um estado contrário ao que é esperado de crianças saudáveis, que *não param quietas, estão sempre movimentando, são espertas*. A circulação rotineira de Pinheiro, entre uma casa e outra, é desarticulada. Não se trata apenas de distâncias, pois, elas tendem a morar próximas. Todavia, as mães recomendam aos filhos que não circulem na ausência delas, que passam o dia em Ribeirão Preto. Os perigos *da cidade* não permitem que se comportem despreocupadamente como em Pinheiro. Por mais que Barrinha seja uma cidade pequena, com um grande número de *conhecidos*, elas afirmam que *não há lugar como o da gente e a gente não pode entregar os filhos para a rua*. Crianças que *crescem na rua* correm um risco duplo: tanto é um problema no cotidiano de Barrinha quanto é um grande obstáculo à *casa raiz*, em Pinheiro. Para elas, quando as crianças passam muito tempo *na rua*, com crianças de Barrinha ou de outros lugares, elas incorrem do perigo de *esquecerem do lugar da gente, acharem que ali é a casa delas*.

De maneira mais generalizada, a maior preocupação dessas mães é que elas não consigam gerar nos filhos a *lembrança* de suas casas, como acontece quando elas são *criadas* em Pinheiro. Elas temem que elas *peguem o jeito do povo de Barrinha*, que não saibam reconhecer o *lugar da gente*. Por conta disso, parte dessas mulheres não leva seus filhos e tem de *aprender a lidar* com outros problemas, ao *criar menino de longe*. Essas, geralmente os

deixam com suas avós paternas ou maternas, que passam a ser *criadoras* de seus filhos. Nesses casos, o *jeito* da *criadora* pode não ser o mesmo da mãe e em algum momento do crescimento dos filhos uma outra decisão precisa ser tomada (voltar para Pinheiro ou trazer os filhos para Barrinha) para evitar que as crianças *desaprendam do jeito da mãe*. Para debater essas e outras questões, gostaria de apresentar duas histórias de mulheres que *sairam* para Barrinha e cujas configurações familiares tomaram rumos distintos e não previsíveis.

2.3.1 *Eu estou chegando: A casa que precisa ser retomada*

Quando conheci Carla, há seis anos, ela era uma *viúva de marido vivo*⁶⁶, como diziam ela e as demais mulheres de Pinheiro. Com seu alvo lenço branco amarrado à cabeça, ela me falava da preocupação constante com a falta de água. O ano tinha rendido poucas chuvas e era preciso *muita sabedoria* para que não ficassem sem o que beber. Preocupada com isto e com um infinito de outras questões cotidianas, Carla tinha um semblante muito sério, um semblante endurecido, apesar da sua presença frenética pelos cômodos da casa.

Ativa e falante, ela me envolvia com discursos fascinantes sobre como deveria se desdobrar para realizar todas as atividades diárias, sem a presença do marido. Diante dos desafios de *criar* os filhos com *honestidade*, ela me disse que era *mãe e pai*, ao mesmo tempo. Por mais que ela não fosse independente do marido, que ele fizesse parte daquela família, estando presente no cotidiano da casa – de maneiras outras que a presença física – era ela quem enfrentava *a lida* de todos os dias. Foi Carla que me disse uma das frases mais inspiradoras naquele trabalho de campo: *Ô moça, ser mulher é um troço complicado*. Eram muitas *complicações* na vida de mulher, grande parte delas causadas pelo fato de ser mulher, *mãe e pai*, ao mesmo tempo.

No ano seguinte, fui a Pinheiro e não encontrei Carla. Ela tinha partido para Barrinha, e nas *complicações da vida de mulher*, tinha deixado seus três filhos. As meninas, Núbia e Ester, ficaram em Pinheiro. Passavam o dia em casa e na escola e dormiam na casa da avó paterna, no mesmo *terreno*. O menino, Cléber, que é muito *atentado*, ficou na localidade vizinha, com a mãe de Carla. Ao visitar sua casa, me surpreendi com o esforço de Núbia, de apenas 13 anos, tentando substituir sua mãe, com toda disposição em me arrumar um bom café e uma boa prosa. Ester, com seis anos, andava tão *muxoxa*, que não esperava muito para

⁶⁶Essa expressão foi cunhada pela mídia para se referir às mulheres que permaneciam no Vale do Jequitinhonha enquanto seus maridos “migravam” para outras regiões do país. Em Pinheiro, ela é reconhecida positivamente, pois, as mulheres a associam à uma *luta* diária em ser *mãe e pai*. Essa é uma interpretação local, mas devo sinalizar que a expressão encontra outros sentidos e conteúdos nas demais localidades da região.

se sentar no colo das visitas. Estava visivelmente carente. As duas tinham emagrecido muito e este era o assunto da vez nas rodas de conversa.

A casa estava muito *triste*, nas palavras de Núbia. Não acendiam mais o fogão à lenha. A mãe tinha proibido uma série de atividades que poderiam ser perigosas, dentre elas o uso do fogão e do *forno de assar*. Núbia assumiu o comando da casa, das *criações*, do pagamento das contas, das compras no mercado, dentre outras tarefas, conciliadas com a escola, para onde se deslocava diariamente, até a zona urbana de Minas Novas. D. Maria de Genivaldo, avó paterna, mantinha o controle sobre as meninas, observando a casa, que se encontra a poucos metros de seu quintal e vistoriando a movimentação delas para outros *terrenos* ou para o *morro*, onde o sinal telefônico permitia que ligassem para a mãe. Eram muitas as ligações durante o dia. Ester, que segundo Carla tinha certa *mania de perfeição*, ligava aos prantos para a mãe a cada vez que rasurava a folha de tarefas, ou quando o lápis de cor ultrapassava a linha do contorno dos desenhos entregues pela professora. Núbia tinha dúvidas sobre como deixar o arroz soltinho, como acertar a medida de comida para os porcos, ou, ainda, se poderia visitar uma amiga na localidade vizinha, quando chegasse o final de semana. E com Cléber não era diferente. Muitas ligações durante o dia, problemas na escola, *atentamentos* na casa da avó e uma série de problemas de saúde, causados por uma perda gradativa de visão. Se não era fácil *ser mãe e pai*, também não era fácil *criar os meninos de longe*.

Carla *contava* com uma série de parentes que assumiam responsabilidades variadas sobre Núbia e Ester, o que se configura como um cuidado partilhado, apesar da mãe afirmar que foi a avó paterna quem *ficou com as meninas*. Esse tipo de fala, que confere apenas um tutor para os filhos, obscurece uma série de outras relações, não menos importantes. Aos poucos eu fui percebendo que a rede de circulação desses adolescentes era ainda mais ampla do que podia ser expressa pelos relatos da mãe. Não se pode pensar em uma única cuidadora, nesse caso, mas em uma rede de cunhadas e concunhadas de Carla, que auxiliam de maneiras múltiplas, e inclui também sua mãe e irmãs, que também se faziam presentes, mas de maneira menos frequente do que as familiares de Pinheiro. Destaca – se, por exemplo, o fato das adolescentes dormirem todos os dias na casa da avó paterna, localizada no mesmo *terreno* familiar que a casa delas, e estarem em contato constante com as tias paternas e esposas dos tios paternos. Assim, Marina (casada com o tio paterno dos filhos de Carla), as acompanhava nas burocracias e reuniões escolares, fazia companhia e as ajudava nas obrigações domésticas. Como Marina era recém- casada e ainda não tinha filhos, essas tarefas eram exequíveis, para ela que mostrava notável proximidade e afinidade com as adolescentes, de faixa etária

semelhante à sua⁶⁷ (em 2010, quando Carla *saiu* pela primeira vez, Marina tinha 19 anos). Além disso, Marina recebia Núbia e o namorado desta em sua casa, três vezes por semana, pois, conforme o costume local, os namorados devem se encontrar na presença de algum parente, dada a ausência dos pais.

Nessa tarde de janeiro de 2014, em Pinheiro, depois de cinco anos, eu reencontrei uma Carla transformada por outras experiências, que analisava retrospectivamente o que viveu desde que *saiu para Barrinha*. De cabelos soltos, sem lenço, e com preocupações diferentes das de 2009, ela disse que *a vida pra fora do lugar da gente mata aos poucos*. Nestes anos que está entre Pinheiro e Barrinha, Carla passou por problemas de ordens distintas, quase todos relacionados ao desafio de *criar os filhos de longe*. Além da administração de três filhos que demandam atenção constante por telefone e que vivem sob os olhos de outras mulheres; da reforma completa de sua casa; da conversão de sua filha para a religião evangélica; Carla enfrentou as consequências de um acidente de moto, em que seu sobrinho faleceu, seu filho se acidentou (ficando em risco de morte por quatro meses) e seu cunhado se tornou o principal suspeito do assassinato do motorista do outro veículo envolvido.

Foram anos duros e difíceis. Em janeiro de 2014, havia menos de um mês que Carla chegara em Pinheiro e ela me alertava para o fato de que ao chegar era preciso *arrumar* a casa, que muitas coisas estiveram *paradas* com sua ausência. Segundo ela, tinha decidido *sair* quando percebeu que se endividou com a reforma de sua cozinha (construída do lado externo) e tinha planos de *derrubar*⁶⁸ sua casa, *por mod'rachadura*, construindo outra no mesmo local. Entre a decisão de *sair*, a primeira *saída* de Carla e aquele *tempo das águas*, muitos acontecimentos marcaram sua família, principalmente o quadro de saúde de Cléber após o acidente, que ficou um ano nas *andanças* entre hospitais, passando por variados tipos de

⁶⁷ Essa proximidade etária de sobrinhas e “tias” (por afinidade) é tratado de maneira especialmente cômica pelos habitantes de Pinheiro. São muitos os casos de amigas que se aparentam, seja como cunhadas ou como tias e sobrinhas, como o caso de Núbia e Marina. A comicidade se dá pelo fato de que se aparentar como “tia” traz em si uma seriedade, seja no hábito de pedir a benção, seja ao mudar o pronome de tratamento de “você” para “senhora”, ou seja, no desnível hierárquico, que faz da “tia” alvo de maior respeito. Essa assimetria permite, por exemplo, o exercício do controle de Marina sobre o namoro de Núbia. Muitas risadas e provocações surgem destes status diferenciados, como o fato das tias cobrarem o respeito das sobrinhas, em tom de gozação “Eu sou sua tia, tem que me respeitar agora”. Não me parece desprezível o fato dos habitantes de Pinheiro tenderem a criar vínculos de parentesco, principalmente via matrimônio, através das relações de amizade, que conferem um tom jocoso às relações, desestabilizando as hierarquias entre tios/sobrinhos.

⁶⁸ O hábito de derrubar a casa e reconstruí-la no mesmo local em que ela existia não é raro em Pinheiro. Geralmente é um hábito que indica uma tentativa de estabilização da família, num momento em que todos os filhos já estão nascidos e que se almeja uma estrutura nova, seja por rachaduras, seja para maior conforto ou até mesmo para diminuição de cômodos, quando da saída dos filhos ou como no caso exemplar de um homem que se descasou e derrubou metade de sua casa, alegando que não precisava mais de tantos cômodos. No caso de Carla deve-se levar em conta que sua casa era de adobe, que pode apresentar rachaduras. A nova casa foi feita de alvenaria, mudança que ocorre na maioria das casas que são derrubadas e reconstruídas *por mod'rachadura*.

tratamento, em diferentes cidades. Quando ocorreu o acidente, a obra de *derrubada* e reconstrução da casa já estava a todo vapor e não podia ser paralisada, o que a levou, novamente, a um acúmulo de dívidas. Nesse contexto, Carla disse que prometeu a si mesma que só voltaria quando acabasse de *pagar sua casa*. A expressão não remete a nenhuma conta de financiamento de imóvel, mas aos valores devidos aos pedreiros que trabalharam na obra e às lojas de materiais de construção, que em virtude das despesas com o tratamento de Cléber, não receberam de Carla os pagamentos devidos.

Para ter acesso a um tratamento de maior qualidade, evitando a perda dos movimentos das pernas de Cléber, Carla optou por levá-lo para Barrinha, em 2013, quando ele iniciou uma série de consultas e acompanhamentos médicos em Ribeirão Preto. Por todos esses motivos, ela passou um ano e três meses sem retornar a Pinheiro (contabilizados com a maior precisão por ela, que me falou até o horário em que *saiu* e o horário em que chegou à localidade) e ainda se adaptava às mudanças. Com a chegada de Carla, sua casa parecia ainda mais viva, sempre marcada por sua presença alegre, com o som ligado, com pequenas melhorias, como a construção de uma horta e com muito *movimento*. Naquele momento, Carla me dizia que estava *colocando as coisas no lugar* e me explicava, cuidadosamente, tudo que era preciso para ela se sentir *em casa* novamente. Primeiramente, ela me levou para um “tour” pela casa, que fora toda reconstruída. Carla fazia cálculos do espaço que cada cômodo tinha anteriormente e me obrigava a fazer cálculos de memória, me perguntando se eu lembrava como era a disposição dos móveis, a posição das janelas, a cor do piso, a largura das paredes etc. Ela refez sua casa com um cômodo a menos, retirando uma das duas salas e aumentando o tamanho dos quartos, os quais ela lamentava serem *tão esmirradinhos*, característica que ela tinha observado apenas quando foi ser diarista em Ribeirão Preto e começou a compará-los.

Na casa de Carla, para além do aumento do tamanho dos quartos, as referências materiais que eram associadas à Barrinha e à Ribeirão Preto não eram poucas. Sua sala estava repleta de enfeites que a patroa tinha lhe doado. No centro da cristaleira, havia uma foto da família de uma outra patroa, tirada quando foram aos Estados Unidos, para passarem o Natal. A foto, com uma mensagem em inglês, foi enviada pelos Correios e ganhou centralidade no móvel, localizado de frente para a porta da cozinha, em um lugar de grande *movimento* na casa. Havia móveis, adornos e roupas que ela tinha ganhado e trazido, por meio da contratação do serviço de um *carreto de caminhão*. Todos que frequentavam sua casa sabiam disto e Carla se apressava para me mostrar o que tinha trazido, contar (com detalhes) a história de cada presente, de cada transporte, de cada deslocamento. Na cozinha ela refazia receitas que *aprendeu* nas casas das patroas, como lasanha, strogonoff, tortas e pães

recheados. Ela apresentava aos filhos o que foi *obrigada a aprender*, comentando ainda sobre o choque que teve ao receber o cardápio das patroas e ver que ela não tinha *sabedoria* sobre o *jeito deles comerem*.

Barrinha e Ribeirão Preto se faziam presentes naquela casa de formas distintas. Durante uma das visitas que lhe fiz, encontrei Carla tramando a busca de um “tanquinho” *na cidade*, que lhe tinha sido dado pela patroa. O fato de o eletrodoméstico ter sido comprado pela internet e chegado até Pinheiro era novidade. Ouvia comentários sobre isso em outras casas, onde diziam que Carla teria que buscar o presente em um estabelecimento, o Bar do Eli⁶⁹, localizado *em Minas Novas*. O que Carla refletia naquele momento era como faria o trajeto até Pinheiro e, depois de algumas análises, ela se certificava que o colocaria no bagageiro do ônibus que segue para Chapada do Norte e desceria *no Zé Carvalho*, ponto de ônibus mais próximo, a cerca de sete quilômetros de sua casa em Pinheiro. Dali em diante, como estava *perto*, ela o traria a pé, em um carrinho de mão, que deixaria lá, antes de ir para *Minas Novas*.

Esses relatos alongados sobre as formas como se transportam coisas, sobre o que se considera perto e o que se considera longe, o que se fala sobre movimento, sobre a circulação entre Pinheiro e Barrinha, seja pela internet, pelos Correios, por viagens de carro, ônibus, ou até carrinhos de mão, podem parecer um tanto ou quanto desconexos e excessivos, mas transmitem muito da forma como os moradores encaram essas idas e vindas. Nestes relatos, que contêm muito da *sabedoria* que adquirem sobre o lugar, no caso sobre Barrinha, as relações entre familiares surgiam como ilustrando modos de conduzir situações, de vivenciar tensões, de *poder contar* com alguém (que às vezes não tem nenhum vínculo de sangue, mas que é *como se fosse da família*) e *não poder contar* com outro. Esclarecem e dão dicas sobre a tônica elástica de aproximações e rompimentos e hesitações familiares⁷⁰ (como, por exemplo,

⁶⁹ Este estabelecimento é o Bar do Eli, local de referência dos *moradores de Pinheiro* para recebimento de cartas e encomendas, dada a ausência de serviço postal na comunidade. Além disto, o Bar do Eli é o ponto de encontro das diversas famílias de Pinheiro, que por um motivo ou outro sempre passam por lá, para *soldar* o Eli ou para ver se tem alguém indo para Pinheiro no momento, para observar quem está na cidade, saber se alguém deixou algum recado, carta ou encomenda, para tomar um refrigerante ou beber uma cerveja ou pinga, no caso dos homens.

⁷⁰ Em Barrinha, os relatos de deslocamentos que aconteciam em Pinheiro e região também me apontavam e esclareciam relações. As variadas e demoradas ligações telefônicas, realizadas principalmente aos finais de semana, atualizavam notícias, mas também “mapeamentos” no sentido empregado por Comerford (2003). O hábito de contar sobre quem ia e vinha, de um lugar ao outro e de uma casa a outra atualiza muitas narrativas sobre as diferentes famílias e sobre a própria família. Eu acompanhava de perto as ligações realizadas e recebidas e realizadas por meus interlocutores, que permitiam que eu tivesse uma sequência de informações sobre deslocamentos esperados e programados para localidades vizinhas a Pinheiro, para *Minas Novas* e cidades vizinhas e para outras regiões do país, como São Manoel e Mirandópolis, cidades do interior de São Paulo que recebem moradores de lá para atividades de trabalho.

o fato dela não ter cogitado pedir *ajuda* aos cunhados, os quais possuem automóvel, quando precisava transportar o tanquinho).

E no meio de tantos relatos de viagens, deslocamentos, visitas, Carla me dizia que ainda não tinha decidido se iria *sair* para Barrinha neste ano, pois a experiência do ano anterior, quando levou um dos filhos adolescentes, não tinha sido satisfatória. Temia pelas duas possibilidades que vislumbraava caso *saísse*: leva-lo ou deixá-lo com a avó materna, com quem tinha ficado nos anos anteriores à sua última *saída*. Ela e todos os moradores eram enfáticos ao afirmar que este não era o momento certo dela *sair*. A idade de Cléber (15 anos) era *perigosa*, precisava da mãe perto dele e em Pinheiro, longe da *malandragem* de Barrinha. Apesar de Carla ter mais duas filhas em idade próxima a de Cléber (13 e 18 anos), os familiares e demais moradores não achavam problemático as meninas ficarem sem a mãe. *Menina amadurece mais rápido, tem casa para cuidar. Menino tem cabeça vazia, é menos obedecido.*

Cléber desejava ardentemente retornar para Barrinha e falava deste desejo todos os dias, não se conformando com aqueles que estavam em Barrinha e queriam voltar para Pinheiro, como seu primo Emanuel, de 10 anos. Porém, Carla não gostou da experiência de *levar Cléber*. Ela saía cedo para Ribeirão Preto e ele ficava *solto* grande parte do tempo, quando não estava na escola. A escola era *o pior lugar do mundo*, ela se assustava cotidianamente com a condução dos diretores e com os colegas do filho. Ela me contava que nunca foi em uma *favela*, mas quando entrou na sala de aula do filho teve certeza de que estava em uma. Era difícil compreender como uma sala de aula poderia ser uma favela, mas Carla explicava: *“Era uma mesa do lado da outra, tudo grudado, como os barracos da favela. Muita gente, funk e barulheira. A professora não valia de nada e Cléber comandava a bagunça.”*

Disse que não queria *deixar* Cléber porque estava muito *aborrecida* com um membro da família que ameaçou adotá-lo, falando que iria *criar o menino*. Ela não acreditava que *alguém da própria família era capaz de falar uma coisa dessas*. Será que não via que *ela estava criando Cléber*? Mesmo quando ele estava em Curralinho, com a mãe dela, e ela em Barrinha, ela estava *criando o menino de longe*. *Ele não estava desamparado não. Ela não tinha abandonado os filhos, só tinha saído para trabalhar*. A ameaça foi tão ofensiva que ela achava que ficar um tempo *em casa* seria bom para *lembrar* a todos que *ela é e sempre foi mãe de Cléber*.

Apesar de Carla não ter se decidido se iria retornar, não tinha cortado vínculos com as patroas de Ribeirão Preto. Elas ligavam sempre, perguntando se Carla voltaria e quando, pois

gostavam do *serviço* dela. Carla respondia sempre a mesma coisa: *Eu não gosto de ninguém me pressionando, eu gosto de ser livre, quando eu resolver voltar, eu aviso*. Ela tinha deixado uma irmã e uma cunhada em seu lugar, que circulavam entre as casas das patroas, que também eram aparentadas. Portanto, uma família trabalhava para outra família, o que me dava indícios do que mais tarde eu veria em Barrinha: uma rede de auxílio promovida por familiares, fundamental para estas mulheres que chegavam de Pinheiro.

Carla teve *sorte* em encontrar patroas *boas*. Ela trabalhava para duas cunhadas, que distintamente de outras patroas tinham *vindo de baixo, enricaram no casamento*. De toda forma, Carla *aprendeu a lidar* com elas, foi *humilde* para *aprender*. Esse aprendizado é motivo de orgulho para ela, que diz aos filhos que o *mais importante na vida é saber viver e conviver*. De acordo com Carla, seu esforço, desde que as crianças nasceram é transmitir isso a elas, que estarão *criadas* quando *aprenderem a viver e conviver*. Por conta disso, ela diz não se importar de interromper seu serviço a cada ligação deles, de reservar uma parte do ano para retornar à sua casa, de chegar e *colocar as coisas paradas para funcionar*. Ela *cuida* de sua casa e de seus filhos, *de perto no tempo das águas e de longe*, quando retorna à Barrinha. Para Carla, esse *cuidado* é necessário para que não seja *culpada* por ações negativas dos filhos, desvios de caráter e problemas generalizados, pois em Pinheiro, as ações dos filhos (boas ou más) são *culpa da mãe*. Ela e as demais mães se esmeram para que sejam *culpadas*⁷¹ pela *boa criação dos filhos*, para que sejam reconhecidas por isso e não pelo contrário.

Assim, o que ela precisa demarcar em seus retornos é que ela deixa seus filhos em Pinheiro, mas *não os abandona*. Ela os *cria de longe* e quando está em Pinheiro precisa colocar sua casa em *movimento*, afastando qualquer impressão de *uma casa parada* ou uma *casa triste*, como suas filhas a denominaram em sua ausência. Não apenas Carla se move, mas também sua casa, entre presenças e ausências, entre reformas e mudanças, cálculos de permanência ou *saída*. Recentemente, Carla conseguiu com que seus filhos ficassem na presença do pai, enquanto ela *saía* para Barrinha. Seu esposo se afastou por motivo de saúde no INSS e passou parte de 2014 em sua casa. A situação se tornou cômica entre os moradores da região, pois, nunca tinham presenciado uma casa em que o *homem fica e a mulher sai*. Contudo, apesar da presença do esposo em casa, seu filho Cléber continuou residindo com a avó materna, porque Carla *sabe* que o marido não consegue *controlar* Cléber. Ao perguntar Carla se ela ficou mais tranquila com seu marido em Pinheiro, ela disse que *em parte sim*,

⁷¹ Algo semelhante foi encontrado por Neto (2014) em Perus, bairro de São Paulo. Ao analisar o que é compreendido por “família desestruturada” na escola local, ele percebeu que as mães são responsabilizadas pelo sucesso ou insucesso escolar dos filhos. Apesar das crianças conviverem com os pais e outros membros familiares, a frase “a culpa é da mãe” é empregada em diversos momentos.

pois o pai podia resolver assuntos burocráticos, acompanhar as filhas mais *de perto*. Todavia, *em parte ele trazia mais preocupação*, relatava Carla. O marido pedia sua volta com mais frequência que os filhos, dizia que estava *desorientado* sem ela. Ao fazer isso diante dos filhos, ele provocava uma comoção coletiva, lamentos legitimados pelas reclamações do pai, o que só piorava o quadro de rebeldia que Cléber enfrentava. O marido estava em casa, mas *não dava força pros meninos*.

2.3.3 Quando Barrinha causa *descasação*: Ter uma casa lá pra fora

Para Joana, Barrinha parecia a possibilidade de *endireitar* seu casamento. Há anos ela e Téo brigavam constantemente, ele batia nela e nas meninas, *tudo por mod'da pingaiada dele*. Segundo Joana, ele *era uma pessoa maravilhosa, só não podia beber*. Mas, como bebia todos os dias, há anos já não era mais uma *pessoa maravilhosa*. Téo *bebia mais do que trabalhava*, não mandava dinheiro para Joana *sustentar a casa* e as duas filhas em Pinheiro. Ela *se virava* com o dinheiro do Bolsa Família⁷² e o emprego que conseguiu como cantineira da escola rural, naquela época existente em Pinheiro. Quando a escola fechou, por uma medida da prefeitura para a redução das escolas rurais, Joana decidiu ir para Barrinha. Mas, ela disse que essa *desculpa* era apenas o primeiro argumento, que ela dava para aqueles que *perguntavam muito*. A *saída* para Barrinha era uma tentativa, muito estimulada pela mãe e pela sogra, de não se separar definitivamente, *tentar mais uma vez*.

Um dia antes de Joana partir fui em sua casa, pois, estava em Pinheiro no *tempo das águas* do ano de 2012. Ela estava esperançosa. Tinha vendido seu cavalo, doado suas galinhas para a sogra, repartido as vasilhas que iria levar com ela. Partiria sozinha, ia alugar um *quarto* para morar com o marido, que iria nos próximos dias. Ela tinha deixado as filhas na casa da mãe, na localidade de Beira do Fanado, temendo que fosse difícil *criar menino na cidade*.

Ao chegar em Barrinha, conseguiu um *quarto* e arrumou um emprego com a *ajuda* das primas, que já moravam na cidade. Eles se instalaram, mas minavam as esperanças de

⁷² Para muitas mulheres, o Bolsa Família foi a possibilidade de ter uma renda cujo gasto era totalmente decidido por elas, sem interferências dos esposos, sem o controle das sogras e cunhadas. Em alguns casos, o Bolsa Família se constituiu como a única renda da casa, quando os esposos não enviam remessas mensais de dinheiro, o que pode ocorrer com frequência variável, dependendo da *malandragem* do homem. A *malandragem* é uma característica entendida como masculina, que se relaciona com o grau de proximidade ou distanciamento da família. Como abordado no cap. 1, os *sumidos* geralmente são homens *malandros*, ou seja, *não se lembram da família, vivem pelo mundo afora* sem se comunicar e sem estabelecer trocas, materiais ou não. Os homens *malandros* podem ser *sumidos*, mas não apenas. A *malandragem* pode ser uma fase de um esposo que *sai para trabalhar*, mas se envolvem com uso excessivo de bebidas alcóolicas e outros tipos de drogas, freqüentam muitas festas, *gastam em cabaré*, como classificam as mulheres de Pinheiro.

melhoras no casamento que, em Barrinha, *desandou de vez*. Em poucos meses estavam separados. Ela ficou sozinha neste *quarto* e planejou a ida nas férias de julho, para buscar as meninas. Quando retornaram, ela conseguiu um *quarto* um pouco maior e Téo insistiu que deveriam tenta mais uma vez, agora com as meninas, *a família toda reunida*. Ela tentou, mas se arrependeu profundamente. Acordava cedo, trabalhava o dia inteiro, chegava e ele estava bêbado, não se estabelecia em nenhuma *firma*, nem usina de cana. Trabalhava para *sustentar a casa* e ainda apanhava. Todos os dias.

Segundo ela, foi com *muito esforço* que os amigos conseguiram um emprego em uma empresa de isolamento térmico para ele, que foi para o *trecho*. Quando ele foi, ela disse que não queria mais ele ali, poderia arrumar outro lugar para voltar, não aceitaria mais a situação. Mas, ele voltou. Voltou e chegou gritando em casa, às 3 horas da manhã. Os vizinhos chamaram a polícia. E isto era uma *vantagem* em Barrinha: *aqui, ouviu barulho, os vizinhos chamam mesmo, lá em Minas, ele podia me matar que ninguém chamava*.⁷³ Com a presença da polícia, ele foi embora e nunca mais voltou. Ficou uns dias na casa do irmão e voltou para Pinheiro, para o *tempo das águas*. Retornou recentemente, não para Barrinha, mas para o corte da cana em São Manoel, cidade próxima.

Com o tempo e *livre* de Téo, Joana foi *fincando raízes* em Barrinha. Alugou um imóvel maior, primeiro de *dois cômodos* e recentemente uma de *cinco cômodos*, que é a casa mais confortável que visitei em Barrinha. Quando eu estava lá, Joana tinha acabado de fechar a compra de uma série de móveis de um vizinho, que tinha ido embora da cidade. Geladeira, fogão, guarda roupas, cômoda, cama, raque, mesa, armário. Todos esses móveis me foram mostrados, um a um, com destaque para os móveis que deram a ela a possibilidade de arrumar um quarto só para as meninas, localizado aos fundos da casa. Ao passear comigo por todos os cômodos mostrando cada aquisição, Joana parou em seu quarto e me disse que agora, que não deu certo com o casamento, era hora de *seguir em frente*. Sua casa em Pinheiro estava no *terreno* da família dele e apesar de ter muito trabalho dela investido ali, *não voltaria mais*. Então, ela tinha que investir ali, na sua nova *casa*. Emocionada, Joana disse ter conseguido *coisa melhor que endireitar o casamento*. Ela se sentia *livre* de Téo, mesmo que ele fosse o pai de suas filhas e que algum contato um dia poderia ser realizado. Desde que ele foi embora, não retornou para visitar as filhas, não mandou nenhuma espécie de contribuição, *não procurou notícias*.

⁷³ Em Pinheiro, o ditado “*Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher*” é levado a sério. Por mais que a mulher busque ajuda ou que a briga possa ser ouvida de outras casas, geralmente as pessoas não interferem. Joana avalia que, em Barrinha, a proximidade das casas e o anonimato auxiliam no cumprimento das leis ou na presença da polícia.

Depois de se restabelecer, Joana começou um namoro com um homem de Minas Novas, que conheceu em Barrinha. Os planos de *seguir em frente* passavam também por um possível casamento, com o namorado. Para ela, ele tinha as características que mais admirava: não bebia, era calmo e *dava muito bem* com suas filhas. Distintamente do pai, que não se *preocupa com as filhas*, elas eram a principal preocupação de Joana. Ela disse que antes de começar o namoro avaliou seriamente o comportamento do pretendente, pois, se ele não *desse bem* com as filhas, ela não o aceitaria.

A casa de Joana tinha ares de casa, de permanência, muito diferente dos outros imóveis que eu circulava em Barrinha. Era composta por uma varanda, uma sala, dois quartos, uma cozinha, um banheiro, um *rebuço* e um *terreiro*. Ela tinha espaço, plantas e começava a ter uma história. *Pagava caro*, conforme outras mulheres que estavam em Barrinha, que diziam que ela não deveria *gastar tanto com uma coisa que não era dela*. Porém, era a única que falava sempre, em todas as ocasiões, que morava em uma *casa* e não em *cômodos*.

2.4 Mães que permanecem: Construindo referências na *criação*

Este capítulo tentou descrever os processos pelos quais as mães são entendidas como aquelas que *dão força*, *que não abandonam*, *que dão equilíbrio* aos filhos. Seja em Pinheiro ou em Barrinha, essas mulheres *aprendem a lidar com o mundo* e por práticas variadas, se tornam uma referência para os descendentes. A *casa raiz* se enraiza conjuntamente com a mãe, que por mais que vá para outras partes do país, *não abandona* sua casa, articula parentes em torno do *cuidado*, o que garante que a casa fique *fechada*, mas não *abandonada*.

Para essas mulheres, que são *mãe e pai*, a *criação* é um processo de transmissão de um *jeito*, modelado a partir das características das famílias e também das individualidades das crianças. A ausência física dos pais, em grande parte do tempo, faz dessas mulheres as principais referências cotidianas para os ensinamentos, que são considerados centrais para a *vida*, uma vez que *na vida é vivendo e aprendendo*. Elas também estão *aprendendo* como *lidar* com a maternidade e em distintas fases da vida vão agenciando práticas esperadas de uma mãe e *dona de casa*. Cotidianamente, buscam maneiras de alcançar um ideal, que é fazer cada filho *saber viver e conviver*, alcançando o *equilíbrio*.

Parte considerável desse processo se dá por meio de *lembranças*. *Uma mãe nunca esquece dos filhos* e espera-se que os filhos também *lembrem da mãe*. As *lembranças* percorrem caminhos na memória, mas também nos corpos, que guardam vivências que não são esquecidas. O parto é o momento mais *lembrado* por elas, assim como a importância dele

nas *lembranças* dos filhos, que *não podem esquecer* quem os *colocou no mundo*. Por mais que a *criação* gere *lembranças* que mobilizam sentimentos mais intensos, pois constrói uma história baseada na convivialidade, aquela que o *colocou no mundo* não pode ser esquecida. Assim, as mães que *pariram mas não criaram* merecem um mínimo de atenção requerida, como os pedidos de *benção* e o uso do pronome formal de tratamento, *senhora*.

Uma mãe nunca abandona é uma frase reiterada, que serve para expressar a relação com os filhos em contraposição à relação de um pai. Os pais não vivem nos corpos um parto e nem uma gravidez e *esquecem* mais facilmente dos filhos e da casa. *Uma mãe nunca abandona os filhos*, mas, o mesmo se pode dizer de suas casas. E, por isso, *sair para trabalhar* é um cálculo mais complexo para uma *dona de casa* e mãe. Ela precisa se assegurar de alguém cuidará de sua casa, pelo contrário, incorrerá do risco desta ficar *abandonada*.

Assim, Barrinha traz novos desafios para essas mulheres e a *saída* quase sempre é uma tentativa de resolver problemas familiares. Geralmente, as motivações não são apenas econômicas e com o tempo, fui compreendendo que a explicação econômica geralmente é aquela que se dá quando não desejam expor um quadro familiar que motiva a *saída*. Assim, depois de um tempo em campo fui tendo acesso a outras motivações, quiçá as verdadeiras, para um empreendimento tão *perigoso*, como a *saída* das mulheres. De uma maneira mais geral, elas buscam *endireitar o casamento*, seja por conta de uma conduta violenta do marido, seja por traições, seja por problemas com a interferência da sogra e dos parentes do esposo na relação conjugal.

Criando os meninos de longe ou *na cidade*, as questões em torno da maternidade ganham outros contornos, mas não deixam de fazer dessas mulheres *mãe e pai*. A ausência dos maridos não é algo a ser lamentado, mas uma realidade que deve ser encarada e que demonstra a *força* que possuem. Ser *mãe e pai* é fato de orgulho e também a possibilidade de impressão de seu *jeito* aos filhos. As mães de Pinheiro admiram a capacidade própria de serem mulheres, mas não necessitam dos homens para *criarem filhos equilibrados, que sabem viver e conviver*. Isso reforça o sentimento de que são *mulheres fortes*, estado que só pode ser alcançado depois do parto, momento que as distingue enquanto seres humanos e que as dota de *força, força para aguentar*. Uma mãe precisa *aguentar o sofrimento*, pois, as mães *sofrem neste mundo*. Em diversos contextos e momentos, elas precisam agir de maneira acertada, *tomando partido do filho*, com uma espécie de amor cego, que *não abandona*, independentemente da postura dele. Por essa centralidade na *criação* e na vida dos filhos, as mães são responsabilizadas pelo sucesso ou insucesso destes, são as responsáveis pela conduta dos filhos, que é explicada como sendo *culpa da mãe*.

As mães são um ponto de estabilidade e permanência em vidas que *nunca estão do mesmo jeito*, em um *mundo que gira, gera e mexe*. Semelhante ao que Guedes (2011) encontrou no norte de Goiás, em um contexto de mobilidade intensa, as mães são referências de estabilidade e motivação para o retorno. Em Pinheiro, mesmo as mães que *saem para trabalhar* são as responsáveis pelo *equilíbrio* dos filhos, esteja próxima ou distante.

Capítulo 3

A cozinha como lugar político: aquecendo corpos e relações

Por um longo tempo pensei que *o mundo* não tivesse domínio, era tão vasto e imprevisível que fosse capaz de agir ao seu bel prazer. Tomado como um agente, que leva e traz pessoas até Pinheiro, eu acreditava que ele *mexesse* e *girasse* sozinho. Porém, minha concepção se alterou em janeiro de 2015, quando caminhava com D. Maria de Genivaldo. Naquele dia de *tempo das águas*, comentei que, apesar das chuvas, as estradas rapidamente ficavam enxutas, dado o calor que imperava. Sorrindo, D. Maria disse que eu devia *aprender* que *o sol é o dono do mundo*. A frase me soou como uma revelação, uma peça de um quebra cabeças que estava ausente e com a qual eu não contava, alterando assim a minha perspectiva mais geral.

Continuei indagando sobre esse *dono*, pois, percebi que até então não tinha *aprendido* suficientemente sobre ele e nem lhe conferido a importância que merecia. D. Maria de Genivaldo, que não compreendia como eu me interessava pelo assunto, já que *isso toda gente sabe*, me explicava que *em qualquer canto do mundo o sol comanda*, ele é muito *forte* e por mais que possa ficar ausente por um tempo, logo está de volta. Tentando resumir, ela me disse que *o mundo sem calor não é nada, assim como a gente*.

Ao longo dos anos que convivi com os *moradores de Pinheiro* pude perceber que o calor é algo muito importante para suas vidas e seus corpos. Eles se orgulham de serem de *um lugar quente* e escolhem preferencialmente outros *lugares quentes* para *sair*. *Ter sol* é uma qualidade dos lugares, e esta é uma das primeiras perguntas que eles fazem sobre as cidades para onde pretendem se deslocar: *E lá tem sol?* E não basta apenas dizer se o sol está presente nestes outros lugares, é preciso descrevê-lo. Ficam longos minutos falando da intensidade e dos horários em que o sol é mais forte, da forma como o corpo *sente o sol*, descrevendo como *aprenderam a lidar* com essas diferenças, porque *em cada lugar do mundo o sol se apresenta de um jeito*.

O sol é um dos elementos mais observados pelos *moradores de Pinheiro*, que *aprendem a lidar* com ele, a partir de uma série de cuidados ao longo do dia. Assim, eles evitam sair de casa e trabalhar *no sol de meio dia*. As mães cuidam para que as crianças não *abusem* do sol, observando onde estão brincando e limitando a circulação delas em horários críticos do dia. De maneira geral, sempre protegem a cabeça com bonés e chapéus, pois, eles temem *sol na cabeça*, uma doença em que o sol se aloja dentro do cérebro e traz desequilíbrio

corporal e mental. Uma pessoa com *sol na cabeça perde sua força, fica tonta, não sabe se equilibrar*.

O sol é dono do mundo e não é por bem ele morar no corpo da gente, disse-me D. Maria de Genivaldo, quando, continuando a conversa, perguntei sobre as consequências de ter *sol na cabeça*. Segundo ela, a pessoa pode se *perder, perder o juízo, ficar sem controle*. O próprio excesso de sol pode indicar *ganância*, pois, *trabalhar demais não faz bem para o corpo, ainda mais debaixo de sol*. Para solucionar o mal do *sol na cabeça*, apenas a benzeção funciona⁷⁴.

Se o *sol é o dono do mundo* ele não é o único *dono* que está associado ao calor. A *dona de casa* é aquela que mantém a *casa quente*, que cuida para que o *fogão esteja sempre aceso*, que *cria os filhos em roda do fogão*. Se o sol domina o mundo, a *dona de casa/mãe* faz com que os filhos *vão pelo mundo*, mas voltem para a *casa raiz*, mesmo que fiquem *sumidos*, tenham uma referência de onde foram *criados*, de onde *aprenderam o jeito da família*, onde foram *ensinados a viver e a conviver*.

Este capítulo se detém em pensar os processos de aquecimento em que os *moradores de Pinheiro* se envolvem, principalmente os que se dão a partir dos fogões à lenha. Fundamentais para a fabricação dos corpos e das pessoas, esses processos são reveladores de saberes sobre sangue, família, criação, alimentação, equilíbrio, dentre outros. As escolhas do quê, como e quando comer se misturam com os *jeitos de fazer as receitas*, que dizem respeito ao paladar, mas não apenas. Para compreender esses processos, a cozinha será descrita e analisada a partir de seu lugar de destaque na casa, lugar em que o doméstico se mistura com o político e as moralidades se desenham e redesenham entre práticas, costumes e diferenciações. No *movimento* cotidiano entre as casas dos parentes e vizinhos, os *moradores de Pinheiro* concebem a cozinha como *lugar de reunião*, onde as pessoas se *reúnem* para *prosear* e comer, onde são recebidas de maneiras variadas, indicando a proximidade e distanciamento que possuem com aquela casa, demonstrando se são *unidos* ou não com os que ali residem.

⁷⁴ Com um pano branco estendido sobre a cabeça, o benzedor deve virar uma garrafa com água, pronunciar a reza e esperar pela saída do sol. Sua saída é visível, materializada por bolhas que se desprendem da água, o que é uma *prova* de que o sol se foi. O sol é ainda um agente em outras benzeções, principalmente as de animais, os quais são benzidos *no olho do sol*. Esta prática requer alguns cuidados, uma vez que consiste em dizer palavras certas olhando para o centro do sol, estando o benzedor virado para a direção da casa em que o animal se encontra. Um dos maiores perigos de *benzer no olho do sol* é o benzedor não considerar a presença de córregos entre o local onde ele está e onde a casa se encontra. Os córregos podem desfazer o efeito da reza, *levar as palavras por água a baixo* ou até inverter o pedido, levando o animal ao falecimento. Isso reforça o poder delegado ao sol, sendo essas rezas as mais temidas e consideradas as mais *fortes*.

É no espaço da cozinha que a casa se fabrica e expressa seu *jeito*, em um processo de conformação/ reflexo do *jeito* da mãe/dona de casa, que vai *dando sua cara* ao lar, principalmente à sua cozinha e àquilo que é produzido ali. Parte significativa da *criação* dos filhos é vivida nas cozinhas, em interação com o fogo.

Ao longo deste capítulo, pretendo demonstrar que o fogo é mais que um instrumento para a produção de comida, é o responsável pela vitalidade dos corpos, em processos que perpassam as histórias pessoais e familiares. O fogo que permanece aceso nos fogões dá *alegria* à casa, a *deixa animada*, *dá mais movimento*. Como as pessoas, as casas precisam de *alegria, ânimo e movimento*, sendo umas as responsáveis por essas características nas outras, em um processo de retroalimentação. Assim, veremos como o fogo faz a casa se tornar um espaço de fabricação de vitalidade, onde o corpo encontra aquilo que lhe é necessário e estimado por toda a vida, desde o nascimento.

3.1 A luz da vida e o suspiro do fogão: Fogões que dão vida

A cozinha é o cômodo da casa que propicia uma visão pública da família, por mais que esteja no espaço privado. É o local em que a intimidade é expressa em segredos contados em tom baixo, assim como posições públicas são reafirmadas com fronteiras bem demarcadas – as proximidades e distanciamentos tomam corpo nos detalhes da fala e da etiqueta, nos convites para comer ou por meio do que é servido. Toda casa é reconhecida por suas formas de receber as pessoas, principalmente nas cozinhas, que marcam características gerais da família. Portas abertas ou meias portas, janelas escancaradas ou janelas fechadas, podem falar de comportamentos que, quando contínuos, podem conformar *modos* de receber, que também dizem sobre *modos* de comer e de ser.

Essas observações ficam ainda mais destacadas no *tempo das águas* e eu as fui incorporando ao longo do tempo, desenvolvendo percepções que me foram *ensinadas*. Assim, ao passar na estrada, em frente a casa de D. Lina em um domingo do *tempo das águas*, percebi que algo de extraordinário ocorria ali. D. Lina tem uma casa *quieta*, habitada por ela; a filha Ciça, que possui deficiência motora e é solteira; o marido, Sr. Toni, que há dois anos foi acometido por um derrame cerebral e desde então vem se reestabelecendo. Mais do que o comum, ouvia muitas risadas vindo de sua cozinha, um frenético ritmo de animação e alegria, que até então não tinha visto ali. Acostumada a passar e ver uma casa silenciosa, em que a doença de Sr. Toni faz com que todos cheguem mais cautelosos, percebi que era um dia de *reunião*. Pressupus que suas filhas que moram em outras localidades tinham chegado para

passar o domingo e com a curiosidade de uma etnógrafa, desviei da estrada e me direcionei à casa, apesar desta não ser minha ideia inicial para aquela tarde.

Quando entrei na cozinha de D.Lina, a *alegria* que ouvia de longe se tornou visível, principalmente no rosto dela, que estava claramente emocionada. Eu tinha acertado na hipótese de que suas filhas tinham vindo com seus netos das localidades em que residem, mas não supunha que aquele momento era um momento de reencontro. Marta – filha mais velha de D. Lina – tinha acabado de chegar de São Paulo e trazia sua filha (também Lina) para passar uns dias em Pinheiro. Ela não retornava há três anos, e nesse tempo que esteve para fora, *viveu de longe* a doença do pai, os sucessos e insucessos do tratamento, a morte do tio e do primo, o nascimento do sobrinho, as melhoras no tratamento da irmã, entre outros acontecimentos.

Aquele era um *dia de alegria*, me dizia D. Lina e a alegria também era expressa pela *tremzaiada de coisa de-comer* que estava sendo servida, saboreada por Marta e sua filha como uma recompensa, depois de tantas horas de viagem. Elas tinham chegado *no carro de Eli*, o taxista *preferido* das famílias de Pinheiro⁷⁵. Quando o *carro* passou pela estrada, os moradores da casa em que eu estava comentaram, curiosos, ansiando saber quem era e para onde iria. Calcularam o tempo que o carro levou e estipularam que deveria ser no *terreno de Toni*, mas não *adivinham* que era Marta. As duas não comunicaram a vinda com antecedência, ligaram quando estavam embarcando em São Paulo. O trajeto, que excede 1200 km demorou mais de vinte horas. Ao perguntar Marta se ela estava muito cansada, ela me surpreendeu, dizendo que não, *chegar na casa de mãe, mata qualquer cansaço*.

Ao comer, Marta e sua filha não apenas saciavam a fome, mas se revigoravam. Para Marta, este era um momento esperado em muitas tardes de domingo que passava em seu *barraco* na zona leste de São Paulo, dia em que as saudades apertam. *O domingo é sempre um dia sofrido pra fora daqui*, me dizia Marta, ou como falavam meus interlocutores de Barrinha, *domingo é um dia de lembrar*. Em Barrinha, observei que parte substancial dessas *lembranças* se relaciona com a comida e os momentos em que os familiares se *reúnem* para comer, as formas como os pratos são feitos, as receitas que não podem ser replicadas por falta de ingredientes típicos do *lugar da gente*. Para Marta, estar ali em um domingo era a

⁷⁵ Escolher um taxista não é algo que se faz impensadamente. Essa escolha vincula os moradores a preferências e alianças públicas, pois, deslocar é algo que deve ser realizado com pessoas com as quais se compartilha certas questões, principalmente as ligadas a prosa. Um taxista deve ter *medida na fala*, não pode ser *barulheiro*, ou seja, não deve falar demais. Para *guiar carro* é preciso que a pessoa saiba *medir a fala*, para não se perder na medida da velocidade e das manobras necessárias. Como o trecho que dá acesso à Pinheiro tem um alto número de acidentes, a preferência da maioria dos moradores é por taxistas que sejam *maneiros*, ou seja, que *guiam devagar*, de forma *maneira*.

possibilidade de viver o que era *lembrado* e fazer com que a filha *aprendesse o jeito da família*, na convivência, mesmo que rápida, com os familiares.

A cozinha estava repleta de vozes e de *movimento*. As outras filhas de D. Lina tinham vindo com suas crianças e adolescentes. Sr. Toni estava acordado e sentado junto a todos e até mesmo os cachorros se alteravam diante de tantas vozes, entrando e saindo da cozinha. D. Lina olhava para a neta e tentava enxergar nela os traços físicos da família. Encontrava um parente semelhante a cada parte do rosto, falava das mudanças destes últimos três anos, pois, a menina crescia como *gente da cidade*, era uma menina *grande e inchada*. Apesar de seus nove anos, Lina *parecia ser mais velha*, o que era algo comum entre as crianças que *cresciam pra fora do lugar da gente*. A menina, por sua vez, já estava com os *pés no chão*, tinha tirado os sapatos e se *divertia* com o primo recém-conhecido, de dois anos. Os dois também *divertiam* os familiares, sentados *em roda do fogão*, como as crianças são ensinadas a permanecerem nas horas de refeição. O sotaque da menina causava risos hilariantes nas tias e primas, que pediam repetidas vezes para ela falar algumas palavras como “porta”, “falando”, “tia”. Para eles, era muito *gozado* os sons que a menina emitia, assim como as expressões que usava. Lina, que poderia ser entendida como da *raça dos paulistas*, uma vez que seu pai era paulistano, precisava ficar mais tempo em Pinheiro para *aprender a falar direito*, diziam os familiares. Contudo, ela poderia ser considerada como da *raça dos paulistas*, mas não era. Para todos ali *reunidos*, ela era *mineira*, bastava ficar no *lugar da gente que voltava falando direitinho*. Diante das críticas, Marta se envergonhava por não conseguir evitar o sotaque da menina, dizia que *tentava consertar, mas ela aprendia na escola*. Sua expressão de alegria se transformava e percebi que o medo de que sua filha pertencesse à outra *raça de gente*, era um risco, sinalizada pelo fato das irmãs e sobrinhas acharem a menina *gozada*, como falam para pessoas de outras *raças de gente*. Todavia, ela repetia o que as irmãs falavam e acreditava que os dias que ela passasse em Pinheiro serviriam para a menina *voltar a falar direito*.

De toda forma, aquela criança nunca morou ali. Marta se casou em São Paulo e não tinha casa construída na região. Ela *saiu* ainda solteira, para ser empregada doméstica, e desde então, trabalha na mesma função. Recontando sua história, ela me diz que tentou trabalhar primeiramente na região, sempre teve *medo de sair*. Trabalhou como *camarada* para muitos *terrenos*, dentro e fora de Pinheiro. *Nunca teve medo de enxada*, mas o esforço empreendido não era recompensado da maneira que merecia, afinal, *corria pouco dinheiro* na região. A possibilidade de *sair* era latente, até que resolveu ir, *sem trabalho arranjado*, apenas com o contato de algumas amigas que tinham ido anteriormente.

Nos quase vinte anos que está *para fora*, Marta diz ter vivido muitas experiências, em casas de patroas diferentes. Atualmente, ela trabalha de segunda a sexta na casa de uma família em um bairro nobre da região centro -sul paulistana, onde cuida da casa e da criança, quando esta não está na escola. Ela leva em média duas horas se deslocando de trem, metrô e ônibus e deixa a filha aos cuidados de uma cunhada, que reside no *barraco* ao lado do seu, todos situados em um lote da família do marido. *A correria dali envelhece*, disse Marta, se aproximando da reflexão das mulheres que partem para Barrinha.

Se São Paulo mortifica, Pinheiro revitaliza. Para Marta, *até a pele fica melhor no lugar da gente*. Segundo ela, *comer a comida de mãe me deixa mais forte* e essa *força* vem da sua *casa raiz*, que sendo *alegre, animada e movimentada* muda o estado físico e mental de seus moradores. A casa, que é esse conjunto que ultrapassa a arquitetura e também envolve as árvores, os *caminhos* e tudo que produz marcas nos *terrenos*, tem a capacidade de gerar vitalidade. O me instiga na fala de Marta é que não apenas estar em sua casa a revigora, mas o que *dá força* é a comida da mãe. A comida, substância que possui centralidade nas relações familiares em Pinheiro tem a capacidade de dar *ânimo, alegria e movimento* aos corpos, e é no espaço da cozinha que isso ocorre. Continuando o raciocínio, Marta disse que sentia *saudades do fogão da mãe*, para o qual ela olhava, admirando-o. Eu, que já tinha ouvido a mesma fala entre aquelas que *saíam* para Barrinha, fiquei intrigada com o quê, especificamente, mobilizava essas saudades. Perguntei a Marta se ela sentia falta era da comida produzida pelo fogão, pois, pensei que ela estivesse falando da função mais básica dele. Ela disse que também, mas explicou que *um fogão aceso em casa deixa tudo mais alegre*, e depois de uma breve pausa afirmou: *é do fogão mesmo que eu sinto falta*.

D. Lina, que ouvia a conversa e também admirava seu fogão, disse que deveria me ensinar uma coisa. Abrindo um sorriso, ela exclamou: *Ô Yara, o fogão é o esteio da casa. É ele que sustenta a família da gente*. Acostumada a ouvir as metáforas que enriquecem a linguagem sertaneja, percebi que os sentidos de *esteio* não eram literais. Estimulada com o *ensinamento*, perguntei como isso acontecia e D. Lina, cautelosamente, me apresentou uma série de elementos que faziam do fogão *sustentar* a família e a casa. Primeiramente, ela disse que *é o fogão que dá base para a criação dos filhos da gente, é com a comida da gente que os filhos crescem, ficam fortes*. Eu, que vejo muitas casas mesclando o uso do fogão a gás com o fogão à lenha, perguntei a ela se tinha diferença nas comidas produzidas sem o fogão a lenha. Ela me alertou que não existe *comida de roça* que é produzida apenas no fogão a gás. *Você olha pra você vê: todo mundo do lugar da gente usa lenha, pelo menos pro feijão*. Sendo

assim, mesmo que o feijão não seja cozido no dia, o fogão deve ficar aceso. *Uma casa com fogo apagado é triste demais, fica fria.*

Eu ia tentando entender o que *toda gente sabe*, mas para mim era confuso. Se o fogão deixa os filhos *fortes*, mesmo sem produzir a maior parte da comida que alimenta as pessoas cotidianamente não era por sua função de cozinhar alimentos que ele fornecia *força*. O elemento mais importante era seu fogo aceso, que não necessariamente servia para cozinhar, mas para *deixar a casa alegre*. A *força* que a *comida da gente* dá se relaciona com a existência desse fogo, que dá *ânimo, alegria e movimento* à casa, que por conseguinte, repassa essas características às pessoas, alterando seus estados emocionais. Eu não tinha visto nenhuma casa com o fogo totalmente apagado durante todo o dia, somente as que encontrei *fechadas*. Os fogões não precisam ficar acesos durante todo o dia, mas é normal que permaneçam. As casas *antigas*, que são *casa raiz*, cuja mãe é mais idosa, com filhos *já criados*, são reconhecidas pelos fogões sempre acesos. Segundo D. Lina, que só permite que seu fogão se apague depois do jantar, este é um cuidado que a *dona de casa* deve ter, *a gente deve deixar a casa sempre quente, assim a gente fica mais alegre e animada*.

Uma *casa quente* não significa abafada. A arquitetura das casas de Pinheiro não permite que o calor do cerrado mineiro penetre no ambiente doméstico. Com paredes baixas, sem forro entre o telhado e as paredes⁷⁶, as casas são redutos de frescor, em uma região em que as temperaturas externas beiram os quarenta graus. O fogão aquece não porque o tempo é frio, pelo contrário, ele aquece para que a casa não seja *triste e desanimada*.

O fogo mantém a vitalidade das casas e dos corpos e quando fica por muito apagado pode colocar a estrutura física da casa em risco, como me alertava D.Lina. Para os *moradores de Pinheiro*, o *fogão é o esteio da casa* também por sua função de prevenir a infestação de bichos, como o cupim. Segundo eles, um fogão aceso – mesmo que do lado externo da cozinha, como em algumas casas em que o fogão é construído no *terreiro* – permite que as paredes e as madeiras fiquem protegidas dos cupins, que não se aproximam devido a fumaça emitida. Essa fumaça, que deixa as paredes em tom escurecido, forma uma superfície oleosa nas madeiras, protegendo-as, explicação funcional semelhante às que foram encontradas por Slenes (2011) ao pesquisar a história das famílias escravas provenientes da África Central, que mantinham seus fogos sempre acesos nas senzalas, por uma série de razões práticas e principalmente simbólicas. Para os *moradores de Pinheiro*, uma casa que fica *fechada* por

⁷⁶ As casas *novas* têm sido feitas de alvenaria, mas a grande maioria das casas de Pinheiro são de adobe, técnica que auxilia na manutenção de um ambiente mais fresco. As casas de alvenaria foram construídas na última década e marca uma tendência das construções mais novas, inspiradas nas casas *da cidade* e nos modelos de construção civil que foram observados nos locais para onde *sairam para trabalhar*.

muito tempo fica *fria* e geralmente se abala pela infestação de cupins nas madeiras do seu telhado, que tende a ceder, caso não receba reparos. Assim ocorreu com a *tenda de farinha*⁷⁷ de Pinheiro, que por falta de uso constante do fogo, teve seu telhado corroído e necessitou de uma série de reparos dos moradores *associados* para que seu telhado não desabasse. Além dos cupins, outros bichos tendem a se aproximar das casas *frias*, como os escorpiões e as cobras. O fogo afasta os animais e *mostra que tem gente em casa*, sinalizando que o lugar é habitado.

Quando perguntei para D. Lina o quê mais a fumaça produzia nas casas, ela me disse que *sem a fumaça não tem picumã*. A picumã é o resultado da fuligem, impregnada em detritos, geralmente teias de aranha, que se depositam nas superfícies mais altas da cozinha, próximas ao teto. Apesar de saber da existência da picumã, não sabia qual sua importância. D. Lina me explicou que era um ótimo cicatrizante, é a *picumã que cicatriza umbigo de menino novo*. Entusiasmada, antes mesmo que eu perguntasse mais *coisas que tomo mundo sabe*, ela iniciou uma longa fala sobre tudo que era importante para *curar umbigo* e para a saúde da mãe. Marta, que ouvia atenta e às vezes interferia nas explicações da mãe, tentando demonstrar que *não tinha esquecido* daqueles *ensinamentos*, disse que sentiu muita *falta* de uma picumã quando sua filha nasceu, tendo que *curar o umbigo* da menina da forma como *mandaram* no hospital.

Há tempo, eu percebia que falar sobre partos era assunto *preferido* das mulheres de Pinheiro. Grande parte das mulheres idosas se *lembra* dos seus partos com um sorriso leve no rosto, como aquele de D. Lina. Mãe de seis filhos, ela me contava como *curava o umbigo* deles, mas não apenas. Ali, *em roda do fogão*, ela *lembrava* das histórias dos seus partos, pedaços recortados do tempo que se cruzavam com elementos rituais do fogo, que eu ia conhecendo por meio dela. O parto era mais que um momento difícil, era o ritual que permitia que as mulheres se tornassem *mulheres fortes*. Distintamente do casamento – que mais do que uma cerimônia civil ou religiosa é a mudança da mulher para uma casa, situada no *terreno* do homem – o parto era um ritual que conferia um novo status social para a mulher, que permitia que ela fosse reintegrada na sociedade como igual, como mãe, como vimos no Capítulo 2. Uma mulher se orgulha de sua *força para aguentar* as dores e só depois do parto pode ser entendida como alguém que está pronto para enfrentar outras dores da vida, muitas delas derivadas do fato de ser mãe, *mãe e pai*.

⁷⁷A *tenda de farinha* é uma construção semelhante a uma casa, mas que não possui uma utilização constante, ficando *fechada* parte considerável do ano e sendo mais utilizada nos períodos de colheita de mandioca. Ela é coletiva, mas utilizada apenas pelos *associados*, que pagam pela manutenção dos equipamentos, pelo combustível utilizado e pelos reparos necessários. Ela foi construída no final da década de 1980, por um projeto social da Rurais Minas, e reformada em 2005. Contudo, os moradores afirmam que por não ficar *quente* com frequência, ela está *ameaçada*.

Portanto, lembrar como *colocaram os filhos no mundo* é lembrar como se tornaram *fortes*, alterando a condição em que enfrentam a vida. Ao me contar sobre esses momentos, D. Lina falava e olhava para o fogão, como se o admirasse. Segundo ela, quando a mulher começava a *sentir as dores*, algum parente saía à procura da parteira, geralmente D. Maria de Rosa, moradora da localidade vizinha. A parteira chegava com *plantas quentes*⁷⁸ para dar um *meio banho* na parturiente, o que era fundamental para *esquentar o sangue*. Aquecida com o banho, a mulher poderia seguir com o trabalho de parto, mantendo a temperatura do sangue e do corpo sempre *quentes*. A parteira ia informando onde o bebê estava, como estava a dilatação e *dando força* à mulher, incentivando-a. Quando o bebê era expelido, a parteira se envolvia com a função de fazer a criança *entender que está no mundo*. Para o bebê *entender* isso, D. Lina diz que é apresentado à ele uma chama do fogão à lenha de sua casa, chamada de *luz divina* ou *luz de Deus*. A *luz divina* emana o *suspiro da vida*, ou seja, uma espécie de sopro da vida, o *suspiro* é um termo que se relaciona com o *suspiro* de uma comida ao fogo do fogão à lenha, seu movimento de desprender um pequeno vapor, como se estivesse respirando.

A *luz divina* ou *luz de Deus* é o primeiro contato da criança com a vitalidade que emana do fogão de sua casa. É por meio dela que a pessoa adquire o *suspiro da vida* e é desejável que também a receba quando morrer, para que possa *ir com a luz*. Até hoje, quando as pessoas morrem em suas casas, os moradores têm o hábito de acender uma vela, com o fogo do fogão à lenha, para que essa luz *ilumine o caminho do morto*. As mulheres de Pinheiro me explicaram que *a vida vem e a vida vai* e se ela *vem com a luz, deve ir com ela*, em um movimento cíclico de início e fim. *É por bem* que os mortos entendam que a *luz divina* lhes deu o *suspiro da vida*, mas que com a morte este suspiro é finalizado. Essa luz, que os ligava a vida e àquela casa foi acessa na *chegada e na partida*, sinalizando que ele deve *seguir*. O vínculo entre a pessoa e a casa precisa ser desfeito, para que ela não fique *apegada* com o lar e para que *vá em paz*, deixando os parentes também *em paz*. Para a maioria das mulheres que eu perguntava para onde os mortos vão ou para onde eles devem *seguir*, recebi sorrisos e a afirmação que *não dá para saber sem ir* ou *isso eu não tenho sabedoria, nunca morri antes*, respostas sempre alegres e animadas. Como é preciso *viver para aprender*, ou experimentar *para ter sabedoria*, essa é uma resposta que não seria possível, que apenas

⁷⁸ Essas plantas geralmente são plantadas no quintal, como folhas de chá. De maneira geral, essas mulheres me explicaram como esse chá é produzido, mas manifestaram o receio na publicação da receita, que é abortiva e pode causar danos à mulher e ao bebê, desde que não seja devidamente ministrada.

podiam *imaginar*. E mesmo as imaginações não eram externalizadas, pois, *não é bom ficar falando daquilo que não se sabe*.

Ainda a partir do fogão, um garfo é aquecido e utilizado para cortar o cordão umbilical da criança. A parteira o corta e apresenta a *luz divina* ao bebê, estabelecendo outra maneira de *dar à luz*. Com isso, ela ganha um termo de parentesco, se torna *avó de umbigo*, termo que demonstra o seu papel de parceria com a mãe, que tanto dá um filho à mãe quanto um neto à parteira. Ela age *como uma mãe* para a parturiente, sendo aquela que permanece ao seu lado durante o trabalho de parto e *não abandona*. Por toda a vida, a pessoa deve *dar ligança* à sua *avó de umbigo*, o que significa *soldar direito, pedir bença*, visitá-la e respeitá-la como aquela *que as mãos trouxeram ao mundo*.

O trabalho da parteira não termina com o parto, mas prossegue em um estado de alerta pelos próximos três dias, que são os dias mais *perigosos* não apenas para a saúde, mas para a *sorte* do bebê. Nesses dias iniciais, sua *sorte* corre o risco de ser *espalhada*. O *terreiro* não deve ser varrido e nem o fogo do fogão assoprado, evitando qualquer movimento que *espalha* resíduos. Além dos cuidados para a *sorte* da criança, seu sangue e o sangue de sua mãe devem ser mantidos *quentes*. A mãe deve se alimentar de forma a manter o *sangue quente*, tomando sopas e chás *quentes*, sem nenhuma *friagem*. Assim, todas as dietas da mãe interferem diretamente no corpo da criança, estreitando a composição de seu sangue, cujas qualidades não são apenas físicas. Manter o *sangue quente* é um ideal para o comportamento da pessoa, que deve ser *calorosa, agir com o coração*. O que as mães devem evitar é que seus filhos sejam pessoas de *sangue frio*, que *agem de cálculo pensado, são frias, fazem covardia*. Qualquer tipo de *friagem* no pós-parto pode atingir o sangue do bebê, alterando seu comportamento enquanto pessoa. Assim, ele deve ser mantido *quente*, bem enrolado e com a presença da *luz divina* no quarto de sua mãe nos sete primeiros dias de vida.

A *luz divina* fica em uma lamparina, geralmente alimentada com óleo de mamona, mas com variações entre uma casa e outra, pois, *cada povo faz o óleo de um jeito* e há aqueles que usam querosene, como em qualquer outra lamparina. No sétimo dia de vida da criança, ninguém deve retirá-la do quarto e este é o dia decisivo para que ela permaneça no *mundo*. Por mais que já tenha sido apresentada à luz do fogão de sua casa, muitas crianças demoram uns dias para compreender que *estão no mundo* e algumas podem ser acometidas por doenças ou males que as fazem *seguir*, antes mesmo de se *acostumarem* com a vida.

Tanto a mãe quanto a criança estão com seus corpos *abertos* após o parto e é essa condição que as faz vulneráveis a doenças e *forças negativas*. Os dois recebem uma série de cuidados, principalmente em dois *pontos* do corpo: o umbigo e parte da cabeça (onde a

moleira se encontra). Esses pontos são lugares *abertos*, que para se tornarem *fechados*, recebem faixas brancas, chamadas de *cintas*, as quais são costuradas com antecedência pela mãe. Nessas *cintas*, a mãe e o bebê recebem um *unguento*, preparado pela parteira com plantas e ingredientes *quentes*, como rapé, alho e folhas *quentes*, amassados com azeite. O bebê recebe ainda uma *picumã* do fogão de sua casa, que é um cicatrizante que tem a função de *curar umbigo de menino novo*, como lembrou D. Lina. Além da cinta, seu umbigo é revestido com um feixe de *olho de seta*, pendão que se desprende da mandioca brava e que auxilia na sustentação do abdômen da criança.

Para a mãe, todos esses cuidados com o umbigo se relacionam com a *dona/mãe do corpo*, uma entidade que reside perto do útero ou no próprio útero que *comanda* o corpo da mulher e *lhe dá força*. Com o parto, a *dona/mãe do corpo sai do seu lugar* e é preciso fazer com que ela retorne, sob o risco da morte da mãe. Segundo as mulheres de Pinheiro, quando a *dona/mãe do corpo sai andando* pode provocar uma dor insuportável, sendo a principal responsável por mortes pós-parto. A presença da *dona/mãe do corpo* faz com que as mulheres tenham *força para aguentar*, não só o parto, mas os outros momentos de *sofrimento* da vida. A *dona/mãe do corpo* existe apenas nas mulheres e apesar de existir nos corpos antes da gravidez, elas passam a ser observadas de maneira mais incisiva no momento do parto, em que se materializa em forma de uma bola ao redor do umbigo e no pós-parto, quando é pressionada para que retorne ao *seu lugar*. Ela permite o *equilíbrio* do corpo e da mente da mulher, um estado almejado para que a pessoa tenha *saúde e juízo*. A *dona/mãe do corpo* não pode ficar *solta* e além da pressão, precisa do calor para que retorne ao seu lugar. Assim, a *friagem* é um risco e por isso *antigamente* as mulheres permaneciam um mês sem tomar banhos de *corpo inteiro* e nenhum tipo de banho nos primeiros quinze dias após o parto, para o sangue não *esfriar*. O *resguardo*, que decorre entre trinta a quarenta dias, é um momento em que o sangue e os corpos da mãe e do bebê são mantidos *quentes*, o que permite a saúde dos dois e a *sorte* do bebê.

Para que o bebê tenha uma *boa sorte*, o umbigo e sua *companheira*, a placenta, devem ser devidamente tratados. Como fazem parte da criança, vieram *no mundo* junto com ela, não podem ser descartados sem o cuidado de serem protegidos, podendo afetar a pessoa a que se ligam. A placenta é enterrada debaixo da cama da mãe, onde a criança *veio ao mundo*, em um buraco cavado no chão e tampado rapidamente, para que não fique nenhuma fresta aberta. O umbigo, após *cair*, deve ser tratado com todos os cuidados possíveis, principalmente para não ser comido por animais. De acordo com as mulheres, uma das tragédias maiores que podem acontecer para uma criança é ela ter seu umbigo comido por ratos, que são animais

traíçoeiros, que roubam. Assim, a pessoa pode ter uma *má sorte* quando crescer, sendo também *ladrão*. As mães devem guardar o umbigo em um recipiente bem tapado e depois enterrá-lo. Caso um rato o coma, ela será a *culpada* pela *má sorte* do filho, uma culpa difícil de ser encarada.

Não há um momento exato para o umbigo ser enterrado. Geralmente, as mulheres o fazem quando os filhos começam a crescer e ficam *mal obedecidos*, quando ficam *difíceis de criar*. O enterro do umbigo também requer cuidados, estes referentes a outros animais, pois, geralmente os enterram na porta de um curral, um galinheiro ou chiqueiro. Esses locais das *criações* ajudam na *sorte* da pessoa, a *sorte de ser boa de criação*. A partir da polissemia da palavra, *ser bom de criação* é tanto ser bom para ser *criado* quanto ter *sorte* para *criar*, seja animais ou humanos, futuras crianças membras da família.

Esse processo, tal qual o cuidado em guardar o umbigo, requer a habilidade da mãe em *saber enterrar*, pois, os animais não podem ter acesso ao umbigo, sob o perigo de transmitirem características não humanas às crianças. Assim, as pessoas podem *ciscar de lugar em lugar, sem rumo* como uma galinha, ter hábitos de higiene contestáveis como os porcos, ou ser *abrutalhada* como um bovino. Quando uma pessoa é *atrapalhada, defeituosa* ou *errada*, eles especulam que a mãe *não soube enterrar o umbigo*, trazendo danos ao *equilíbrio* da pessoa.

Essas são as principais questões que envolvem os partos, mas não as únicas. As informações aqui compiladas não foram provenientes apenas da conversa com D.Lina. Recolhi relatos e observações de mulheres que se tornaram *fortes* em suas casas, sob a luz e o calor de seus fogões e também da parteira Maria de Rosa, que é *avó de umbigo de meio mundo*, tendo realizado partos nas últimas seis décadas. Contudo, o último parto realizado *em casa* foi há oito anos, do menino Bernardo, filho de Santa. Os relatos sobre os momentos decisivos das mulheres *fortes* ficam delegados à *antigamente, nos tempos de primeiro*. Todavia, o fogão e algumas práticas em torno dele não deixam de ser referência, como veremos adiante.

3.1.2 Quando dar à luz é um processo *frio*: Os hospitais

É um lugar muito frio, Yara. Foi assim que Sara descreveu o Hospital Municipal de Minas Novas, onde *ganhou* sua filha. Para Sara, em sua primeira gravidez, o parto foi pensado e imaginado como um momento mágico, em que ela *nunca iria esquecer, quando ia*

ver a carinha da filha pela primeira vez. Apesar de saber que necessitaria de força para aguentar, ela não partiu desanimada, pelo contrário, estava alegre.

Sara disse saber que não viveria o parto como sua mãe, que teve os seis filhos em sua casa, em cima da mesma cama. Ela disse que após o falecimento da mãe, olhava para as paredes de sua casa e pensava que elas *tinham muitas histórias*. Foi ali que todos eles *vieram ao mundo, com as mãos de avó Maria de Rosa*. Esse era um dos motivos que a faziam permanecer ali e não insistir com o pai viúvo para irem residir na casa que o marido construiu, no *terreno* da família dele, na localidade vizinha. Ela não *consegue imaginar* como viveria em outra casa e sabe que para o pai o sentimento é o mesmo, ou ainda mais intenso. Assim, convenceu seu marido de que, por causa da *saúde* do pai era melhor eles continuarem na casa em que ela nasceu e foi *criada*, mas sabia que era também pela sua *saúde e alegria* que ela continuava.

Pensando sobre *antigamente*, ela supôs que as mulheres sofriam, mas eram mais bem tratadas em seus partos, que eram mais *alegres* em passar por todas as dores em suas casas, em serem *acompanhadas*. Segundo ela, o que faz o hospital ser um lugar *frio* é a forma como os profissionais tratam as pacientes. Ela não teve *confiança* nas enfermeiras e muito menos nos médicos que a assistiam, se sentiu *sozinha*. *Jamais ia me sentir assim na minha casa*, reflete ela, pensando nas histórias que sua mãe contava dos partos, da relação que ela tinha com a casa, na qual *criou raízes*, pois, teve os filhos ali, enterrou seus umbigos e placentas, fez sua casa se misturar a ela.⁷⁹

Sara não teve a mesma oportunidade de sua mãe. Estimulada desde o início da gravidez a fazer o Pré-Natal no hospital de Minas Novas, recebendo as visitas mensais da agente de saúde do Programa Saúde de Família (PSF) que lhe marcava consultas, exames e falava da importância de ir para o hospital como forma de garantir *segurança*, ela não vislumbrava outra possibilidade. Partiu para a *cidade* quando começou a sentir as dores, pensando que faria um parto normal e retornaria sem maiores complicações, em poucos dias.

Sem saber que não poderia ser acompanhada pelo marido, pois a presença masculina foi vetada na enfermaria onde estava em trabalho de parto, e com as irmãs em outra parte do estado, Sara não conseguiu se organizar para pedir a companhia de nenhuma parenta, vizinha ou amiga. Era um lugar *frio, não tinha como ficar à vontade*, dizia ela. Para agravar seu estado de apreensão, Sara assistiu o pronunciamento da morte da filha de Judite de Dionísio, que estava no leito ao lado e é sua vizinha em Pinheiro. O bebê *morreu na barriga de Judite*,

⁷⁹ Assim, depois de sua morte, todos os vizinhos reclamavam que a casa estava *vazia, triste demais, parecia que estava sempre faltando alguma coisa*.

que procurou o médico na semana anterior e este disse que ela deveria voltar para a casa, que não estava em trabalho de parto, era só *impressão dela*. A bebê foi retirada e rapidamente encaminhada para a funerária, o que para Sara foi *uma dor grande demais*, misturada ao medo de que algo também desse errado com ela e sua criança.

Durante as longas horas de trabalho de parto, ela disse que ia compreendendo porque a mulher se torna *forte* com o parto, depois daquela dor ela era capaz de *aguentar* qualquer sofrimento. E ela podia *aguentar* ainda mais, porém o médico lhe disse que ela não seria capaz. Era o momento de fazer uma cesárea, pois o parto normal poderia colocar sua vida e a do bebê em risco. Ela acreditava que iria ter um parto normal, mas após o sofrimento de ver a perda de Judite de Dionísio, ela não queria incorrer em um erro fatal. Aceitou a cesária e foi operada da maneira mais *fria* do mundo, sem nenhuma parceria entre ela, as enfermeiras e o médico. Sua filha *veio ao mundo* por mãos que ela nunca mais vai ter contato, que não significam nada para ela e nem para a menina, que impuseram uma forma de nascer e um domínio sobre seu corpo por meio de um saber-poder médico.

A cesárea de Sara é um dos exemplos de partos que são momentos violentos de embate com a *frieza* do hospital e o poder vertical dos médicos e enfermeiras. Outros relatos mostram que a transição entre os partos em casa para os realizados em hospitais não foi realizada de maneira tranquila e ainda é contestado pelas mulheres de Pinheiro. Um exemplo é o pedido de algumas das mulheres – que foram as primeiras a realizar seus partos em hospitais – para as enfermeiras acenderem uma vela, uma espécie de *luz divina* no momento em que médico iria cortar o umbigo do bebê. Elas foram alvo de críticas e zombarias, desconsideradas por serem *da roça* e por terem crenças que ultrapassam a medicina e suas técnicas. O mesmo já ocorreu quando *moradores de Pinheiro* faleceram nos hospitais e os familiares pediram uma que uma luz fosse acesa. Por conta disso, para eles a *pior morte* é aquela que se dá em um hospital. Eles prezam *morrer em casa*, motivo de satisfação dos familiares, que pronunciavam esse tipo de morte como algo que reconforta a perda, *pelo menos morreu em casa*.

Por um tempo, as mulheres que passaram pela transição entre os dois tipos de parto tentaram resistir às críticas dos médicos e enfermeiras e continuaram fazendo parte dos cuidados com seus corpos, como o *unguento* que levavam para o hospital. Como os profissionais de lá não permitiam que elas interferissem no corpo dos bebês, *curando o umbigo* sem nenhum revestimento, planta ou *cinta*, elas levavam as *cintas* para elas e passavam o *unguento* em seus umbigos e suas cabeças, revestindo-os. Não conseguiam fazer o *resguardo* como quando estavam em casa, pois eram obrigadas a se banharem e recebiam

comidas *frias*, nada de sopas e nem de chás *quentes*. Contudo, muitas delas chegavam em casa e agiam da maneira como *aprenderam* e revestiam os umbigos e *moleiras* das crianças com cintas, colocavam uma *picumã* no umbigo, apresentavam a *luz divina* ou pediam para alguma mulher da família apresentá-la. Tomavam os cuidados para não *espalhar a sorte* do bebê. Muitas delas me diziam que *no hospital médico manda, na minha casa mando eu*.

Ao passar dos anos, essa resistência foi se modificando e se tornou menos aparente, sem nenhuma prática realizada por elas nos hospitais. As mulheres mais idosas acusam as mais novas de serem *frouxas*, dizem que elas *ouvem o que médico fala, esquecem dos costumes, têm vergonha de mostrar que são da roça*. Grande parte delas se revolta com o fato de quase todas as mulheres *de hoje* tomarem banhos de *corpo inteiro* nos hospitais e não se preocuparem com a *friagem*, lavando as cabeças rapidamente, não utilizando as *cintas* com *unguentos*, sem cuidados com a alimentação, o que as faz afirmar que elas não realizam o *resguardo*. As críticas são incisivas e refletem no *equilíbrio* dessas mulheres, que não se preocupam em *voltar com a dona/mãe do corpo para seu lugar*. No caso de Sara, ela nem sabia como deveria usar a *cinta* e contou com a ajuda de uma tia, que a preveniu do perigo de deixar o umbigo sem revestimento. Para os *moradores de Pinheiro*, o umbigo é *a vida*, é a parte do corpo que requer maior cuidado, sob julgo de ser pressionado e levar à morte. Desde crianças, as pessoas são ensinadas a não pegarem com força e nem puxarem os umbigos, sendo advertidas de que esse não é um lugar para brincadeiras ou intervenções. Assim, a pressão da *cinta* deve ser controlada, pois é o único momento da vida que o umbigo é pressionado, buscando um efeito interno sobre a *dona/mãe do corpo*.

O último parto realizado *em casa* foi o de Bernardo, filho de Santa, que tem oito anos. O seu parto foi planejado pela mãe, que depois de *ganhar os* três outros filhos *no hospital*, resolveu que não iria até a *cidade* quando sentisse as dores. Ela tomou a decisão em acordo com sua tia, que já tinha realizado outros partos e que *tinha sabedoria* do assunto, deixando-a preparada para chamá-la quando necessitasse de seus serviços de parteira. Assim, iniciado o trabalho de parto, ela não disse nada ao marido, para quem mentiu nas vezes em que ele percebeu que ela estava indisposta, e se negou a ir à *cidade*, como ele propunha. Quando sua bolsa rompeu, Santa avisou ao marido que não daria tempo de ir até o hospital e era mais adequado chamar sua tia, no *terreno* ao lado. D. Maria, que já estava de prontidão, chegou rapidamente e teve o *gosto* de realizar um parto como os de *antigamente*, que eram comuns há cerca de dez anos. Foi sua tia que apresentou a *luz divina* a Bernardo e cortou seu umbigo, se tornando *avó de umbigo* do menino. Santa cumpriu todas as prerrogativas do *resguardo*,

cumprindo a dieta alimentar, não *tomando friagem* e cuidando para não *espalhar a sorte* do menino.

A história teve uma repercussão ampla, em Pinheiro e toda região. Até hoje, Bernardo é apontado como *o menino que nasceu em casa* e parte de sua personalidade é interpretada como resultado do seu parto, ele é entendido como *um menino diferente*. Segundo os *moradores de Pinheiro*, ele tem características das crianças de *antigamente*. Bernardo é *falante, esperto, lembra de tudo, é minguado*. Não tem o corpo como as crianças que *nascem na injeção*, ou seja, *nascem no hospital e já recebem vacinas*. Para muitos moradores da região, as vacinas, tal como os *remédios de farmácia* e a *comida de mercado* fazem os corpos ficarem *inchados*, e no caso das crianças, as faz crescer com mais rapidez e com menos qualidade, sendo mais *preguiçosas*.

Bernardo não é *preguiçoso*, pelo contrário, *anda igual notícia ruim*. É um menino *bom de recado*, pois *aprendeu* rapidamente a se comunicar com os mais velhos e transmitir os recados da mãe, avó ou tias que o solicitavam por suas habilidades. Sua mãe se impressiona com a *esperteza* do menino, que *lembra de tudo*, sabe informações variadas e específicas, muitas das quais *sabe mais* que ela mesma e outros adultos (como datas de nascimento e nível de escolaridade dos irmãos e primos, profissões e cidades para onde os tios se deslocam, tempos de viagem entre uma cidade e outra etc).

O menino é a marca viva das características resultantes de um parto e de um *resguardo* feitos *em casa*, com todos os elementos rituais do fogo do fogão à lenha. Serve como exemplo quando as mulheres que tiveram partos *em casa* criticam a forma das mulheres *de hoje* cuidarem da *sorte* da criança. Essas mulheres, geralmente avós dos bebês, tentam remediar a situação quando eles chegam a casa e durante toda a *criação*, que deve ser realizada *em roda do fogão*. O tom nostálgico que, à primeira vez, parece indicar perdas irreparáveis na construção das pessoas e de suas características morais, vai se abrindo para outras possibilidades e estratégias, que fazem o *antigamente* interferir no *hoje*, permitindo que traços centrais sejam repensados e reelaborados. O calor que age nos corpos e pessoas, fazendo com que estes não sejam *frios*, continua a ser mobilizado, porém de outras maneiras. Assim, uma pessoa *criada em roda do fogão* recebe a vitalidade do fogo, que também é transmitida para a casa. Por mais que não tenha *entendido* que estava *no mundo* com o auxílio da *luz divina*, ela cresce *aprendendo qual é o seu lugar*, principalmente pelas *lembranças* construídas nas cozinhas, entre pratos, *prosas, modos e jeitos*.

Os partos *em casa* eram os momentos nos quais o fogo agenciava características familiares de maneira ritualística, tornando as mulheres *fortes* e gerando crianças que

entendiam que estavam no mundo sob a luz dos fogões de suas casas, os quais faziam o sangue destas se tornar *quente*, por meio de outras práticas. Esse processo de transição para os partos *em hospitais* trouxe preocupações estruturais para a continuidade das famílias e da constituição de seus membros, mas não se trata da única mudança que é colocada como ameaçadora para os corpos e moralidades ali construídos. Mostrarei adiante que a ida das crianças para a *cidade*, principalmente para Barrinha, tem trazido discussões semelhantes, em outros âmbitos da vida, também ligados ao corpo. Contudo, é preciso ainda observar como esses processos são agenciados para que os discursos sobre *antigamente* não sejam tomados apenas a partir da nostalgia, mas também por meio das estratégias que vão sendo forjadas para que o presente se vincule ao passado e ao futuro, interconectando tempos e experiências.

3.2 As cozinhas, as *casas quentes* e os corpos: O fogo que *equilibra*

Hoje tá tudo mudado é uma das frases que mais ouvi em Pinheiro. Entoada por pessoas de idades distintas e não apenas por idosos, esta frase serve para marcar distinções temporais entre *hoje* e *antigamente*, momentos que são comparados, seja por memórias pessoais ou por narrativas ouvidas dos antepassados. O *antigamente* ou *nos tempos antigos* pode significar uma década, algumas décadas ou até mesmo um século, dependendo do assunto ou da fonte de informações na qual se está ancorado. Tendo em perspectiva que *a vida nunca está do mesmo jeito* e que *o mundo gira, gera e mexe*, pensar e falar sobre as diferenças ao longo dos anos é algo *preferido* das pessoas de Pinheiro, quase que uma *prova* de que *tudo está sempre mexendo*.

Falar sobre *antigamente* é uma prática difundida em Pinheiro, mas não deixa de ser algo central em Barrinha. Neste *derradeiro lugar*, os *moradores de Pinheiro* se preocupavam não apenas com o que viveram *antigamente*, mas também com o que vivem *na cidade* e que altera a relação deles com aquilo que viviam no *lugar da gente*. Reflexões sobre o que deixaram em Pinheiro, principalmente as casas e plantações, ganham destaque nas conversas, tais como as mudanças que encaram em Barrinha, que alteram suas disposições pessoais, principalmente as ligadas ao corpo. A discussão sobre a situação das casas que estavam *fechadas* indicava a preocupação das pessoas em como seus lares estavam sendo cuidados, como eles iriam encontrá-los no retorno, o que poderia acontecer com as estruturas que as edificavam. Ao mesmo tempo, a reflexão sobre o que a vida *na cidade* gera em seus corpos e em seus cotidianos estabelecia um paralelo constante entre duas realidades sociais, uma urbana e outra rural. No decorrer da pesquisa, Barrinha foi o lugar onde Pinheiro se tornou

mais claro, pois, afastados de lá, seus moradores me explicavam detalhes que não eram evidentes para mim e, por estarem em outro espaço, agiam como se as explicações fossem mais necessárias ou importantes. O que eu sentia era que estavam mais dispostos a me fornecê-las, pois, explicando-me *coisas que todo mundo sabe*, eles diziam *lembrar do lugar da gente*, traçando comparações com Barrinha, *derradeiro lugar*. Não apenas o deslocamento no espaço os fazia revelar aspectos interessantes sobre Pinheiro, mas também os deslocamentos no tempo, que os permitiam olhar para o passado em comparação com o presente, fazendo projeções para o futuro.

Assim, foi em Barrinha que eu obtive dados centrais para a caracterização e qualificação das casas. Por exemplo, a primeira vez que ouvi alguém qualificar as casas como *quentes e frias* não estava em Pinheiro, mas nos *dois cômodos* de Ester, minha interlocutora privilegiada em Barrinha. Alertando-me para questões que até então eu não tinha *sabedoria*, ela me abriu as portas de um universo de cuidados para uma casa não se tornar *fria e nem abandonada*, mesmo que se esteja longe. Nas conversas com Ester, diferentes assuntos nos levavam até as casas de Pinheiro e com elas, às maneiras como os *modos e jeitos* das famílias se conformavam, como as casas influenciam na *criação*, o que diferenciava uma família de outra etc.

Grande parte dessas conversas se dava na cozinha de Ester, separada do quarto de dormir por um pequeno corredor. Aos poucos, aprendi que aquele era o lugar que ela reservou para *lembrar* e também para refletir, local do seu *dois cômodos*, que ela parava vez ou outra para analisar os processos da vida. De todas as nossas conversas, uma ficou marcada com a mais reveladora, na qual eu comecei a compreender parte dos processos mais amplos que unem aqueles que *sairam* para Barrinha.

Refiro-me a um domingo, no qual observei que sentada de cócoras, na porta de sua cozinha, Ester estava novamente com seu olhar reflexivo. Naquele dia, já na terceira semana que estava em Barrinha, quando vi Ester sentada de cócoras na porta da cozinha, previ que ela faria algum comentário contundente. Previa que este comentário seria sobre sua casa, localizada em uma comunidade vizinha a Pinheiro, onde seu esposo havia nascido e sido *criado*. Previa isso porque durante a ligação telefônica de mais de uma hora com as cunhadas e a mãe, moradoras de Pinheiro, percebi que houve um longo debate sobre a maneira como sua sogra estava cuidando de sua casa. A mãe de Ester, D. Maria de Genivaldo, tinha ido juntamente com Marina, esposa do irmão de Ester, ao *terreno* de Chico Grande, sogro de sua filha. As duas foram lá levar o dinheiro da ração dos cachorros de Ester, que tinham ficado sob responsabilidade de Josefa de Chico Grande, assim como a casa, que estava *fechada*.

Josefa, a sogra de Ester, tinha cometido a *bestagem* de dar *ração de bolinha* para os cachorros, que deviam comer *angu de fubá grosso*, com um caldo de carne, muito mais barato e sem o *inchaço de comida de mercado*. Isto sim era comida de cachorro e assim os dela deveriam ser tratados. Mas, *os modos* da família de Chico Grande *eram outros...*, dizia Ester, em tom ácido.

Eu tinha presenciado a conversa de Ester com a sogra, sobre a comida dos cachorros, no domingo anterior. Ela disse, com toda diplomacia, atenção e *jeito* que não gostou da ideia da *ração de bolinha*. Ouvi quando ela marcou com Josefa de Chico Grande que Marina iria lá levar o dinheiro para ela. Imediatamente após essa conversa, ligou para Marina e pediu para fazer este *favor*. Nessas conversas, nos finais de semana e feriados, muitas coisas eram ditas, acertadas, lembradas. No ir e vir do sinal telefônico – irregular em Pinheiro – iam e vinham risadas, preocupações; expressões, modos de falar e tonalidades de voz, típicas de alguns *moradores de Pinheiro*, que eram sempre imitadas e lembradas; receitas e notícias, dos mais variados tipos. No domingo em que Ester descobriu que seus cachorros comiam *ração de bolinha*, Josefa de Chico Grande também anunciou que ela não tinha mais nenhuma galinha, nem galo, nem pintinho, nada.

Eu não previa o que esta notícia seria capaz de criar, mas rapidamente a atmosfera ganhou um silêncio reflexivo de outro tom, que não estava apenas na soleira da porta da cozinha. Aquele fim de tarde foi um período de certo luto, pois Ester percebeu que não iria encontrar nenhuma *criação* quando voltasse. Carol e Emanuel, filhos dela, lembravam-lhe do desejo deles de retornarem definitivamente. As crianças não gostavam de Barrinha e sempre se lembravam de *Minas*, onde corriam soltas pelas casas, sem ter que falar para onde estavam indo, tomavam banho no Rio Fanado, iam *pro mato* caçar pequi e matar calango. E, naquela noite, era apenas a voz deles que eu escutava, além do ruído da TV. Ester – falante e expansiva – estava quieta, calada, *aborrecida*.

No dia seguinte, um feriado, ela comentou nas outras ligações que fez para os familiares de Pinheiro que não tinha mais galinhas. Brincou com o irmão que ele poderia *criar* uns pintinhos para ela, que quando ela voltasse teria alguma *postura* para comer. Mas, o irmão também estava *saindo*. Fábio e Marina partiriam nos próximos dias para a Usina Santa Helena, em Mirandópolis, divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul. Fábio disse que era por isso que já tinha vendido todas suas galinhas, pois não queria pensar na *ruindade* do sentimento de saber que elas morreriam, ou que seriam abatidas para outros comerem.

Estes eram os episódios da semana anterior. Naquele dia, que olhava para Ester na soleira de sua porta, previa comentários sobre sua casa por conta da conversa que tinha

levado, com sua mãe e Marina, sobre os *modos* da família de Chico Grande. Ester tinha ligado para Marina, que passava seu último final de semana em Pinheiro. Tinha a intenção de falar com a mãe, que não sabia fazer ligações e que precisava estar na casa de algum filho para recebê-las, pois não possui antena de transmissão de sinal telefônico. *Ô diá!* Exclamava ela ao refletir que não sabia como iria falar com a mãe a partir da *saída* do irmão e da cunhada. Marina e Fábio avisaram Ester que eles iriam abater o porco que *criavam*, para não deixar nenhuma *criação* em Pinheiro. Ester combinou com Marina que lhe ligasse para conversarem quando a mãe dela tivesse terminado o trabalho de abate⁸⁰.

E foi assim que Ester descobriu, uma semana após a notícia da morte das galinhas, que sua casa tinha virado um *chiqueiro*. Ela dizia isso com toda convicção, porque sua sogra tinha colocado milho, palha, caixas de cerveja e roupas velhas em vários cômodos da casa. Sua mãe e Marina tinham visto e ficaram comovidas. Ester falava que já esperava alguma anormalidade, pois *o povo de Chico Grande* era assim. *Não tinham noção de nada de dentro de casa. Mas milho e palha era demais.* Inclusive, a casa de Chico Grande estava *quase caindo*, era muito *velha*. Eles a construíram em um *barranco*, coisa que não se deve fazer, segundo Ester. A terra poderia *criar buracos* e a casa cair. O adobe não é bem fundado e todas as paredes estão *rachadas*. Segundo Ester, as pessoas dizem que os porcos saem do chiqueiro e passam por debaixo da terra, chegam ao fogão de Chico Grande. É uma piada, mas não deixa de demonstrar um sentido. Pelo que compreendi, Chico Grande não *calculou* bem onde construiria sua casa e nem o espaço dos animais, que em vez de ficar na diagonal da casa, geralmente em um espaço mais alto, ficou em frente. Havia uma inversão. Os animais podem habitar *barrancos*, e geralmente os chiqueiros e galinheiros são situados nos barrancos que circundam a casa. Mas a casa não deve ficar em um *barranco* e se ficar, os animais não podem ficar próximos do ambiente doméstico, como ocorria na casa do sogro. Nesse sentido, quando ela falava que sua casa virava um *chiqueiro*, ela dizia que estava se aproximando dos *modos* da família do marido, uma vez que a sogra a gerenciava da maneira como compreendia que uma casa deveria ser gerenciada, partindo da experiência de uma casa invertida, segundo a concepção de Ester. Na sua ausência, limites que não deveriam ser extrapolados eram

⁸⁰ D. Maria de Genivaldo é a representante de sua família que honra a distinção da família em saber abater os animais. A maioria das mulheres não abatem o animal, apenas cuidam da preparação da carne, como sua irmã, D. Dolores. D. Maria de Genivaldo tem o *sangue frio* o suficiente para realizar a tarefa, sendo reconhecida como a maior conhecedora do assunto em Pinheiro. Ela consegue matar o animal sem dor, nem sofrimento, sem sangrar a costela, como alguns homens fazem. Por isso, a carne pode ficar mais macia, pois o animal sendo sangrado no local certo (o coração), o fluxo do sangue não é comprimido e é escoado com maior facilidade. Apesar de ser conhecedora do assunto, ela não é solicitada para todos os abates que ocorrem, acordo que depende da relação entre as pessoas e as casas.

transbordados: as comidas dos animais tomavam espaço das comidas dos humanos, *milho e palha dentro de casa era demais*. E o povo de Chico Grande, era assim. Não tinham noção de nada de dentro de casa.

Nos minutos que estive ali de cócoras, em silêncio, ela refletia a situação. Quando resolveu falar, me disse que sua casa estava em perigo. Uma casa *fechada*, com milho e palha atrai muitos bichos. O que ela mais temia era escorpião. Uma casa *nova*, com menos de dois anos de construção, tão *mal cuidada*... Ela tinha vivido apenas alguns meses ali⁸¹, pois morou os dois anos anteriores na casa de Ângela, amiga e tia de seu filho Emanuel, que tinha uma *casa fechada*⁸² em Pinheiro, próxima à casa de D. Maria de Genivaldo. A construção da casa na comunidade vizinha foi lenta, seu esposo Pedro a construiu aos poucos. Se mudaram para lá e em pouco tempo foram para Barrinha. A relação entre Ester e os sogros não se isola de sua própria posição desviante, uma das poucas mulheres da região que se recasou por duas vezes, sendo reconhecida como anormal, como uma pessoa com características psicológicas que a distinguem e que a fazem agir de maneira peculiar. Essa tensão entre ela e o *povo* do marido se dá em parte por certo descrédito coletivo na capacidade dela ser mãe e *dona de casa*, de possuir uma vida digna a partir dos papéis sociais que podem lhe conferir respeitabilidade.

Apesar desse descrédito não ser explicitado por meio da fala, Ester o percebia e se *entristecia* com a falta de cuidados com sua casa. E, continuando a conversa, ela disse algo que me soou como um paradoxo. Ela afirmou que *sua casa envelhecia*. Eu, para compreender melhor, perguntei porquê. Segundo ela, sua casa estava *ficando velha* porque os cupins iriam tomar as madeiras, era uma casa que *esfriava*. Uma casa com menos de dois anos de construção ficar *velha* continuava sendo algo muito estranho para mim. Então, pensei que era problema da madeira colocada e perguntei se era uma madeira *fraca* ou coisa do tipo. Ela me disse que não, tiveram todo cuidado de colocar uma *madeira forte, para a casa ficar forte*, mas *sem o fogão aceso, os cupins tomavam conta*. Depois dessa frase, muita coisa fez sentido. O fogão mais uma vez aparecia como fogo da casa, que mantém a vitalidade do lar, que gera aconchego, que faz uma casa ser casa e *quente*. Continuando o papo, perguntei a ela se ela

⁸¹ Quando se casou com Pedro, Ester continuou residindo temporariamente na casa da mãe dela, junto com seu companheiro e os filhos. Trata-se de uma situação distinta em relação a maioria dos casos de constituição de família de Pinheiro e da região. Ester é uma das poucas mulheres que se recasou e por duas vezes. O fato dela se instalar inicialmente na casa da mãe foi fundamental para que o marido juntasse recursos para construir a casa no *terreno* da família dele. Após uma briga com seu irmão, durante a qual este tentou enforcá-la, ela decidiu sair da casa da mãe, pedindo à Ângela, tia de um dos seus filhos, para ocupar sua *casa fechada*.

⁸² Ângela, que se casou novamente após o enviuvamento, se mudou para o *terreno* do esposo e não tinha planos para a casa de Pinheiro.

tinha construído o fogão fora ou dentro de casa. Sabia que em Pinheiro sua família é reconhecida por construir os fogões fora de casa, no *terreiro*⁸³. Ela disse que tinha feito no *terreiro*, mas que mesmo assim, sem ele aceso, os cupins *iam tomar conta*.

Ao que eu pude compreender, o fogo aceso, mesmo que não esteja em contato direto com as madeiras de sustentação da casa, fornece calor e vivacidade à casa. Afasta a possibilidade de bichos, principalmente os peçonhentos, se *apresentarem* na casa, espaço de humanos, por excelência. Para além dessa dimensão prática, as dimensões simbólicas são as mais relevantes, uma vez que o fogo do fogão à lenha aquece também os corpos, estando correlacionados de maneira intensa. As pessoas, que se fazem e são produzidas nessas casas, muitas vezes se sentam próximas do fogão e dizem que estão *quentando*, o que é mais comum ainda em noites de inverno. Toda essa relação com esses fogões não é apenas funcional, o que ganha relevo quando se está longe desse fogo, como no caso de Ester.

A preocupação com sua casa, que *envelhecia*, era uma preocupação também com ela e com suas crianças, que não mais se ligavam àquele fogo. Ester terminou a sua reflexão falando que, *envelhecido por envelhecido*, ela também estava *cada dia mais velha*. O que mais a importava eram suas crianças, que cresciam longe do fogão de casa, eram *criados* sem se aquecerem ao seu redor, sem as benzeções que sua prima fazia com as cinzas do fogão. Ela sentia *falta* dessas benzeções, porque sentia que às vezes seus filhos estavam com *espinhela caída*, *mal olhado* ou *ventre virado* e não tinha como remediá-los sem um fogão à lenha. Ela também sentia por não desfrutar dessas benzeções. Foi com elas que Ester se livrou inúmeras vezes de *estômago choco*, uma indisposição gástrica provocada por alguma comida que não é digerida corretamente. Quem sabia *falar a reza*, a falava em cima de um copo de água com três colheres de cinzas e uma *picumã*, *era tiro e queda*. Porém, *na cidade* ela não podia contar com nenhuma dessas soluções, lá era *tudo no dinheiro* e acabava tendo que comprar *remédio de farmácia* para as doenças e incômodos que eram acometidos.

Tal como Carla e Marta, ela também achava que *envelhecia fora do lugar da gente*. A decisão de Ester em levar os dois filhos permitiu que ela os *criasse de perto*, mas não sem problemas de adaptação. Seus dois filhos se negavam a permanecer em Barrinha. Distintamente do primo Cléber (filho de Carla), eles perguntavam diariamente à mãe quando eles iam voltar para *Minas*. Com medo dos perigos da cidade, Ester os *criava dentro de casa*, o que alterou o *jeito* das crianças. A vontade de voltar e de poder *ter espaço*, como falavam,

⁸³ *Terreiro* é área externa da casa, compreendida como local que é diariamente cuidado. Corresponde ao espaço que circunda a casa, o paiol e o forno de assar. Geralmente de terra, é varrido com vassouras de folha de palmeira, o que evita o crescimento de mato e acúmulo de ciscos.

fazia com que Carol e Emanuel se *entristecessem* e ficassem *revoltados*. Ester, que disse ter escolhido *sair* para poder *ter seu próprio dinheiro*, repensava cotidianamente a decisão. Ela conseguia *ter seu próprio dinheiro* em Barrinha, recebia novecentos reais para pagar seu aluguel, *fazer despesa* e quitar as dívidas mensais. Contudo, desde que se mudou, seu marido *esqueceu que é pai de família* e passou a não contribuir ou contribuir irrisoriamente com as despesas. Ela conseguiu *ter seu próprio dinheiro*, mas teve que *dar conta de tudo*. Isso a *envelhecia*, pois, estava *cansada*. O cansaço de Ester não era apenas físico, mas se relaciona com o fato de que suas esperanças se diluíam em Barrinha e ao invés dela prosperar com o acesso ao salário, ela estava cada vez mais *apertada*, pois *viver para fora do lugar da gente é muito caro, tudo corre no dinheiro*.

A postura do esposo a fazia pensar em problemas maiores do que o orçamento *apertado* ao fim do mês. Ela supunha que ele estivesse se drogando ou que estivesse gastando todo o salário em *cabaré*. Ela não tinha acesso a renda do esposo e nem aos colegas de trabalho dele, o que dificultava a busca de informações sobre os seus gastos. À ela, ele dizia que estava quitando dívidas com a família, o que Ester descobriu que não estava ocorrendo. Toda a situação deixava Ester *aborrecida*, pois, os papéis clássicos de “mãe de família” e “pai de família” pairam como um ideal a ser alcançado nas famílias de Pinheiro. Não apenas Ester desejava um marido que provesse a existência material da casa e que o *seu próprio dinheiro* pudesse ser uma reserva ou um fundo para futuros investimentos. A situação fazia Ester pensar em divórcio, pois, *não podia contar* com o marido.

Por todo esse panorama, ela nunca descartou a hipótese de retornar para sua casa, no *terreno* da família do esposo. Contudo, sua casa *esfriava e envelhecia*, e devido aos *modos* do *povo* de seu marido, temia que não pudesse desfrutar de seu ambiente doméstico da maneira como desejava, que não conseguisse *dar sua cara* à casa, que não imprimisse seu *jeito* ao seu lar. Para conhecer o *terreno* e a casa de Ester, fui até lá, no *tempo das águas* que sucederam minha ida a Barrinha. É sobre essa visita que queria falar adiante, com os detalhes necessários para descrever um *modo*, no caso, o *modo do povo de Chico Grande*.

3.2.1 O modo: Detalhes de *modos da roça* e *modos da cidade*

Há algumas pessoas da região que são reconhecidas como *gente que gosta de falar de antigamente* e dentre elas, o Sr. Chico Grande ganha destaque. Morador de uma localidade vizinha, ele é *um velho não tão velho assim*, ou seja, não é o mais velho da região, apesar de ser idoso. Como as mulheres tendem a viver mais que os homens, ele é uns dos *velhos* do

sexo masculino com idade mais avançada em toda a região. Sr. Chico Grande diz que não ter certeza de quantos anos tem, por não possuir registro civil, mas *sabe* que já viveu *mais de 75 águas* (mais de 75 *tempos das águas*). Eu o conheci em um churrasco em 2010, mas só tive a oportunidade de visita-lo em janeiro de 2015, quando fui com Ester, sua nora, conhecer sua casa e o *terreno* da família.

Ester gentilmente me ofereceu uma carona até o *terreno* e, antes de chegar, pediu que eu *não reparasse, que o povo de Chico Grande tem outros modos*. Instigada para compreender quais eram esses *modos*, desde a primeira cancela fiquei atenta à paisagem, observando as peculiaridades que poderiam indicar esse *modo*. Como anoitecia, pude perceber parcialmente que haviam ali três moradias, além da casa de Ester, na qual eu pernoitaria. Dadas as restrições que o escuro me colocava, observei que havia um *forno de assar* próximo à estrada, o qual achei que estivesse desativado. Distintamente de todos os outros fornos que conheci, ele não possuía cobertura de tabatinga, não era de uma cerâmica lisa e era notadamente torto, pendendo para um lado. Aquela estrutura me chamou a atenção porque pensei que veria ali o primeiro forno *abandonado*, uma vez que nunca vi um forno ou um fogão que deixasse de ser cuidado em casas que não estão *abandonadas*. Porém, quando perguntei a Ester se aquele forno não era utilizado, descobri que aquele era o forno de Josefa, esposa do Sr. Chico Grande. Mais do que rapidamente, me desculpei, falei que estava escuro e por ser próximo à estrada, pensei que fosse algum *resto de casa*. Ela, com uma de suas risadas típicas me alertou que esse seria o primeiro de muitos enganos que teria ali, pois, *os modos do povo de Chico Grande assustam*.

Por mais que intimamente estivesse *assustada* com o forno de Josefa, voltei minha atenção para a casa de Ester, que era uma *casa aceiada*, como ela fazia questão de falar, distinguindo-a das casas do *terreno* do marido. Impecável, com paredes alvas, toalhas bordadas *fazendo conjunto* sobre os móveis da cozinha e da *sala*, a casa de Ester era muito semelhante às de Pinheiro e tinha o seu *jeito*, apesar dos poucos meses que habitou ali. Feliz por estar *esquentando* sua casa, ela me mostrava que antes de ir para Barrinha, tinha plantando vasos, mas estes não tinham sobrevivido, exceto dois, de *natureza mais forte*. Era uma casa que estava sendo *retomada* desde a última semana, quando ela tinha chegado.

Andando pelos cômodos, Ester me contou que antes de chegar, pediu para uma sobrinha *lavar* sua casa, pois, sabia que estava *imunda*. As caixas de cerveja e as roupas que o *povo de Chico Grande* tinha guardado ali deixaram os cômodos repletos, assim como a palha e o milho para as *criações*. Como ela previa, baratas, ratos, escorpiões invadiram à casa, que estava *fria* e com todos esses atrativos. A sua sobrinha veio de Pinheiro junto com sua

cunhada e *lavaram* a casa, a deixaram *aberta*, para o aumento de circulação de ar. Mesmo assim, o *cheiro de casa fechada* ainda persistia quando ela chegou. Foi preciso *bater veneno* para afastar os escorpiões, que se multiplicaram. O fogão aceso auxiliou a afastar os bichos peçonhentos, mas, mesmo assim, ela recomendava que eu olhasse e vistoriasse por onde estivesse.

Na manhã seguinte, fui *andar* pelo *terreno*, buscando compreender o que Ester falava do *povo de Chico Grande*, que *não entende nada de dentro de casa*. Poucos metros acima da casa dela havia o *rancho* do sogro, uma construção de dois cômodos que era provisória e foi se tornando permanente. O *rancho* não é uma casa, é um lugar que ele, a esposa e a filha solteira inicialmente residiam alguns dias da semana, quando precisavam ir à *cidade* ou receber alguma compra, encomenda, dado que sua casa fica próxima ao Rio Fanado, em uma parte íngreme do *terreno*, onde não há acesso por automóveis, apenas a pé ou a cavalo. Contudo, Sr. Chico Grande *adoeceu da perna* e diminuiu sua mobilidade, o que inviabilizou sua estadia em sua casa e o fez residir no *rancho*.

O *rancho* era composto por *dois* cômodos, uma pequena *sala de visitas* e um quarto, onde dormiam ele, a esposa e a filha solteira, em duas camas. Na região, era a primeira vez que via pais e filhos dormirem no mesmo espaço. Os dois cômodos eram repletos de embalagens, roupas, caixas, enfeites, ferramentas e demais pertences, que se misturavam e compunham um ambiente repleto de informações, no qual a mobilidade era restrita. Do lado externo, havia uma cozinha cujas paredes não eram todas de adobe, duas delas eram telas, criando um ambiente mais aberto do que as demais cozinhas que conhecia. Essa permeabilidade facilitava a entrada de galinhas e de cachorros, que não eram repreendidos por penetrarem ali. O fogão à lenha, tal como o *forno de assar*, pendia para um lado, com ares de que não estava seguro. O ambiente da cozinha era repleto de vasilhas, algumas misturadas com roupas e outros utensílios, o que destoava de tudo que já tinha visto em Pinheiro e em outras localidades. Foi assim que comecei a entender o que Ester me alertava sobre os *modos do povo* do marido, que *não sabiam de nada de dentro de casa*.

A área externa também destoava. Quando saí da casa de Ester em direção ao *rancho* do sogro, ela me avisou que era para eu tomar cuidado com os porcos. Não entendi muito bem o porquê da colocação, mas como já estava distante, segui em frente. Quando chegava no *rancho*, percebi que ela queria me alertar para que eu observasse se não haviam porcos transitando pelo *terreiro*, porque eles não *criavam* os animais em chiqueiros, mas *soltos*. Especialista em *raciar* porcos, Sr. Chico Grande tinha um *modo* de *criar* os animais que era diferente de toda a redondeza, tendo por princípio que quanto menos o ser humano interferisse

na vida animal mais saudável ele seria, propiciando uma carne de melhor qualidade e sabor. Foi diante desse cenário que fui compreendendo o quê um *modo* expressa, como determinadas atitudes em relação à casa e ao *terreno* indicam mais do preferências, mas explicitam maneiras de classificar gostos, práticas, costumes, *sabedorias*.

Esse *modo* não me foi sendo apresentado apenas por impressões do ambiente, mas principalmente por meio da longa *prosa* que tive com ele e com sua esposa. Ao encontrá-los, a conversa se iniciou com uma avaliação sobre o estado de saúde do Sr. Chico Grande, um princípio de conversa muito comum na região, onde as pessoas gostam de debater seus diagnósticos, suas idas ao médico, os remédios que tomam e tudo que fazem para conseguirem a cura. No caso dele, era preciso que se adaptasse a uma vida com menos mobilidade, *mais parada*. A mudança para o *rancho* não foi encarada como algo tranquilo, envolve certo reconhecimento de que seu corpo não está mais em pleno funcionamento, há uma limitação. Distintamente de outros tempos, seu corpo não permitia que estivesse onde desejasse, mas sim onde pudesse estar. Assim, sentia muita *falta* de sua casa, cujo acesso se tornava cada vez mais difícil para ele, que tentava ir lá sempre, mas percebia que aos poucos, ela *esfriava*.

Minha casa tá lá, cada dia mais fria, repetia ele. Seu fogão vivia apagado. As cobras e escorpiões já não sabiam mais se deveriam ficar longe ou perto, muitas vezes, invadiam e tomavam o lugar que antes era deles. Os cupins iam ganhando a madeira do telhado, sem o tratamento natural da fumaça. Sua casa *envelhecia e entristecia*. A *alegria de um fogo aceso* já não dava vivacidade aos cômodos. Porém, o que preocupava ainda mais Sr. Chico Grande era que havia muitas *casas frias* por ali. Desde *a estrada que curva* para as seis localidades vizinhas até a beira do Rio Fanado, as *casas fechadas aumentam*, a cada ano. Apesar dos destinos variados dos moradores, Sr. Chico Grande fala que eles vão para *São Paulo*⁸⁴. *Vão e fecham a casa*.

Com uma pequena pausa, e olhando firme para frente, Sr. Chico Grande, começa a falar de *São Paulo*. Para ele, *tudo tem sua bondade e sua maldade*. Com *São Paulo* também é assim. Em sua história pessoal, *São Paulo* foi o caminho da *liberdade*. Quando criança e adolescente, o Sr. Chico Grande foi *cativo*. Ele perdeu os pais com oito anos e ficou com mais dois irmãos pequenos, que foram rapidamente enquadrados neste regime de trabalho, trocando

⁸⁴ Interessante notar que *São Paulo* aparece como categoria genérica em Pinheiro e região. Mesmo quando os filhos e parentes estão em outros estados, os *mais antigos* costumam dizer que *estão pra São Paulo*, tal como aparece em outras etnografias. Ainda usam o termo *são pauleiros*, principalmente para os cortadores de cana. Neste sentido, *São Paulo* é simétrico à categoria *Minas*, que surge em Barrinha como ponto de conexão entre as pessoas, obliterando divisões por localidade, município e região.

trabalho por comida e morada. *O cativo* era fruto de diferenciações econômicas entre vizinhos, o que permitia a existência de *fazendeiros*, aqueles que possuíam terras mais fartas e produtivas e tinham possibilidades de abrigar e dar o *de-comer* para outras pessoas, *os cativos*. *Não eram ricos*, me explicava ele. *Tiveram mais sorte*.⁸⁵

Do *tempo do cativo*, muitas lembranças permanecem. O próprio apelido, Chico Grande, vem da convivência com mais quatro xarás, todos *menos fortes* que ele. Ele era o maior, no sentido de mais musculoso ou mais *parrudo*. Este corpo *grande* ficou no passado, segundo ele. Hoje, ele se lembra da *época que tinha saúde*, que se esvaiu com os anos. Sem poder andar longas distâncias, com problemas nas safenas, Sr. Chico Grande vive aquela época recontando-a, a quem estiver pronto para ouvir.

Até conseguir se desvencilhar do *cativo*, não tinha conseguido *nada para ele mesmo*. Só para *os outros*. Foi indo para São Paulo que conseguiu *criar família*. Conseguiu terra, casa, casamento e filhos que cresceram bem alimentados. *Não se pode cuspir no prato que comeu*. É preciso falar do que São Paulo fez em sua vida, apesar de todo *sofrimento* que passou por lá, como péssimas moradias e acesso restrito a alimentação, lá ele se sentiu *mais livre*.

Mas, ele diz não saber se *hoje* é possível conciliar São Paulo com a vida *na roça*. Antes, eles iam, mas ficavam pouco tempo. Sabiam que no momento certo, era hora de voltar. Dividiam o ano em *seca e águas*, e sempre estavam lá quando era o momento de plantar as roças. Mas, hoje as pessoas não voltam para fazer suas roças. Dependem de parentes para plantá-las ou simplesmente não as plantam. *Hoje está tudo mudado*, repetia Sr. Chico Grande a cada pausa que fazia, apresentando dados e conexões sobre um mesmo assunto: as mudanças na comida e nos corpos, ao longo dos anos. Assunto *preferido* dele e de outras pessoas – sejam elas idosas ou não – as histórias sobre as relações entre comida, a terra (*o lugar*) e os corpos das pessoas não são simples lembranças; elas evocam e conectam tempos. Assim, ouvia, por ele, uma sequência de histórias que iam e voltavam no tempo. Não havia uma cronologia dos acontecimentos, havia *o hoje*, *o antes* ou *antigamente*, e *o daqui pra frente*, todos conectados. Não conseguirei reproduzir o ritmo e a sequência de Sr. Chico Grande, pois, me falta competência de um sertanejo, que tece histórias com metáforas e digressões, suspensões temporais e cortes transversais. Poderei apenas evocar parcialmente

⁸⁵ Não obtive acesso a dados que me fizessem compreender o que é a *sorte dos fazendeiros*. Nas descrições sobre essa época e o sistema de trabalho, todos fazem questão de dizer que *eram gente dali mesmo*, ou seja, não eram *gente de fora*, uma estratégia discursiva para os aproximar, apesar das diferenças.

suas concepções, que são ilustrativas de muitas outras, fruto da *sabedoria de quem viveu muitas águas*.

Segundo ele, aos poucos *o homem vai cavando a sua própria cova. Está tudo errado*. Ele diz não saber onde as coisas começaram a *desandar*, mas não foi repentinamente. *O homem está cavando sua própria cova porque não está ligado à terra como antigamente*. Ele repetiu esta frase algumas vezes, enquanto ajeitava a palha e cortava o fumo, para mais um cigarro. Esta frase daria espaço para reflexões elaboradas, sobre as consequências deste afastamento entre o homem e a terra. A primeira delas é a diminuição gradual do trabalho coletivo de *troca de dias*, seguido de uma festa, evento conhecido por *maromba*. Mais do que um trabalho, a *maromba* era um ritual de encontro, de celebração, que envolvia grande parte dos moradores de uma localidade. Consistia na separação entre homens no trabalho da terra e mulheres no trabalho da cozinha. Ao fim do dia, o dono da casa retornava da lavoura com os demais moradores, entoando cantos e celebrando o dia de trabalho. Ele entregava uma espiga de milho para a esposa – que era devidamente enfeitava com notas de dinheiro e fitas – e ela lhe entregava um litro de cachaça. A partir de então, era o momento da festa se iniciar, regada de muitas músicas, danças tradicionais (*nove, caboclo, vilão*), bebida e comida. Os festejos duravam a noite inteira e quando terminavam, ao raiar do dia, era o momento de seguir para a próxima casa, onde tudo se iniciava novamente. Não havia tempo para descanso e nem para a própria higiene pessoal, lembrava Sr. Chico Grande, ao sorrir das várias manhãs que limpava a poeira das calças com a inchada e seguia para mais um dia de *maromba*.

Tempos nos quais *o lugar era cheio. E movimentado, com divertimento*. Quando as pessoas foram *saindo* e demorando mais para o retorno, as *marombas* foram acabando. Acabaram-se e *acabaram as chuvas*⁸⁶. Quando as roças não são celebradas, *as chuvas mingnam*. E por isso, *está tudo errado*. Com menos água, *as roças também mingnam*. Hoje ninguém vive mais como *antigamente*, quando compravam apenas sal, querosene e café. Hoje, todos têm de *comprar no mercado*, mesmo que plantam *alguma coisinha*. E o que acontece quando a comida vem do mercado? Perguntei, esperando a resposta que tinha ouvido

⁸⁶ A pesquisa de Lima (2010) explora os impactos ambientais que levaram à diminuição das chuvas na região de Pinheiro, Macuco, Mata Dois e Gravatá. De acordo com o autor, as práticas de queimadas para plantações geraram áreas de difícil revitalização, chamadas de “peladores”. Para além das queimadas, a presença de monoculturas de eucalipto na região diminuíram significativamente os cursos d’água, abalando o sistema ecológico que regulava as chuvas e o clima. Os *moradores de Pinheiro* acompanharam o crescimento das empresas de eucalipto na região e após se inserirem no movimento quilombola *ganham sabedoria* do impacto dessas monoculturas ali e em outras regiões do país. Assim, afirmam que a região comporta a *maior plantação contínua de eucalipto da América Latina*, dado que ouviram em um dos eventos que participaram e reproduzem reiteradas vezes, destoando da linguagem local e dando ênfase aos dados estatísticos que tiveram acesso. Assim, se indignam com esse processo, que apesar de não ter alterado as divisões de terra da localidade, influenciou diretamente no ecossistema de toda região.

de outras pessoas. Irônico, Sr. Chico Grande apenas me olhou e disse que tudo fica *desequilibrado*. As crianças crescem *ligeiro, como frango de granja*. Os velhos adoecem. E rapidamente ele me explicou dois fenômenos: *As meninas de hoje crescem peito ligeiro. São inchadas. Crescem peito e rapidamente viram moças. Gostam dos rapazes muito antes que as moças de antigamente. O desequilíbrio da comida de mercado incha e adocece*. O outro exemplo tem relação com uma doença muito comum entre os idosos da região, a diabetes. Para Sr. Chico Grande, a diabetes não existia. Ela passou a existir depois do uso do *açúcar de mercado*. Quando o açúcar era produzido artesanalmente, por eles mesmos, ninguém tinha *problema de diabetes*.

E o *inchaço* não é algo só de humanos. As *criações* também sofrem com as mudanças na alimentação, ao mesmo tempo que são veículos de *inchaço* para corpos humanos. Sr. Chico Grande, especialista em *raciar* porcos, é enfático ao me alertar que os *porcos caipiras* são raros na região. Ele, um dos poucos que se nega a comprar filhotes resultantes de porcos alimentados com *ração*, explica que não é fácil tratar o animal com milho e lavagem, produzidos em casa. A maioria dos vendedores, para acelerar o crescimento, dão rações específicas, o que faz a carne do porco ficar *inchada, inchaço* ingerido pelos humanos. O mesmo acontece com as galinhas. Muitos moradores tendem a alimentá-las com ração para postura, um tipo de ração que aumenta a produtividade de ovos. *A pessoa fica com muitos ovos, mas a carne daquela galinha não presta. É aquilo que dizem, hormônio, sabe?*

Está tudo errado. Repetia Sr. Chico Grande a cada pausa que fazia para aprofundar o raciocínio. E costurando o papo em um ponto de partida, ele me disse que para *quem tá na cidade é pior ainda. Você vê que tudo tem a ver com a ligeireza?* Ele perguntava, mas não dava tempo para a resposta, enfatizando que é preciso lembrar que *hoje está tudo diferente e já vai diferenciando ainda mais, bem ligeiro*. Quando o sr. Chico Grande era criança, não tinha a *ligeireza* dos seus netos, me dizia ele. *Não nasci de olho aberto, mas a Carol (neta dele) nasceu*. Ele nasceu quando *o tempo era outro*, não apenas cronologicamente, mas em outro ritmo. *Tudo era mais devagar*. A velocidade do ritmo cotidiano era *pior na cidade, onde a pessoa não anda e come só comida de mercado. Vive com pressa, mas o corpo não movimenta. Um corpo parado é o pior corpo que tem*, conclui Sr. Chico Grande.

A longa conversa, que se iniciou com minhas aspirações para entender o *modo do povo de Chico Grande*, me permitiu ir além de sua casa e de seu *terreno*. Muito do que ele disse, principalmente sobre os corpos e a comida, eu já tinha ouvido de outras pessoas, mesmo que não fossem pessoas que *gostam de falar de antigamente* como ele. Os paralelos traçados entre *antigamente e hoje*, assim como a vida *na roça e na cidade*, alargam a

concepção sobre *modos*, pois, além do *modo de cada povo*, há os *modos da gente da roça*, que se diferenciam em larga escala dos *modos da gente da cidade*. O ritmo da vida, a relação com a comida, os remédios, os médicos e o dinheiro toma outras feições, impacta os corpos de maneira decisiva, interfere em disposições mentais e comportamentais, cria outras maneiras de produzir pessoas e fazer família.

3.3 O tempo das águas e seus movimentos: Sobre sortes

As maneiras de fazer e demarcar família, por meio de *jeitos e modos*, são agenciadas em processos distintos ao longo da vida. Como já exposto, a primeira estratégia é a apresentação da *luz divina* ao bebê, que cresce sendo estimulado a perceber as distinções entre sua família e as demais. Essas distinções se dão cotidianamente, mas assim como outros aspectos sociais, são realçadas no *tempo das águas*, quando as *reuniões* permitem uma exposição pública mais ampla das famílias, estejam elas em suas casas ou circulem entre as dos parentes e vizinhos.

Em larga medida, esse período é marcado por uma circulação intensa, não apenas de pessoas, mas também de comidas, que constituem o assunto *preferido* dos *moradores de Pinheiro*. Em todas as épocas do ano, falar sobre o quê se come, como se come e quando se come perpassa as conversas de todas as casas e é um ponto comum das *prosas*. Contudo, o *tempo das águas* é um momento de fartura e o excesso de comida é importante para declarar publicamente a dignidade das famílias, capazes de prover o *de-comer*. São doces, farofas, carnes, biscoitos, bolos, *merendas* que são preparados em abundância, assim como a maior fartura de frutas e legumes que são próprios desse período do ano. Esse contexto, estimula a observação sobre os distintos *jeitos e modos* de se preparar e cuidar da comida, elemento central para a construção de traços diferenciadores entre uma casa e outra.

Para além do esforço das famílias em produzir comidas, um *bom tempo das águas* depende de *sorte*. Essa *sorte* pode ser climática, propiciando chuvas *na medida* para que as plantações consigam *acompanhar as águas* e crescer de maneira adequada. Nos últimos anos, os moradores têm dito que essa *sorte* se relaciona ainda com a quantidade e com o tipo de cultura que é plantado, pois, *plantação é loteria*, e nunca se sabe se aquela cultura *acompanhará* o regime das chuvas daquele ano. Assim, quando uma família planta uma grande quantidade de determinada cultura ela *aposta* que o grão vai *vingar*, *acompanhando* as chuvas, que cada ano se *apresentam* de uma maneira. O milho, que é a cultura mais plantada e esperada para essa época, *não pode com água demais e nem de menos*, precisa da chuva em

momentos determinados, necessita *de chuva equilibrada*. No ano de 2015, nenhuma plantação de milho *vingou*, todas as famílias perderam suas *espigas*, que não chegaram a granular. Mas, quem plantou *feijão catador* teve *muita sorte*, colhendo feijão de qualidade. Segundo eles, há cerca de quinze anos que não existe mais regularidade na quantidade de chuvas. Antes eles sabiam quando ia *invernar*, ou seja, iria chover por dias seguidos, coincidindo com o período em que o milho precisava de *força* para crescer e granular. Agora, não conseguem prever, porque *a natureza não tá mandando sinal*, como *antigamente*. Quando começam a plantar não conseguem ter o mínimo de previsibilidade e precisam de *sorte*. Os *moradores de Pinheiro* são enfáticos em afirmar esse caráter das plantações, dizendo que só continuam a plantar porque *um terreno sem nenhuma rocinha fica muito triste*. As plantações, que são entendidas como marcadores de quem *mora na roça*, não podem deixar de ser feitas, mesmo que não *vinguem*. Apesar de ser *loteria*, são as plantações que indicam o vínculo com a terra, com a condição de *gente que mora na roça*, que não está *na cidade* e que *não compra tudo no mercado*. Independente da *sorte*, as famílias se organizam para as plantações, *batendo paiada* (espécie de limpeza do local a receber plantações), capinando, preparando a terra, plantando e *repassando* (segunda capina, ao redor da plantação). As plantações são feitas em todas as casas do *terreno*, inclusive as que estão *fechadas* porque *é muito triste a pessoa chegar e não ter nenhum milho para comer um angu*. A relação entre as plantações e aqueles que chegam para o *tempo das águas* é intensa, com acompanhamento à distância sobre o crescimento das culturas, sobre o que poderá ser produzido nas cozinhas, derivado das *roças*.

O fracasso nas lavouras de milho, em janeiro de 2015, não foi enfrentado com tranquilidade. O principal alimento das receitas do *tempo das águas* e da ração produzida para os animais (estocada para todo o ano), quando escasso gera consequências irremediáveis. A maior delas é a *tristeza* dos visitantes não comerem angu, *acarajé de milho verde*, espiga assada, mingau e canjiquinha. As cozinhas ficam *menos alegres* sem estas receitas, muito esperadas por quem estava *para fora*. É como se *o lugar da gente não estivesse gerando comida da terra para quem chega*, me explica D.Dolores.⁸⁷ Apesar do milho não se *apresentar* neste *tempo das águas*, as cozinhas se encheram de gente, de carnes, doces e *movimento*. As notícias sobre *matação* de porcos chegam com a rapidez das motocicletas, que

⁸⁷ E nem para os animais, que crescem e também viram comida, mas uma comida *menos natural*. Um porco ou uma galinha que não tem *ração de milho da terra* acabam comendo *ração de mercado*, *cresce ligeiro e não é caipira*. Deixar de ser *caipira* é um problema para as criações e para quem as come, é perder em gosto, em cheiro e em qualidade, é *gerar um corpo inchado* do animal, *inchaço* que passa para as pessoas.

subiam e desciam levando partes dos animais abatidos, distribuindo entre aqueles que estavam ganhando ou comprando carnes.

Todavia, outros fatores de um *tempo das águas* dependem de *sorte*. A presença de pessoas que estavam *para fora* é o mais decisivo para o sucesso do período, principalmente, os casos de *sumidos* que *apresentaram*. A avaliação sobre a *sorte* do período, passa pela quantificação desses retornos, que em grande maioria não são esperados e ganham um tom de surpresa. Como *a incerteza é a única certeza da vida*, os fenômenos que dependem da *vontade da natureza* ou da *vontade das pessoas* são sempre inesperados e podem ser traduzidos como fenômenos da *sorte*.

A partir disso, um *tempo das águas movimentado* depende da *sorte* de *boas festas*, que são aquelas com *muita gente e muita comida*. E isto é uma questão de *sorte*, pois, existem anos *parados* e anos *movimentados*, que dependem do *povo desembestar* a fazer festas de casamento, de batizado, churrascos de chegada dos que tinham *saido*, celebrações de aniversário. Assim como as chuvas, que têm anos *bons* e *ruins*, nunca se sabe o que pode acontecer com as festas, como não se sabe se um *tempo das águas* será *bom* ou *ruim* para *apresentar sumidos* ou ter plantações que *vingaram*. Ao fim *das águas*, as pessoas avaliam como foi a *sorte* daquele ano, pensando nas presenças, nas *apresentações*, nas festas.

Um *bom tempo das águas* é aquele que no mínimo um casal da região tem recursos para se casar no religioso e realizar uma festa, cujos preparativos gera *falatório*. Antes da decisão de se casar as pessoas já especulam quem *deve tá próximo de casar*, observando se a casa foi construída, se o noivo está *correndo* com a construção, se a família da noiva guarda algum *animal gordo* para abate ou para negociação, caso o troquem por dinheiro a ser gasto na festa. Todos esses detalhes são observados e comentados até que as especulações dêem lugar aos fatos, com a distribuição de convites, sejam esses falados ou *no envelope*.

3.3.1 Casar, comer junto e ser visto: A comida como expressão pública do modo da família

Dezembro é o mês reservado para os casamentos, assim como para outros sacramentos católicos, principalmente batizados. E especulando sobre os convites que chegam, os moradores falam sobre qual será *a festa do ano*, que na maioria das vezes é um casamento. Quando cheguei em Pinheiro, nos primeiros dias de dezembro de 2014, uma das primeiras coisas que ouvi era que um *casamentão* iria acontecer no fim do mês, a *festança* seria no *Bar do Louro*, estabelecimento do pai da noiva, moradora de uma localidade vizinha. Todas as

casas de Pinheiro receberam o convite, que era *no envelope*, o que por si já demonstrava que seria uma *festança*. Durante as semanas que antecederam o matrimônio, ouvi muitos comentários nas casas que circulava: algumas mulheres lamentavam que o marido não chegaria à tempo e elas não poderiam ir à festa, pois, *onde já se viu mulher ir à festa sem marido?* Algumas outras estavam indecisas sobre a roupa que iriam usar; havia quem estivesse pensando que presente entregaria na casa da noiva. A cada ida *à cidade* essas questões vinham à tona, sendo que na véspera do casamento, encontrei com muitas moradoras de Pinheiro em *Minas Novas*, onde também eu comprava sandálias adequadas à ocasião, uma recomendação que me fizeram.

O dia do casamento amanheceu ensolarado, como todos previam. Sem sinal de chuva, *o forró ia comer solto noite inteira*, principalmente porque o noivo é irmão de Sereno, vocalista da banda “Sereno e Companhia”, que tem ganhado fama regional e estadualmente. O casamento era a oportunidade de ver e ouvir a banda gratuitamente, o que já não acontecia, desde que eles *gravaram disco*.

Assim, em todas as minhas *andanças* daquele dia eu ouvia especulações e comentários sobre o casamento, além de acompanhar as diferentes mulheres se embelezando, escovando os cabelos, fazendo as unhas, desenhando as sobrancelhas, umas nas casas das outras, em um *movimento* intenso. A habilidade que possuem com cremes, técnicas e cuidados com a pele, o cabelo, as unhas demonstram o valor que conferem à vaidade, importante para a mulher se *sentir bem e bonita*. Além de se cuidarem, as mulheres se preocupavam com o marido e os filhos, tratando de passar suas roupas, cuidar dos cabelos das crianças, separar seus sapatos e *dar o de-comer*, porque as crianças não tem *estômago para espera*, devem ir alimentados para *saber comportar*. Além das crianças, os adultos também se alimentam antes de ir para as festas, porque temem *desagradar da cara da comida*, algo passível de acontecer, devido o *jeito e o modo* da família que faz a comemoração.

Naquele dia, eram valorizadas as informações sobre a festa e quem fosse mais próximo da noiva ou dos seus familiares agenciava notícias de primeira mão, sobre quantos dias foram gastos na preparação dos alimentos, quem tinha ido ajudar na cozinha, de onde vieram os ingredientes necessários, dentre outros. Assim, a mãe da noiva tinha *mandado buscar* três dúzias de ovos na casa de D. Dolores e quatro *medidas* de farinha na casa de Célia, moradoras de Pinheiro que eram *unidas* com a família. Todos esses *movimentos* aumentavam a especulação sobre o que seria servido, e se seria uma festa *farta*, como esperavam.

Quase todos os *moradores de Pinheiro* não compareceram a cerimônia religiosa, que foi realizada *na cidade*. O fato de ir apenas à festa não é recriminado e até mesmo esperado, dado a distância a ser percorrida, as dificuldades para o deslocamento e o espaço restrito da igreja *de Minas Novas*. Para chegar à festa, os donos dos poucos carros que existem em Pinheiro faziam muitas *viagens*, indo e voltando até conseguirem levar os parentes e aqueles que eram *unidos* com eles. Os carros concentravam os idosos⁸⁸ e as crianças, cujo deslocamento nas motos é mais *custoso*. As motos, que são mais difundidas e presentes em quase todas as casas, também subiam e desciam várias vezes, preenchendo as estradas com vozes, buzinas, pequenos gritos e cumprimentos, que ecoavam até as casas.

Eu consegui me juntar a *primeira viagem no carro de Claudinei*, ou seja, ao primeiro grupo de moradores que foram em uma perua, de propriedade de Claudinei, que reside na localidade vizinha, Curralinho. Neste veículo, ele transporta parte dos alunos da região para as escolas da zona urbana por meio de um contrato firmado com a Prefeitura de Minas Novas, um cargo alcançado depois do apoio *na última política*.⁸⁹ A forma como eu me deslocaria foi pensada e programada com a ajuda do Sr. Geraldo, meu anfitrião, que se *preocupou* em eu não *andar com nenhum roda dura*, assim como ninguém que não fosse de sua *confiança*. Em minha presença, ele acordou com Claudinei que seria ele quem iria me levar, reforçando que ele se *preocupava* comigo, que eu era *como uma filha*⁹⁰. Claudinei, afirmou que *um pedido do padrinho é uma ordem* e tratou de não apenas me levar, mas assegurar que sua esposa, Laura me faria *companhia*, pois era uma *moça sincera* e a pedido do *padrinho* eles deveriam me tratar *como filha de Geraldo*.

Assim, no caminho Laura me falava que estava ansiosa, queria chegar rápido *para ver os noivos comendo*. Eu, que já tinha ido a outros casamentos na região, me lembrei de que eles têm o *costume* dos noivos comerem juntos, mas nunca tinha conseguido uma carona que chegasse antes dos noivos e permitisse que eu acompanhasse o ritual. Laura falava que era normal muitos moradores não chegarem a tempo de ver os noivos, seus pais e padrinhos

⁸⁸ A atenção e o respeito conferido aos idosos são expressos no prestígio que recobre o tratamento que recebem. Nos carros, os idosos sempre se sentam no banco do carona e os motoristas se preocupam de ajustar a cadeira para que fiquem à vontade. As mães dos motoristas possuem prioridade sobre o carro, não apenas sobre o lugar de destaque, mas também para seu uso, o que pode gerar ciúmes e reclamações por parte das esposas. Elas se sentam no banco traseiro e nunca na cadeira conferida à sogra.

⁸⁹ *Política, época da política ou tempo da política* são expressões que remetem aos períodos de campanha eleitoral (municipais e gerais) como encontrado em outras regiões do país.

⁹⁰ Devo ao Sr. Geraldo imensa gratidão por sua *consideração*. A entrada em campo a partir do contato com ele e sua família me colocaram em uma posição de respeito, pois, eles são *um povo bom, que ajuda todo mundo e não mexem com ninguém*. Como o Sr. Geraldo é uma liderança política há algumas décadas, quase todos os moradores já se serviram de algum tipo de auxílio dele, que transita com facilidade entre as burocracias e as instituições *da cidade*. Assim, o bom tratamento que recebi também se relaciona com a vinculação direta entre eu e a sua casa, e com a afirmação que eu era *como se fosse do povo de Geraldo*.

comerem juntos, mas ela gostava, achava *bonito*. Falava e me intrigava, pois, já tinha observado que comer e comer junto é demonstrar alianças, e um ritual poderia dar mais realce aquilo que é vivido cotidianamente.

Da estrada, percebemos que o *movimento* era grande e Laura se impressionava com a quantidade de carros, motos, cavalos, peruas e até um ônibus, que preenchiam o *terreno* onde o bar do pai da noiva foi construído. Por não ser na casa da noiva e sim no estabelecimento do pai, o casamento era ainda mais badalado, pois, ampliava a possibilidade de até quem não tinha sido convidado poder chegar e não ser entendido como *entrão*, o que acontece quando alguém que não recebe o convite formal se *apresenta* na casa da noiva, sendo visto como aquele que *vai para comer e beber de graça*.

Descemos da perua apressadas, pois, os noivos poderiam chegar a qualquer instante e Laura me anunciava que era preciso assegurar um bom lugar para avistarmos a mesa em que a comida seria servida para eles. O espaço interno do bar era pequeno e as janelas eram poucas, assim não teríamos uma visão favorecida se estivéssemos longe da porta, que permanecia fechada enquanto os noivos não chegassem. O cômodo era *rebuçado* ao seu redor, o que permitia que as pessoas se espalhassem ali para esperar os noivos e logo após se distribuíssem pela área externa, um *terreirão*. Se a festa fosse realizada na casa da noiva, estruturas de bambu seriam feitas para a acomodação dos convidados e para criar um ambiente comemorativo, se distinguindo como um *dia de festa*.

Ali, o que percebíamos não era uma mudança significativa do espaço. Havia pequenas alterações, como a presença de grandes caixas de som, que pertenciam à banda “Seren e Companhia” e estavam em um dos lados do *rebuço*. Do outro lado do *rebuço*, percebemos que os refrigeradores tinham sido remanejados para o lado externo, separados por uma meia parede de madeira, feita exclusivamente para o evento. Laura estranhou essa divisão e começou a especular se a bebida seria mesmo *de graça*, pois, aquilo parecia um lugar para se vender o *de-beber*. Laura não estava enganada e começaram ali as conversas sobre a festa que Louro fez para *ganhar dinheiro* e deu a *desculpa* de ser o casamento da filha, pois, *onde já se viu vender bebida na festa de casamento da filha?* O assunto que estava *rodando*, aumentava a ansiedade para ver os noivos comerem, pois, *será que o de-comer vai ser bom?*

E foi assim, com esse clima de ansiedade, que os noivos chegaram. As buzinas anunciavam de longe um pequeno comboio, com os carros dos pais e dos padrinhos, juntamente com o carro que trazia o casal. Os parentes, que se tornam organizadores em ocasiões de festa, pediram para todos abrirem espaço para eles passarem e para que o momento fosse fotografado. Assim, os noivos pararam diante da porta por alguns minutos,

quando uma fila com os seus pais e os padrinhos foi organizada. A porta se abriu e eles entraram juntos, se sentando *em roda* da mesa, que já estava com as vasilhas de comida, pratos e talheres devidamente posicionados. Ao abrir da porta, todos voltaram seus olhares para a mesa, para o que estava sendo servido, queriam *ver a cara da comida*. Eu, que fiquei alguns segundos observando outros detalhes, como a decoração com corações recortados do papel de seda e colados nas paredes e percebi que todos os olhos ao meu redor se direcionavam para as vasilhas e pratos. Laura comentava com uma amiga que a carne era assada, uma *carne de festa*. Para Nem, o que importava era que o arroz era *colorido*, um indicativo de que prepararam a comida com *gosto*, com todos os detalhes que uma *comida de festa* necessita. *Só o que faltava era ser arroz branco, comida de todo dia eu como em casa*, comentavam. O arroz *colorido* era feito com pedaços de cenoura, milho, frango, *tropeços* que enriquecem o prato. Assim, por um longo tempo, todos ficaram olhando os noivos, seus pais e padrinhos, comerem e comentando sobre o que era servido.

O ato de comentar sobre a comida não é um indicativo de fome ou gula. É uma das práticas mais comuns e corriqueiras entre os moradores, principalmente entre as mulheres. O que elas estavam *assuntando* ali não dizia apenas sobre o que iriam comer, mas principalmente sobre o que a família da noiva expunha como *comida de festa*. Análogo ao que Cerqueira (2015) observou entre o “povo dos Buracos”, a “comida de festa” é vista de maneira mais substancial que outros tipos de comida, uma comida feita para ser observada, analisada, para gerar conversas e risos. Assim, naquele dia, grande parte das pessoas já tinha comido em casa, pois, mesmo sendo pensada como uma *festança* não se deve *sair desprevenido*, o que observavam eram certos posicionamentos que diziam das características da família em relação a eles mesmos e aos outros. Com a bebida sendo paga o mínimo que esperavam era uma comida que estivesse ao alcance do *luxo* que o casamento anunciava, com convite *de envelope*, noiva com vestido *de loja* e *música de banda* (ou seja, ao vivo).

Contudo, o ritual dos convidados assistirem os noivos, pais e padrinhos comerem expressa o quanto comer e comer junto se relaciona com o ato de fundar uma família, uma casa e uma cozinha. Olhar o que é servido, como é servido, os comentários sobre o *jeito e o modo* das famílias iniciam na festa de casamento, mas acompanham os noivos por toda a existência da família. Esse é o hábito mais difundido no cotidiano, o que faz a cozinha não ser apenas privada, mas também pública. O que ali é preparado, como é preparado e servido é sempre observado, comparado, comentado e indissociado das características morais de um *povo*. Assim, o *povo de Fernando de Estevão* mais do que a carne do porco gosta de preparar as tripas, fazendo linguças, *chouriço* e *muçelas* muito apreciadas. É um *povo que sabe mexer*

com tudo, um povo aceado, um povo que até com tripa cuida da higiene e você pode comer sem medo. É o modo do povo de Fernando de Estevão, um povo asseado. E o asseio não quer dizer apenas do que é feito na cozinha, mas também com o restante da casa, com os próprios corpos. O asseio é uma característica moral que é agenciada em tudo que o povo de Fernando de Estevão faz. Assim, quando vendem um animal o entregam com asseio, assim como quando mandam as crianças para a escola as arrumam com muito asseio e quando fazem uma festa tudo é por demais asseado. O jeito conforma um modo e este é peculiar, uma marca de família. Para ser mantido como uma herança, esse modo precisa ser valorizado, reafirmado, comparado e diariamente tomado como uma forma própria de agir e de estar no mundo.

Próximo do que Cerqueira (2010) observou entre o *povo dos Buracos*, as cozinhas de Pinheiro são lugares domésticos em que as práticas extrapolam a casa, principalmente por meio da *prosa*. Nos Buracos, a “mexida de cozinha” se constrói conjuntamente com a “mexida da prosa”, sendo que um “puxa” o outro. É nas cozinhas que as *prosas* se desenrolam e por meio delas que reputações são construídas, como aqueles que ficam reconhecidos por ser “prosa”, “sistemático”, “prosa ruim”, dentre outros. Os “modos de fazer” foram observados por Cerqueira (2010) como centrais nas conversas e na observação dos buraqueiros. Em Pinheiro, os modos de preparo de alimentos são centrais nas famílias, o *jeito* e o *modo* falam de aprendizados, pois *a vida é vivendo e aprendendo* e o que mais orgulha os seus moradores é o fato de conseguirem aprender. As falas satisfeitas de que *isso foi mãe quem me ensinou, eu faço do jeitinho dela*, ou, *isso eu aprendi com papai* são revelações de orgulho, entonadas com um ar de realização pessoal. Assim, fazer e desfazer família se relaciona com a capacidade de *aprender* e se orgulhar com esses aprendizados, com a habilidade pessoal de *ter olho para aprender*, ou seja, observar e aprender a fazer.

Nessas prosas e no ato de cozinhar, a dimensão dos *aprendizados* é desenvolvida, pois, *para saber cozinhar tem que ter olho e vontade*. As receitas e o *modo* de cada família fazer seus pratos mobilizam as mulheres, que muitas vezes pedem para ser chamadas quando a vizinha for cozinhá-los. Por exemplo, o biscoito de araruta⁹¹ de Ester é *igualzinho* ao da *falecida* D. Maria de Simeão e, por isso, quando ela retornou de Barrinha foi *ensinar o segredo* que tinha aprendido com a vizinha, para as filhas da *falecida*, que não *sabiam* qual

⁹¹ O biscoito de araruta é conhecido por estar entre as receitas que *cada um cozinha de um jeito*, sendo que alguns gostam dele com fubá, outros com mais ovo, alguns *só comem* se estiver quebradiço. Contudo, tudo que se produz numa cozinha é passível de ser algo que *cada casa cozinha de um jeito*. As coisas mais simples, como o café, geram debates acalorados sobre a melhor forma de ser coado, a quantidade de pó e de açúcar, as características que cada casa têm. Um café *amargoso* é para *estômago forte* e as visitas podem pedir para adicionarem um pouco mais de água, pois, não precisam se submeter ao *modo* da casa.

era. Muitos moradores comentaram o caso, que demonstrava a *vontade de aprender* de Ester e *falta de cálculo* das filhas de D. Maria, que *não tiveram olho e vontade* para *saberem* da receita, esquecendo de que *a vida é vivendo e aprendendo e ela nunca está do mesmo jeito*. Todos os filhos devem ser *criados em roda do fogão*, mas as filhas, principalmente, devem *ter olho para aprender*, pois, elas são responsáveis por guardar as receitas e os *modos* de cada mãe produzi-las, sob perigo delas se perderem no tempo. Foi *por sorte* que Ester tinha *aprendido* a receita e que o Natal de 2014 contou com ela, fazendo todos *lembrarem* da mãe, *foi como se ela estivesse ali*. A dimensão do aprendizado traz a tona relações que ultrapassam laços de sangue e que desde que se tenha *olho para aprender* aproxima as pessoas por meio de receitas ou pelas variadas formas de *lidar* com a comida, como os modos de *sangrar um animal*, as maneiras de preparar as carnes, os diversos *jeitos* de plantar, cuidar e colher legumes, raízes e demais produções do terreno e do quintal. Não é preciso ser filho ou descendente de uma mulher (que ensina mais diretamente aquilo que é produzido no fogão) ou de um homem (que geralmente são aqueles que ensinam sobre animais e colheitas) para aprender com eles. É preciso, antes de tudo, *ter olho* e analisar se o *jeito* e o *modo* são compatíveis e aceitáveis a partir do que a própria pessoa entende como razoável.

Ter olho é importante para aprender o *jeito* e o *modo* da família, assim como ver e se diferenciar dos outros, das outras famílias. O fato de olharem para os noivos, seus pais e padrinhos também é uma maneira de *ter olho* e observar se o *modo* da família é aceitável, admirável, estranho, dentre outros. É uma maneira de detectar o que nos outros pode ser compatível ou incompatível com seu *modo*. Um exemplo é a observação da forma como as famílias produzem suas comidas e como esses *modos* dizem da fartura. Pessoas que fazem os doces *renderem* com acréscimo de mamão, que não *lavam* o requeijão com a quantidade de leite necessária para o ponto mais adequado, que não comem carne para economizar dinheiro, que coam café com pouco pó para não gastarem, podem ser acusadas de *mão de vaca*. Contudo, para algumas famílias isso não é um problema, o dinheiro é feito para *render* e não pode ser desperdiçado, o que cria uma compatibilidade entre eles. De toda forma, o que quero indicar é que alianças e distanciamentos estão sempre sendo desenhados e redesenhados e a cozinha é o espaço onde grande parte das relações é firmada e alterada, repensada.

3.4 Lugar de reunião: As cozinhas e a política

Como analisado no capítulo anterior, *a casa raiz* tem na mãe uma figura central, que *dá força* aos filhos, *não os abandona*, que permite os movimentos de idas e vindas,

principalmente pela *lembrança*, que mobiliza telefonemas, visitas, presentes. A mãe contribui para esse retorno principalmente por *criar os filhos em roda do fogão*, o que ocorre desde os primeiros meses de vida da criança. É na cozinha que os ensinamentos básicos para *viver e conviver* são estimulados e transmitidos, como *firmar o corpo*, *comer sozinho*, *andar com as próprias pernas*, práticas fundamentais na *criação* de uma pessoa *equilibrada*. Uma casa vai *crescendo*, assim como a família, e as ampliações e reformas das cozinhas são as que mais se destacam ao longo do tempo. Esse *crescimento* da casa faz com que a mulher aprenda a ser mãe e *dona de casa*, no qual ela *dá sua cara e seu jeito* ao ambiente doméstico, processo que ocorre principalmente na cozinha e a partir dela.

De todos os cômodos da casa, a cozinha é o mais habitado. É lá que as refeições são realizadas, assim como as prosas com os *de casa* e os *de fora*, com os *passantes* e os *visitantes*. A cozinha é ambígua, comporta quem mora e quem não mora, quem é próximo e quem é distante, as decisões mais íntimas e as mais públicas, a *criação* cotidiana dos filhos e o desprendimento deles para o *mundo*. Por tudo isso, é o cômodo *mais movimentado* e *mais alegre*, onde as características essenciais de uma casa (*movimento, alegria e ânimo*) são expressas, agenciadas por meio do fogão à lenha e do seu fogo, de seu calor.

Não é apenas em Pinheiro que o fogo *reúne* as pessoas. A própria etimologia da palavra traz em si uma relação direta com “lar”, uma vez que fogo deriva da palavra latina “*focu*”, cujo sentido original é lareira, lar doméstico. (Machado, 1952)⁹². Assim é em outras partes, e o que quero destacar aqui se refere os sentidos que encontrei em Pinheiro, que transcendem a produção de alimentos – apesar de a comida ser uma substância central nas famílias e nos processos de produção de pessoas. A cozinha não pode ser descrita sem sua dimensão de intimidade, pois, é o local onde a prosa se desenrola de maneira mais livre, em que as pessoas ficam *quentando em roda do fogão* e conversando, prosas que se desenrolam a qualquer momento de pausa do dia.

São nas cozinhas que as prosas e os *causos* preenchem as casas, que fazem elas serem observadas de longe, por conta do barulho. Uma boa visita é aquela que promove risadas altas, que sabe fazer imitações da voz e do *jeito* das pessoas, que consegue fazer o *movimento, da alegria e do ânimo* se manifestarem, comprovando que essas são características da casa. Essas manifestações chegam até as estradas, podem ser ouvidas de outras casas, viram notícia. Assim, a cozinha é um espaço doméstico que é projetado para além da casa, que *reúne* as

⁹² Em outras línguas, a relação também é estabelecida. Agradeço a Fabiana de Andrade por me atentar pelos usos da palavra “*foyer*”, na língua francesa, cujos sentidos de família/ grupo doméstico estão relacionados diretamente com o lugar onde se faz o fogo.

peças e que cria momentos coletivos, os quais são observados, vigiados e comentados pelos moradores. São espaços em que a prosa permite expor posicionamentos, que as distâncias e proximidades são expostas, pois, não é todo mundo que é recebido com o mesmo entusiasmo e *alegria*. A circulação entre casas é principalmente uma circulação entre cozinhas, o que destaca o seu caráter social, por excelência, um *lugar de reunião*.

Os outros cômodos são pouco habitados durante o dia, o que faz o cotidiano se passar em grande parte do tempo nas cozinhas e nas áreas externas, onde as atividades de trabalho são realizadas (como o quintal, o *terreiro* e as áreas de plantações). Como vimos, é na cozinha e por meio de suas substâncias que as pessoas desenvolvem o olhar para diferenciações que lhes são estimuladas, demarcando limites e aproximações entre casas e famílias. Assim, ela é um local de produção de alteridade e semelhança, um cômodo político. O que pretendo mostrar adiante é que sendo reconhecida como *lugar de reunião*, a cozinha não se destaca apenas nas casas, mas também na sede da associação, que possui semelhanças com os padrões arquitetônicos dos domicílios. A face ambígua da cozinha – que comporta dimensões internas e externas às casas, intimidades e posições públicas, *os de fora e os de casa* – não fica restrita aos domicílios. Assim, em um ambiente declaradamente público, como a associação local, a intimidade e ambigüidade da cozinha são expressos, de maneiras sutis e reelaboradas.

3.4.1 A Aprompig e as cozinhas: Os *modos de fazer política*

Como abordado no capítulo 1, a sensação que a aquisição da *sede* produziu para seus associados foi a mesma que uma casa própria traz consigo, o sentimento de *ficar à vontade*. A Aprompig não nasceu com sua sede, seus associados a conquistaram depois de doze anos de *luta*, marcada pela invisibilidade social. A inserção no movimento quilombola e a aquisição da sede foram acontecimentos contemporâneos e se misturam, dividindo a história da Aprompig entre *antes e depois da sede*. Somente com um *lugar de fazer reunião*, eles passam a ser reconhecidos publicamente, como participantes de um *movimento*, sendo contabilizados no jogo político municipal⁹³.

A sede da Aprompig é entendida como *lugar de fazer reunião*, característica que a define e que se aproxima do caráter social de uma cozinha. Como pode ser observado no

⁹³ As lideranças das quatro comunidades que formam a Aprompig possuem um histórico político relacionado às CEBS e ao Partido dos Trabalhadores (PT). A Prefeitura de Minas Novas é reconhecida por ser governada por prefeitos ligados a partidos de oposição ao PT, o que faz essas lideranças e a Aprompig serem consideradas de oposição. Desde sua fundação, em 1996, houve apenas um mandato da coligação que apoiavam. Portanto, os moradores são enfáticos ao relatar que as *ajudas* que recebem são *dos presidentes* e não da Prefeitura.

Anexo 4 (pg. 174 dessa dissertação) ela possui um cômodo destinado a venda de artesanato produzido pelos moradores, que se assemelha com uma *sala de visitas*, sendo pouco utilizado. Ali também se localiza o acervo do projeto Arca das letras e do Projeto Ancestralidade Africana, de que participaram em parceria com a Biblioteca Nacional. Do meio deste cômodo, surge um corredor, que dá acesso lateral a outro cômodo, chamado de *sala de informática*, que contém os computadores, também frutos de outro projeto. De frente a esta *sala* há dois banheiros. O fim deste corredor dá início a um *salão*, onde são realizadas as *reuniões* mensais, cursos, encontros. Este é o espaço de sociabilidade por excelência. Por conta dele que a sede é também chamada de *galpão*. O *salão* tem a estrutura de uma grande cozinha, com um fogão industrial à gás, uma geladeira e uma pia em sua lateral esquerda, onde são produzidos os almoços e lanches das *reuniões* e cursos que acontecem na Aprompig. Uma meia parede divide este espaço do restante do salão, mas não o separa, ele é permeável e em ocasiões que a comida é ali servida ou produzida, há um fluxo constate entre as duas alas. Como em uma casa, as outras partes da sede não são muito visitadas, o *salão* é onde as pessoas passam a maior parte do tempo e onde a *reunião* se dá, de fato.

Em um dia de *reunião*, principalmente no *tempo das águas*, o *salão* fica lotado. Com cadeiras encostadas na parede (como os bancos das cozinhas das casas) e outras enfileiradas ao centro, todos direcionam o olhar para a mesa da diretoria, que se posiciona ao lado da cozinha. Em pé, ao centro da mesa, o presidente comanda a reunião e os demais diretores se posicionam sentados, nas cadeiras que ficam recostadas na parede detrás da mesa. Nessa parede, quadros com fotos de pessoas importantes para a associação são expostos, como o Sr. Geraldo e do *falecido* Sr. Zé do Brito, que foram fundamentais para a *caminhada da associação*. Alguns certificados de participação em eventos são expostos em quadros, se acumulando ao longo dos anos e demonstrando como eles vão *ganhando sabedoria* em suas *andanças*. Ao centro da parede, um estandarte de São Joaquim, que segundo os moradores de Macuco, é o padroeiro da localidade. Há também fotos do grupo de congado que existe ali. Bonecas feitas com palha e sabugo de milho produzidas por membros da Aprompig ajudam a enfeitar essa parede, que se assemelha com a parede que fica em frente à porta da sala de visitas de uma casa. Nas demais paredes laterais foram afixados banners produzidos pelo pesquisador que estudou a agricultura familiar das quatro comunidades da Aprompig, com mapas e tabelas dos rios, córregos e casas.

Essa mescla entre as características de uma cozinha e de uma *sala de visitas* se relaciona com a diversidade de pessoas que circulam por ali, algumas íntimas e outras desconhecidas. É preciso criar um ambiente que permita aos *de fora* ter elementos para

montar uma história, como a referência aos ex-presidentes e aos certificados de participação em eventos, assim como os legados de pesquisadores. Contudo, os *de casa* convivem naquele ambiente como se estivessem interagindo em uma cozinha, não da mesma forma como se comportam nos domicílios, mas *reunidos, participando da associação*. Nas casas, as risadas são sinais de uma *boa prosa* e de *alegria*; na associação, o número de carros, motos e cavalos indicam como está o *movimento*. Quando há muitos veículos e *muita gente*, avaliam que foi *boa reunião* e a notícia se espalha pelas quatro localidades, abrangidas pela APROMPIG. Ao fim de uma *reunião*, muitas notícias *correm*: sobre quem trocou de moto, quem foi *campeão na cana* e trouxe um carro de São Paulo, sobre os casamentos que vão ocorrer, assim como as *descasasções*. Além disso, outras informações e comentários se tornam populares, principalmente sobre a perda ou ganho de peso, sobre as crianças que *sabem* e as que *não sabem comportar*, sobre as condições de quem está doente.

Não é apenas o *salão* que possui essa dimensão social e nem apenas ele promove todas as conversas e *prosas* de uma *reunião*, apesar de se destacar por isso. Parte das interações se dá no *terreiro* da Aprompig, onde há outros espaços de encontro. Ali, há o *quartinho*, que é um pequeno cômodo, o primeiro espaço da Aprompig a ser construído, antes da chegada dos materiais e da verba para a construção da sede. Esse cômodo teve de ser construído para a instalação da luz elétrica, pelo Programa Luz para Todos. Ele não foi *derrubado* e serve para finalidades variadas, desde depósito de couro para a produção de *caixas*⁹⁴ até uma extensão da cozinha, em dias de festa e forrós, que *reúnem* muitas pessoas. A intimidade e escuridão desse cômodo o fazem ser também o local em que os homens se encontram para *tomar uma pinguinha*, antes da *reunião* se iniciar. Outra estrutura mais *antiga* que está no *terreiro* é a *fornalha*, espécie de forno utilizada para assar as cerâmicas artesanais. Quando são realizadas oficinas, ela serve para a produção de peças, que são vendidas diretamente pelos artistas ou expostas na *sala* da Aprompig. O *quartinho* e a *fornalha* são cômodos importantes no crescimento da Aprompig, que *foi engatinhando*, até conseguir se *firmar sozinha*.

No lote em que a sede foi construída, há uma construção iniciada e não acabada, uma obra da Igreja Católica. Com o alicerce e as paredes levantadas, a obra está estacionada há aproximadamente cinco anos e os moradores dizem que não há notícias sobre seu andamento. Como as reuniões da Aprompig mobilizam muitas pessoas, alguns moradores de Macuco instalaram uma pequena *venda*, acoplada às paredes da obra da Igreja. Essa *venda*, construída

⁹⁴ *Caixas* são como instrumentos musicais próximos aos tambores, produzidos com madeira e couro de boi ou cabrito. Possuem tamanhos e sons diferentes, cada qual com sua peculiaridade. A técnica empregada é repassada por um morador que a aprendeu com seus antepassados e a transmite em oficinas realizadas pela Aprompig.

com bambu, possui uma chapa elétrica para a fabricação de espetinhos e um freezer, o que também possibilita a venda de bebidas, algumas expostas na lateral. A energia elétrica utilizada ali vem de um bar⁹⁵ que funciona do outro lado da rua, construído em 2013. Esse bar também foi construído ali visando o *movimento* dos dias de *reunião*, assim como o acesso facilitado á *rodagem*, que fica a poucos metros dali.

Ainda no *terreno* que foi doado para a associação, há a *tenda de farinha*, que é resultado de um projeto enviado ao governo estadual, pelo Programa de Combate à Pobreza Rural (PCPR). Inaugurada em 2010, a *tenda* possui maquinário elétrico, distintamente das demais *tendas* que existem na região. Qualquer associado da Aprompig pode utilizar o espaço para produção de farinha, apesar do acesso ser mais facilitado para os moradores de Macuco, por conta das maiores distâncias a serem percorridas pelos moradores de outras localidades.

Todos esses espaços fazem com que haja um trânsito de pessoas na área externa da Aprompig, nos dias de *reunião*. Ali, parte dos moradores vende salgados, doces, picolés e outros atrativos, geralmente comidas *diferentes*, que destoam da alimentação cotidiana. Essas pessoas se posicionam ao lado da *venda*, com caixas de isopor, vasilhas cobertas com panos de prato ou cestas de taquara. São reconhecidas por todos e principalmente pelas crianças, que geralmente ganham um *agrado* dos pais e parentes.

O fato da associação ser pensada nos moldes de uma casa, com um *salão* e um *terreiro* que se assemelham com uma cozinha e seus arredores não é desprezível. Guardadas as proporções, dado que a Aprompig é uma instituição que surge para atender demandas coletivas, burocratizadas e públicas, as referências arquitetônicas e os *modos* de *reunião* partem das casas, mais especificamente das cozinhas. A dimensão política está presente em ambas, expressando *modos* familiares e um *modo* de se engajar no movimento quilombola, que eles também entendem como próprio da Aprompig. Assim, quando a *sede* é utilizada como espaço para festas e celebrações coletivas⁹⁶, tal como as comemorações nas casas, o *salão* funciona como a cozinha, recebendo e acolhendo as pessoas, que se distribuem em seu interior e no *terreiro*. Nesses momentos e também em reuniões mensais e encontros com

⁹⁵ O bar é frequentado basicamente por homens. Na região, as mulheres que ingerem bebidas alcoólicas são repreendidas e quando o fazem, geralmente, é no espaço da casa e em quantidades moderadas. Em grande maioria, os bares possuem *donos*, do sexo masculino. A contradição entre o bar (espaço masculino, que possui um *dono*, em que há venda de produtos) e a cozinha (espaço feminino, que possui uma *dona*, em que os produtos são ofertados) não são desprezíveis, demonstram dimensões opostas da interação social.

⁹⁶ Geralmente, a *sede* serve de espaço para a realização de forrós, festas juninas, novenas e leilões dos moradores da comunidade Macuco. No *tempo das águas*, é utilizada para a realização da *missa de fim de ano*, única vez em que o pároco visita a localidade. Nessa missa, casamentos e batizados são realizados, conjuntamente. O salão é enfeitado e preparado para tal, com flores pelas cadeiras e toalhas brancas na mesa da diretoria (Vide fotos 3 e 4, p. 175 dessa dissertação)

parceiros, as formas de receber, de se comunicar, de expor suas preferências e *jeitos de viver*, eles ativam uma série de referências das formas como agem em suas cozinhas, demarcando posições.

Tanto nas casas como na Aprompig, a porta de entrada principal não é a da sala de visitas e nem a da sala de artesanatos, mas sim, a porta da cozinha e a porta do *salão*. São portas laterais, que permitem a entrada para um ambiente mais interno, ambientes de *reunião*. O uso das outras portas é destinado apenas para pessoas com as quais não se tem um mínimo grau de intimidade, geralmente pessoas que representam instituições desconhecidas e que chegam sem o acompanhamento de algum conhecido. A linguagem que existe nas casas, ou mesmo a poética que paira nos ambientes e em suas composições (Bachelard, 2008) constrói maneiras de interação com a arquitetura que são transportadas de um local para outro, de uma situação doméstica para outros espaços, como referências na disposição concreta e também na abstração dos lugares.

Semelhante ao que Comerford (2003) encontrou na Zona da Mata Mineira, onde o Sindicato era denominado de “Casa do Trabalhador”, a Aprompig é mais pública que uma casa, ela não se presta a ser um ambiente doméstico, mas não deixa de demonstrar o quanto as casas são públicas por natureza, em um contexto onde os moradores “vigiam e narram” o cotidiano do que se passa na casa dos vizinhos, assim como sabem que são vigiados e narrados por eles. A Aprompig não surge de um vazio social e as referências (mentais, arquitetônicas e relacionais) que são acionadas para a inserção no *movimento quilombola* expressam o cotidiano ali existente, da política que é feita nas casas, nos diferentes *jeitos* de receber, de *prosear*, de servir alimentos, de fazer acordos, de circular.

A política é vivida em espaços diferentes e de maneiras distintas, mas combinadas. Um domínio que não se separa da família, mas, pelo contrário, deriva das casas e do que poderia ser entendido como espaço “privado”. Os *moradores de Pinheiro* não compartimentalizam a vida em domínios distintos e separados, não deixam de fazer política ao comer e receber pessoas, não deixam de fazer família ao *apresentarem* na associação, vão *vivendo e aprendendo* em lugares e situações distintas. É por se misturar com o que vivem nas casas e, principalmente nas cozinhas, que o engajamento na associação faz sentido e é possível, que conseguem criar uma estrutura que lhes permite *ficar à vontade*. O *movimento quilombola* se torna interessante por poderem conciliar uma história local, uma *sabedoria* sobre o território que ocupam, por expressarem o *jeito e o modo* que vivem para pessoas de outros lugares, outras cidades e até fora do país. O que gostaria de mostrar adiante é como essas expressões de *jeitos e modos* são construídos nas e pelas cozinhas, como a comida e as

formas como ela é produzida gera mais do que sabores diferentes, propiciam apetites e predisposições sociais, assim como dissabores e recusas entre pessoas e famílias.

3.5 A cozinha e suas substâncias: Limites construídos a partir da comida e do fogo

Nesse capítulo, tentei explorar o espaço da cozinha como um domínio político, no qual as famílias se mostram publicamente. As cozinhas são referenciadas como *lugar de reunião* e, por isso, servem de modelo para a *sede* da associação local e para a maneira como pensam as relações coletivas e públicas. Assim, ao observamos a disposição física da Aprompig, percebemos a centralidade da cozinha e das casas, expressas no plano referencial ali utilizado.

Para além da análise da arquitetura da Aprompig, a cozinha é o local onde a produção familiar de comida passa por olhares externos, os quais moldam percepções e distinções sobre cada família. O *jeito* tende a conformar um *modo*, que é uma maneira de imprimir marcas familiares ao longo das práticas alimentares, domésticas e culinárias, as quais se espalham para outras habilidades e atitudes humanas, refletindo no corpo e em suas distinções. Os longos debates sobre como as receitas são feitas revelam mais do que um gosto apurado pela gastronomia (o que também existe ali), mas, principalmente, formas diferentes de escolher e priorizar maneiras de agir, de se posicionar perante o *mundo*. Desde o momento do casamento, o ato de *ter olho* sobre a comida que é servida e sobre as escolhas na produção da *comida de festa* demonstra a publicidade da cozinha e de suas produções, que precisam ser analisadas e comentadas por todos.

Ter olho é uma habilidade ensinada às pessoas, que a utilizam para estabelecer proximidades e distanciamentos e também para aprender o *modo* da família. Não se trata apenas de um ensinamento, mas da disposição pessoal para treinar e aguçar a percepção sobre si e sobre os outros, uma maneira de estimulada de estabelecer diferenciações. Os *modos* se modificam, ganham outros elementos, outras formas, mas trazem com eles uma continuidade, algumas *lembranças* evocadas sobre o *jeito* dos moradores mais velhos e dos antepassados. Parte considerável dessas *lembranças* são movidas por meio da comida, que é a substância promotora de memória, responsável, por exemplo, pelas *lembranças do lugar da gente* em outros lugares, como Barrinha. Além da comida, o fogão à lenha em si gera memórias e o afastamento dele faz as pessoas *sentirem falta* desse fogão, considerado *o esteio da casa*.

O *modo* de cada família é apresentado a seus membros desde o nascimento, por meio de práticas rituais que permitem que a criança seja relacionada a um fogão, que emana

vitalidade. Esses fogões foram a fonte do *suspiro da vida* até recentemente e por meio deles o fogo cria outros elementos que propiciam a saúde do bebê e da mãe. Na revisão da historiografia brasileira, o fogo aparece como elemento ritual para os escravos que desembarcaram na região sudeste. Slenes (2011) demonstra que, para além da utilidade prática da fumaça, que protege as madeiras de animais roedores e mantém a temperatura interna estabilizada, a presença de um fogo sempre aceso nas senzalas se relacionava com questões políticas e mágicas das linhagens africanas. Para diferentes tribos da África Central, a luz do fogão era importante para se relacionar com os ancestrais e o mundo espiritual, ultrapassando qualquer senso prático do uso do fogo. Parecia insano aos senhores brasileiros e àqueles que observavam o ambiente das senzalas a presença de um incessante fogo que ardia, sem nunca ser apagado, mesmo nas estações mais quentes. Ao observar documentos e relatos históricos sobre essas práticas, o autor correlacionou-as com os rituais de mudança de poder dos chefes políticos da África Central, nos quais o fogo representava uma ligação linhageira com os antepassados e com o poder de cada tribo. Dentre uma série de relatos, o autor descreve a prática de apresentar um tição de fogo para os mortos, para guiá-los em seus deslocamentos em outros planos.

Apesar da semelhança com a apresentação da *luz divina* aos que morrem *em casa* e com a simbologia mágica do fogo em Pinheiro, não quero aqui defender que estas práticas são diretamente derivadas da África, por meio da ancestralidade quilombola. Não tenho elementos históricos para estabelecer essa relação e nem desejo levantá-los. Porém, a recorrência da prática demonstra outros contextos em que o fogo agencia questões extras domésticas, ou melhor, em que o doméstico age política e espiritualmente. Assim, Marcelin (1996), encontrou uma relação estreita entre as casas e seus fogos no Recôncavo Baiano, onde as pessoas afirmam que uma casa sem o fogo aceso é uma “casa morta”. Em Pinheiro, as casas, mas principalmente as pessoas perdem vitalidade quando afastadas de seus fogões, o que interconecta os corpos às suas cozinhas e fogos.

Assim, as narrativas de parto me propiciaram um olhar sobre questões rituais que iluminam relações mágicas com os fogões e com a casa. A mãe, que é a responsável pelo sucesso ou fracasso dos cuidados que tem com o umbigo do bebê, agencia a *sorte* da criança de maneiras variadas, principalmente no período de *resguardo*. Durante o parto, ela encontra na parteira uma parceira, que faz o momento ser *quente* e compartilhado, pois, tal como uma mãe, ela *não abandona* a parturiente. Ambas *dão a luz*, sendo que a parteira fornece a *luz divina*, e por isso, se torna *avó de umbigo*, adicionando parentesco a uma relação baseada em um conjunto de práticas chamado de *dar ligança*, que em outros contextos brasileiros é

expresso por “ter consideração”. O papel da parteira se aproxima do que Lozonczy (1989) afirma sobre a importância da “comandrona”, aquela que corta o umbigo da criança, nos partos das localidades negras colombianas. Segundo a autora, a atitude dessa mulher é fundamental para a vida da criança e para a construção das pessoas daquela região, pois é ela quem permite a inserção da criança na “comunidade”, uma vez a mãe não pode exercer essa função, sob o perigo de não dar a independência necessária ao filho ao decorrer de sua vida. Em Pinheiro, não posso afirmar que a parteira pode fornecer a criança condições sociais que a mãe não poderia (como a independência), mas sua ação é voltada não apenas para a criança, mas para toda a família, que é apresentada ao bebê por meio do fogo de seu lar. Assim, a apresentação da *luz divina* é o primeiro contato com a prática de *ter olho*, observando os *modos* da sua própria família, ali simbolizados pelo fogo do fogão da casa.

Diante das questões que envolvem o parto, compreendi porque as mulheres dizem que jamais *esquecem* desses momentos, vividos no corpo e marcados na memória. O parto é a possibilidade de transformação da mulher em *mulher forte*, um ritual que reestabelece sua posição social, que passa a ser reconhecida como alguém que *consegue aguentar*. Próximo do que Belaunde (2009) observa entre os indígenas amazônicos, para os quais verter sangue é uma forma de trocar de pele/corpo, as mulheres de Pinheiro se tornam outras, com outros corpos, marcados pelo parto. Essa capacidade de *aguentar* é fundamental não apenas para o nascimento do bebê, mas para ser mãe e, na maioria dos casos, *mãe e pai*. Além disso, ao enterrar o umbigo e a placenta dos filhos, que são substâncias que pertenceram tanto ao corpo da mãe quanto ao corpo dos bebês, essas mulheres se enraizam ainda mais naquele solo, no *chão da casa* que se torna sua, que ganha *sua cara e seu jeito*. É por meio desses processos que ela se imbrica com a casa, que não se separa do que viveu naquele espaço, um lugar de *lembranças*.

As mulheres são as únicas que possuem *dona/mãe do corpo*, uma entidade, que às vezes é traduzida como uma *força*, que algumas dizem viver perto do útero e outras dentro do útero, não havendo precisão sobre sua localização exata. Essas distintas interpretações sobre onde ela se encontra também foi observado por Macedo (2007) entre os Tupinambá da Bahia. Para eles, a *dona do corpo* é encontrada apenas nas mulheres, que também entendem que ela se materializa em forma de uma *bola*. Assim, o que observo é que essa *força* faz as mulheres sempre naturalmente mais potentes nas relações familiares, principalmente nas relações com os filhos. Elas conseguem agenciar as diferentes tarefas impostas pelo *sofrimento* de ser mãe porque se *equilibram* por meio da *dona/mãe do corpo*, que desde que esteja em *seu lugar* fornece *força e equilíbrio* à essas mães.

Sauma (2013) desenvolveu com profundidade os efeitos e consequências da *mãe do corpo* entre os Filhos do Erepecuru, no Pará. Distintamente de Pinheiro, homens e mulheres possuem a *mãe do corpo*, mas mulheres e crianças são mais vulneráveis à que ela saia “do seu lugar”. As mães são afetadas diretamente por problemas familiares, são as que mais sofrem com questões variadas (como mortes, doenças, problemas conjugais) as quais prejudicam a saúde, principalmente os “nervos”. Esses problemas familiares fazem a *mãe do corpo* se desprender do umbigo, por onde fica ligada através de um cordão. Para que ela retorne ao “seu lugar”, uma pessoa que saiba “puxá-la” deverá fazê-lo evitando danos aos “nervos” e até mesmo a morte da pessoa, o que ocorre quando a *mãe do corpo* sobe até o estômago. Para manter a *mãe do corpo* “em seu lugar”, a pessoa deve ser ativa, se movimentando e interagindo sem conflitos com outras pessoas e se alimentando com qualidade. Uma mulher que propicia um ambiente doméstico pacífico e toma todos os cuidados na preparação dos alimentos, cuidados combinados com aqueles que foram tomados pelo marido enquanto caçava e pescava, se protege e protege a família de perigos, faz com que seus corpos fiquem “fechados”.

Eu não tive acesso a tantas reverberações da *dona/mãe do corpo* entre os *moradores de Pinheiro*. Esta foi uma descoberta do fim do trabalho de campo e não tive a oportunidade de explorá-la tal como deveria. Contudo, o que posso observar é que a relação entre os corpos, as comidas e as casas são centrais para a construção das famílias e da localidade. Todos os embates e resistência com as mudanças expressam perigos que acometem a vida no espaço urbano e a saúde daqueles que aceitam aos modelos médicos e de consumo que lhes são impostos. Partos nos hospitais, *remédios de farmácia*, vacinas, *comidas de mercado*, *frangos de granja e animais criados na ração* alteram o *equilíbrio* que antes era encontrado até mesmo no regime das chuvas. Mudanças que não se dão separadas, mas que alteram um sistema mais geral, em que tudo se conecta por meio de ligações entre o homem e o *lugar da gente*.

Considerações Finais

Mas, o sertão está movimentante todo tempo...
Rodando por terras tão longas. (ROSA, 1986, p.483)

Essa dissertação não pretende chegar a um ponto final. As linhas aqui esboçadas indicam *caminhos, trilhas e carreiros* por onde perpassaram temas, ideias e concepções das famílias de Pinheiro, principalmente sobre seus movimentos e relações. Por mais que eu me esforce em elaborar uma conclusão que se feche em si mesma, não estaria sendo fiel ao que eles me *ensinaram* sobre o *movimento* da vida, que *nunca está do mesmo jeito*. Sendo assim, as conclusões as quais esbocei são provisórias e parciais e se atem aos efeitos desse *mundo* que *gira, gera e mexe*.

Inicialmente, essa impossibilidade de acompanhar o ritmo das mudanças e da provisoriedade que envolve a vida de meus interlocutores, pareceu-me limitador. Como explorado em outra ocasião (Alves, 2014), sentia que estava sempre desatualizada, que era incapaz de alcançar a sequência de idas e vindas, de decisões, mudanças e novidades. Minhas análises se baseavam em configurações familiares que em poucos meses já tinham se modificado, com pessoas que *saíam*, outras que se *apresentavam*, com casas que encontravam *fechadas* e rapidamente já estavam sendo *retomadas*, dentre outras situações que não me permitem confeccionar histórias estanques e circunscritas.

Assim, ao compreender que meus interlocutores tinham um modo próprio de estar no *mundo*, no qual os movimentos eram mais complexos que o trânsito entre pontos de partida e pontos de chegada, percebi que minha escrita necessita de inflexões e ponderamentos sobre essa mobilidade. Antes de tratar as intermináveis mudanças e modificações que ocorriam nas vidas das pessoas e em suas configurações familiares como um problema metodológico, tentei explorá-los etnograficamente, transportando-os para a escrita do texto. Certamente, muitas pessoas que estavam em Pinheiro no último trabalho de campo que realizei (janeiro de 2015) agora não estão mais e muitas que estavam em Barrinha já retornaram para Pinheiro ou seguiram para outra cidade que seja atrativa. Meu objetivo não foi circunscrevê-las a um único ponto do espaço e nem determinar suas permanências e *saídas*, apenas compreender como esses *movimentos* se tecem e como as famílias se fazem e refazem nessas idas e vindas. Sendo assim, *aprendi* que *a incerteza é a única coisa certa da vida* e que apesar da existência de critérios econômicos, as decisões para *saídas* não se baseiam primordialmente nessas questões. A provisoriedade que envolve as idas e vindas se relaciona com múltiplos desejos,

seja de melhorar a relação conjugal, impedir traições, viver afastado da família do cônjuge, repensar posicionamentos perante os filhos. Esses motivos explicam as viagens *da noite para o dia* em que decidem *ir de muda* para lugares onde possuem parentes, vizinhos ou amigos, fator que, atualmente, torna Barrinha a cidade mais procurada pelas mulheres.

Barrinha não ocupou um lugar central nesse texto, mas, antes de tudo, se tornou mais um ponto de observação de Pinheiro, onde eu já tinha experiência anterior em pesquisa. Essa diferença entre o tempo de trabalho de campo nos dois lugares não permitiu que eles fossem analisados equiparadamente, o que também não seria condizente com a posição periférica que Barrinha ocupa na vida dessas pessoas. Os *moradores de Pinheiro* afirmam que não se sentem *à vontade* nessa cidade e estão cotidianamente estabelecendo fronteiras entre eles e os outros habitantes dali. A centralidade das análises recaiu sobre o *lugar da gente*, apesar de Barrinha ter sido fundamental para produzir uma perspectiva para compreensão das propriedades desse lugar. O distanciamento dessas pessoas de sua localidade de origem me propiciou uma visão mais clara sobre as alteridades e pertencimentos que elas observam e discutem, pois se dispunham a falar e refletir longamente, interessadas em *lembrar do lugar da gente*. Distanciadas, elas se colocavam questões sobre o modo de vida de Pinheiro e articulavam suas *andanças* com formas de *sabedoria* sobre o *lugar da gente*, comparado com outros lugares e com outras experiências. Paralelamente, o meu deslocamento para Barrinha contribuiu para eu ser reconhecida como alguém em busca de *sabedoria*, alguém que minimamente compartilhava das *andanças* que realizam e que era *mineira*, o que nos aproximava, apesar de todas as diferenças que nos separam.

Barrinha me forneceu subsídios para acompanhar os debates em torno das *saídas* dessas mulheres, que em grande maioria não tinham *saído* depois do nascimento dos filhos e têm de *lidar* com os desafios da *criação*, seja *criando menino na cidade* ou *criando de longe*. As mães se preocupam com a *criação* dos filhos por entenderem que é por meio deste processo que eles agenciam comportamentos e formas de *viver e conviver*, fundamentais para que sejam pessoas *equilibradas*. É nas casas, mais especificamente nas cozinhas que elas *dão sua cara* ao lar e ensinam os filhos o *jeito e o modo* delas e da família. Como *mãe e pai*, elas são as principais responsáveis pela *criação*, sendo responsabilizadas pelo sucesso e insucesso dos filhos, por *terem ensinado* ou não. Todas essas prerrogativas ganham novos conteúdos quando se está *na cidade*, principalmente por não conseguirem acessar uma rede de parentes e vizinhos que observam, vigiam e comentam sobre os movimentos das crianças. Em Barrinha, as *andanças* corriqueiras não deixam de ser mapeadas, mas não com o mesmo nível de intimidade e intensidade que ocorrem em Pinheiro. Se no *lugar da gente* cada moto é

reconhecida por seu barulho específico, cada animal é identificado pelo *terreno* que pertence e até mesmo as pegadas que os pés e sapatos deixam na poeira podem ser discernidos, em Barrinha é comum que eles não conheçam nem os nomes de seus vizinhos próximos. E para as mães, isso é um dos maiores problemas para a *criação* dos filhos *na cidade*, onde eles ficam *soltos, onde ninguém olha menino dos outros*.

Todas essas questões ganham centralidade nas decisões das mulheres em *sair* de Pinheiro. São cálculos que não são realizados da mesma maneira pelos homens, pois a responsabilidade de *criar* recai diretamente sobre as mulheres. Os papéis de gênero que incidem nessas famílias não são convencionalmente divididos entre funções de “pai” e “mãe de família”. As mulheres acionam características que elas próprias concebem como masculinas, dizem ser *mãe e pai*, o que confere aos seus corpos possibilidades de agenciar atitudes que poderiam ser identificadas como reservadas aos homens e não o são. Esse contexto as aproxima do que Strathern (2006) afirma sobre as relações entre corpos que mobilizam feminilidades e masculinidades, atributos que não são atribuições biológicas/sexuais, mas que podem serk ativados nas relações sociais. Guardadas as proporções com o contexto melanésio analisado pela autora, os corpos dessas mulheres mobilizam e transitam entre posturas de *mãe e pai*, trânsito que só é possibilitado pelos atributos que conferem ao estatuto da maternidade. Esses corpos podem cumprir com os atributos da paternidade, mas o contrário não é possível, segundo elas. Um pai não pode ser simultaneamente pai e mãe e mesmo que os homens permaneçam como uma referência de *pai de família*, uma presença virtual em grande parte do tempo, e que possuam um lugar dentro das relações familiares, eles não carregam no corpo a *lembrança* dos filhos, como ocorre com as mães.

Em larga medida, o parto e os rituais que são praticados a partir dele contribuem para adensar a relação entre as mães, seus corpos e seus filhos. Como reverberação tardia do material de campo, essa relação entre memória, corpo e maternidade necessita de aprofundamento e maturação teórica e analítica, mas aponta para um vínculo estabelecido por meio da dor, que permite que a mulher se torne mãe e *mulher forte*. A dor é um elemento de ligação inegável, o que faz as mães biológicas serem *lembradas*, mesmo que não *criem* o filho. Essas *lembranças* podem ser menos centrais que as construídas por aquelas que *criam* e, geralmente são, mas não podem ser desprezadas. O fato de a mãe biológica ser aquela que *colocou no mundo* requer *ligança*, mesmo que mínima.

Estruturalmente, as mulheres trazem no corpo uma *dona*, que as *equilibra* e permite que transmitam *equilíbrio* aos filhos e também à suas casas. Esse *equilíbrio* é corporal e

mental e é ensinado, em grande parte no espaço doméstico. Os *ensinamentos* da vida de uma pessoa são variados, iniciam desde o momento que as crianças vêm ao *mundo*, como a apresentação da *luz divina* ao bebê, ensinando que ele está vivo, e pertence àquele lar e àquela família. É comum ouvir os *moradores de Pinheiro* falando que *aprenderam de vivido* e esta concepção serve como pilar da vida, que *é vivendo e aprendendo*. Se na infância a criança *aprende* com a mãe, os familiares do *terreno* em que reside e com vizinhos e amigos, quando cresce *aprende* também com o *mundo*. São maneiras de *aprender e ganhar sabedoria*, que se dão por meio da prática, seja pelo *olho* ou por *andanças*, formas de experimentar e perceber o mundo por meio de conhecimentos, próximo do que Ingold (2011) defende. Essas formas de conhecer que se dão pelo corpo, pelo engajamento nas cozinhas, nas estradas, trilhas e *carreiros* de Pinheiro, em Minas Novas, nos mais diversos destinos que percorrem *pelo mundo afora*.

As mulheres possuem a *dona do corpo* e ao longo do casamento e da maternidade também se constroem como *donas, donas de casa*. O comando feminino no espaço doméstico produz um ambiente que fabrica pessoas e suas moralidades, a partir do estímulo de diferenciações. São práticas e atitudes variadas que as mães promovem para *dar sua cara* à casa e imprimir seus *jeitos e modos* no ambiente e nos filhos. Essas práticas são fundamentais para os filhos *irem para o mundo*, mas retornarem para a casa, assim como observarem outras casas, outras famílias e outros *modos*. É por meio do fogo, que deixa essas casas *quentes*, que elas criam um ambiente caloroso, que transmite vitalidade aos seus moradores.

Se o calor se associa com a *dona de casa* e as práticas de pós-parto direcionadas à *dona do corpo*, ele também está relacionado com outro tipo de *dono*, o sol. O sol domina e comanda o *mundo*, que não é totalmente incontrolável. O aquecimento é um tema que perpassa as relações estabelecidas em Pinheiro e para além da localidade, é um princípio central para a vida de seus moradores. Assim, os três tipos de *donos* que encontrei se associam ao controle entre corpos, lugares e deslocamentos. De alguma maneira, também se relacionam com o calor ou com processos de manutenção de aquecimento, seja na importância do *sangue quente* para que a *dona do corpo* volte ao *seu lugar*; no esforço contínuo da *dona de casa* em fazer o seu ambiente doméstico ser *quente*, e na proeminência do sol sobre o *mundo*.

De maneira transversal, o que tentei demonstrar é que as casas são lugares que se movem, que *mexem*, mas que também propiciam estabilidade, diante do *movimento* que atravessa as histórias dessas famílias. Uma casa passa por períodos variados ao longo do ciclo de vida de seus moradores e principalmente de sua *dona*. Até a casa se tornar uma *casa raiz*,

ela vive um processo de *enraizamento*, em que se fortalece em e a partir de um solo, um *chão de casa*. Uma *casa raiz* assiste o vôo de suas folhas e seu retorno, como o Sr. Geraldo explica, ao utilizar a metáfora baseada no ritmo das árvores do cerrado. Ao longo do tempo, a mulher (que veio de outra localidade e *aprendeu a lidar* com o *povo* do marido e da localidade) se associa à sua casa de uma maneira tão íntima que ficam inseparáveis. Mesmo após a morte dessas mulheres, suas casas são reconhecidas como delas, às vezes com o acréscimo do termo *falecida* (*a casa da falecida Maria*). A mãe/*dona de casa* também se enraíza, *dando força* aos filhos e sendo *lembrada* como uma presença permanente, na casa e na vida dos descendentes.

As *lembranças* são agenciadas pelas mães como forma de criar vínculos com a casa e o *lugar*, permitindo e estimulando o retorno de grande parte de seus filhos, que *vão para o mundo* e retornam para a casa. Tal como analisado por Nogueira (2011) entre os camponeses do sertão baiano, os sentidos no ato de “voltar para casa” são centrais na constituição das famílias, entrelaçadas por vínculos afetivos com suas casas que se opõem aos ambientes impessoais que percorrem em outras regiões do país. Em Pinheiro, a casa se opõe ao *mundo* em alguns aspectos - por ser um lugar conhecido, determinado e controlável- mas não deixa de se constituir a partir da presença desse agente. Assim, a casa não pode ser compreendida como face oposta ao *mundo*⁹⁷, por mais que sejam dissonantes, eles se relacionam de maneira direta, um compondo o outro. A *casa raiz* é uma condição para o retorno dos que *saíram*, mas também um local em que se forma pessoas que devem *saber lidar com o mundo*. É, simultaneamente, um ponto de preparação para as *saídas* e de acolhimento delas, uma referência para *saber viver e conviver*, estejam onde estiverem. Essa permeabilidade, também encontrada por Guedes (2011) faz o *mundo* um agente direto nas relações familiares, um componente do cotidiano.

Essa relação com a casa é em grande medida compartilhada com espaços variados do território de Pinheiro. As árvores, os córregos, os caminhos fazem parte das memórias que guiam esses moradores, que mesmo afastados da localidade, se orgulham de *lembrar* das histórias, nomes e experiências nas quais se envolveram. Eles se engajam com o território de uma maneira emocionalmente motivada, muito mais do que utilitária. Reitero isso para enfatizar que as divisões e demarcações das terras não são consideradas como mais centrais que esses vínculos construídos cotidianamente. O fato deles não reivindicarem a titulação

⁹⁷ Bourdieu (1999) encontrou uma série de oposições homólogas nas casas Kabyle, as quais se relacionavam com oposições ao mundo e ao universo. Em Pinheiro, não concebo as casas como um sistema simbólico, mas observo que o espaço doméstico se distingue por uma maior possibilidade de domínio e controle. A abordagem aqui empregada preza as relações estabelecidas entre as pessoas, suas casas e a abertura destes para outros lugares e espaços, principalmente para o *mundo*.

territorial junto ao Incra dá relevo a essa posição, e a outros modos de se mobilizarem politicamente. Como até o momento não há nenhum tipo de conflito declarado entre moradores e agentes externos e nenhuma situação social que lhes reprima o acesso às suas terras, encontramos uma conjuntura distinta de outros quilombolas, que necessitam de um discurso voltado para o alcance de seus direitos básicos. Esse contexto – considerado por eles mesmos como menos conflituoso do que as realidades de outros *companheiros* – permitiu dar visibilidade às outras formas de construção de memórias, que são agenciadas em *andanças* cotidianas, como nos aprendizados sobre as histórias dos pés de pequi e os sabores de seus frutos, ou nos atalhos em *carreiros* são descobertos nos *campos* e nas matas que circundam os *terrenos*.

Assim, as memórias construídas nas casas ultrapassam suas estruturas físicas e se constroem também em marcos territoriais nos *terrenos* e na localidade, como um todo. Pinheiro é entendido como *lugar da gente* por ser um lugar de onde *lembram* e onde vivem a possibilidade de lerem o território a partir de vivências, de histórias contadas sobre aqueles que já morreram e deixaram *restos de casa*, sobre os parentes que deixaram ali e sobre seus *jeitos e modos*, comentados com causos, imitações de voz, descrições sobre as maneiras de falar, comer, cozinhar, andar e se relacionar com os familiares e vizinhos.

Os *jeitos e modos* pessoais se cruzam com os familiares, pois cada pessoa *nasce de um jeitinho*, mas são estimuladas a se verem e se diferenciarem como membros de uma família e moradores de uma casa. São operações de observação, que dependem de *ter olho* sobre si e sobre os outros. Essas distinções se produzem em Pinheiro, especialmente nas cozinhas, entre os diversos *modos e jeitos* de cozinhar e comer. Contudo, se espalham para outros contextos, nos quais a escala de pertencimento/alteridade é alterada. Assim, em Barrinha, além das distinções entre *povos* – que continuam existindo como formas de demarcar limites entre os *terrenos* e as casas, há distinções entre *raças*, que produzem outros tipos de percepção sobre as variadas *raças de gente*. Essas *raças* possuem formas distintas de serem *gozados*, ou seja, a *raças de pernambucanos, baianos, cariocas, maranhenses*, dentre outras, têm características próprias que os fazem diferentes e risíveis.

Tentei demonstrar que essas diferenciações são atos políticos, que se constroem cotidianamente, em espaços domésticos e públicos. Em momentos distintos do texto, o doméstico foi exposto como espaço de produção de famílias, que se distinguem umas das outras por meio de *modos e jeitos* que são agenciados politicamente, criando aproximações e distanciamentos. Essas dinâmicas sociais se passam no cotidiano das casas, mas são projetadas para outros espaços, como a Aprompig. Assim, é por meio dessa interligação entre

a informalidade do cotidiano e as formas mais institucionalizadas de política que eles se inserem em movimentos sociais, como o movimento quilombola e em instâncias de representação política, como em fóruns estaduais etc. Ao participarem desses processos externos de *luta* eles não deixam de acionar as formas locais de produção política e as formas como se entendem no *mundo*. Assim, *ganham sabedoria* nas *andanças* da associação, mostram para outras pessoas e instituições o *jeito de viver e conviver* das quatro localidades que compõem a Aprompig, refletem sobre as formas históricas de delimitação de suas terras e decidem os limites de interferência do *governo* em suas formas corriqueiras de ação.

Os *moradores de Pinheiro* estão acionando seus aprendizados, distinções, *jeitos, modos, lembranças* em contextos múltiplos, a partir de conteúdos que transitam entre eles. São corpos que não podem ficar *parados* e que se *equilibram* por meio de movimentos cotidianos, dentro ou fora da *comunidade*. As famílias se produzem nesses movimentos, se fazem e refazem a partir da relação entre o *lugar da gente* e o *mundo*. Eles são resultado de muitas *misturas e mexidas*, que produziram uma *gente unida, união* que tomam como motivo de orgulho, como um valor. Não são todas as casas que os moradores são íntimos uns dos outros, mas se sentem *à vontade* na localidade como um todo. Entendem-se como pertencentes a um *lugar* que possui pessoas *acolhedoras, gente calorosa*. Um lugar que *reúne* suas folhas, apesar delas andarem por longas distâncias.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Redescobrimdo a Família Rural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 1 (1): 63-83, 1986.
- ALVES, Yara de Cássia. Como etnografar um mundo em que tudo gira, gera e mexe? III Seminário de Antropologia da UFSCar. São Carlos, 2014.
- AMARAL, Leila. *Do Jequitinhonha aos canaviais: Em busca do paraíso mineiro*. Vol. 1. Dissertação de mestrado. FAFICH, 1988.
- ANDRADE, Fabiana de. *Fios para trançar, jogos para armar: O fazer policial nos crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- ANJOS, J. O corpo nos rituais de iniciação do batuque. In Leal, O. (Ed.). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Pp. 137-151, 2001.
- ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: *Raça: Perspectivas Antropológicas*. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.
- ASTUTI, Rita. Kindreds and descendent groups: new perspectives in Madagascar. In: CARSTEN, J. (ed). *Culture of relatedness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BAHLOUL, Joele. *The Architecture of Memory: A Jewish-Muslim Household in Colonial Algeria, 1937-1962*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Sao Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BELAUNDE, Luisa Elvira. *A força dos pensamentos, o fedor do sangue*. Hematologia e Gênero na Amazônia. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v.49, nº1, 2006.
- BODENHORN, Barbara. He used to my relative: Exploring the bases of relatedness among Iñupiat of northern Alaska. In: CARSTEN, J. (ed). *Culture of relatedness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A casa Kabyle ou mundo às avessas. *Revista Cadernos de Campo*. v.8, n.8, 1999.
- BRASIL, Constituição (1988) *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006.
- BRASIL. *Decreto nº 4.887, de 20 de Novembro de 2003*. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.
- BRASIL, *Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014*. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CARSTEN, J. HUGH-JONES, S. *'Introduction' to About the House: Levi Strauss and Beyond*. 1995.

CARSTEN, J. "The substance of kinship and the heat of the hearth: feeding, personhood, and relatedness among Malays in Pulau Langkawi. *American Ethnologist* 22(2):223-241, 1995.

CARSTEN, J. *The heat of the hearth*. The process of the kinship in a Malay Fish Community. Oxford, 1997.

CARSTEN, J. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CERQUEIRA, Ana Carneiro. *O "povo" parente dos Buracos: Mexida de Prosa e Cozinha no Cerrado Mineiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacioanal, 2010.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

COMERFORD, John Cunha. *Como uma família. Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

COMERFORD, John Cunha. Vigiar e Narrar: Sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v.57, n.2, 2014.

CORRÊA, Mariza. 1994. "Repensando a família patriarcal brasileira". In. A. A.Arantes et al (orgs). *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp. 1994. PP. 15-42.

COSTA, Pedro Henrique Mourthé de Araújo. Entre os documentos e as *retomadas*: Imagens da luta pelo território em Brejo dos Crioulos- MG. *III Seminário de Antropologia da UFSCar*. São Carlos, 2014.

DAS, Veena. POOLE, Deborag (Orgs) *Anthropology in margins of the state*. Santa Fé, New Mexico: School of American Research Advanced Seminar Series, 2004.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Felix. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia 2. VOL. 5. São Paulo, Editora 34, 2012.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: A vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1973.

EVANS- PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FONSECA, Claudia. 2000. *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS.

FREIRE, Álvaro Pinheiro. *Minas Novas: Sua história, sua gente*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2002.

FURLAN JR, Antônio. *Documentário Histórico de Sertãozinho. 1896-1956*. Gráfica Adelino Ricciardi, 1956.

GALIZONI, Flávia Maria. *A terra construída. Família, Trabalho e Ambiente no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

GARCIA JR., Afrânio Raul. HEREDIA, Beatriz. Trabalho familiar e campesinato. *América Latina*, ano 14, n. 1- 2, jan-jun. 1971. Pp 11- 21.

GODOI, Emília Pietrafesa de. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In: Ana Maria de Niemeyer e Emília Pietrafesa de Godoi (orgs.) Para além do território: *Além dos territórios: para um diálogo entre etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

GODOI, Emília Pietrafesa de. MENEZES, Marilda Aparecida de. MARIN, Rosa Acevedo. Introdução. In: *Diversidade do campesinato: Expressões e Categorias. Vol.2. Estratégias de Reprodução Social*. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

GODOY, José Henrique Artigas de. *Coronelismo em Ribeirão Preto de 1889 a 1937*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

GOLDMAN, Márcio. *Como funciona a democracia: Uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

Gow, Peter. 1997. “O parentesco como consciência humana: o caso dos Piro”. *Mana*. 3 (2). 39-65.

GUANAIS, Juliana Biondi. *No eito da cana, a quadra é fechada*. Estratégias de dominação e resistência entre patrões e cortadores de cana em Cosmópolis-SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis. Movimentos e durações no Norte de Goiás*. Tese de Doutorado. Museu Nacional-UFRJ; Rio de Janeiro, 2011.

IBGE. *Censo Demográfico das Cidades 2010*. Acesso em: jun.2013
Retirado de: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=350560&search=sao-paulo|barrinha>.

IBGE. *Censo Das Cidades 2010*. Acesso em: jan.2014:
Retirado: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314180&search=minas-gerais|minas-novas>

INGOLD, Tim. *Being Alive*. Essays on movement, Knowledge and description. Canadá: Routledge, 2011.

LIMA, Gerson Diniz. *Agricultura camponesa em territórios de comunidades quilombolas rurais no Alto Jequitinhonha- Minas Novas/MG*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

LOSONCZY, Anne-Marie. *Del ombligo a la comunidad*. Ritos de nacimiento en la cultura negra del litoral pacífico colombiano. *Revindi*, 1/1989, p.49-54.

MACEDO, Ulla. *A “dona do corpo”*: um olhar sobre a reprodução entre os Tupinambá da Serra-BA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

MACHADO, José Pedro. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Lisboa, 1952.

MARCELIN, Louis. MARCELIN, Louis H. *L’ invention de la famille afro-américaine: famille, parenté et domesticité parmi les noirs du Recôncavo da Bahia, Brésil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ. Tese de Doutorado, 1996.

MARQUES, Ana Claudia. Founders, ancestors, and enemies: memory, family, time and space in the Pernambuco *sertão*. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. (N.S) 19, 716-733, 2013.

MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Editora Ciências da Terra, 1979.

MARTINS, Roberto Vasconcelos. *Pontal Histórico. História para os pontalenses*. São Paulo: Imprensa Latina LTDA, 1987.

MAYBLIN, Maya. The madness of mother: Agape Love and the maternal myth in Northeast Brazil. *American Anthropologist*. Vol. 114, n. 2, 2012.

MELLO, Marcelo Moura. *Caminhos criativos da história: Territórios da memória em uma comunidade negra rural*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

MENEZES, Marilda. *De Paraíba para São Paulo e de São Paulo para Paraíba*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 1985.

MOURA, Margarida Maria. *Os deserdados da terra: a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

NETO, Nicolau Dela Bandeira Arco. *A “família desestruturada” e a “casa-embrião”*: parentesco, classes sociais e escolas no Recanto dos Humildes, São Paulo. Exame de qualificação no curso de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

NEVES, Delma Pessanha. Nesse terreiro, galo não canta. *VI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. Friburgo, 1982.

NOGUEIRA, Verena Sevá. Casa camponesa: Uma etnografia com famílias camponesas e migrantes no Sertão da Bahia. *34º Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: Uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PALMEIRA, Moacir. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *A invenção da migração. Projeto Emprego e Mudança Socioeconômica no Nordeste*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977.

PINE, F. Naming the house and naming the land: kinship and social groups in the Polish highlands. *Journal of the Royal Anthropological Institute* 2: 443-459, 1996.

PORTO, Liliana. *A ameaça do outro*. Magia e religiosidade no Vale do Jequitinhonha/MG. São Paulo: Attar (Apoio: CNPQ/ Pronex), 2007.

PRADO, Marcos Lázaro. *Flexibilização e novas estratégias de intensificação do trabalho nas usinas de açúcar e álcool a partir dos anos 90*. Estudo de caso na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2008.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Campesinato: resistência e mudança – O caso dos atingidos por barragens no Vale do Jequitinhonha*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1993.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas anãs do sertão: o cerrado na história de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RODRIGUES, Ludmila de Miranda. MINÉ, Gisele de Oliveira. TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. O Vale do Jequitinhonha em seus múltiplos aspectos: História, Campesinato, Artesanato e Seca nas comunidades de Coqueiro Campo e Pinheiro/Minas Novas-MG. *XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Fronteira, 1986.

RUMSTAIN, Arian. Peões no trecho: Trajetórias e estratégias de mobilidade no Mato Grosso. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

SAHLINS, Marshall. *What kinship is... And is not*. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

CEDEFES (Org). *Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI: história e resistência*. Belo Horizonte: Autêntica, CEDEFES, 2008.

SANTOS, Alessandra Joana. *Nesse solo que vós estais, lembrai-vos que é de morrer*. Uma etnografia das práticas de caminhar, conhecer e mapear entre os habitantes de Pedro Cubas, um Remanescente de Quilombo do Vale do Ribeira- SP. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014.

SARTI, C. *A Família como Espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

SAUMA, Julia Frajtag. *The Deep and the Erepecuru: Tracing transgressions in an Amazonian Quilombola Territory*. (Thesis) London. University College London, 2013.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. Toponímia do Vale: Passado e Presente. In: SOUZA, João Valdir Alves de; HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). *Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos*. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.

SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor*. Esperanças e recordações na formação da família escrava. Editora Unicamp, 2011.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SIGAUD, Lygia Maria. *Os clandestinos e os direitos: estudo sobre trabalhadores da cana de açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SOUZA, João Valdir Alves de. Mineração e Pecuária na definição do Quadro Sócio Cultural do Termo de Minas Novas. In: SOUZA, João Valdir Alves de; HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). *Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos*. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Editora Unicamp, 2006.

TEIXEIRA, Jorge Luan. *Na terra dos outros: Mobilidade, Trabalho e Parentesco entre os moradores do Sertão de Inhamuns (CE)*. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional –UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. DINIZ, Rafael Fernando. Gênero, Agricultura Familiar e (re) organização do espaço rural em comunidades quilombolas de Minas Novas e Chapada do Norte-Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil. *Revista Geográfica da América Central*. Número Especial, EGAL, II semestre/2011.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VELHO, Otávio Guilherme. *Frentes de expansão e estrutura agrária : estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *Resistência e Pirraça na Malhada. Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caetité*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2015.

WOORTMANN, Migração, família e campesinato. Campinas: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 7, n.1, p. 35-53, 1990.

Anexo 1
Tabela dos Estados e Cidades de Origem das entrevistadas em Barrinha

<u>Estado</u>	<u>Cidade</u>	<u>N. Entrevistadas</u>
<u>Minas Gerais</u> <u>(11 cidades)</u>	Araçuaí	3
	Coronel Murta	1
	Turmalina	3
	Virgem da Lapa	4
	Minas Novas	7
	Chapada do Norte	4
	Espinosa	1
	Ituiutaba	1
	Teófilo Otoni	2
	Leme do Prado	1
	Andrelândia	1
	<u>Total:</u>	<u>28</u>
<u>São Paulo</u> <u>(11 cidades)</u>	Pradópolis	1
	São Paulo	2
	Araraquara	2
	Guarulhos	1
	Barão de Antonina	1
	Getulino	1
	Sertãozinho	2
	Itapua	1
	Inúbia Paulista	1
	Campinas	1
	Queirós	1
	<u>Total:</u>	<u>14</u>
<u>Bahia</u> <u>(7cidades)</u>	Ipirá	4
	Irapecuru	1
	Cardeal Silva	1
	Santa Maria	1
	Jacobina	1
	Livramento de N. Senhora	1
	Itabuna	1
	<u>Total:</u>	<u>10</u>
<u>Pernambuco</u> <u>(5 cidades)</u>	Recife	1
	Guaranhuns	1
	Palmares	1
	São José da Coroa Grande	1
	São João	1
	<u>Total:</u>	<u>5</u>
<u>Paraná</u> <u>(4 cidades)</u>	Apucarana	1
	Setubal	1
	Porecatu	1
	Florestópolis	1
	<u>Total:</u>	<u>4</u>

<u>Maranhão</u> <u>(3 cidades)</u>	São Luís do Maranhão	1
	São Mateus	1
	Buriti- Cupu	1
	<u>Total</u>	<u>3</u>
<u>Goiás</u> <u>(2 cidades)</u>	Goiânia	1
	Ceris	1
	<u>Total:</u>	<u>2</u>

Anexo 2

Tabela das atividades de trabalho das entrevistadas

<u>Atividade de Trabalho</u>	<u>Quantidade de Entrevistadas</u>
Empregada Doméstica	51
Diarista	8
Faxineira	8
Cozinheira	5
Auxiliar de Cozinheira	4
Babá	4
Auxiliar de Serviços Gerais	3
Cuidadora de Idosos	3
Operadora de Telemarketing	2
Professora	2
Camareira	1
Copeira	1
Passadeira	1
Balconista	1
Representante Comercial	1
Auxiliar de Escritório	1
Assistente de Atendimento	1
Repositora de Estoque	1
Vendedora	1
Designer	1

Anexo 3

Anexo 4

Foto 1: Rua de Barrinha. Cada portão lateral dá acesso a imóveis que se localizam *aos fundos* .

Foto 2: Casa partida ao meio, em Barrinha

Foto 3: Salão da Aprompig em dia de reunião mensal dos associados

Foto 4: Salão da Aprompig em dia de missa e casamento coletivo

Foto 4: *Casa antiga, em Pinheiro*

Foto 5: *Casa Nova, em Pinheiro.*

Foto 6: *Casa Abandonada*, em Pinheiro.

Foto 7: *Restos de casa* de D. Antônia (bananeiras ao centro)

Foto 8: Transporte de parte de um porco abatido no *tempo das águas*

Foto 9: Sr. Geraldo e a fartura típica do *tempo das águas*

Foto 10:Forno de *assar* de Simone

Foto 11:Dia de *assar* na casa de D.Iracema